



UNIVERSIDADE
FERNANDO
PESSOA

O FÓRUM ECONÓMICO MUNDIAL DE DAVOS NA IMPRENSA PORTUGUESA DE REFERÊNCIA: OS CASOS DO *EXPRESSO* E DO *PÚBLICO* (1990-2020)

[The Davos World Economic Forum in the Portuguese press of reference: the cases of
Expresso and *Público* (1990-2020)]

Tese de Doutoramento

[Ciências da Informação, Especialidade de Jornalismo e Estudos Mediáticos]

Leonel Ribeiro Pires

Orientador:

Prof. Doutor Jorge Pedro Sousa

Julho 2024

O Fórum Económico Mundial de Davos na imprensa portuguesa de referência

O Fórum Económico Mundial de Davos na imprensa portuguesa de referência

O FÓRUM ECONÓMICO MUNDIAL DE DAVOS NA IMPRENSA PORTUGUESA
DE REFERÊNCIA: OS CASOS DO *EXPRESSO* E DO *PÚBLICO* (1990-2020)

[The Davos World Economic Forum in the Portuguese press of reference: the cases of
Expresso and *Público* (1990-2020)]

Tese de Doutoramento

[Ciências da Informação, Especialidade de Jornalismo e Estudos Mediáticos]

Leonel Ribeiro Pires

Orientador:

Prof. Doutor Jorge Pedro Sousa

Julho 2024

O Fórum Económico Mundial de Davos na imprensa portuguesa de referência

O Fórum Económico Mundial de Davos na imprensa portuguesa de referência

© 2024


Leonel Ribeiro Pires

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS

O Fórum Económico Mundial de Davos na imprensa portuguesa de referência

Leonel Ribeiro Pires

The Davos World Economic Forum in the Portuguese press
of reference: the cases of *Expresso* and *Público* (1990-2020)

A handwritten signature in blue ink, consisting of a series of connected loops and a long horizontal stroke at the end.

(Assinatura)

Tese apresentada à Universidade Fernando Pessoa
como parte dos requisitos para obtenção do grau de
Doutor em Ciências da Informação,
sob orientação do Prof. Doutor Jorge Pedro Sousa.

O Fórum Económico Mundial de Davos na imprensa portuguesa de referência

Ao amor incondicional. Ao verso único sussurrado de família. Ao uno.

Em mim.

Em mim, visto a linhagem masculina da minha família.

Em mim, espelho todos os patriarcas da minha família nas memórias das suas grandes conquistas e nos silêncios dos seus maiores medos.

Em mim, sinto uma energia protetora chamada Pai.

Em mim, curo todas as feridas que os meus filhos não devem passar aos meus netos.

Em mim, vive a minha linhagem.

Em mim.

O Fórum Económico Mundial de Davos na imprensa portuguesa de referência

Agradecimentos

Ao Professor Doutor Jorge Pedro Sousa, a gratidão por ter traçado o caminho certo para a realização do meu sonho. O editorial académico do fazer acontecer. Em Portugal. Em Espanha. No Brasil. Em *sandwiche* na lusofonia: o tabuleiro superior da ponte da formação pós-graduada, em Ciências da Informação e da Comunicação, entre o português do fado e o português do samba.

Às Mães da minha família. À continuidade da linhagem. À imortalidade da alma.

À minha Avó materna. A raiz espiritual em luz. A companheira.

À minha Mãe. A força e a coragem no viver. O cuidar em fé.

À minha Esposa. O coração do ninho. O amor incondicional. Dos nossos, sempre, bebés.
E meu.

Ao meu Eu imortal. Ao meu filho bom. À minha filha boa.

À amizade. A que não tem data de validade.

A quem merece a minha gratidão. Nesta pesquisa. Na vida. No infinito.

Resumo

Os encontros anuais do Fórum Económico Mundial (FEM) em Davos, Suíça, representam um dos eventos económicos e sociopolíticos de maior importância no mundo. Desde a sua fundação, em 1971, que o FEM reúne os principais nomes de decisores de governos e Estados, de organizações, de associações, da arte e cultura e da academia para discutir diversos pontos da agenda global, tais como os conflitos entre nações, a pobreza, a emergência ambiental ou o multilateralismo. Tendo em conta o prestígio das personalidades internacionais presentes, tal como a importância das temáticas discutidas, as cimeiras são tema recorrente nas páginas dos jornais de todo o mundo. A presente pesquisa procura compreender o discurso sobre as cimeiras do Fórum Económico Mundial de Davos na imprensa portuguesa, através da constatação dos critérios de noticiabilidade identificados e da observação dos enquadramentos mediáticos revelados, nas coberturas dos periódicos de referência, *Expresso* e *Público*. O estudo proposto assume dimensão quantitativa e qualitativa, com os respetivos suportes da análise de discurso e da teoria do enquadramento. A metodologia escolhida permitiu verificar que a cobertura das cimeiras traduz uma rotina editorial nos dois periódicos, quer relativamente à abordagem das reuniões anuais de janeiro, quer aos acontecimentos adjacentes e demais relatórios complementares ao evento de Davos. Permitiu, ainda, identificar que existe uma adaptação do tipo de cobertura jornalística aos momentos históricos do ano de realização das cimeiras e às questões geopolíticas contemporâneas na agenda do Fórum. Foi possível observar, também, que os dois periódicos dedicaram tempo e espaço à cobertura, entre 1990 e 2020, e percorreram todos os géneros jornalísticos para apresentarem, ao longo de trinta anos, as notícias sobre as cimeiras ao público português. Em virtude da natureza reservada do Fórum Económico Mundial e dos atores envolvidos, ambos os jornais recorreram a fontes oficiais para a construção das peças jornalísticas. Além de entrevistas diretas, verificou-se a reprodução de comunicados e de declarações oficiais de autoridades presentes no evento. Os dois jornais reproduziram, como enquadramentos, os temas sugeridos nas cimeiras e exploraram os diferentes quadros geopolíticos e geoestratégicos.

Palavras-chave: Fórum Económico Mundial; Davos; imprensa portuguesa de referência; critérios de noticiabilidade; enquadramentos mediáticos.

Abstract

The World Economic Forum (WEF) annual meetings in Davos, Switzerland, represent one of the most important economic and sociopolitical events of the world. Since its foundation in 1971, the WEF welcomes the main decision-makers of governments and states, organizations, associations, arts and culture and academia, to discuss several points of the global agenda, such as the conflicts between nations, poverty, environmental emergency or multilateralism. Considering the prestige of the international personalities present, as well as the urgency of the discussed topics, the summits are a recurring theme in the newspaper pages all over the world. The present research aims to understand the speech about the World Economic Forum summits in the Portuguese press, through the identification of the selected newsworthiness criteria and the observation of the media angles revealed in the news coverage of the most reputable publications, *Expresso* and *Público*. The proposed study comprehends a quantitative and qualitative dimension with the respective supports of the speech analysis and the theory of the underlying arguments. The chosen method allowed to verify that the coverage of the summits conveys an editorial routine in both newspapers, both in terms of the approach of the annual January meetings, and the adjacent events and further complementary reports to the Davos event. It has also enabled to identify an existing adaptation of the sort of journalistic coverage to the historical moments of the year when the summits take place, and to the contemporary geopolitical questions in the Forum agenda. It was also possible to observe that both newspapers dedicated time and space to the coverage between 1990 and 2020, and elected all the journalistic genres to present the news about the summits to the Portuguese audience over thirty years. Considering the private nature of the World Economic Forum and the involved stakeholders both newspapers resorted to official sources to design the news pieces. Besides direct interviews, press releases and official statements of the authorities present at the event were reproduced. Both newspapers approached, as underlying framework, the suggested topics of the summits and explored the several geopolitical and geostrategic perspectives.

Keywords: The World Economic Forum; Davos; Portuguese reference of press; newsworthiness criteria; media coverage.

Sommaire

Les rencontres annuelles du Forum économique mondial (FEM) à Davos, en Suisse, représentent l'un des événements économiques et sociopolitiques les plus importants au monde. Depuis sa fondation en 1971, le FEM réunit les principaux décideurs des gouvernements et des États, des organisations, des associations, de l'art et culture et du monde universitaire pour discuter de divers points de l'agenda mondial, tels que les conflits entre nations, la pauvreté, l'urgence environnementale ou le multilatéralisme. Compte tenu du prestige des personnalités internationales présentes, ainsi que de l'urgence des thèmes discutés, les sommets sont un sujet récurrent dans les pages des journaux du monde entier. La présente recherche vise à comprendre le discours sur les sommets du Forum économique mondial de Davos dans la presse portugaise, en identifiant les critères de nouvelle et en observant les cadres médiatiques révélés dans la couverture des journaux de référence, *Expresso* et *Público*. L'étude proposée est de nature quantitative et qualitative, s'appuyant sur l'analyse du discours et la théorie du cadrage. La méthodologie choisie a permis de vérifier que la couverture des sommets traduit une routine éditoriale dans les deux journaux, tant en ce qui concerne l'approche des réunions annuelles de janvier que les événements adjacents et autres rapports complémentaires à l'événement de Davos. Elle a également permis d'identifier qu'il existe une adaptation du type de couverture journalistique aux moments historiques de l'année où se tiennent les sommets et aux questions géopolitiques contemporaines à l'ordre du jour du Forum. On a également pu observer que les deux journaux ont consacré du temps et de l'espace à la couverture, entre 1990 et 2020, et ont utilisé tous les genres journalistiques pour présenter, pendant trente ans, les nouvelles sur les sommets au public portugais. En raison de la nature réservée du Forum économique mondial et des acteurs impliqués, les deux journaux ont eu recours à des sources officielles pour la construction des articles de presse. Outre les interviews directes, on a constaté la reproduction de communiqués et de déclarations officielles des autorités présentes à l'événement. Les deux journaux ont reproduit, comme cadres, les thèmes suggérés lors des sommets et ont exploré les différents cadres géopolitiques et géostratégiques.

Mots-clés: Forum économique mondial; Davos; presse portugaise de référence; critères de nouvelle; cadres médiatiques.

Resumen

Las reuniones anuales del Foro Económico Mundial (FEM) en Davos, Suiza, representan uno de los eventos económicos y sociopolíticos de mayor importancia en el mundo. Desde su fundación en 1971, el FEM reúne a los principales líderes de gobiernos y estados, organizaciones, asociaciones, arte y cultura y academia para discutir diversos puntos de la agenda global, como los conflictos entre naciones, la pobreza, la emergencia ambiental o el multilateralismo. Teniendo en cuenta el prestigio de las personalidades internacionales presentes, así como la urgencia de los temas discutidos, las cumbres son un tema recurrente en las páginas de los periódicos de todo el mundo. La presente investigación busca comprender el discurso sobre las cumbres del Foro Económico Mundial de Davos en la prensa portuguesa. A través del análisis de los criterios de noticiabilidad identificados y la observación de los marcos mediáticos revelados, en las coberturas de los periódicos de referencia, *Expresso* y *Público*. El estudio propuesto asume una dimensión cuantitativa y cualitativa, con los respectivos soportes del análisis del discurso y la teoría del “framing”. La metodología elegida permitió verificar que la cobertura de las cumbres traduce una rutina editorial en los dos periódicos. Tanto en cuanto al enfoque de las reuniones anuales de enero, como en cuanto a los eventos adyacentes y demás informes complementarios al evento de Davos. También permitió identificar que existe una adaptación del tipo de cobertura periodística a los momentos históricos del año de realización de las cumbres y a las cuestiones geopolíticas contemporáneas en la agenda del Foro. También fue posible observar que los dos periódicos dedicaron tiempo y espacio a la cobertura, entre 1990 y 2020, y recorrieron todos los géneros periodísticos para presentar, a lo largo de treinta años, las noticias sobre las cumbres al público portugués. En virtud de la naturaleza reservada del Foro Económico Mundial y de los actores involucrados, ambos periódicos recurrieron a fuentes oficiales para la construcción de las piezas periodísticas. Además de entrevistas directas, se verificó la reproducción de comunicados y declaraciones oficiales de autoridades presentes en el evento. Los dos periódicos reprodujeron, como marcos, los temas sugeridos en las cumbres y exploraron los diferentes marcos geopolíticos y geoestratégicos.

Palabras clave: Foro Económico Mundial; Davos; prensa portuguesa de referencia; criterios de noticiabilidad; marcos mediáticos.

Índice Geral

Índice de Figuras	XXV
Índice de Tabelas.....	XXXI
Índice de Gráficos	XXXIII
Lista de Abreviaturas, Siglas, Símbolos ou Acrónimos.....	XXXV
Introdução.....	1
Capítulo I – As Cimeiras de Davos e o Fórum Económico Mundial.....	7
1.1. O propósito das Cimeiras de Davos e do Fórum Económico Mundial	11
1.2. A visão de um futuro partilhado num mundo fraturado	16
1.3. Os valores para a cooperação público-privada	18
1.4. O Fórum Económico Mundial e o mundo em trinta anos de história.....	21
1.5. O Fórum Económico Mundial e os <i>media</i>	40
1.6. As Cimeiras de Davos sob a lente da pesquisa em comunicação	43
1.7. O papel de Portugal nas Cimeiras de Davos.....	48
Capítulo II – As Cimeiras de Davos à luz da noticiabilidade e da teoria do enquadramento.....	57
Capítulo III – Metodologia	75
3.1. A história do <i>Expresso</i>	76
3.2 <i>Público</i> : um projeto nascido do <i>Expresso</i>	87
3.3. A seleção das peças.....	95
3.4. A definição da amostra	99
Capítulo IV - O Fórum Económico Mundial na cobertura dos jornais <i>Expresso</i> e <i>Público</i>	103
4.1. A autoria das peças jornalísticas	113
4.2. Os critérios de noticiabilidade identificados no jornal <i>Expresso</i>	126

4.3. Os critérios de noticiabilidade identificados no jornal <i>Público</i>	130
4.4. Os enquadramentos noticiosos revelados pelo jornal <i>Expresso</i>	134
4.4.1. <i>Enquadramento de crise económica</i>	135
4.4.2. <i>Enquadramento de governação pública</i>	137
4.4.3. <i>Enquadramento geopolítico</i>	137
4.4.4. <i>Enquadramento de meio ambiente</i>	139
4.4.5. <i>Enquadramento de pobreza mundial</i>	140
4.4.6. <i>Enquadramento de igualdade de género</i>	141
4.4.7. <i>Enquadramento de saúde pública</i>	143
4.4.8. <i>Enquadramento de protecionismo</i>	145
4.5. Os enquadramentos noticiosos revelados pelo jornal <i>Público</i>	148
4.5.1. <i>Enquadramento de governação pública</i>	148
4.5.2. <i>Enquadramento de crise económica</i>	149
4.5.3. <i>Enquadramento de economia portuguesa</i>	150
4.5.4. <i>Enquadramento de segurança internacional</i>	151
4.5.5. <i>Enquadramento de inteligência artificial</i>	153
4.5.6. <i>Enquadramento de pobreza mundial</i>	154
4.5.7. <i>Enquadramento de igualdade de género</i>	156
4.5.8. <i>Enquadramento de saúde pública</i>	158
4.5.9. <i>Enquadramento de protecionismo</i>	159
4.6. A cobertura do Fórum Social Mundial (FSM) pelos jornais <i>Expresso</i> e <i>Público</i>	164
4.6.1. <i>Os critérios de noticiabilidade ao FSM identificados no jornal Expresso</i>	164
4.6.2. <i>Os enquadramentos noticiosos ao FSM revelados pelo jornal Expresso</i>	166
4.6.3. <i>Os critérios de noticiabilidade ao FSM identificados no jornal Público</i>	168
4.6.4. <i>Os enquadramentos noticiosos ao FSM revelados pelo jornal Público</i>	170
4.7. As interconexões nas temáticas das coberturas de Davos	173
4.8. A evolução da cobertura de Davos nos jornais <i>Expresso</i> e <i>Público</i>	182
Conclusões.....	229
Referências Bibliográficas	235

Anexos	273
Anexo A- Exemplos de peças utilizadas na análise ao jornal <i>Expresso</i>.....	275
Anexo B - Exemplos de peças utilizadas na análise ao jornal <i>Público</i>	301

Índice de Figuras

Figura 1: <i>Exemplo de interação no Fórum Económico Mundial</i>	9
Figura 2: <i>Principais impactos das alterações climáticas</i>	17
Figura 3: <i>Evolução do FEM na década de 1990</i>	28
Figura 4: <i>Evolução do FEM na década de 2000</i>	35
Figura 5: <i>Evolução do FEM na década de 2010</i>	39
Figura 6: <i>Círculo de comunicação de inteligência no FEM</i>	47
Figura 7: <i>Painel interativo de Portugal na categoria Gás, Carvão e Petróleo</i>	54
Figura 8: <i>Painel interativo de Portugal na categoria Plástico</i>	55
Figura 9: <i>Relatório sobre Transição Energética e Risco Global</i>	61
Figura 10: <i>Primeira capa do Expresso em 6 de janeiro de 1973</i>	78
Figura 11: <i>Capa do Expresso submetida à censura</i>	80
Figura 12: <i>Primeira capa do Expresso após o 25 de Abril de 1974</i>	83
Figura 13: <i>Evolução do design gráfico do Expresso</i>	85
Figura 14: <i>Infográfico inserido na edição especial Expresso 25 de Abril</i>	86

Figura 15: <i>Reportagem Premiada no Expresso em 2020</i>	87
Figura 16: <i>Primeira capa do Público em 5 de março de 1990</i>	90
Figura 17: <i>Evolução do modelo gráfico do Público</i>	92
Figura 18: <i>Capa do Público para marcar o início do Euro e o fim do Escudo</i>	93
Figura 19: <i>Infográfico do Público com as mulheres nas próprias capas</i>	94
Figura 20: <i>Infográfico no Público em 22 de janeiro de 2015</i>	110
Figura 21: <i>Exemplo de notícia no Expresso em 24 de janeiro de 2015</i>	111
Figura 22: <i>Exemplo de notícia no Público em 29 de janeiro de 2010</i>	112
Figura 23: <i>Ambiência do FEM no Expresso em 26 de janeiro de 2008</i>	116
Figura 24: <i>Bill Gates no FEM no Expresso em 30 de janeiro de 2010</i>	117
Figura 25: <i>Angela Merkle no FEM no Público em 23 de janeiro de 2015</i>	118
Figura 26: <i>Greta Thunberg no FEM no Expresso em 21 de dezembro de 2019</i>	118
Figura 27: <i>Protestos ao FEM no Público em 20 de janeiro de 2003</i>	119
Figura 28: <i>Segurança reforçada em Davos no Público em 19 de janeiro de 2016</i>	119
Figura 29: <i>Papa Francisco no FEM no Expresso em 21 de janeiro de 2020</i>	120
Figura 30: <i>O ex-casal “Brangelina” no FEM em 2006</i>	121
Figura 31: <i>Angelina Jolie no FEM no Público em 28 de janeiro de 2006</i>	121
Figura 32: <i>Mário Soares e Lula da Silva no FSM em 2002</i>	166

Figura 33: <i>Discurso de Saramago no FSM em 2002</i>	170
Figura 34: <i>Interconexões com a temática da economia</i>	174
Figura 35: <i>A Guerra do Golfo no Público em 4 de novembro de 1991</i>	175
Figura 36: <i>Interconexões com a temática da geopolítica</i>	176
Figura 37: <i>Manifestação em Davos no Público em 27 de janeiro de 2001</i>	178
Figura 38: <i>Interconexões nas manifestações contra Davos</i>	179
Figura 39: <i>Relatório Oxfam no Público em 19 de janeiro de 2015</i>	180
Figura 40: <i>Interconexões com a temática da pobreza</i>	181
Figura 41: <i>Interconexões com a temática de género</i>	182
Figura 42: <i>Fotografia no Público em 30 de janeiro de 1993</i>	185
Figura 43: <i>Fotografia no Público em 29 de janeiro de 1994</i>	186
Figura 44: <i>Fotografia no Público em 30 de janeiro de 2000</i>	188
Figura 45: <i>Fotografia no Expresso em 20 de abril de 2001</i>	190
Figura 46: <i>Fotografia no Público em 1 de fevereiro de 2002</i>	191
Figura 47: <i>Fotografia no Público em 23 de janeiro de 2003</i>	192
Figura 48: <i>Infográfico no Público em 23 de janeiro de 2003</i>	193
Figura 49: <i>Fotografia no Público em 26 de janeiro de 2005</i>	196
Figura 50: <i>Fotografia no Público em 26 de janeiro de 2006</i>	197

Figura 51: <i>Fotografia no Expresso em 27 de janeiro de 2007</i>	199
Figura 52: <i>Fotografia no Público em 27 de janeiro de 2008</i>	201
Figura 53: <i>Imagem no Expresso em 30 de janeiro de 2009</i>	202
Figura 54: <i>Infográfico no Público em 28 de janeiro de 2009</i>	204
Figura 55: <i>Fotografia no Público em 28 de janeiro de 2010</i>	206
Figura 56: <i>Identidade visual do Público em 28 de janeiro de 2010</i>	208
Figura 57: <i>Fotografia no Público em 27 de janeiro de 2011</i>	209
Figura 58: <i>Infográfico no Público em 25 de janeiro de 2012</i>	211
Figura 59: <i>Fotografia no Público em 25 de janeiro de 2012</i>	212
Figura 60: <i>Fotografia no Expresso em 25 de janeiro de 2013</i>	213
Figura 61: <i>Fotografia no Público em 25 de janeiro de 2013</i>	214
Figura 62: <i>Imagem no Público em 22 de janeiro de 2014</i>	215
Figura 63: <i>Fotografia no Público em 22 de janeiro de 2014</i>	217
Figura 64: <i>Fotografia no Expresso em 26 de janeiro de 2015</i>	218
Figura 65: <i>Fotografia no Público em 22 de janeiro de 2015</i>	219
Figura 66: <i>Fotografia no Expresso em 6 de abril de 2017</i>	221
Figura 67: <i>Fotografia no Público em 17 de janeiro de 2017</i>	223
Figura 68: <i>Imagem no Expresso em 9 de fevereiro de 2019</i>	225

Figura 69: *Fotografia no Público em 22 de janeiro de 2019* 226

Figura 70: *Fotografia no Público em 24 de janeiro de 2020* 228

Índice de Tabelas

Tabela 1: <i>Total de peças jornalísticas selecionadas para amostra</i>	101
Tabela 2: <i>Gêneros jornalísticos encontrados numa seleção da amostra</i>	103
Tabela 3: <i>Autoria das peças jornalísticas encontradas numa seleção da amostra</i>	114
Tabela 4: <i>Origem das fotografias encontradas numa seleção da amostra</i>	115
Tabela 5: <i>Editorias utilizadas pelos jornais analisados na amostra</i>	123
Tabela 6: <i>Fontes citadas na cobertura jornalística pelos jornais analisados na amostra</i>	125
Tabela 7: <i>Destaque jornalístico atribuído às peças selecionadas para a amostra</i>	126
Tabela 8: <i>Critérios de noticiabilidade identificados no jornal Expresso</i>	127
Tabela 9: <i>Critérios de noticiabilidade identificados no jornal Público</i>	131
Tabela 10: <i>Enquadramentos noticiosos revelados pelos jornais Expresso e Público</i>	135
Tabela 11: <i>Enquadramentos noticiosos revelados pelo jornal Expresso</i>	147
Tabela 12: <i>Enquadramentos noticiosos em evidência revelados pelo jornal Público</i>	163
Tabela 13: <i>Destaque jornalístico atribuído às peças selecionadas</i>	164
Tabela 14: <i>Enquadramentos do Expresso na cobertura ao FSM</i>	168

Índice de Gráficos

Gráfico 1: <i>Indicadores utilizados para o Mapa de Ferramentas de Portugal</i>	52
---	----

Lista de Abreviaturas, Siglas, Símbolos ou Acrónimos

EUA	Estados Unidos da América
FEM	Fórum Económico Mundial
FMI	Fundo Monetário Internacional
FSM	Fórum Social Mundial
G7	O grupo das sete maiores economias do mundo
G8	O grupo das oito maiores economias do mundo e a União Europeia
G20	O grupo das vinte maiores economias do mundo
OCDE	Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Económico
ONG	Organização Não Governamental
ONU	Organização das Nações Unidas
PPP	Parcerias Público-Privadas
RDA	República Democrática da Alemanha
RSE	Responsabilidade Social Empresarial
SERE	Serviço Europeu para a Ação Externa
UE	União Europeia
UFP	Universidade Fernando Pessoa
URSS	União das Repúblicas Socialistas Soviéticas
WEF	The World Economic Forum

Introdução

O The World Economic Forum (WEF), ou Fórum Económico Mundial (FEM) em português, como frequentemente designado, foi fundado em Genebra, Suíça, em 1971, como uma organização sem fins lucrativos, independente, imparcial e não vinculada a interesses particulares. O seu fundador foi Klaus M. Schwab, um professor de economia da Universidade de Genebra, que, inicialmente, convidou 444 (quatrocentos e quarenta e quatro) executivos de empresas europeias para uma reunião, sobre a temática da governação corporativa, no centro de convenções de Davos. Neste sentido, a sua premissa iniciática passava por apresentar a abordagem americana de gestão de negócios às empresas europeias. E nunca imaginou que deste propósito confluiria a cúpula internacional de líderes empresariais e políticos, sem paralelo até hoje (Pigman, 2007).

De ressaltar que saíram muitas ideias dos Fóruns de Davos, algumas delas foram de capital importância internacional como, por exemplo, o Tratado de Livre Comércio da América do Norte - assinado entre Canadá, México e Estados Unidos -, o qual foi proposto, pela primeira vez, numa reunião informal de Davos.

O encontro anual do Fórum Económico Mundial de Davos, em janeiro, também conhecido e popularizado como Cimeira(s) de Davos - doravante entendida como expressão preferencial - regista a presença de líderes políticos, empresariais, não governamentais, académicos, culturais, religiosos, dos *media* tradicionais e dos *social media*, que desejam participar, ativamente, da agenda internacional. O objetivo reside em debater as questões globais, tais como os conflitos internacionais, a pobreza, os problemas ambientais ou o multilateralismo. Sempre no encalço de possíveis soluções.

A presença de celebridades do *showbiz*, de personalidades de Hollywood ou de ativistas ambientais, em defesa de causas humanitárias ou ecológicas, incrementa a notoriedade das Cimeiras de Davos e desperta o interesse do evento até para a imprensa tabloide.

As diversas matérias publicadas nos jornais sobre as Cimeiras de Davos, organizadas pelo FEM, tiveram impactos expressivos no público em geral.

A pergunta de partida, a questão científica ou a questão da pesquisa, entre outros, são alguns dos termos que descrevem a especificidade da problemática da investigação ou (a identificação ou formulação) do problema – fenómeno ou facto em estudo.

É a partir da formulação do problema que se define a pergunta de partida. Por sua vez, qualquer pesquisa nasce a partir de um problema. Desta proposição, podemos aferir que: a identificação do problema é o passo preliminar de qualquer pesquisa ou, dito de outra forma, não há pesquisa sem um problema. Um problema pode ser entendido como uma situação, um estado anormal da realidade, que provoca desconforto e inquietação ao pesquisador. Gil (2008, p. 33) entende o problema sob duas aceções: a corrente e a científica. Na aceção corrente, o autor “identifica problema como questão que dá margem a hesitação ou perplexidade, por difícil de explicar ou resolver. (...) algo que provoca desequilíbrio, mal-estar, sofrimento ou constrangimento às pessoas.” Na aceção científica, ainda segundo o mesmo autor, o “problema é qualquer questão não solvida e que é objeto de discussão, em qualquer domínio do conhecimento (idem).”

Tendo em conta estes pressupostos teóricos, a questão central desta tese é: Como é que a imprensa portuguesa de referência, *Expresso* e *Público*, cobriu Davos ao longo do tempo?

No sentido de responder à questão central, enunciou-se o seguinte objetivo geral: determinar a relevância de Davos para a imprensa portuguesa de referência e apurar a forma como as Cimeiras de Davos do Fórum Económico Mundial foram cobertas pela imprensa portuguesa de referência ao longo do período 1990-2020. O intervalo de 30 anos de observação foi definido pelo facto de, em 1990, haver um mundo ainda eufórico pela recente queda do Muro de Berlim, ocorrida em outubro de 1989. Aquele acontecimento inauguraria uma nova ordem mundial, de abertura e multilateralismo, que o tema da Cimeira de Davos traduziu como “Nova Europa”, com a primeira reunião de chefes de estado da Europa Ocidental e Oriental. Já o ano de 2020, ficou estabelecido por dois motivos capitais: o primeiro, de forma implícita, por simbolizar a data início deste ciclo de estudos de doutoramento na Universidade Fernando Pessoa (UFP); o segundo, por se tratar de um ano de viragem histórica para a humanidade, uma vez que relaciona a presente pesquisa à paragem mundial forçada para o combate à pandemia global de Covid-19, a qual o FEM designaria de “Grande Reinicialização”, face aos novos hábitos e rotinas implementadas no ser humano, nomeadamente, em matéria de teletrabalho e compras *online*.

Os objetivos específicos representam, segundo diversos autores, como é o caso de Gil (2008), as tarefas levadas a cabo para o alcance do objetivo geral. Ou seja, para abordar o objetivo geral, o pesquisador procura desdobrá-lo em objetivos específicos, que facilitem o acesso à compreensão, gerindo, desta forma, o trabalho de investigação. Consequentemente, enunciaram-se os seguintes 7 (sete) objetivos específicos:

- Determinar como evoluiu a relevância da cobertura jornalística das Cimeiras de Davos no *Expresso* e no *Público* entre 1990 e 2020;
- Observar, sobretudo no diário *Público*, quanto tempo o assunto permaneceu em agenda em cada ano e ao longo dos anos;
- Mostrar como evoluíram os temas da cobertura jornalística de Davos na imprensa portuguesa de referência;
- Demonstrar quais foram os géneros jornalísticos usados para cobrir Davos, ao longo do tempo, nos diferentes jornais e a sua autoria: jornalistas; articulistas; cronistas; agências noticiosas;
- Observar como evoluiu a intervenção dos jornalistas nas suas peças ao longo do tempo (descritivos *versus* analíticos);
- Identificar as fontes usadas e a relevância concedida: número de fontes por tipologia; especialistas; políticos; jornalistas;
- Mostrar como Davos foi enquadrado na imprensa ao longo do tempo: os enquadramentos mantidos; os novos enquadramentos; os confrontos de enquadramentos; etc.

No intuito de atingir os objetivos definidos, serão analisadas as seguintes 4 (quatro) hipóteses:

- H1: A presença de celebridades mediáticas nas Cimeiras de Davos incrementa a cobertura jornalística do evento;
- H2: A cobertura jornalística de Davos aumenta em períodos de crise financeira ou de recessão económica mundial;
- H3: A existência de grandes conflitos armados internacionais provoca a ascensão da cobertura jornalística de Davos;
- H4: O tipo de cobertura jornalística de Davos não permite uma objetiva divulgação do compromisso do Fórum Económico Mundial em melhorar o estado do mundo.

A metodologia a utilizar apresenta uma dimensão quantitativa e uma dimensão qualitativa. Tendo em conta o paradigma qualitativo, em que se situa a presente investigação e a técnica de recolha de informação elegida, constatou-se que a análise de conteúdo de Bardin (2009), então, seria a técnica de análise de informação mais adequada, uma vez que possibilita a análise do discurso apresentado na imprensa.

Em Bardin (2009), o objeto da análise de conteúdo “é a fala, isto é, o aspeto individual e atual (em ato) da linguagem”, ou seja, a análise de conteúdo tem como objeto de estudo a informação revestida de sentido, pelo que será através desta técnica que conseguiremos compreender os significados que, subjetivamente, se encontram no discurso dos participantes.

A técnica da análise de conteúdo caracteriza-se pela procura de explicação e compreensão, permitindo fazer inferências, que, de forma sistemática e objetiva, identifica características singulares e implícitas do discurso, já que “procura conhecer aquilo que está por trás das palavras sobre as quais se debruça. (...) é a busca de outras realidades através das mensagens (Bardin, 2009).”

As categorias de análise utilizadas na presente investigação estão interligadas à questão de pesquisa, revelando as estratégias e as dificuldades demonstradas pela imprensa num contexto exploratório. Esta categorização vai permitir esclarecer aspetos importantes e, concomitantemente, atingir o objetivo do estudo (Coutinho, 2014).

Na dimensão qualitativa, aplicaram-se duas metodologias conducentes a compreender a mensagem veiculada - pelos dois periódicos portugueses de referência escolhidos - ao leitor. A primeira análise centrou-se em identificar os critérios de noticiabilidade, os quais são críticos para compreender a seleção e a hierarquização das notícias, nos meios de comunicação de massa, tal como explicam Galtung e Ruge (1965), Sousa (2001) e Traquina (2004). Traquina (2004) acredita que os critérios de noticiabilidade funcionam enquanto filtros necessários para determinar o que se considera relevante para ser transformado em notícia, sendo que Sousa (2001) acrescenta que a noticiabilidade está intimamente ligada à perceção dos jornalistas relativamente à necessidade intrínseca de atrair uma maior audiência. Ambos discorrem, detalham e reforçam conceptualização ao trabalho de Galtung e Ruge (1965), os quais haviam identificado os fatores que ajudam a explicar o racional de certos eventos receberem uma ampla cobertura, ao invés de outros serem ignorados.

Expressa-se, desta forma, o conflito editorial entre os valores jornalísticos, por um lado, e as necessidades de tiragem e vendas, por outro lado (Galtung & Ruge, 1965). A compreensão dos critérios de noticiabilidade, portanto, é parte essencial para a análise crítica do tema proposto.

O segundo método de análise do discurso jornalístico aplicado, na presente pesquisa, é a teoria do enquadramento, seguindo a proposta de Erving Goffman (1974), a qual, posteriormente, foi aperfeiçoada por autores como, por exemplo, Robert Entman (1993). Esta teoria permite-nos conhecer e explorar a forma como os meios de comunicação de massa organizam e apresentam a informação. De acordo com Goffman (1974), os enquadramentos são estruturas interpretativas que permitem aos indivíduos entender e categorizar a realidade. Entman (1993), por seu turno, aprimorou a compreensão da teoria ao argumentar que o enquadramento envolve a seleção de alguns aspetos da realidade percebida, bem como a construção de uma narrativa na qual se enfatizam uns determinados elementos e, em contraponto, se minimizam uns outros tantos. Na presente investigação, a utilização desta teoria foi essencial na vertente da análise da notícia, na medida em que os enquadramentos influenciam a forma como o público interpreta os eventos e as questões apresentadas pelos meios de comunicação de massa. Ao moldar a perceção e o entendimento, os enquadramentos podem, conseqüentemente, reforçar ou desafiar ideologias e as agendas políticas, isto é, os fatores norteadores da temática em estudo. De resto, esta teoria também foi selecionada, a título de ferramenta de análise, em virtude de facilitar o entendimento dos mecanismos subliminares através dos quais os *media* podem influenciar a opinião pública e moldar o debate público.

Capítulo I – As Cimeiras de Davos e o Fórum Económico Mundial

O encontro anual do Fórum Económico Mundial, em 2020, celebrou os 50 (cinquenta) anos desde a primeira organização do evento de Davos na pequena e popular estação de esqui dos Alpes suíços. A fundação do FEM, propriamente dita, remonta a 24 de janeiro de 1971, e denominava-se, à data, de Fórum Europeu de Gestão – precisamente, porque foi palco para a realização do primeiro Simpósio Europeu de Gestão. Mais tarde, em 1987, o Fórum Management da União Europeia foi redenominado para The World Economic Forum (WEF). A par do Simpósio Europeu de Gestão, implementaram-se ambos enquanto reunião anual, refletindo sobre a expansão e objetivos do Fórum (The World Economic Forum [WEF], 1987).

Ao longo dos anos, muitas empresas, governos e líderes da sociedade civil percorreram caminho para refletir sobre as principais questões globais do dia e desenhar, em *brainstorming*, soluções para enfrentar esses mesmos desafios. De igual modo, a reunião anual de Davos tem sido uma plataforma crítica para a promoção da paz e a reconciliação em muitas zonas do globo, promovendo o entendimento entre o Oriente e o Ocidente. E, de resto, catalisando as economias emergentes à época - tais como a China e a Índia - para a comunidade internacional, através da inclusão das tecnologias de informação e segurança globais (The World Economic Forum [WEF], 2020).

Por ocasião da 50^a reunião anual em Davos, o Conselho Federal, o governo do Cantão de Grisões e o Conselho Comunal de Davos emitiram um comunicado através do qual reconheciam a importância do evento para a estratégia competitiva da Suíça. O documento atesta que a organização do evento tem uma vantagem comparativa para a nação e, nomeadamente, oferece à Suíça a oportunidade de nutrir relações privilegiadas junto da elite do poder político e económico mundial e, por consequência, captar investimento direto estrangeiro (IDE) com mais facilidade. De resto, muitos empregos até são gerados, especificamente, através da realização da própria cimeira.

Há, logicamente, uma relação direta com a aposta estratégica do governo local em investir em média 9 milhões de francos suíços¹, anualmente, na manutenção da realização da cimeira. O financiamento público é assumido e repartido pelas entidades envolvidas (3/8 ou 37,5% financiados pelo governo da Suíça; 2/8 ou 25% financiados pelo Cantão de Grisões; e 1/8 ou 12,5% financiados pela cidade de Davos). Todos os anos, o governo suíço emite um decreto federal a detalhar os custos e a enquadrar a participação das forças armadas².

Tal decisão de forte investimento público suíço, naturalmente, decorre da notoriedade internacional da cimeira, que coloca Davos como um palco de elite onde as transformações disruptivas para o mundo são discutidas, pela primeira vez, e onde as ideias para as mudanças, que abalaram o planeta, foram concebidas ou amadurecidas. O que nunca mudou, desde a sua fundação, foi a orientação do Fórum segundo o princípio da colaboração com as partes interessadas ou, por outras palavras, a firme decisão do FEM relativamente à concentração, ao mais alto nível, dos líderes financeiros e políticos que abraçam e perfilham o compromisso de melhorar o estado do mundo.

O primeiro ano da celebração do Fórum Europeu de Gestão ocorreu logo na cidade de Davos. O Fórum foi, inicialmente, estabelecido como uma Fundação, nominalmente, baseada em Chur, a capital cantonal, sob supervisão da Confederação Suíça, a 8 de fevereiro de 1971, através de um documento oficial datado de apenas 10 (dez) anos antes³.

O FEM reúne comunidades para a interação das elites e baseia-se na premissa da confiança, construindo o processo e a ação. É em função do poder da interconectividade envolvida que o Fórum cria valor, facilita a troca de informações e gera os resultados (cf. Figura 1). Desta forma, torna-se crítico garantir que as comunidades sejam capazes de atrair, sempre, os membros mais relevantes e influentes.

¹ Cada franco suíço (CHF) equivalia a 1,0353 euro em junho de 2024, de acordo com a consulta ao <https://www.invest.com/>

² Números disponíveis em: <https://www.admin.ch/gov/en/start/documentation/dossiers/wef.html>

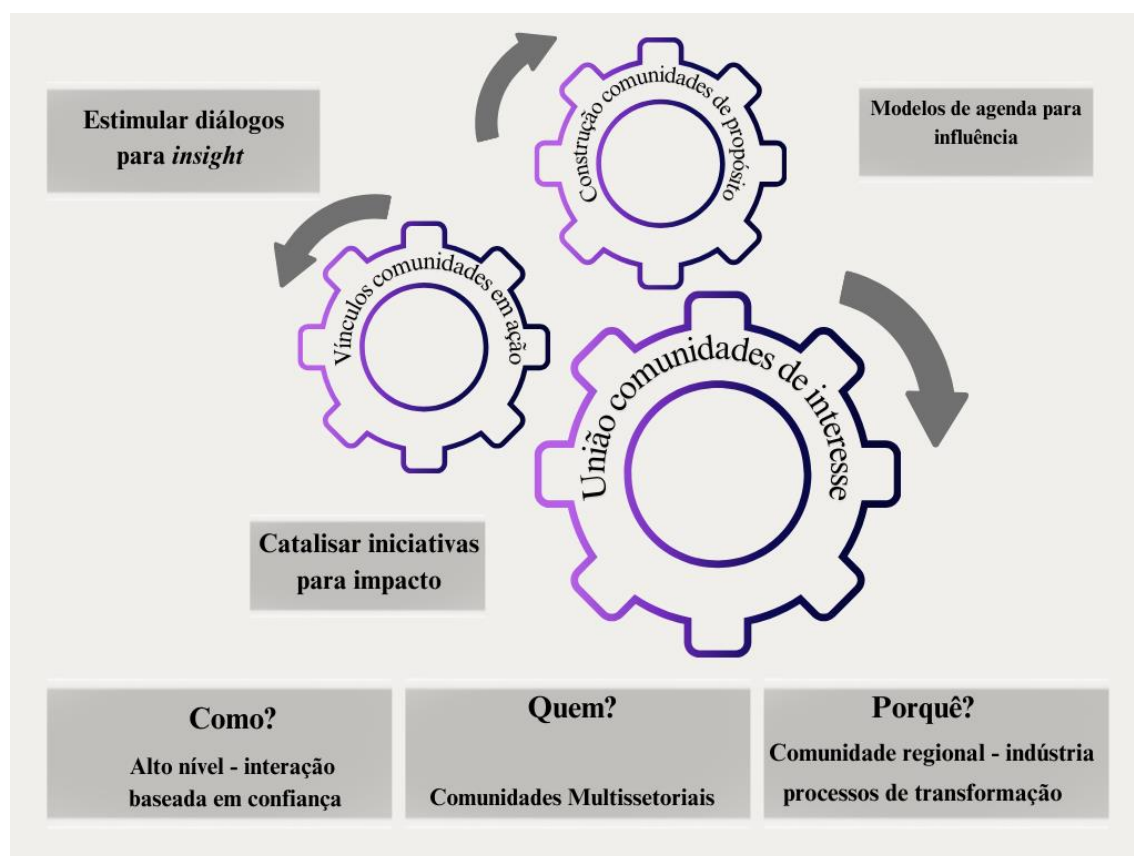
³ Segundo o documento oficial, datado de 29 de janeiro de 1971, e a entrada no Registo Comercial de Cantão dos Grisões de 8 de fevereiro de 1971, a Fundação com o nome de *European Management Forum*, com sede em Chur, existiu através dos artigos 80.º a 89.º do Código de Direito Civil. O principal objetivo da Fundação assentou na promoção de eventos que incluíssem a cooperação mais estreita da comunidade internacional na elaboração de modelos e conceitos para uma gestão responsável e bem-sucedida.

Porém, torna-se vital que consigam, também, garantir a partilha de interesses comuns, promovendo a geração de *insights* e o desenvolvimento de vínculos, entre as partes interessadas, que, de outra forma, seriam preteridos.

Inerentemente, o diálogo fornece a base funcional para o desenvolvimento de uma agenda, isto é, uma compreensão do que é prioritário ser desenvolvido, tal como o suporte para explorar o melhor modo de execução. Tratam-se dos *leads* de definição de agenda para a realização efetiva, através de um portfólio de múltiplos *stakeholders*, projetos e iniciativas, que geram impacto e melhoram, ativamente, o estado do mundo (The World Economic Forum [WEF], 1971).

Figura 1

Exemplo de interação no Fórum Económico Mundial



Nota. Adaptado do The World Economic Forum (1971).

Num mundo complexo e volátil, exige-se aos líderes uma profunda compreensão das questões globais e da respetiva escala de riscos associada, bem como a forma como estes se encontram interconectados.

Estes riscos exigem *insights* consistentes, impreterivelmente, de forma a sustentarem a formulação de estratégias vencedoras relativamente aos desafios regionais e globais a enfrentar.

A interação das comunidades promove, no seio da economia mundial, o acesso a informações e a análises decisivas a propósito de inúmeras questões globais (Toffler, 1991).

O papel do FEM assenta em ajudar a determinar os eixos prioritários de atuação e a facilitar a conexão, entre os responsáveis pela tomada de decisão, no encaço da resolução de um problema concreto ou de um conjunto de desafios latentes. A colaboração, entre todas as partes interessadas, é um fator crítico de sucesso conducente à identificação dos *insights* necessários a uma eficaz estruturação das melhores soluções a implementar (The World Economic Forum [WEF], 2008).

O FEM foi reconhecido, em 2015, como Organização Internacional para Cooperação Público-Privada pelo Conselho Federal da Suíça. Neste quadro, disponibiliza a capacidade organizacional – incluindo o ímpar poder de convocatória, a excelência em gestão, a geração de *insights* e as plataformas de tecnologia – para agregar os atores mais competentes e eficazes na condução do processo de mudança, através das seguintes 14 (catorze) Iniciativas do Sistema (The World Economic Forum [WEF], 2015b):

- Moldando o futuro do consumo;
- Moldando o futuro da economia e sociedade digital;
- Moldando o futuro do progresso económico;
- Moldando o futuro da educação, género e trabalho;
- Moldando o futuro da energia;
- Moldando o futuro do meio ambiente e dos recursos naturais e segurança;
- Moldando o futuro dos sistemas financeiros e monetários;
- Moldando o futuro da segurança alimentar e da agricultura;
- Moldando o futuro da saúde;
- Moldando o futuro da informação e do entretenimento;
- Moldando o futuro do comércio e investimento internacional;
- Moldando o futuro do investimento de longo prazo, infraestruturas e desenvolvimento;
- Moldando o futuro da mobilidade;

- Moldando o futuro da produção.

1.1. O propósito das Cimeiras de Davos e do Fórum Económico Mundial

Tendo em conta que a globalização abre oportunidades ao desenvolvimento, admite-se que as estratégias nacionais e internacionais devem ser desenhadas para aproveitar o máximo potencial de mercado e observar os requisitos associados a uma maior integração da economia mundial. No entanto, este processo envolve igualmente riscos, ou seja, o risco gerado por novas fontes de instabilidade nas trocas comerciais e, principalmente, nos fluxos de capital. Logo, o risco de que os países menos desenvolvidos possam ser marginalizados ou excluídos do processo de globalização económica, o risco de uma elevada heterogeneidade estrutural entre nações, o risco de agravamento das desigualdades comparativas entre economias e pessoas (Gasten & Söbom, 2018).

Pigman (2007) percorreu a história do Fórum de Davos e defende que a cimeira foi concebida em 1971, num sistema monetário de paridades e taxas de câmbio fixas estabelecidas, em Bretton Woods, no longínquo ano de 1944. O autor lembra que o sistema estava em colapso e, concomitantemente, os governos europeus desafiavam o poderio económico norte-americano do pós-guerra. Sobre aquele período histórico, o pesquisador relembra que:

O conhecido tratado gaullista de Servan-Schreiber, *Le défi américain* (traduzido para o inglês como *The American Challenge*), articulou os crescentes receios europeus de que as empresas norte-americanas estivessem a comprar a indústria europeia. Foi também uma altura em que as empresas europeias desafiaram o modelo paternalista de relações entre governos e empresas que prevaleciam desde a Segunda Guerra Mundial, pelo menos na Europa Ocidental. A evolução da tecnologia para facilitar a circulação de bens, serviços e capitais estava a acelerar, como evidenciado pelo crescimento do comércio internacional e pelo rápido aumento no final da década de 1960 de saldos em moeda offshore (“Eurodólares”) e investimento direto transfronteiriço (Pigman, 2007, p.14).

O investigador reflete, ainda, sobre o apoio dos franceses às empresas europeias determinadas em competir com os concorrentes americanos, economicamente mais fortes, apenas duas décadas após a Segunda Guerra Mundial, sob a égide do mercado global (Pigman, 2007). É neste quadro geopolítico que Klaus Schwab concebe a

primeira reunião do então Fórum Europeu de Gestão, o futuro palco para a discussão das grandes temáticas mundiais: o fim da Guerra Fria (1947-1991); o fim do Apartheid na África do Sul (1948-1994); as consequências do 11 de Setembro de 2001; a crise financeira mundial do *subprime* de 2008; o novo mundo pós-pandemia global de Covid-19 em 2020. Pigman (2007) enfatiza o propósito único do Fórum Económico Mundial e a importância ímpar dos atores presentes no evento.

O Fórum existe como uma organização internacional num cenário global de atores contemporâneos que está cada vez mais lotado com cada vez mais tipos de atores. No entanto, o Fórum pode legitimamente reivindicar ser único em termos do que é e do que faz. Ao estudar o Fórum, podemos obter uma compreensão da interação global contemporânea que não está prontamente disponível através do estudo de outros organismos (Pigman, 2007, p.14).

O pesquisador pondera, ainda, que a natureza do FEM transcende limites territoriais e intangíveis, focando, assim, a capacidade de “desconstruir as fronteiras intelectuais fundamentais para compreender os assuntos globais (Pigman, 2007, p.14).” E, a partir do que o investigador define como fronteira fluída, há a possibilidade de compreender a dimensão idiossincrática da cimeira, logo no primeiro ano, quando Schwab dissecou o conceito de “capitalismo das partes interessadas” enquanto princípio para um modelo de cidadania corporativa global (The World Economic Forum [WEF], 1971). A atuação também serviu de base para, em 1973, durante a conferência anual do Fórum Económico Mundial, os participantes redigiram e assinaram um código de ética para empresas, baseado na “teoria das partes interessadas” de Schwab (The World Economic Forum [WEF], 1973). O código, que ficou conhecido como o primeiro *Manifesto de Davos*, foi pioneiro em sugerir uma visão de responsabilidade corporativa que transcendia o lucro financeiro, enfatizando a importância de considerar os interesses de todas as partes envolvidas, incluindo colaboradores, clientes, fornecedores e o meio ambiente. Freeman (1984) revela que a “teoria das partes interessadas” defende que o sucesso de uma empresa deve ser medido pela sua capacidade de criar valor para todas as partes ou para todos os *stakeholders*, e não somente para os acionistas.

O primeiro *Manifesto de Davos*, em 1973, antecipou e ajudou a moldar debates contemporâneos sobre sustentabilidade e gestão corporativa, estabelecendo um marco na

evolução da ética empresarial. Donaldson e Preston (1995) acreditam que esta abordagem tem implicações profundas, aos níveis da gestão e da estratégia corporativa, promovendo uma visão mais holística e responsável do papel das empresas na sociedade. O documento ressalva a necessidade da promoção de práticas empresariais sustentáveis - assentes num patamar consensual de interesses - que contribuam para um desenvolvimento económico mais justo e equitativo (Freeman, 1984; Donaldson & Preston, 1995).

As preocupações emanadas durante as Cimeiras de Davos não impediram a integração das temáticas em discussões que, rapidamente, extrapolaram a esfera corporativa. Entre 1974 e 1975, no ainda Fórum Europeu de Gestão, o mundo estava mergulhado numa grave e longa recessão económica como resultado da crise do petróleo (1973-1978). Schwab convidaria Dom Hélder Câmara, Arcebispo Católico de Olinda, capital brasileira do Estado do Recife, para discursar na cimeira, o que o levou a enfrentar a contrariedade dos pares. Outra figura que marcaria a antecipação da organização da cimeira, relativamente aos problemas que abalariam o mundo, foi a de Jacques-Yves Cousteau, ex-capitão da marinha francesa, cuja participação no Fórum foi utilizada para sensibilizar as nações industrializadas para a necessidade da proteção do meio ambiente.

Em 1975, aquando da realização da quinta edição, o Fórum ganharia uma crescente aceitação nas esferas mais exclusivas dos mundos dos negócios e da política. Desta forma, ao não defender políticas ou estratégias, o Fórum tornou-se numa organização respeitada, assumindo-se enquanto uma plataforma valiosa para os negócios, governos, sociedade e demais partes interessadas em cooperar para um mundo melhor. A crescente dimensão internacional do Fórum foi ainda mais perceptível no sétimo Simpósio Europeu de Gestão, onde participaram mais de 50 países, com destaque para as comitativas americana e japonesa. A reunião anual de Davos consolidou notoriedade de marca de prestígio, particularmente, com a participação da Organização para Cooperação e Desenvolvimento Económico (OCDE), a qual aderiu a título de patrocinador oficial (The World Economic Forum [WEF], 1977).

De forma a incrementar a sua relação com os *media* sociais, o FEM alterou a sua perspetiva de olhar para a imprensa tradicional, ao considerar os jornalistas dos novos *media* enquanto importantes *stakeholders* na atual sociedade digital global. Assim sendo, e em colaboração com o *Europa* (na altura, o suplemento mensal do jornal *La Stampa* em Itália, do *Le Monde* em França, do *The Times* no Reino Unido e do *Die Welt* na Alemanha) e a Câmara de Comércio Internacional de Paris, o FEM introduziu um pacote especial de

reuniões e publicações. O primeiro evento foi realizado em Genebra sob o tema “Devem os líderes de negócios servir para a política?”.

A partir de 2003, com a blogosfera, a liberdade de atuação por parte das empresas, bem como a maior complexidade das relações entre as empresas e os diferentes grupos sociais ou de interesse, deu-se mais um passo em direção à mudança no modelo de governação de empresa (Cornelius et al., 2007). Neste sentido, a Responsabilidade Social tornou-se um elemento fundamental nas respostas das empresas aos mais diversos aspetos sociais. Assim sendo, entende-se pela forma como as empresas assumem compromissos sociais e responsabilidades institucionais, tendo em consideração o impacto das suas operações nas partes interessadas e gerando, desta forma, uma confiança que lhes permita operar em diferentes mercados (idem).

A temática da Sustentabilidade da Terra no Encontro Anual de Davos tem como objetivo reunir as partes interessadas em ajudar a enfrentar, atualmente, a maior crise ecológica do planeta. Por consequência, através de um conjunto de tópicos fundamentais como o clima, a mobilidade, a energia e a economia circular, as plataformas da Cimeira de Davos visam orientar as comunidades para a ação, tendo como objetivo a redução de recursos, o mitigar do impacto ambiental e a melhoria da sustentabilidade (Mayer, Salovey, Caruso & Cherkasskiy, 2011).

De uma forma geral, o rápido crescimento e evolução da ciência de dados enfatiza a necessidade de criação de estratégias e de políticas de educação e de formação que possam responder a esta procura, seja em quantidade, seja em qualidade. Desta feita, salvaguarda-se que a escassez de competências não impeça o potencial de transformação revelado por vastas fontes de dados e de técnicas de análises de dados. Ora, o FEM aborda estas dinâmicas e os *insights* na ótica de que na quarta revolução industrial todos os setores precisarão de passar por uma transformação, de forma a absorverem os seus dividendos na economia de dados. Estas transformações necessitam de ser acompanhadas por investimentos em talentos adequados no domínio de habilidades da ciência de dados (Teivainen, 2003). A este propósito, o FEM reconhece, plenamente, a importância da sustentabilidade planetária no desenvolvimento e fortalecimento da sua missão. A sua abordagem visa assumir um papel crítico na compreensão empresarial do conceito de economia circular, através do desenvolvimento de estratégias ou de parcerias, e na implementação das melhores práticas conducentes à redução dos impactos das operações sobre o meio ambiente e sobre as pessoas.

O Desenvolvimento Sustentável foi estruturado em 3 (três) pilares-base:

- **Ambiental:** O ambiente é, hoje, a maior preocupação para as empresas: investir na modificação dos seus processos de produção; apostar na formação dos trabalhadores e servir a comunidade envolvente. Isto é, atualmente, a grande prioridade das empresas, em prol da relação entre pessoas e meio ambiente. E, igualmente, ao estarem atentas às implicações que as suas atividades têm no meio ambiente (sistemas naturais, ecossistemas, solos, ar, água, etc.), as empresas revelam a sua política de Responsabilidade Social Empresarial (RSE). Neste campo, existem diversas medidas, que podem ser implementadas pelas empresas, desde a reciclagem dos tinteiros até à adoção de sistemas de poupança de energia, entre outras.
- **Económico:** Incide na oferta constante de produtos, bens e serviços que visem responder às necessidades da sociedade, tendo por base valores éticos e morais, respeitando o ambiente e as pessoas. E podendo, assim, contribuir para a estabilidade económica. As empresas devem medir o impacto económico que têm nos seus recursos humanos, fornecedores, sociedade, etc. Por exemplo: no relatório de contas, em que são normalmente destacados os lucros ou a rentabilidade da empresa, pode também ser destacado o impacto positivo das medidas de gestão na melhoria do desempenho económico dos *stakeholders*.
- **Social:** Este pilar é o mais delicado dos três, pois é aqui que se insere a RSE. Logo, abrange todos os direitos dos cidadãos, tendo como premissa de base que todas as organizações procuram estabelecer um bom relacionamento com os *stakeholders*, através de boas práticas éticas e morais, investindo nos seus recursos humanos a fim de proporcionar bem-estar profissional e familiar. A ação das empresas influencia, igualmente, a dimensão social da vida de todas as partes que com elas interagem (consumidores, fornecedores, colaboradores, etc.). Esta preocupação reflete-se, por exemplo, no respeito pelos direitos dos trabalhadores ou noutras iniciativas no âmbito dos recursos humanos: apoio à formação; aceitação dos compromissos da vida privada dos colaboradores; o incentivo à participação dos trabalhadores nos sindicatos; etc.

O FEM está comprometido com as Nações Unidas nos Dez Princípios do Pacto Global e visa promover estes princípios, envolvendo-se num diálogo com a sua cadeia de valor. O FEM promove práticas para garantir que uma empresa dita socialmente responsável,

então, respeita o direito dos seus trabalhadores. Consequentemente: não recorre à exploração de mão-de-obra infantil; não exerce práticas discriminatórias; tem preocupação pelas condições de vida dos trabalhadores. Tendo por mote os princípios de RSE, a empresa exerce um papel importante no desenvolvimento das comunidades locais: patrocínios; doações; voluntariado em várias áreas necessárias como a educação, cultura e desporto (Schönherr et al., 2017).

1.2. A visão de um futuro partilhado num mundo fraturado

O Fórum Económico Mundial realizou a sua 48ª Reunião Anual, em 2018, na cidade suíça de Davos, sob o mote de partida “Criando um futuro partilhado num mundo fraturado”.

De acordo com o FEM, o contexto global continua a alterar-se, de forma acelerada, e as divergências geoestratégicas ressurgiram, em múltiplas frentes, com consequências políticas, económicas e sociais. Ao nível económico, as políticas estão a ser reformuladas para preservar os benefícios da integração global, limitando obrigações partilhadas, como o desenvolvimento sustentável, o crescimento inclusivo e a gestão da Quarta Revolução Industrial. O crescimento populacional, só por si, implica que a pressão sobre o planeta aumentará ainda muito mais. As mudanças climáticas, a destruição dos ecossistemas, a extinção de espécies, a problemática do lixo e da poluição, são consequências da atividade humana, que devemos limitar. Fukuyama (2018) acredita que esta reunião anual, em Davos, ofereceu uma plataforma privilegiada de colaboração em matéria de desenvolvimento de novas iniciativas globais.

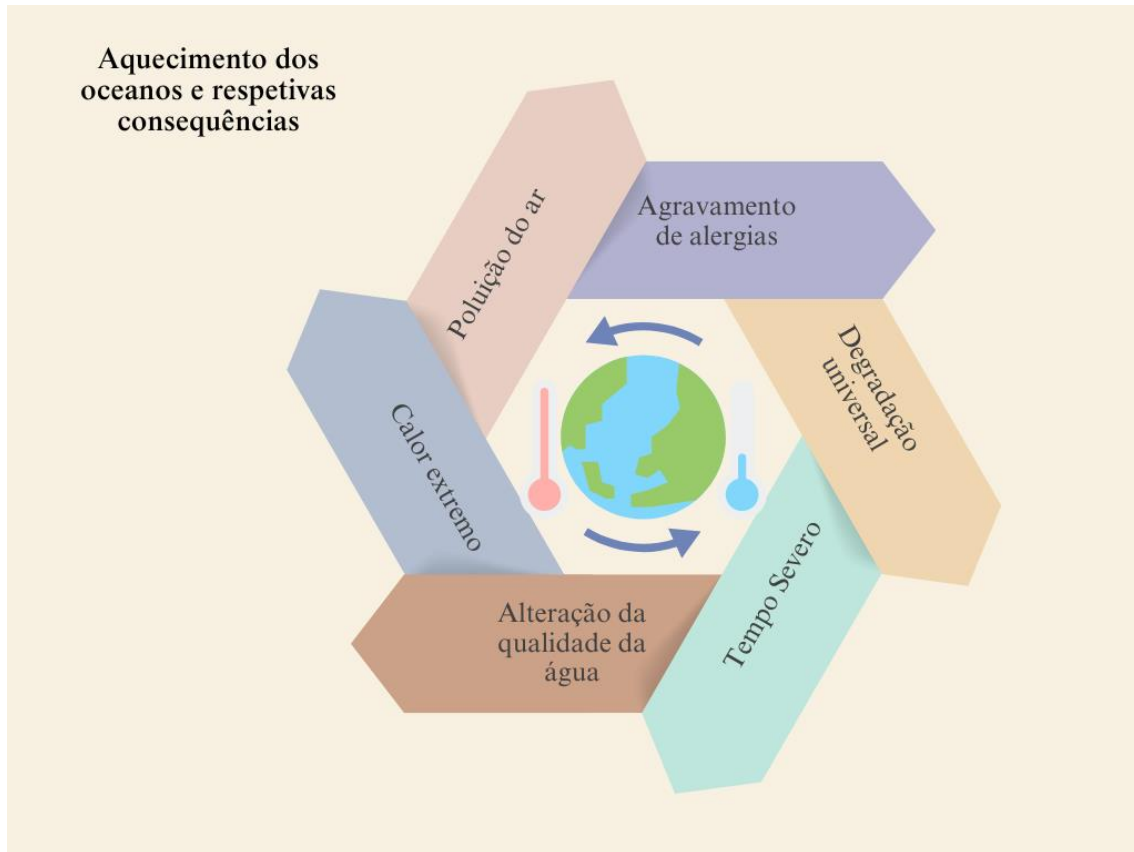
As alterações climáticas, que temos testemunhado nas últimas décadas, decorrem da continuada forte emissão de gases de efeito de estufa e defraudam todas as recomendações científicas, em termos de padrões de uso da Terra, ou até da própria variabilidade natural do planeta. Os cientistas afirmam que as alterações climáticas são um sério risco para a sociedade (Barnosky & Coauthors, 2012; Hansen et al., 2012; Rockström et al., 2009).

As principais mudanças na Terra - incluindo as alterações climáticas esperadas nas próximas décadas - serão muito mais vertiginosas do que qualquer outro evento natural que o mundo já tenha experimentado, desde o início da civilização humana. As características físicas do planeta, os recursos biológicos - dos quais a sociedade depende - e os sistemas sociais, que desenvolvemos, são fortemente adaptados às atuais condições

existentes, porque estas mesmas condições têm sido relativamente estáveis ao longo de milhares de anos de vida na Terra (Edenhofer et al., 2014).

Figura 2

Principais impactos das alterações climáticas



Nota: Adaptado de Edenhofer et al. (2014).

O círculo interno da figura 2 representa o ambiente físico, sendo que as quatro principais manifestações das alterações climáticas são o aumento das concentrações do CO₂ (dióxido de carbono) na atmosfera, o aumento da temperatura, o aumento do nível do mar e aumento das condições meteorológicas mais extremas. Estes quatro fatores climáticos podem provocar ameaças na ecologia dos vetores, risco de calor extremo e desequilíbrios no saudável abastecimento de água e alimentos (Donat et al., 2016).

A ocorrência, cada vez maior, de eventos climáticos extremos, *per si*, aumenta a probabilidade de emergências complexas, ou seja, algo semelhante à imagem de “vários desastres dentro de um desastre”. Consequentemente, estes acontecimentos ocorrem em

magnitudes superiores ao normal e podem exceder a capacidade operacional dos sistemas existentes para a proteção da saúde.

A União Europeia (UE) está empenhada, estrategicamente, em melhorar a sua política de segurança e de prevenção de ameaças naturais a longo prazo. De resto, em dezembro de 2013, a UE criou o Serviço Europeu para a Ação Externa (SEAE), com o objetivo de planear uma nova estratégia de segurança comunitária. Neste enquadramento, as alterações climáticas desempenharam um papel crítico nos debates europeus sobre segurança. Foi, precisamente, no ano de 2014 que a Comissão Europeia propôs uma série de diretrizes comunitárias para serem cumpridas até 2030, tendo como meta principal a redução de emissões de carbono em 40% e aplicável a todos os países da Europa (Smulders & Withagen, 2012). Assim, estes dois eixos na política comunitária da UE - a segurança e as alterações climáticas - estão adstritos ao conceito de segurança climática. E este novo conceito pode ser definido, ideologicamente, enquanto um amplo conjunto de ações de política externa que tem como objetivo abordar as questões estratégicas e os impactos políticos das alterações climáticas (idem).

Na revisão de 2008 do SEAE, em matéria de Estratégia Europeia de Segurança, as alterações climáticas foram identificadas como um desafio estratégico institucional e não, somente, uma questão ambiental⁴. E, em julho de 2011, o Conselho Europeu chegou a um acordo, em sede de diplomacia climática, que prometia uma ação mensurada e rastreada da Política Climática da UE⁵.

1.3. Os valores para a cooperação público-privada

As parcerias público-privadas (PPP) já evidenciaram resultados muito positivos, nomeadamente, no âmbito dos sistemas nacionais de saúde, em muitos dos países onde foram testadas e implementadas. Pese embora, por vezes, ser difícil de conceptualizar, sustentar e dimensionar. No FEM, existe uma cooperação entre o setor académico, o público e o privado para fazer face às necessidades mais urgentes do mundo e, ao mesmo tempo, estabelecer uma mudança positiva e duradoura de paradigma (Fukuyama, 2018).

⁴ European Union, Report on the Implementation of the European Security Strategy - Producing Security in a Changing World (Brussels: European Union, 2008).

⁵ Consulta em Council Secretariat, “Council Conclusions on Climate Diplomacy,” July 2011, http://ec.europa.eu/clima/events/0052/council_conclusions_en.pdf

Neste enquadramento, o FEM envolve as partes interessadas, nos novos modelos de colaboração público-privada, para identificar e ampliar as soluções mais resilientes e estruturantes, de forma a potenciar os sistemas de saúde mais eficientes e equitativos. E, desta forma, manter as populações mais saudáveis, bem como proporcionar qualidade de vida aos cidadãos (Bernstein, 2009). Exemplo: o acordo para as Inovações em Preparação para Epidemias, que foi lançado na Reunião Anual do Fórum de Davos em 2017, como resposta ao devastador surto de ébola na África Ocidental.

As PPP surgem quando duas ou mais organizações, públicas ou privadas, encetam uma relação de cooperação baseada na confiança mútua, ao invés da clássica abordagem do tipo estrutura hierárquica (De Los Ríos-Carmenado et al., 2016). Uma PPP deve ser precedida de um plano de negócios: “criação de sinergias: que desenvolvem e fortalecem competências, que criam alianças entre vários atores, que permitem a cooperação para o financiamento e a gestão de projetos em muitos setores (Sastre-Merino & De Los Ríos-Carmenado, 2012).”

Ao nível internacional, a consolidação das PPP, enquanto instrumento de desenvolvimento, remonta, por exemplo, à Agenda 21 (Rio de Janeiro, Brasil, 1992), através da qual novas perspectivas foram acordadas em dossiers como o meio ambiente, a economia e o sistema social (idem). Posteriormente, na Cimeira de Davos de 1998, o então secretário-geral das Nações Unidas (ONU), Kofi Annan, destacou a importância das PPP e sublinhou a necessidade de os setores público, privado e social trabalharem juntos, a fim de se alcançar a prosperidade (The World Economic Forum [WEF], 2005).

As melhores práticas para o envolvimento efetivo dos cuidados de saúde, de acordo com o FEM (2019), são:

- Identificar o problema e as partes interessadas, ou seja, as PPP devem, em primeiro lugar, detetar as políticas públicas conducentes ao envolvimento nos desafios que enunciam uma maior problemática, sugerindo, desta forma, um conjunto de potenciais parceiros credíveis;
- Implementar uma política de gestão empresarial conjunta, com o objetivo de determinar qual a forma exata, através da qual, os governos e o setor privado partilharão a tomada de decisões e a autoridade. Neste sentido, os parceiros devem conceber e negociar a gestão e as estruturas que incentivam a responsabilização mútua;

- Alinhar os interesses dos membros integrantes das PPP, sendo esta a única forma de procurarem ir além dos conflitos de interesse individuais de cada parceiro. Desta maneira, conseguir-se-á anular uma forte barreira ao progresso do projeto da PPP.

Acordos de financiamento: os ajustes devem procurar reduzir os perigos e os riscos, garantindo, desta forma, que os parceiros hajam em consonância, com os superiores interesses da parceria.

O FEM não tem o âmbito de uma conferência académica, apesar das inúmeras pesquisas científicas apresentadas nos encontros anuais. Não tem a missão de um movimento social, pese embora, muitas vezes, seja associado ao conceito de o “movimento dos movimentos”. Independentemente de se assumir enquanto agente de mudança social, o FEM rejeita, liminarmente, o conceito de sujeito histórico e não confere prioridade a nenhum ator específico no processo de mudança social. Não possui uma ideologia claramente definida, seja na afirmação do que rejeita, seja na defesa do que afirma.

A dimensão idealista do FEM consiste em reivindicar a presença de alternativas para a globalização neoliberal, pois de acordo com Franz Hinkelammert (2002) vive-se numa era de utopias conservadoras em que o próprio carácter utópico reside na negação radical de alternativas aos tempos atuais. Por consequência, a hipótese da viabilidade de alternativas é, muitas vezes, desacreditada e, ao ser rotulada de utópica, considera-se, subsequentemente, como irrealista. Hinkelammert (2002) diferenciou 3 (três) utopias conservadoras: o estalinismo, o nazismo e o neoliberalismo. E todas sustentadas por uma lógica política que se baseia num critério único de eficiência, critério esse que só é eficiente em valor (Bello, 2002).

O FEM relaciona-se com o irrompimento de uma utopia crítica radical, face ao estado inequitativo do mundo, e uma inspiração para a existência de uma sociedade melhor. Este aspeto ocorre quando a utopia do neoliberalismo é dominante. Logo, o enfoque no conteúdo utópico desta nova utopia crítica, quando comparada com as utopias mais críticas que se encontravam em vigor no final do século XIX e início do século XX. Ora, a utopia anti-utópica do neoliberalismo tem como base dois pressupostos: a ilusão do controlo total sobre a realidade atual (através de poderes e saberes eficientes) e a rejeição radical de alternativas ao próprio *status quo*.

O FEM coloca, desta maneira, em questão a totalidade do controlo, a título de afirmação credível da possibilidade de alternativas (Karlner & Karolo, 2002).

À luz de um contexto em que a utopia prevalece, então, determina-se que a possibilidade de alternativas, e a dimensão utópica do FEM, consiste em determinar a viabilização de uma globalização contra-hegemónica, ou seja, a utopia do FEM assume-se enquanto a negatividade da definição, por outras palavras. E neste enquadramento conceptual, o FEM revela-se a primeira utopia do século XXI, a qual tem por objetivo romper com a tradição das utopias mais críticas e conservadoras da modernidade ocidental. Dito de outra forma: o FEM também reivindica as alternativas utópicas.

1.4. O Fórum Económico Mundial e o mundo em trinta anos de história

É preciso recuar até ao ano anterior, à data de início desta pesquisa, para abordar as questões históricas que envolvem o FEM, no período proposto para a presente análise, entre 1990 e 2020. Assim sendo, em 9 de novembro de 1989, o mundo assistia à reunificação da Alemanha Oriental com a Alemanha Ocidental, o que marcaria o fim da Guerra Fria e inaugurava uma nova era de redemocratização e expansão para a Europa. Para além da barreira física, a queda do Muro de Berlim, quase ao fim de trinta anos, significaria o *terminus* da divisão ideológica entre o Ocidente capitalista e o Oriente comunista, marcando um ponto de viragem na geopolítica (Großbölting & Lorke, 2017; Glabau & Schulte, 2015). Para autores como Janning e Möller (2022), foi praticamente um milagre que, apenas um ano depois da queda do Muro, a Alemanha tenha recuperado a importância e o destaque político e económico diante da Europa.

Naquele ano, a organização do Fórum Económico Mundial previa a queda do Muro de Berlim e convidaria chefes de 20 (vinte) países e regiões da Europa Oriental e Ocidental para discutir a política da vizinhança e as implicações da reunificação alemã. Por esse motivo, entre os convidados para o debate, estava o então chanceler da Alemanha Ocidental, Helmut Kohl (The World Economic Forum [WEF], 1989), que chegaria com uma lista de reivindicações assentes no objetivo de reerguer a economia alemã e manter a estabilidade financeira local. Com o propósito de acenar aos parceiros e assegurar a integridade monetária, o então chanceler, colocou em prática uma série de políticas de captação de investimento que formariam a base para consolidar a unificação, o que aconteceria a 3 de outubro de 1990.

Nessa atmosfera de mudança, a organização da Cimeira de Davos reuniria sob o mote “Nova Europa” (The World Economic Forum [WEF], 1990).

Se para a geopolítica, a queda do Muro de Berlim representaria um novo desenho do Ocidente, para a imprensa, o evento simbolizaria mudanças de postura e de garantias de direitos políticos ainda não experimentados pelos jornalistas da antiga República Democrática Alemã (RDA). Com o intuito de tentar compreender o discurso dos jornais portugueses sobre a queda do muro, Mouro (2008) analisou artigos e matérias publicadas no *Expresso*, no *Independente* e no *Público* e concluiu haver, nesses títulos, escolhas editoriais que revelavam uma imagem da RDA como um país obsoleto, em situação de falência económica, política e social.

Os efeitos da reunificação alemã ainda estavam latentes para a edição do Fórum Económico Mundial de 1991, mas outros eventos também marcariam aquele ano, em que 18% dos participantes optaram por não ir a Davos devido ao encerramento da cooperação com os Estados Unidos após o envio de tropas americanas para a Arábia Saudita, como resposta à anexação do Kuwait pelo Iraque, ocorrida em agosto do ano anterior. Embora não tenha comparecido à cimeira, o então presidente dos EUA, George W. Bush, enviara uma carta aos participantes com projeções sobre um mundo de desafios e oportunidades (The World Economic Forum [WEF], 1991). No final daquele ano, outro marco da experiência socialista é desmantelado: a União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS). O evento marcaria o fim, em definitivo, da Guerra Fria e a criação de novas nações independentes (Lockwood, 2015; Motyl, 1991; Bisley, 2004; Katsenelinboigen, 2017). De resto, Zaslavsky (2018; p. 24) classifica a dissolução repentina da URSS como “um dos eventos mais incomuns da história mundial, por ser o único caso de uma superpotência entrar em colapso em tempos de paz por razões internas.” O autor acentua, contudo, que o declínio económico e produtivo da nação soviética, sob o mesmo modelo, já havia sido iniciado na década de 1960. Suny (2018) argumenta que o governo soviético representava a herança de uma estrutura estatal colapsada pelo esforço da guerra, da intervenção estrangeira e das atitudes centralizadoras do Exército Vermelho.

No âmbito do Fórum Económico Mundial, o colapso da União Soviética foi debatido em antecedência, isto é, estava previsto e marcaria a transformação dos modelos de poder no planeta. Embora tenha sido formalizado em 26 de dezembro de 1991, o fim da URSS foi abordado na edição da cimeira daquele ano quando o então primeiro-ministro, Valentin Pavlov, pedia cooperação do Ocidente para o país (Rowley, 2001).

Pavlov integrou o grupo de líderes soviéticos que conspirou e falhou para a queda do então presidente Mikhail Gorbachev. O FEM havia agendado a primeira reunião regional em Moscovo, consolidando uma parceria com a Liga das Associações Científicas e Industriais da URSS, liderada por Arkady Volsky, que chegou a pedir o adiamento do encontro, o que não ocorreu. Dessa forma, em setembro de 1991, os participantes da cimeira desembarcavam em Moscovo, cientes da importância do momento histórico que presenciariam. Na atmosfera de transformação que aquele momento representava, o então prefeito de São Petersburgo, Anatoly Sobchak, abriu a reunião na cidade que, antes, era denominada de Leningrado. Para Sobchak, a conspiração contra Gorbachev era o golpe de misericórdia ao Partido Comunista Soviético. No final daquela reunião, os líderes empresariais presentes escreveram uma carta ao então recém-eleito presidente da Federação Russa, Boris Yeltsin, que recebera o documento de seis páginas com um plano de transformação dividido em doze pontos para a nação (The World Economic Forum [WEF], 1991).

Entre as muitas análises reveladas sobre as escolhas editoriais da imprensa, ao retratar o colapso da URSS, encontra-se a realizada por Kotelenets (2013), que chama a atenção para os estereótipos sobre a história da Rússia e a imposição de um molde único para líderes soviéticos. Em contrapartida, Singh (2019) destacou que o fim do controlo estatal sobre a imprensa não significou, de facto, liberdade para os jornalistas, porque os meios de comunicação padecem da autocensura e de limite da liberdade para informação, mesmo com a expansão da cobertura possibilitada pelas redes sociais. Na perceção ocidental, Azevedo (2007) chamou a atenção para o comportamento da imprensa, ao designar a crise na URSS como “a derrocada do socialismo”.

As bases para a reorganização da Europa foram implementadas em 1992, com a assinatura em 7 de fevereiro daquele ano, do Tratado de Maastricht, que estabeleceu a União Europeia e lançou as bases para a criação do Euro (Miranda, 1996; Bainbridge & Murray, 2000). Aquele foi o marco fundamental para a integração europeia e o estabelecimento de um bloco unido, com maior poder para decisões políticas e económicas, favorecendo a convergência necessária para a estabilidade financeira da região (Weidenfeld, 1997).

O documento é reconhecido como o pilar para a construção da União Europeia moderna, coesa e sustentável, tal como defendeu Winkler (2000).

Enquanto a Europa caminhava para a solidez proporcionada pela integração, o Fórum Económico Mundial, em 1992, também procurava dar palco aos atores disruptivos das

nações em desenvolvimento. Na reunião anual, o convidado principal foi o líder Antiapartheid e chefe do Congresso Nacional Africano, Nelson Mandela, que passara 27 anos preso. Na cimeira, foi discutido o processo de transformação da África do Sul, a atuação em favor da democracia multipartidária daquele país. No ano seguinte, Mandela ganharia o Prémio Nobel da Paz e seria eleito democraticamente na África do Sul, sob o efeito das discussões em Davos, onde concordara em abdicar do intento da nacionalização dos bancos, minas e indústria estratégica. O racional residia em atrair investimentos para o país. Aos jornalistas, Mandela diria que os participantes do Fórum o levaram a uma completa mudança de visão (The World Economic Forum [WEF], 1992).

Embora chegasse como vencedor e influente líder à Cimeira de Davos, Nelson Mandela ainda era alvo da cobertura enviesada da imprensa, como observaram Tomaselli e Tomaselli (2003). Os autores reuniram notícias da imprensa norte-americana sobre a libertação de Mandela, em 1990, e constataram ter havido uma cobertura voltada para o facto e não para o processo que o levaria à prisão, desconsiderando, desta feita, aspetos e efeitos históricos (Tomaselli & Tomaselli, 2003). McVeley (1993) avaliou artigos do *The New York Times*, *The Los Angeles Times* e *The Wall Street Journal* e antecipou que os *media* norte-americanos contribuíram para a construção da figura pública de Mandela e ajudaram a transformá-lo num herói público, sendo decisivos com a causa do ex-presidente sul-africano. Ainda segundo a pesquisa, a dimensão da circulação dos jornais citados, em cerca de 1 milhão de exemplares diários, foi utilizada pela direção dos jornais para moldar Mandela como um indivíduo que subscreve valores norte-americanos e digno de se tornar uma referência mítica (McVeley, 1993).

Após 1992, a organização do Fórum Económico Mundial alteraria a forma como os participantes integrariam a cimeira. No relatório daquele ano, foi declarado que os convites para a cimeira seriam emitidos apenas a participantes da reunião e respetivos convidados especiais. Seria, essa, a forma de manter o carácter de “clube” implícito aos princípios da fundação. Por consequência, o ano de 1993 posicionaria o Fórum como organização de destaque para líderes empresariais, governos e sociedade civil. Naquele ano, 800 executivos de empresas, 150 líderes políticos, 25 chefes de governo e 200 académicos estiveram reunidos em Cambridge, Massachusetts, nos Estados Unidos, para discutir a recuperação global (The World Economic Forum [WEF], 1993).

As diretrizes de 1993, foram acolhidas e o Fórum daria as boas-vindas, em 1994, ao milésimo participante, com discussões focadas na manutenção da diversidade regional e

industrial. Naquele ano, a reunião foi copresidida pelo ministro Sénior de Singapura, Lee Kuan Yew, e o foco dos trabalhos foi direcionado para o Médio Oriente e para o conflito palestino-israelita. Discussões sobre a temática já haviam ocorrido em anos anteriores, mas de forma discreta, como descreve o resumo histórico da cimeira, o chamado Processo de Oslo. A diferença, em 1994, reside na presença do presidente da Organização para a Libertação da Palestina (OLP), Yasser Arafat, e do ministro de Relações Exteriores de Israel, Shimon Peres, que escreveram um acordo sobre Gaza e Jericó. Enquanto resultado das discussões, o Fórum organizou a primeira edição da Cúpula Económica do Oriente Médio e Norte de África (MENA) em Casablanca, Marrocos, com o apoio do então presidente norte-americano, Bill Clinton, e do então presidente da Federação Russa, Boris Yeltsin (The World Economic Forum [WEF], 1994).

A cobertura dos *media* aponta para o agudizar das tensões relacionadas com o conflito no Médio Oriente. Faris, (2013) reconhece que os esforços de paz local foram reproduzidos pelos *media*, mas destaca a campanha contrária à solução de dois estados (Palestina e Israel) para pacificar a região. Peri (2007) critica a relação dos *media* com os assuntos militares, permanecendo como ferramenta de estado para a construção de uma imagem de inimigo do mundo ocidental, sejam eles árabes, palestinos ou gentios, o que impede o alcance da paz.

Também em 1994, outro facto histórico marcaria o mundo e revelaria o papel de mediação do Fórum Económico Mundial: o genocídio de Ruanda. Na avaliação de Orozco (2008), “o mundo foi um espectador de luxo” nos 100 dias que marcaram o assassinato de 800 mil pessoas, de origem tutsis e hutus, e que culminou com uma longa história de tensões étnicas agravadas por tensões coloniais belgas e governos pós-independência. Chrétien (1995) responsabiliza o colonialismo belga por haver sido indutor do conflito, ao reforçar artificialmente a divisão entre tutsis e hutus, e, dessa forma, criar uma hierarquia étnica explorada pelos líderes ruandeses. Prunier (1997) acrescenta que o genocídio havia sido planeado e executado pelo governo hutu, com uma propaganda maciça e o uso de milícias para mobilizar a população. Para este autor, a comunidade internacional optou por fechar os olhos e deixar de intervir, expondo a ausência de políticas para responder a atrocidades em massa (idem). As atrocidades ocorridas no Ruanda não passaram despercebidas ao FEM que, em maio de 2016, promoveu em Kigali, capital do país, a cimeira da África (WEF, 2016). Foram discutidas, no evento, as perspetivas macroeconómicas, o desenvolvimento da indústria e as necessidades da população jovem.

À imprensa presente no Fórum, o então presidente, Paul Kagame, revelou a satisfação com a realização local da cimeira e destacou a forma como a sociedade local reagiu ao genocídio para que não voltasse a acontecer, servindo, também, como exemplo para o mundo (The World Economic Forum [WEF], 2016).

Como objeto de estudo, o genocídio de Ruanda, revela contrariedades e erros por parte da imprensa europeia e norte-americana, que classificaram os atos de violência como mera disputa tribal e não enquanto um projeto político para extermínio étnico, tal como aponta Schimmel (2010). Entre os motivos revelados pelo autor, para o comportamento dos *media*, estiveram: o racismo; a falta de interesse em abordar assuntos relacionados com o Ruanda ou África; a escassez de imagens; a inclinação para contar ao público do Ocidente histórias enquadradas na perspetiva moral, justa, idealista e civilizada (Schimmel; 2010). A crítica é aprofundada por Hauschildt (2011), que destaca os efeitos da chamada neutralidade mediática como indutora de violência, preconceito e desinteresse em relação ao evento. As reflexões sobre o genocídio permanecem vivas na imprensa portuguesa, como se pode comprovar com o caso do *Público* que, em 7 de abril de 2019, data dos 25 anos do evento, reproduziu a notícia do *Washington Post*, sobre a continuidade da violência étnica. O *Expresso*, por sua vez, em 4 de abril de 2024, publica uma matéria veiculada pela Lusa com o reconhecimento da culpa da França, através do presidente em funções, Emmanuel Macron, relativamente à quota de responsabilidade do país por nada ter feito para evitar o genocídio.

Ao completar 25 anos, em 1995, o Fórum Económico Mundial divulga a reflexão do organizador, Klaus Schwab, sobre o posicionamento contemporâneo da organização. Schwab alerta para a necessidade de uma cooperação internacional como forma de evitar o terrorismo, para a degradação ambiental, para a pobreza e, especialmente, para a necessidade de combater a indiferença e o extremismo (Schwab, 1995). O diagnóstico de Schwab foi colocado à prova na reunião de 1996, quando o organizador da cimeira convocou uma reunião inédita de reconciliação com todos os líderes políticos da Irlanda do Norte. O encontro foi marcado pela intolerância entre os grupos, que se recusaram a sentar na mesma mesa, o que ocorreu muitas vezes (The World Economic Forum [WEF], 1996). A cooperação internacional mantém-se na agenda da cimeira em 1997, ano marcado pela devolução, por parte do Reino Unido, da soberania sobre Hong Kong à China.

Dois meses depois, o Fórum promove a Cúpula para o Leste Asiático (The World Economic Forum [WEF], 1997). Talvez fosse esse um prólogo para a crise financeira que seria enfrentada pelos países asiáticos, a contração do valor das moedas, a queda do mercado de ações, as consequências económicas e financeiras (Fonseca, 2002; Gorjao & Cabral, 2005).

Triches (1999) acredita que o gatilho para a crise residiu na queda verificada na Bolsa de Valores de Hong Kong, no final de outubro de 1997. Sob o impacto da crise asiática, a Cimeira de Davos promove, em 1998, discussões para a recuperação económica. Nas sessões daquele ano, foram, ainda, abordados os impactos comerciais e o desenvolvimento das Tecnologias da Informação (TI). E, paralelamente, foram analisados cerca de 16 (dezasseis) setores, nomeadamente: automóveis; produtos químicos; energia; engenharia e construção; entretenimento; finanças; alimentos e bebidas; saúde; infraestruturas; serviços; *media* e comunicação; mineração e metais; celulose e papel; retalho; bens de consumo; serviços de transporte; viagens e turismo (The World Economic Forum [WEF], 1998). Os eventos relativos à evolução da importância da cimeira de Davos podem ser verificados na figura 3:

Figura 3

Evolução do FEM na década de 1990



Nota. Adaptado do The World Economic Forum (2019).

Em 1999, quando a reunião anual do Fórum é marcada pela despedida de Mandela e pelo estabelecimento das diretrizes que marcariam o Pacto Global da ONU (The World Economic Forum [WEF], 1999), a Europa viveria o lançamento da moeda única. De acordo com Cantor (2001), a cimeira europeia de Bruxelas, em maio de 1998, reuniu chefes de Estado da Áustria, Alemanha, Bélgica, Espanha, Irlanda, Itália, Finlândia, França, Luxemburgo, Portugal e Países Baixos para estabelecer a moeda comum, uma atitude que mudaria de maneira permanente os padrões básicos da cooperação europeia, aumentaria a segurança, a integração política, o posicionamento no mercado mundial e o curso da política orçamental.

Silverinha (2004) procurou compreender como o lançamento do Euro foi noticiado na imprensa portuguesa e descobriu, de imediato, a adoção de uma linha limitada pelos jornais locais, em concordância com a nova ordem para a consolidação de um projeto europeu. Um ano após o lançamento da moeda única, contudo, a cobertura esteve focada

nas regras de conversões, no impacto na vida quotidiana da população e na nostalgia do escudo. Quando aborda o Euro, em 1 de janeiro de 2002, o *Expresso* reprime a discussão tecnológica e anuncia que a moeda digital ainda demoraria anos para chegar. Entre os muitos materiais publicados pelo *Publico* sobre o lançamento do Euro, destaca-se a edição do dia 27 de dezembro de 2001, quando é anunciado o “desaparecimento” nas próximas semanas do escudo.

Enquanto em 1999, as instituições públicas procuravam uma nova forma de responder às questões económicas e sociais, o setor financeiro mundial passava a experimentar novas formas de crise, como a ocorrida em 2000, na chamada “Bolha da Internet”. A crise resultou da supervalorização das ações das empresas tecnológicas americanas e teve como eixo o Nasdaq, quando os investidores tentaram receber, sem sucesso, os dividendos pelo capital aplicado em bolsa (Bellinda, 2001). A partir da edição de 2000, no entanto, a organização da cimeira estabelece novas parcerias com empresas de tecnologia numa comunidade que passaria a ser conhecida como Pioneiros em Tecnologia, representada por cooperações como o Facebook, a Google, o Kickstarter, o Mozilla e o Twitter. A fundação passou a investir em ideias inovadoras, com destaque para o empreendedorismo social e os projetos de abordagem cooperativa para o combate à pobreza e a universalização da saúde e da educação. Nos primeiros quatro anos, 300 empreendedores de 60 países foram contemplados pela Fundação. Naquele ano, pela primeira vez, um presidente norte-americano em exercício, Bill Clinton, comparece ao Fórum Económico Mundial e clama pelo combate ao terrorismo biológico, ao ódio racial e à intolerância religiosa. À data, o primeiro-ministro britânico, Tony Blair, também comparece ao evento e discursa em favor de uma terceira via política, de centro-esquerda, para impulsionar o desenvolvimento mundial, sem abdicar da busca pelo bem-estar social (The World Economic Forum [WEF], 2000).

Os discursos que marcaram a edição tiveram ainda maior destaque quando, em 2001, os Estados Unidos sofreram um violento revés na sua história nacional, isto é, os ataques terroristas do 11 de Setembro. O ano havia iniciado com movimentos conducentes à paz, entre Israel e a Palestina, sendo que Davos acolheu as reuniões entre o presidente da Autoridade Palestina, Yasser Arafat, e o então ministro para a Cooperação Regional de Israel, Shimon Peres, a 28 de janeiro. O encontro, contudo, não foi positivo. Quando ocorreram os ataques aos EUA [que não têm qualquer relação com a questão entre a Palestina e Israel], a organização da cimeira voltou o olhar para a América e direcionou

os trabalhos para aquela nação, desde logo, deslocando a reunião anual de 2002, para a cidade de Nova Iorque (The World Economic Forum [WEF], 2001). Bram e Rapaport (2002) apontaram um prejuízo financeiro de curto prazo para a cidade de Nova Iorque, com perdas diretas de USD 7,8 biliões em lucro potencial de rendimentos do trabalho dos colaboradores mortos no World Trade Center. Os autores ainda estimaram um défice imediato de USD 36 biliões, somente, para a reposição da estrutura danificada (idem).

É neste contexto geopolítico que, em 2002, a cidade de Nova Iorque acolheu a reunião anual do Fórum Económico Mundial. O evento atraiu 2.700 participantes de 102 países no hotel Waldorf-Astoria, no centro de Manhattan, sob uma estrutura de segurança, até então, sem precedentes. Durante a cúpula, o então presidente da Câmara de Nova Iorque, Rudolph Giuliani, destacou a coragem e o voto de confiança da cimeira de Davos à cidade e à sua população, tendo em conta a tragédia havida (The World Economic Forum [WEF], 2002).

Os eventos do 11 de setembro de 2001 também condicionariam o rumo editorial da cobertura dos jornais à época, concluíram Papacharissi e Oliveira (2008), após validarem os estudos realizados à imprensa dos Estados Unidos e do Reino Unido sobre o trágico acontecimento. A pesquisa revelou que os estudos de comunicação haviam identificado que a cobertura dos periódicos norte-americanos esteve orientada para o episódio e para a abordagem militar, ao passo que os jornais britânicos procuraram compreender a temática sob o posicionamento da diplomacia (Papacharissi & Oliveira; 2008). Nos exemplos da cobertura dedicada ao 11 de setembro, por jornais portugueses, destaca-se o *Expresso* que, ao longo dos anos, procurou relembrar o evento e dar espaço para a memória das vítimas, como ocorreu na edição de 11 de setembro de 2018, com a publicação de uma galeria de fotos a dar visibilidade a quem não sobreviveu aos ataques terroristas. Também como destaque, o *Público* (2001), no dia seguinte à tragédia, ofereceu no *site* um resumo sobre a cobertura oferecida por jornais de referência de Espanha, França e Reino Unido.

A segurança global permaneceu na agenda de discussões da Cimeira de Davos em 2003, quando a atmosfera de uma futura guerra, a ser desencadeada pelos Estados Unidos contra o Iraque, desagradou aos presentes no evento. A invasão do Iraque pelos EUA ocorreria, apenas, três meses depois da cimeira anual, o que levou Schwab (The World Economic Forum [WEF], 2003) a subir o tom e a clamar por cooperação global. Na avaliação de Baum e Groeling (2010), o público norte-americano é induzido em erro, através das

distorções sistemáticas dos *media* locais sobre a guerra, sendo que esta realidade esteve presente nas matérias publicadas sobre a cobertura da guerra do Iraque. Os autores construíram, em teoria, o que denominaram de “posicionamento estratégico” para explicar o processo de comunicação da política externa dos EUA, com envolvimento da imprensa, das elites políticas e do público, cada qual com interesses, orientações e incentivos distintos (*idem*). Por ser um evento com essência também mediática, a guerra, que durou oito anos, dividiu a opinião pública norte-americana, defende Freeman (2006), especialmente por ter sido iniciada a partir da visão infundada dos EUA e dos parceiros estratégicos sobre o desenvolvimento de armas nucleares pelo então líder iraquiano, Saddam Hussein, tal como reforçam Levy e Sidel (2013).

Da mesma forma que clama pela cooperação global, o Fórum Económico Mundial também é alvo de críticas, nomeadamente, do já citado Fórum Social Mundial, realizado, pela primeira vez, em 2001, na cidade brasileira de Porto Alegre, no Rio Grande do Sul. Em 2003, o presidente brasileiro, Luís Inácio Lula da Silva, desembarcou em Davos, saindo diretamente de Porto Alegre, na companhia dos congéneres da Argentina, da Colômbia, do México e do Peru. No discurso realizado na cimeira, Lula ressaltou a importância do Fórum enquanto plataforma de diálogo (The World Economic Forum [WEF], 2003).

Tendo por base uma cultura de permanente abertura e cooperação, uma nova forma de diálogo é consolidada, mais uma vez, na Europa, que passa a acolher, em 2004, dez novos membros no bloco económico, a maioria formada por ex-nações comunistas, nomeadamente, Chipre, Malta, República Checa, Estónia, Hungria, Letónia, Lituânia, Polónia, Eslováquia e Eslovénia. A ampliação da União Europeia foi saudada nos fóruns complementares à Cimeira de Davos, a qual que voltou a ser palco de discussões sobre terrorismo, desta vez, através do então vice-presidente dos Estados Unidos, Dick Cheney, o qual defendeu o uso de armas sempre que a democracia falha (The World Economic Forum [WEF], 2004).

Como demonstração de influência geopolítica, o Fórum, em 2005, estrutura a agenda da reunião em prol de suporte ao Reino Unido, elevado à presidência do grupo do G8⁶ e da União Europeia (The World Economic Forum [WEF], 2005). No ano seguinte, os cerca

⁶ Grupo que, à época, agregava as oito nações de maior poderio económico: Estados Unidos, Japão, Alemanha, Canadá, França, Itália, Reino Unido e Rússia.

de mil participantes discutem iniciativas contra a corrupção e, com a participação de bancos multilaterais de desenvolvimento, iniciam os trabalhos da Partnering Against Corruption Initiative (PACI) criada para o estabelecimento de requisitos antissuborno nos processos de licitação (The World Economic Forum [WEF], 2006). O foco na banca mundial esteve, também, no centro das atenções da cimeira durante a reunião de 2007, cuja bandeira foi o evento Davos de Verão, ocorrido em Dalian, China. De resto, as preocupações dos participantes estavam voltadas para o sistema financeiro global, em especial a economia e o mercado imobiliário nos EUA. O Relatório de Risco Global do Fórum emitiu vários alertas sobre a explosão dos preços dos ativos, um dos maiores riscos que o mundo enfrentava. As informações do relatório acabaram por ser críticas à análise das próprias aplicações financeiras da fundação do Fórum Económico Mundial, visto que o presidente executivo, Klaus Schwab, decidiu mudar o portfólio de investimentos, face ao risco, para títulos do governo suíço, garantindo, desta forma, a solvabilidade da organização (The World Economic Forum [WEF], 2007).

Nem todas as instituições públicas, privadas ou do terceiro setor tiveram, contudo, a mesma resiliência do FEM frente à crise financeira, em crescendo, ainda, durante o ano de 2009. Thakor (2015) afirmou que a crise do *subprime* foi a maior queda do mercado financeiro desde a Grande Depressão, registada em 1930. Ainda de acordo com o autor, a crise de 2007-2009 ameaçou o sistema financeiro global com um colapso total, causou a descida vertiginosa nos preços das ações e, em muitos casos, até a insolvência da classe média relativamente à capacidade de liquidar as dívidas de empréstimos bancários, nomeadamente, crédito à habitação (idem). Atkinson, Luttrell e Rosenblum (2013), em 2013, anteciparam que nos Estados Unidos cerca de 90% da produção, num ano, ascendia a um prejuízo de até USD 120.000 por domicílio.

O contágio da crise na Europa Ocidental teve efeito sistémico, idiossincrático e impôs a volatilidade no mercado, como apontaram Meegan, Corbet e Larkin (2008).

Portugal esteve entre o grupo de países europeus que sofreu um dos maiores impactos negativos da crise, sendo obrigado a requer um pacote de ajuda financeira internacional e, conseqüentemente, a adotar políticas de austeridade, por imposição dos credores externos (vulgo, *Troika*), geradoras de empobrecimento da população, vulnerabilidade das classes menos protegidas (sobretudo, pensionistas e reformados), destruição das políticas sociais e afunilamento da proteção social (Lousada, 2016).

E, também, é atribuída à crise financeira internacional o efeito do aumento da polarização política e a deterioração do mercado de trabalho em Portugal (Pereira & Esteves, 2017).

Na perspetiva dos *media*, a crise foi enquadrada, para o público português, em forma de metáforas catastróficas e de apelo emocional, tal como observou Silva (2013), numa pesquisa em que a tradução do colapso financeiro materializou-se em expressões dramáticas como “doença”, “tempestade”, “sismo” ou “ativos tóxicos”.

Novas pistas para a recuperação mundial da crise estiveram no cerne das discussões da cimeira em 2008 (The World Economic Forum [WEF], 2008), num ano que ainda seria marcado pelo colapso do Lehman Brothers, até então, o quarto maior banco dos EUA, com 25.000 funcionários, USD 639 biliões em ativos e USD 613 biliões em passivos, tornando-se o símbolo daquele momento (Lioudis, 2019). No palco da cimeira, em 2008, o multimilionário Bill Gates discursou sobre a necessidade de oferta ao mundo de um capitalismo criativo, alinhado com a cidadania corporativa global. Entre as discussões amplas do Fórum estiveram, ainda, sobre a mesa as questões climáticas. Naquele ano, a cimeira deu suporte ao Grupo dos Oito (G8) para a cúpula no Japão (The World Economic Forum [WEF], 2008).

Foi no meio da crise profunda no mercado, em 2008, que o primeiro afro-americano é elevado à presidência dos Estados Unidos. Na avaliação de Jacobson (2010), a eleição de Barack Obama foi a consequência direta da escolha do seu antecessor, George W. Bush, em invadir o Iraque. Para este autor, a guerra superou os efeitos da crise económica e pesou, decisivamente, na futura escolha do eleitor (*idem*). Na perceção de Baumgartner et al (2010) somam-se a esse fator, também, uma nova forma de fazer política: a Internet, largamente utilizada pela campanha de Obama e que resultou na arrecadação de um recorde de recursos pelo Partido Democrata.

Não eram apenas os norte-americanos que buscavam uma alternativa. A Europa, em 2009, decide-se, formalmente, pelo fortalecimento do bloco, através da assinatura em 23 de dezembro, do Tratado de Lisboa⁷. Pela explicação de Soares (2011), o Tratado de Lisboa retoma as inovações previstas na Constituição da Europa, determina o fim da Comunidade Económica Europeia e a absorção pela União Europeia, acabando com a

⁷ Disponível em: <https://eur-lex.europa.eu/legal-content/PT/ALL/?uri=OJ%3AC%3A2007%3A306%3ATOC>

arquitetura inicial projetada, em 1992, pelo Tratado de Maastricht⁸. O Fórum Económico Mundial, em 2009, acolhe 40 chefes e mais de 100 ministros em Davos para estudarem uma alternativa à crise económica (The World Economic Forum [WEF], 2009). A resposta chegaria no ano seguinte, em 2010, quando a cimeira propõe discutir propostas de mais de 1.500 líderes empresariais, governamentais, académicos e representantes da sociedade civil para melhorar o mundo. Nesse contexto, é lançada a Global Redesign Initiative⁹ com objetivo de explorar novas formas de reforçar a capacidade da comunidade internacional em abordar questões críticas contemporâneas e, assim, gerir desafios e responder a crises (The World Economic Forum [WEF], 2010). Ainda a título de mecanismo de resposta às crises, com a presença de 2.500 participantes, a cimeira lança, na reunião anual de 2011, o Risk Response Network¹⁰, assente numa estrutura global concebida para melhorar a resposta global aos riscos (The World Economic Forum [WEF], 2011).

A instalação do mecanismo chegaria, apenas, um ano depois de o Fórum publicar a quinta e última Revisão de Lisboa, na qual a União Europeia era alertada para o facto de ter falhado no objetivo de constituir-se como a região mais competitiva do mundo. Concomitantemente, na reunião da Europa, o então presidente da Comissão Europeia, José Manuel Durão Barroso, divulgava o pacote de resgate para apoiar o Euro diante da crise da dívida no bloco (The World Economic Forum [WEF], 2010). A crise da dívida soberana europeia duraria de 2010 a 2014, sendo marcada pela propagação mundial e pela correlação direta ao evento gerado nos Estados Unidos, em 2008, como explicam Costa e Castro-Caldas (2014). Os autores destacam as ações coordenadas, tomadas pelos governos da zona do Euro, para salvaguardar a estabilidade e garantir a disciplina orçamental. E, ainda, indicam que Portugal, foi uma das nações mais afetadas pela crise, que inauguraria a austeridade financeira (Costa & Castro-Caldas; 2014). Em paralelo, a evolução da importância estratégica da Cimeira de Davos é materializada na continuidade dos acordos e nas decisões representadas na figura 4:

⁸ Disponível em: <https://www.europarl.europa.eu/about-parliament/pt/in-the-past/the-parliament-and-the-treaties/maastricht-treaty>

⁹ Iniciativa Global para Redesenho em tradução livre do inglês.

¹⁰ Rede de Respostas a Riscos em tradução livre do inglês.

Figura 4

Evolução do FEM na década de 2000



Nota. Adaptado do The World Economic Forum (2019).

Em 2010, ainda, outro evento de grandes repercussões internacionais, também, seria discutido no Fórum Económico Mundial, que avistava o prelúdio do que seria a Primavera Árabe (The World Economic Forum [WEF], 2010). Tratou-se de uma onda revolucionária iniciada na Tunísia, em dezembro de 2010, e que atingiria todo o Norte da África e Médio Oriente, sob o eixo da garantia dos direitos humanos e da contestação à repressão política (Santos, 2012). Tudoroiu (2014) destacou que os *media* sociais se haviam transformado numa ferramenta tática de mobilização, comunicação e coordenação dos protestos, a partir do que o autor classifica como “contágio revolucionário doméstico e internacional”. As plataformas de relacionamento eletrónico, explica, moldariam novas formas de comunicação digital e assumir-se-iam enquanto redes de protesto. Moreno (2011) afirma que a Primavera Árabe invadiu o ano de 2011 e provocou a queda de vários regimes autoritários.

Paralelamente, os Estados Unidos, no mesmo ano, em 2011, também vivenciaram uma intensa onda de protestos, denominados de Occupy Wall Street (OWS), contra a desigualdade económica e social, a ganância, a corrupção e a indesejada influência das grandes empresas (DiSalvo, 2015). Hammaond (2013) afirma que, sob lema “Nós somos os 99%” (tradução livre do inglês), o movimento procurou expor as diferenças entre ricos e a grande maioria da população.

É neste complexo clima mundial, acrescido ainda do agravamento da Guerra na Síria (iniciada em 2011) e do lento crescimento registado nos Estados Unidos e na Europa, que a organização da Cimeira de Davos procura, na Reunião Anual de 2012, desenvolver novos modelos para a governação global e geração de crescimento mundial (The World Economic Forum [WEF], 2012). Schwab preconizou o desenvolvimento de um capitalismo mais reativo às necessidades sociais e, por esse mesmo motivo, esteve, no topo da agenda do Fórum, a temática da criação de emprego (The World Economic Forum [WEF], 2012).

Em novembro de 2013, o Fórum promoveu o primeiro diálogo estratégico sobre o futuro da Ucrânia, com a participação de políticos seniores da nação, além de países vizinhos e de representantes internacionais. Vai daí, cerca de 200 participantes discutiram medidas para desbloquear o potencial económico da Ucrânia, isto poucos meses antes da deterioração das relações e do elevar das tensões com a Rússia (The World Economic Forum [WEF], 2013). A partir de 2014, o Fórum Económico Mundial dá mais uma prova de influência, a partir de uma série de reuniões estratégicas, ao contar com a participação de líderes mundiais de todos os quadrantes, entre eles, o Papa Francisco. Naquele mesmo ano, ocorreria, ainda, a reunião sobre a América Latina, sendo que 600 participantes debateram novos modelos experimentais, os quais poderiam, em caso de sucesso, retirar 70 milhões de pessoas da pobreza (The World Economic Forum [WEF], 2014).

No tocante às tensões geradas por conflitos internacionais, a organização da Cimeira de Davos mantém, em 2015, a necessidade de apontar soluções e, por consequência, discute o contexto global e lança as 10 (dez) iniciativas plurianuais para a tomada de decisões na comunidade de *stakeholders* relevantes. As iniciativas concentram-se nas seguintes questões: segurança ambiental; futuro da Internet; infraestrutura e desenvolvimento; emprego; comércio e investimento internacional; competências e capital humano; paridade de género; segurança pública, crime e anticorrupção; futuro do sistema financeiro global; crescimento económico e inclusão social.

A meta do crescimento sustentável está implícita à missão do Fórum Económico Mundial que, em 2015, acolhe o pedido do secretário-geral da ONU, Ban Ki-moon, para debater a 21ª Conferência do Clima (COP-21) das Nações Unidas. E, de resto, resultaria que, em dezembro daquele ano, seria assinado o designado Acordo de Paris, ou seja, um passo fundamental para o entendimento internacional, desde o Protocolo de Kyoto, em matéria de clima (The World Economic Forum [WEF], 2015; Secaf, 2016). Na conferência, 195 dos países participantes manifestaram o compromisso em limitar o impacto global da temperatura abaixo de 2°C no planeta. Por outro lado, a firme intenção dos parceiros em desenvolver mais esforços, para mantê-la, idealmente, ao nível de 1,5°C acima do nível pré-industrial, o que implicaria uma busca de alternativas minimizadoras do impacto direto na economia (Secaf, 2016; Matemilola et al, 2020). Os pormenores, sobre a importância e a urgência do cumprimento do acordo, não são veiculados de maneira satisfatória pela imprensa, como apontam diversos estudos, a destacar os revelados por Gurwitt, Malkki & Mitra (2017), Huttel (2019) e Bergman & Ossawaarde (2020). Gurwitt, Malkki & Mitra (2017) conseguiram provar as lacunas no discurso da imprensa, ao analisarem 2.580 artigos referentes ao período de duas semanas nos jornais de 13 (treze) países: EUA, França, Reino Unido, Austrália, Índia, China, África do Sul, Brasil, Bolívia, Nigéria, Emirados Árabes Unidos, Indonésia e Bangladesh. As pesquisadoras identificaram, nos textos analisados, a ausência de prioridade a fontes relacionadas com o ativismo, tal como a desvalorização dos efeitos da crise climática e a violação dos direitos humanos.

À medida que as nações procuram alternativas para a sobrevivência humana, com medidas para mitigar a crise climática, outras questões não são superadas, tais como os conflitos económicos, por exemplo. O caso do Reino Unido destaca-se, uma vez que, por meio de Referendo, abandona a União Europeia, em 2016, gerando impactos económicos complexos, à luz da necessidade interna de controle do fluxo migratório (Wadsworth et al, 2016). O Brexit mergulhou o Reino Unido em incertezas económicas, provocou impacto negativo em empresas de 81 países, na captação de investimento direto estrangeiro (IDE), na redução da oferta de bens e serviços à população, na política comercial, na oferta de produtos farmacêuticos, na oferta de serviços de saúde e na imigração (Bisciari, 2019; De Ville & Siles, 2019; Hassan et al, 2024).

Houve, em 2017, uma tentativa de Theresa May - então primeira-ministra britânica - de justificar junto à Cimeira de Davos o porquê do isolacionismo do Reino Unido. Assim,

durante a reunião anual, May afirmaria que o Reino Unido permaneceria comprometido com os mercados livres e a globalização, facto que, admitiu, teria causado medo aos britânicos (The World Economic Forum [WEF], 2020). Todavia, o discurso isolacionista foi identificado por Khabaz (2018) num estudo que tentou compreender como os jornais britânicos ajudaram a moldar a saída da Grã-Bretanha da União Europeia. Na pesquisa, foram identificados diversos enquadramentos, porém houve lugar de destaque para a necessidade de retoma do controlo e da soberania do Reino Unido.

Geograficamente opostos, mas próximos no movimento antiglobalização, os eleitores norte-americanos elegem, em 2016, o magnata Donald Trump, o que resultaria numa mudança significativa para as políticas internas e externas dos Estados Unidos.

Se Theresa May afirmara na conferência de Davos, em 2017, que os britânicos escolheram uma Grã-Bretanha “mais britânica”, Trump chega a Davos, em 2018, ainda sob os auspícios do lema “America First”, que o conduziu à presidência dos EUA. Todavia, não abdica do lado negociador e confirma-o no discurso: América em primeiro, mas com parcerias (The World Economic Forum [WEF], 2020). A presença de Trump, no cenário político mundial, é um alvo de constantes estudos em comunicação, como o conduzido por Sintés-Olivella et al. (2022), que propôs a análise do enquadramento da tentativa de reeleição do ex-presidente à Casa Branca, sob a ótica de oito jornais europeus distribuídos por Alemanha, Espanha, França e Reino Unido. A pesquisa - incluídos artigos e comentários - revelou que, na ótica dos jornais analisados, Trump é um líder que prejudica as instituições americanas, menospreza a democracia e utiliza o aparelho de estado em proveito próprio (idem).

As preocupações climáticas, uma vez mais, dominaram as discussões na Cimeira de Davos, sob o impacto dos incêndios que, em 2019, tomaram conta da região Amazónica, Brasil. Os participantes passaram a usar a expressão “recalibrar o mundo” no intuito de alcançarem êxito nas questões climáticas e na globalização. Sem nunca citar Trump, o relatório, relativo à reunião anual de 2019, aponta que a globalização é um facto, sendo prioritário combater as “demagogias populistas” (The World Economic Forum [WEF], 2020). A partir de 2020, Davos passa a considerar prioridade a emergência imposta pela pandemia da Covid-19, assumindo-se um dos focos principais de atuação. Em 2023, ainda por correlação com a pandemia, o Fórum Económico Mundial lançou uma rede de trabalho, num compromisso assinado por 39 parceiros estratégicos, com o objetivo de promover a equidade no acesso à vacinação.

Os efeitos da Covid-19 também constituíram um ponto de viragem para a imprensa, utilizada como parceira da disseminação de informação necessária à contenção da pandemia e à proteção da população, como aponta o estudo de Zafri et al. (2021). Inclusivamente, os autores utilizaram os artigos publicados, na imprensa indiana, para desenvolverem um sistema de gestão em saúde.

Seguidamente, a figura 5 demonstra a recente evolução política das Cimeiras de Davos:

Figura 5

Evolução do FEM na década de 2010



Nota. Adaptado do The World Economic Forum (2019).

1.5. O Fórum Económico Mundial e os *media*

A edição do Fórum Económico Mundial, em 2024, registou a presença de cerca de 400 jornalistas de diferentes pontos do planeta, segundo informações do Conselho de Grisões e do Conselho Comunal de Davos (2024), Suíça.

Desde a fundação que a organização do Fórum emite relatórios, periodicamente, para garantir que os *media* têm acesso aos dados em análise em cada cimeira. A documentação disponibilizada abrange desde análises, sobre a conjuntura, a previsões ou, mesmo, antevisões geopolíticas. Além do modelo de relatório “Synopsis”, apresentado em 1973, os participantes do Fórum passaram a ter acesso, também, aos estudos elaborados pelo Clube de Roma, uma vez ser instituição parceira de Davos. As cópias eram encaminhadas aos jornalistas. Dois anos depois, em 1975, começaria a publicação sistemática de relatórios, elaborados pela própria organização da reunião, isto é, o momento em que o Fórum publica a primeira brochura institucional e delinea as 7 (sete) principais diretrizes:

1. Observa o ambiente económico europeu e internacional;
2. Descobre novas tendências e acompanha de perto o seu desenvolvimento;
3. Amplia o horizonte apontando para as conexões;
4. Facilita contactos ao mais alto nível;
5. Reúne líderes empresariais e governamentais;
6. Ajuda a encontrar novas relações comerciais;
7. Integra ativamente os seus participantes em programas criativos.

A partir de 1977, contudo, a história dos *media*, junto ao simpósio, muda de maneira significativa, através da celebração de um acordo de cooperação direta da instituição com periódicos de referência europeus. A cooperação, com a Câmara Internacional de Paris, abrange o *Europa*, um suplemento mensal do jornal italiano *Stampa*, do francês *Le Monde*, do britânico *The Times* e do alemão *Di Welt*. O objetivo residia em promover reuniões (a primeira ocorreu em Genebra) e divulgar uma série de publicações sobre o Fórum. Na ocasião, o tema do primeiro encontro foi: “Os líderes empresariais devem servir a política?” Tratou-se, então, de um trabalho adstrito à divulgação do primeiro inquérito sobre as preocupações de empresários relativamente ao protecionismo. Vai daí, resultou que a organização do Fórum aumentou a amplitude das relações com os *media* e passou a considerar os jornalistas não apenas como participantes, mas, acima de tudo, enquanto intervenientes da sociedade.

Em 2015, a organização do Fórum Económico Mundial, em sincronia com as mudanças no modelo de comunicação, tomou a decisão de reformular, completamente, o centro de *media*, visando aumentar a audiência e a influência globais. Definitivamente, foi uma viragem em direção aos anseios em satisfazer uma audiência de 25 milhões de seguidores nas redes sociais, uma média de 5 milhões de acessos ao *site* oficial da cimeira e 1 bilhão de visualizações de vídeos gerados nos encontros anuais (Ahern, 2020). Segundo o estudo, a direção do FEM decidiu, também, contratar o prestigiado jornalista Mark Jones, ex-British Broadcasting Corporation (BBC) e agência Reuters, para coordenar o conteúdo digital. O FEM, através da nova coordenação de Jones, ficaria mais presente, mais visual, mais atraente e, por consequência, entraria no universo da partilha de informações proporcionado pelas redes de tecnologia (*idem*).

Mark Jones entendia que o público merecia um conteúdo interessante e, forçosamente, alinhado no eixo comunicacional do compromisso do Fórum Económico Mundial em melhorar o estado do mundo. E, logicamente, a audiência passaria a compreender e a reconhecer os objetivos da organização, a partir de produtos de alta qualidade e diferenciados. O jornalista afirmou que “as pessoas são muito implacáveis com a narrativa de baixa qualidade” e, por isso, a estratégia de publicação deve ser crítica.

Criar conteúdo sem uma estratégia de publicação claramente pensada é como uma miscelânea de sobras de carnes do almoço – está lá, mas ninguém o quer. Uma parte crítica de uma estratégia editorial é a sua visão editorial e voz. Cada vídeo do WEF tem uma lente editorial clara para apresentar um problema e uma solução. Uma grande diferença entre a abordagem do FEM e a dos grandes meios de comunicação social é que este procura as histórias positivas num mar de más notícias. A grande mídia já faz um ótimo trabalho ao mostrar como as coisas estão ruins. Não evitamos ativamente tópicos negativos e, claro, eles têm de ser incluídos, mas acreditamos que há mais valor em vasculhar o mundo em busca de exemplos positivos que possam eventualmente levar a mudanças mensuráveis (Ahern, 2020).

Enquanto parte integrante da estratégia de comunicação do Fórum, encontra-se a premissa de utilização de imagens de alta qualidade, sem que tal implique elevados investimentos, porque a própria cimeira já é o palco natural de atores de destaque internacional. Jones ficou empolgado, com os resultados obtidos, e afirmou que a partilha das imagens sobre a cimeira, nas redes sociais, funcionou como um “sonho absoluto”. E o resultado não foi alcançado com o envolvimento de uma grande equipa, bem pelo contrário, a gestão de

conteúdo da cimeira é executada, somente, por dez colaboradores. Porém, posicionada, sempre, para exponenciar tudo ao máximo, mesmo não dispondo de muitos elementos (Ahern, 2020). De forma a manter a ambição da pequena equipa, a estabelecer uma linha de comunicação diferenciadora e a incrementar a notoriedade de marca do Fórum Económico Mundial, Jones (2020) partilhou as 6 (seis) estratégias de comunicação da cimeira:

1. **Conteúdo preciso:** Uma estratégia de conteúdo digital bem-sucedida não precisa de ser onerosa. A tática assenta em usar vídeos e informações de parceiros associados, tais como canais tradicionais de televisão, jornais e revistas. É obrigatório integrar um profissional, a tempo inteiro, para planear a mensagem, formatar o estilo, elaborar o guião e produzir conteúdo.
2. **Conhecer o público:** É preciso compreender, profundamente, o que o público do Fórum Económico Mundial deseja saber, ver e partilhar. Para atingir esse desiderato é imprescindível efetuar uma análise detalhada de dados. Por exemplo, o público-alvo da cimeira é composto por pessoas de elevada formação académica, ou seja, exige-se uma linguagem cuidada e uma abordagem seletiva.
3. **Organização:** O alcançar de um objetivo passa pelo desdobramento em metas concretas e mensuráveis. A divulgação de um tema não pode ocorrer a partir do impulso espontâneo, mas, antes, do cumprimento do planeamento de um cronograma claro, preciso e conciso.
4. **Contar histórias de qualidade:** Os temas discutidos pelo Fórum Económico Mundial têm de estar ligados ao propósito da cimeira, isto é, o compromisso de melhorar o mundo para as pessoas. Logo, a narrativa deve revelar o que, de facto, importa às pessoas. É importante assumir, por defeito, que o público é implacável com narrativas comuns e de baixa qualidade.
5. **Envolvimento:** Em tempos de informação e de assimilação instantâneas, é imperativo alinhar a mensagem para causar um impacto imediato e espontâneo no público. E, desta forma, gerar envolvimento com as grandes causas apresentadas na cimeira.
6. **Definir e respeitar a fórmula:** Ter uma equipa otimizada e minimizada, porém com objetivos infundáveis, exige uma extrema organização de processos de trabalho e uma clara definição de rotinas padronizadas.

Tendo em consideração os pressupostos apresentados, a produção de relevância de conteúdo do FEM, naturalmente, evoluiu desde 2015. Em 2024, o Fórum mantinha o pressuposto do envolvimento dos jornalistas em torno da Cimeira de Davos, ainda que, por razões financeiras, não conseguissem estar fisicamente presentes no Encontro Anual. Todavia, através do *site* do evento, já seria possível:

- Assinar comunicados de imprensa;
- Requisitar entrevistas e comentários exclusivos, bem como ter acesso à lista de porta-vozes da reunião anual;
- Ter acesso a uma lista de publicações do Fórum Económico Mundial divulgadas no âmbito da reunião anual;
- Ter acesso às questões logísticas do evento;
- Participar em conversas e reuniões *online*.

O Fórum Económico Mundial, no âmbito da comunicação, estabeleceu painéis permanentes, nomeadamente, para monitorizar a desinformação e as redes sociais, tal como combater as teorias da conspiração. Trata-se de um processo comunicacional integrado na Rede de Especialistas do Fórum Económico Mundial, sob a supervisão do pesquisador espanhol José Manuel Noguera Vivo, professor associado da Universidade Católica Santo António de Múrcia (UCAM). O FEM conclui que a expansão da desinformação nas redes sociais, impulsionada pela utilização de ferramentas de inteligência artificial, é uma séria ameaça à democracia. Guibson (2023) acredita que as notícias falsas potenciam o agudizar de um ambiente de maior polarização política e o crescimento dos movimentos de extremismo radical.

O FEM mantém painéis dedicados a pessoas comuns, além dos especializados para jornalistas. Existe acesso a dados, fontes, conjeturas macro, bem como ao *clipping* atualizado (todas as notícias relacionadas com um dos 341 tópicos monitorizados pela cimeira).

1.6. As Cimeiras de Davos sob a lente da pesquisa em comunicação

Hodor (2021) defende que a agenda da Cimeira de Davos ajuda a moldar lideranças mundiais e condiciona a imprensa. Por outras palavras, aceita-se a não imposição da agenda do Fórum, sobre as decisões políticas dos países, embora se reconheça que o buzz marketing do evento poderá inspirar as futuras práticas governamentais.

Sener (2010) ressalva a influência da opinião pública sobre governantes, particularmente, ao avaliar o comportamento do primeiro-ministro turco, Recep Tayyip Erdogan, quando trocou, em 2009, palavras exaltadas com o então presidente israelita, Shimon Peres, ameaçando não comparecer mais em Davos. O pesquisador avaliou quatro periódicos de referência turcos e concluiu que as imagens da Turquia e de Erdogan saíram fortalecidas, internamente, a partir do incidente.

Outra dupla de pesquisadores, Beyeler e Hübscher (2003), realizou um estudo prévio sobre a forma como jornais de referência de seis países noticiavam os protestos ao Fórum Económico Mundial, tendo reunido evidências, relativamente às diferenças de cobertura, enquanto resultado da influência governamental no país sede e da identificação ideológica dos meios de comunicação social. Foram avaliadas matérias publicadas no *Neue Zürcher Zeitung* (NZZ, Suíça), *Allgemeine Zeitung* (FAZ, Alemanha), *The New York Times* (NYT, Estados Unidos da América), *El Diario* (Bolívia), *Cape Times* (África do Sul) e *Le Monde* (França). E concluíram haver resultados positivos na estratégia da organização da Cimeira de Davos, ao combinar diferentes temáticas, para atrair a atenção da imprensa mundial.

Pigman (2002), contrariamente, afirma que este modelo de atuação constitui uma estratégia fracassada de controlar a narrativa a partir da combinação de temas generalistas e a presença de líderes mundiais, funcionários públicos, representantes da banca, empresários e manifestantes. Na avaliação do autor, a cimeira terminou como vítima dos próprios esforços de comunicação para permanecer com roupagem influenciadora, tanto sobre o meio político, como sobre as elites dominantes que acolhe.

A evolução do FEM é um forte exemplo de estudo de caso multifuncional, pois liga uma questão atual e contínua com grande visibilidade mediática a muitas das principais tradições teóricas e debates. Ao longo dos seus primeiros trinta anos de funcionamento, o FEM controlou a narrativa da sua própria evolução, apresentando-se como um local único para líderes empresariais e funcionários públicos discutirem questões e resolverem problemas. Contudo, a revolução das telecomunicações fez da agenda de autopromoção do FEM uma vítima do seu próprio sucesso. A eficácia dos esforços do FEM para se promover como um canal de comunicação fundamental entre os principais participantes na configuração de mercado liberal predominante da economia global, simbolizada pela reunião de Bill Clinton e Bill Gates em Davos 2000, atraiu críticos, como ONGs que abraçaram visões alternativas da globalização. Alguns críticos, por sua vez, tornaram-se participantes, o que alterou o discurso do FEM de formas não intencionadas pelos seus membros

corporativos e, assim, criou a possibilidade de o FEM se tornar um local de contestação da estrutura existente da economia global. (Pigman, 2002, p.291)

A gestão da imagem pública, a partir da participação no Fórum Económico Mundial, também é alvo de avaliação de pesquisadores em comunicação no Oriente, tal como aconteceu na China, cujo desempenho na cimeira foi avaliado por Xu e Ren (2018). Estes investigadores verificaram, através da análise de jornais ocidentais, existir uma orientação discordante dos discursos dos líderes chineses presentes no evento. Ainda de acordo com os pesquisadores, mesmo quando se discursa sobre desenvolvimento ou tecnologia na cimeira, a China é conectada, pela imprensa ocidental, ao risco ou à desaceleração económica. Não raras vezes, as discussões sobre protecionismo ganham lugar de destaque, nas conferências em Davos, e há enviesamento na reprodução, por parte dos meios de comunicação social responsáveis pela cobertura da cimeira, como observa Li (2023). Carroll (2004) reforça a influência dos meios de comunicação social no tocante à reputação de entidades corporativas, ao passo que Happer e Philo (2013) discernem sobre um evento ainda não superado na economia mundial, a crise de 2008, sob as lentes da imprensa.

A resposta dos meios de comunicação social à crise financeira de 2008 e às suas consequências ilustra a forma como as ideologias concorrentes lutam pela legitimidade. O principal instigador da crise foi o facto de os bancos globais terem emprestado enormes somas de dinheiro a mercados imobiliários inflacionados, principalmente nos EUA, mas também no Reino Unido e noutras partes da Europa. Argumentou-se que a procura do lucro e de bónus desproporcionais significava que os negócios estavam a ser concretizados e os riscos ignorados (Happer & Philo, 2013, p.332).

Os autores reforçaram que, em 2008, houve controvérsia, junto aos interlocutores do Fórum Económico Mundial, relativamente aos riscos dos bancos norte-americanos, mas a resposta destes, à data, apontou no sentido de não existirem potenciais perdas nos empréstimos *subprime*. Ainda assim, os meios de comunicação britânicos convergiram ao teor do discurso divulgado em Davos, por serem entusiastas do livre mercado, sublinhando predisposição em promover políticas de espectro neoliberal (Happer & Philo, 2013). Sobre o tema, Madrick (2002) argumentou que:

A maior parte da imprensa financeira, no entanto, seguiu outro curso após as ramificações da crise financeira ficarem claras. Eles finalmente começaram a criticar a liberalização desenfreada dos mercados e o papel do FMI. Mas mesmo nesses casos, a imprensa não liderou, seguindo os textos urgentes de alguns economistas convencionais proeminentes. Uma exceção foi uma história do *New York Times* no final de 1997 (29 de dezembro de 1997). O repórter Louis Uchitelle deu continuidade com uma reportagem de página interna do Fórum Económico Mundial em Davos sobre o mesmo assunto em fevereiro de 1998 (2 de fevereiro de 1998). Mas foram as declarações de economistas proeminentes que levaram a maior parte da imprensa a adotar uma atitude mais crítica. Num perfil de primeira página de negócios, mais tarde, naquela primavera ele falou sobre Joseph Stiglitz, economista-chefe do Banco Mundial e ex-economista do governo Clinton, a favor do uso ocasional de controles de capitais, o que o colocou em desacordo com o ponto de vista do Tesouro dos EUA (31 de maio de 1998) (Madrick, 2002, p.56).

A crítica aberta ao FMI foi liderada, ironicamente, por Jeffrey Sachs, ao ter escrito artigos de opinião para várias publicações. Paul Krugman, Massachusetts Institute of Technology (MIT), seguiu-se, em agosto, ao publicar um artigo na revista *Fortune* a defender uma política de controlo cambial. Finalmente, quando a Malásia introduziu o controlo cambial, então, o assunto tornou-se, definitivamente, material de primeira página. Uma história na *News of the Week in Review* do *Times*, em 12 de setembro, teve por título "O Novo Braço Forte da Mão Invisível". E o repórter David Sanger escreveu:

"De repente, muitos acreditam que a melhor maneira de praticar o capitalismo é garantir que, uma vez que o capital entre, ele não possa sair de uma vez só." Sanger então citou o chefe de operações asiáticas do Morgan Stanley dizendo: "É apenas um pouco de exagero dizer que o FMI é um mercado de ações – Bob Rubin e Larry Summers são malandros" (Madrick, 2002, p. 249).

As críticas à agenda do Fórum Económico Mundial também são muito frequentes na revista francesa *Le Monde Diplomatique*, ao classificar a cimeira como ponto de encontro dos senhores do mundo, centro da globalização e sede do pensamento único (Graz, 2003). Goodman (2000) aponta que esta forma de rotular a cimeira está relacionada com a natureza do evento, uma vez que se pode entender que quase uma centena de meios de comunicação social presentes, em Davos, objetam auxiliar na tentativa de influência política sobre os atores presentes ou ausentes. Desta maneira, sob as lentes da imprensa, o FEM ganha contornos espetaculares e poderosos, pese embora seja avaliado, por

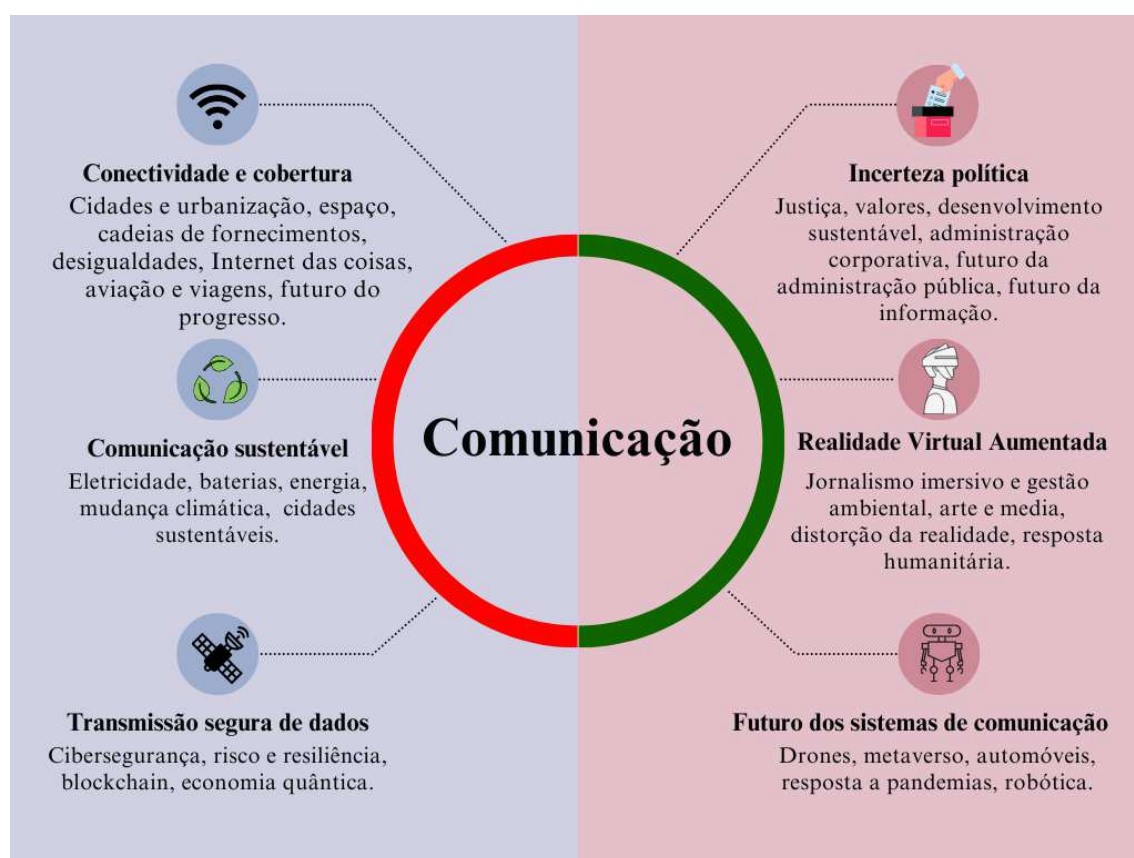
pesquisadores das ciências sociais aplicadas, como um evento que pode ser limitado no tempo à medida em que envelhece (Goodman, 2000; Gasten & Söbom, 2021).

No caso específico da crise de 2008, Kalogeropoulos et al. (2015) avaliam que houve a sobreposição dos fatores cobertura e receção do público. No que diz respeito à cobertura, os autores classificaram-na como enviesada, por falta de precisão, excesso de confiança e alinhamento com o mercado. No tocante ao público, os pesquisadores enfatizam a falta de literacia para compreender os contornos macroeconómicos da crise. Damstra e Boukes (2021), num estudo sobre como os jornalistas interpretam as condições económicas do mundo e a forma como essas respostas afetam a perceção e opinião do público, ressaltaram a suscetibilidade do recetor para o tema, mesmo que estejam a sentir o impacto real dos efeitos no quotidiano.

A figura 6 representa a importância da comunicação para a Cimeira de Davos:

Figura 6

Círculo de comunicação de inteligência no FEM



Nota. Adaptado do The World Economic Forum (<https://intelligence.weforum.org/>)

1.7. O papel de Portugal nas Cimeiras de Davos

A participação de Portugal no Fórum Económico Mundial é destacada, pela organização da cimeira, face à relevância global dos políticos nacionais. Num artigo publicado, no site da Reunião Anual de Davos, são listadas as quatro principais razões para fundamentar o porquê de Portugal ter fornecido ao mundo tantos líderes globais¹¹. O artigo, publicado em 2016, percorre o caminho de António Guterres, como secretário-geral das Nações Unidas, naquela que para Trygve Lie, o primeiro no cargo, se trata da tarefa mais difícil do mundo.

A eleição de Guterres, segundo o autor, colocou Portugal sob os holofotes do mundo, uma vez ser oriundo de um pequeno país com uma população de pouco mais de 10 milhões de habitantes. Também é referida no artigo a influência de outros atores portugueses de dimensão política e intelectual internacional: José Manuel Durão Barroso (antigo presidente da Comissão Europeia); Jorge Sampaio (ocupou cargos de alto nível nas Nações Unidas e foi o primeiro a receber o Prémio Nelson Mandela da ONU); Diogo Freitas do Amaral (ex-presidente da Assembleia Geral da ONU) e Mário Soares (reconhecido como um dos líderes socialistas de maior destaque na Europa). Ainda segundo os dados da cimeira, é recorrente a participação internacional de líderes políticos portugueses, sendo que o racional de prestígio assenta na natureza da Revolução dos Cravos (o fim da ditadura sem o derramar de sangue); no estabelecimento constitucional de um sistema de governo semipresidencialista; na neutralidade geopolítica e na glória do antigo império descobridor do mundo.

A decisão de integração de Portugal no projeto comunitário europeu foi anunciada pelo ex-primeiro ministro português, Mário Soares, por ocasião da assinatura, em 12 de junho de 1985, do Tratado de Adesão de Portugal à Comunidade Económica Europeia (CEE) e à Comunidade Europeia de Energia Atómica (CEEa).

Portugal, contudo, não vai só receber com a integração europeia, vai também dar muito de si, vai contribuir com a sua velha cultura e o génio do seu povo para a construção europeia, a que aliás os nossos emigrantes na Europa se encontram associados por forma impagável há longos anos. Europa da qual, a partir de agora, virão a ser cidadãos de pleno direito. A Europa das Comunidades,

¹¹ Disponível em: <https://www.weforum.org/agenda/2016/10/4-reasons-why-tiny-portugal-has-given-us-so-many-global-leaders/>

para nós, não será tão só um mercado comum de bens e de serviços, vemo-la como um espaço de liberdade, de respeito pelos direitos do Homem e de humanismo, mas também como uma entidade política, autónoma e coesa a que competirá uma ação de liderança moderadora na cena internacional em favor da paz. (Soares, 1985).

Em 2010, a filosofia da integração europeia voltava reforçada à esfera mediática, desta feita, através do discurso do então presidente da Comissão Europeia, José Manuel Durão Barroso, por ocasião da presença no Fórum Económico Mundial. Barroso saudou a consolidação orçamental de Portugal, em sinal de fortalecimento do bloco europeu, após um acordo que garantiu 500 milhões de euros para os países participantes. Em relação ao acordo, propriamente dito, Barroso sublinhou que “qualquer tentativa de enfraquecer a estabilidade irá falhar”¹².

Nas Cimeiras de Davos, a presença dos líderes portugueses foi sempre evoluindo na medida do fortalecimento dos laços multilaterais, como demonstrou Cavaco Silva, por exemplo, na reunião de 1989, onde compareceu com o objetivo de dar a conhecer o novo Portugal que aderiu à Comunidade Económica Europeia. O ex-líder afirmara, à época, que o país vivia um momento de estabilidade, em plena ação de reformas estruturais, e que a presença na cimeira tinha por objetivo a internacionalização da economia portuguesa (Pedro, 1989).

Para além do foco de interesse no eixo económico, a participação dos líderes portugueses de maior relevância poderá ser materializada no papel institucional de António Guterres, cujos discursos são inspiradores por estarem alinhados para a questão humanitária, para a paz e para a proteção do meio ambiente. Até junho de 2024, o *site* do Fórum Económico Mundial apresentava 790 resultados, somente, através de pesquisa pelo nome de António Guterres, destacando-se, naturalmente, o discurso especial do pretérito dia 17 de janeiro em Davos. No discurso, Guterres, apelava a uma reforma na governação global, uma redução das divisões geopolíticas e um multilateralismo inclusivo (The World Economic Forum [WEF], 2024).

Para além dos 3.080 resultados produzidos sobre Portugal, o Fórum gere a produção de uma série de documentos estratégicos, elaborados em parceria com parceiros locais, tais

¹² Disponível em: <https://cnnportugal.iol.pt/economia/bruxelas/barroso-qualquer-tentativa-de-enfraquecer-euro-vai-falhar>

como o *Global Competitiveness Report 2019*. Entre os documentos mais destacados relativos a Portugal, figura, ainda, o relatório *Portugal Health System Sustainability Review*¹³, publicado, como resultado de colaboração entre pesquisadores do Instituto Superior Técnico da Universidade de Lisboa e do Instituto de Economia e Gestão da Universidade de Lisboa (Oliveira et al, 2022), em 2022. A publicação é composta por uma análise detalhada da sustentabilidade do sistema de saúde português, abrangendo a qualidade dos serviços, a eficiência do sistema, os desafios financeiros e as oportunidades de inovação no setor. A partir do relatório, torna-se possível identificar as complexidades da saúde pública portuguesa e eventuais necessidades de adaptação para o futuro. Para o Fórum Económico Mundial, o documento pode ser uma importante ferramenta para a formulação de políticas públicas e, ainda, dotar gestores e outros *stakeholders* para a implementação de ações abrangentes no setor da saúde.

São destacados, como desafios, no relatório, a inovação, a sustentabilidade financeira e a equidade de acesso aos serviços de saúde. Em síntese, o relatório aponta:

- **Desempenho do Sistema de Saúde:** A performance do sistema de saúde em Portugal é avaliada com os seguintes pontos fortes: cobertura universal e a acessibilidade, sobretudo. Há espaço, contudo, para melhorias com vista à necessidade de redução das desigualdades regionais no acesso aos serviços de saúde.
- **Desafios Financeiros:** A sustentabilidade financeira é apontada como o principal desafio para o sistema de saúde. Em avaliação aos gastos públicos e privados em saúde, os pesquisadores, que elaboraram o relatório, sugerem uma maior eficiência na gestão dos recursos e a definição de estratégias de financiamento inovadoras.
- **Inovação e Tecnologia:** Para a melhoria da qualidade dos serviços de saúde pública em Portugal, o documento destaca a necessidade de investimentos em inovação e tecnologia e a implementação de soluções digitais.
- **Recomendações:** De forma a fazer frente aos desafios, estão propostos no relatório a reforma das políticas de saúde, o aumento dos investimentos em prevenção e cuidados primários e o incentivo à colaboração entre os setores público e privado.

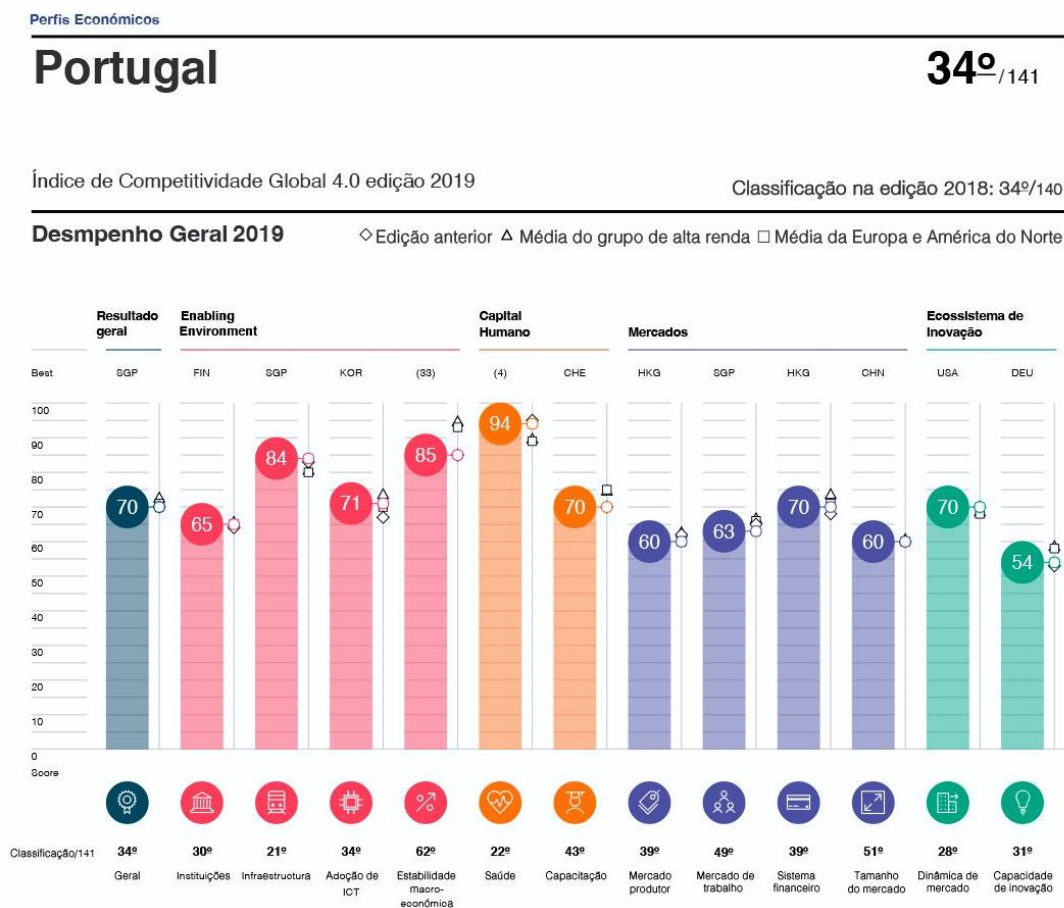
¹³ Sustentabilidade e Resiliência no Sistema de Saúde de Portugal, em tradução livre do inglês.

A política de saúde portuguesa e o destaque internacional de atores específicos não são os únicos fatores abordados pelo Fórum, que aponta tendências económicas locais, como a instalação de *start-ups*, e a presença de nómadas digitais¹⁴. Estão disponíveis, ainda, outros 75 documentos relativos a Portugal que abordam questões generalistas: a revolução dos cravos, género, futebol, educação, emprego, cidadania, tabaco e polarização política. Estas tendências estão disponíveis na ferramenta Mapa de Transformação, elaborada a partir do *Índice de Competitividade Global do Fórum Económico Mundial 4.0 edição 2019*, reproduzida no gráfico 1:

¹⁴ Consultar em: <https://www.weforum.org/agenda/2016/11/forget-berlin-lisbon-wants-to-become-the-start-up-capital-of-europe/>

Gráfico 1

Indicadores utilizados para o Mapa de Ferramentas de Portugal



Indicadores contextuais seleccionados

População milhões	10.3	GDP (PPP) % world GDP	0.24
GDP per capita US\$	23,186.3	Fluxo médio de entrada de FDI em 6 anos % PIB	2.8
Crescimento médio anual do PIB em 10 anos %	0.4		

Desempenho socioambiental

Pegada ecológica gha/capita	2.9	Índice Global de Disparidade de Género 0-1 (paridade de género)	0.7
Participação no consumo de energia renovável %	27.2	Renda Gini 0 (igualdade perfeita) -100 (desigualdade perfeita)	35.5
Taxa de desemprego %	6.9		

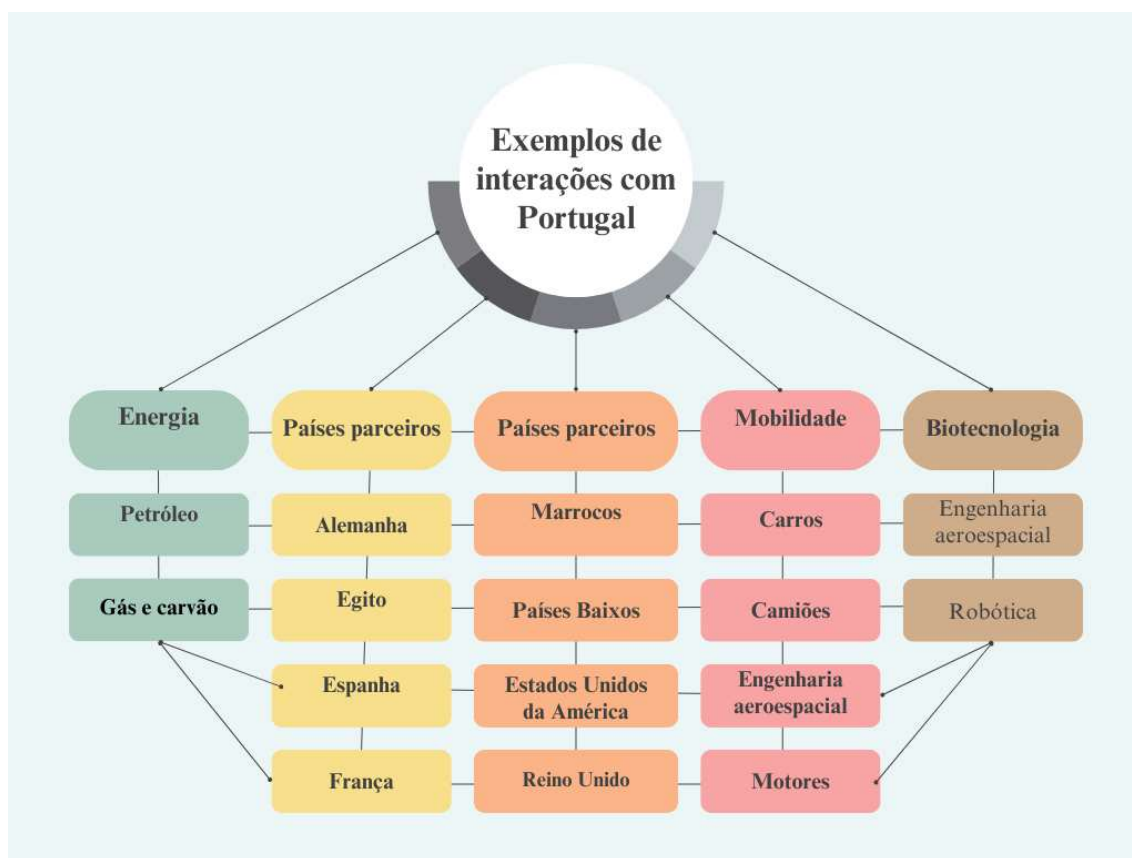
Nota. Gabinete de Estudos e Estratégia (<https://www.gee.gov.pt/pt/documentos/estudos-e-seminarios/competitividade/8923-rankings-internacionais-global-competitiveness-report-2019-posicao-portuguesa/file>)

De acordo com a ferramenta, os mapas de transformação concentram-se nas áreas onde um país tem mais espaço para melhorias. Também são monitorizadas as cadeias de valor em Portugal, com destaque para: plásticos, carros e camiões, óleos e gorduras alimentares, vacinas e medicamentos, petróleo, gás e carvão, chips e eletrónica e, por fim, motores e reatores.

Para cada umas das categorias está ativa a monitorização da produção, a criação de emprego, os parceiros estratégicos e os países com quem Portugal mantém relacionamento económico. As interligações estão expostas num painel interativo, onde podem ser extraídas todas as relações económicas e políticas do país. Por exemplo, as categorias do gás, do carvão e do petróleo mostram Portugal interligado, entre outros, com Espanha, Estados Unidos, Bélgica, Egito e Marrocos. O texto explicativo descreve que o petróleo bruto, em conjunto com o gás natural e briquetes de carvão, representou 5% das exportações de Portugal, no decorrer de 2023, um incremento visível diante dos 1,8% registados em 2020. O Mapa de Transformação de Portugal pode ser observado na figura 7:

Figura 7

Painel interativo de Portugal na categoria Gás, Carvão e Petróleo



Nota. Adaptado do The World Economic Forum (<https://intelligence.weforum.org/topics>)

As questões ambientais, em Portugal, também estão na linha de observação do Fórum Económico Mundial, o qual dispensa particular atenção à poluição por efeito de resíduos de plástico presentes no oceano. O tema está interligado com a categoria plásticos, a sexta maior categoria de exportação do país, chegando a um valor de 4%, isto é, uma clara evolução em relação a 2020, quando representava, apenas, 2,5%.

Figura 8

Painel interativo de Portugal na categoria Plástico



Nota. Adaptado do The World Economic Forum (<https://intelligence.weforum.org/topics>)

De acordo com o Fórum Económico Mundial, a categoria Plásticos interage com a proteção dos oceanos e, ainda, com as relações bilaterais, entre outros, com Alemanha, Bélgica, Espanha, França, Itália, Países Baixos e Reino Unido (cf. Figura 8).

Capítulo II – As Cimeiras de Davos à luz da noticiabilidade e da teoria do enquadramento

Responder à questão sobre o porquê dos acontecimentos serem elegíveis à categoria de notícias intriga o mundo académico e os *media*. Desde logo, é necessário reconhecer que as escolhas jornalísticas, nos meios de comunicação social, são profundamente influenciadas pelos critérios de noticiabilidade, como refere Traquina (2004). O autor argumenta que são esses os filtros utilizados, pela lente do jornalista, na hora de decidir quais os eventos que poderão ascender ao estatuto de notícias, ou seja, os eventos que vão integrar a agenda mediática e, por consequência, influenciar a perceção pública dos acontecimentos. Chaparro (1994) acrescenta que a noticiabilidade está interligada à capacidade das notícias em corresponderem às expectativas e necessidades do público, o que reflete uma relação dinâmica entre os produtores de notícias e a audiência. Marques de Melo (2003) alerta que a seleção de notícias também é intrínseca aos contextos socioculturais das redações.

Pelas contribuições de Sousa (2001) é possível inferir que, independentemente das transformações no campo dos *media*, ainda são tarefas do próprio jornalista o selecionar e o hierarquizar dos acontecimentos suscetíveis de auferirem estatuto de notícia.

A seleção é a pedra angular do processo, pois um jornal não pode ser um amontoado não criterioso de todo o tipo de informações. A escolha dos acontecimentos e demais assuntos a abordar por um jornal (construção da agenda) é dos assuntos mais debatidos entre os agentes interessados na cobertura noticiosa. Por isso, também é dos mais estudados. A necessidade de se fazerem escolhas torna o jornalismo permeável a críticas. Mas valorizar, hierarquizar e selecionar são atividades inerentes ao jornalismo (Sousa, 2001, p. 38).

Na interpretação do investigador, tais escolhas não resultam de subjetividade, mas, antes, de critérios definidos no processo de organização e difusão noticiosa.

Tais critérios são denominados de valor-notícia ou critérios de noticiabilidade, sendo que Sousa (2001) afirma sobrepreem-se à subjetividade jornalística.

Os critérios de noticiabilidade não são rígidos nem universais. Por outro lado, são, frequentemente, de natureza esquiva, opaca e, por vezes, contraditória. Eles funcionam conjuntamente em todo o processo de fabrico e difusão das notícias e dependem da forma de operar da organização noticiosa, da sua hierarquia interna e da maneira como ela confere ordem ao aparente caos da realidade. Além disso, os critérios de valor-notícia mudam ao longo do tempo (assuntos que há algum tempo não seriam notícia são-no hoje) (Sousa, 2001, p. 196).

Hall (1973) não esconde a dificuldade em definir os valores-notícia e chega a classificar os critérios de noticiabilidade, na compreensão dos profissionais de *media*, como opacos e submersos. Na academia, contudo, a busca pelas respostas, sobre como o processo de seleção das notícias, se pode tornar visível permanece, particularmente, através da obra de Johan Galtung e Marie Holmboe Ruge (1965). Estes pesquisadores foram os primeiros a criarem uma taxionomia de escolhas editoriais - sobreposta à perceção pessoal do jornalista - para o estabelecimento dos critérios de noticiabilidade. A dupla de investigadores apresentou uma lista de 12 (doze) valores-notícia: frequência; amplitude do evento; clareza; significância; consonância; inesperado; continuidade; composição; referência a nações de elite; referência a pessoas de elite; personificação; negatividade.

Analisando estes critérios de noticiabilidade, com base nas contribuições de Traquina (2007) e Sousa (2001), ambos autores de língua portuguesa, alcança-se o seguinte detalhe científico:

- **Frequência:** A frequência corresponde ao espaço de tempo necessário para o acontecimento se desenrolar e adquirir significado (Traquina, 2007). Dito de outra forma, uma ocorrência só é percecionada como um acontecimento - digno de ser noticiado pelos meios jornalísticos - quando o seu significado tende a ser inequívoco. E, posteriormente, uma vez adquirido esse significado, se conseguir ir ao encontro da frequência, o que, por outras palavras, poderia traduzir-se por periodicidade. Logo, a cadência com que as novas notícias são produzidas e apresentadas nos meios. As especulações sobre uma ocorrência e as tendências do seu desenvolvimento, tendem a não ser objeto de cobertura jornalística, exceto se

adquirem um significado que os identifique com a frequência dos respetivos *media*.

Davos é notícia porque o seu significado noticioso (um fórum de discussão política e económica de relevância mundial e que agrupa personalidades líderes do planeta) é inequívoco para os meios de comunicação social. A periodicidade é mantida, desde a primeira reunião, sendo, assim, atraente para ser objeto de cobertura (Hintz, 2004 & Bennet, 2012).

- **Amplitude:** Galtung e Ruge (1965) apontam que este critério é relativo ao impacto de um evento e o respetivo efeito nos leitores, ou seja, a dimensão necessária para que um evento se torne notícia - por exemplo, a inflação dos produtos nos países do Bloco Europeu. Desta maneira, os eventos podem atingir esse valor limite, face a uma natureza de grandeza absoluta, ou seja, por terem uma frequência mais alta ou por aumentarem o relato de um tópico. Neste sentido, o Fórum Económico Mundial é reconhecido por conseguir impor, um pouco por todo o mundo, notícias a vários órgãos de comunicação social (Goodman, 2000; Garsten, C. & Söbom, A.; 2021).
- **Clareza ou falta de ambiguidade:** Traquina (2007, p. 180) afirma que quanto mais claro e inequívoco for o sinal, então, mais provável será a sua audição. Ou seja, nas palavras do autor: “É preferível um acontecimento com uma interpretação clara, livre de ambiguidade no seu significado, ao que é altamente ambíguo.” A grandeza da reunião anual de Davos e o prestígio dos atores internacionais envolvidos, gera a comparência de centenas de jornalistas a cada ano. Desta forma, a Cimeira Davos é um evento que pode ser compreendido e interpretado, sem múltiplos significados, tendo maior probabilidade de ser selecionado como notícia.

Essa possibilidade assenta, ainda, no facto do FEM gerar relatórios que assumem o papel de medidores da realidade política, económica e social. Este trabalho iniciou-se em 1973, data em que a Fundação decidiu expandir as suas atividades, para além da estrita organização da reunião anual de Davos. O objetivo residia em gerar mais-valia aos serviços, através da promoção de três iniciativas destinadas a capturar e disseminar conhecimento, utilizando as publicações. Nascia, assim, o “Synopsis”, um serviço de documentação que forneceu aos líderes empresariais europeus informações sobre políticas públicas e estratégias governamentais.

Os relatórios passaram a ser a imagem de marca do FEM. Também em 1973, nascia o Clube de Roma e o relatório “Os Limites do Conhecimento” (1972), que fornecia aos líderes mundiais alternativas para o desenvolvimento global, todavia sem nunca menosprezar as questões ambientais. Até à edição de 2024, a Cimeira de Davos, através da publicação de relatórios, mantinha cinco eixos de informações: o “Relatório Anual”; o “Relatório da Perspetiva dos Economistas-Chefes”; o “Relatório Global sobre Disparidades de Género”; o “Relatório sobre o Futuro dos Empregos e o Relatório de Riscos Globais”.

Os relatórios são um contributo para o exercício do jornalismo de dados. Trata-se de um suporte de comunicação, com maior disponibilidade de dados para o jornalista, que permite aperfeiçoar o processo produtivo e facilitar a compreensão da informação por parte do leitor, como aponta, ao citarem Flew (2012), o estudo de Mancini e Vasconcelos (2016).

Esses novos procedimentos ajudaram os jornalistas a aprimorar o seu próprio conhecimento acerca da realidade social e política, reduzindo a dependência de fontes externas ao processo de produção e de análise da informação. Tudo isso ganha uma nova importância quando o contexto muda de um cenário de escassez, no qual jornalistas tinham enormes dificuldades para obter informação, para um momento de abundância, no qual o problema deixa de ser encontrar a informação, mas saber qual deve ser buscada, analisada e utilizada para subsidiar a notícia jornalística. (Flew *cit. in* Mancini & Vasconcelos, 2016).

Além dos relatórios, é corrente, na organização do Fórum Económico Mundial, a cedência aos jornalistas de informações apresentadas em diversos formatos: fotografias; podcasts; infográficos. E em, pelo menos, 9 (nove) idiomas: árabe; alemão; mandarim; inglês; japonês; espanhol; francês; italiano; português. Pela figura 9, é possível perceber o exemplo de um mesmo relatório apresentado em português e japonês, referente à avaliação de estudo energético e a crescente volatilidade global, apresentado em junho de 2024¹⁵:

¹⁵ https://www3.weforum.org/docs/WEF_ETI2024_Press_Release_PTBR.pdf

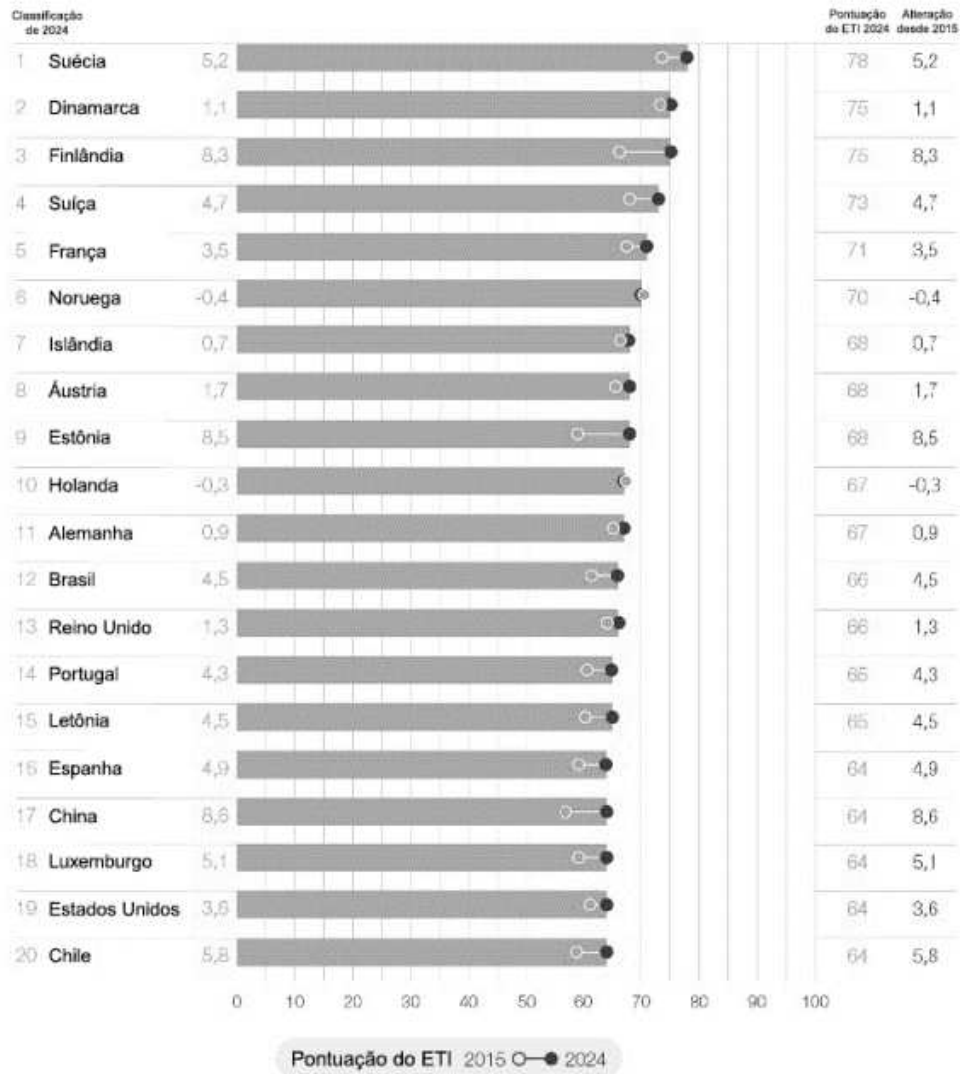
Figura 9

Relatório sobre Transição Energética e Risco Global

Os 20 principais países do ETI 2024

Fostering Effective Energy Transition

Índice de Transição Energética 2024: 20 principais países



Nota. The World Economic Forum

https://www3.weforum.org/docs/WEF_ETI2024_Press_Release_PTBR.pdf

- **Significância:** Traquina (2007) chama a atenção para a dupla interpretação da significância como valor-notícia. O autor aponta que a primeira interpretação assenta na relevância do acontecimento e no impacto sobre o recetor. Já a segunda interpretação prende-se com a proximidade cultural. Sousa (2001) simplifica a explicação:

Quanto mais intenso ou relevante for um acontecimento, quantas mais pessoas estiverem envolvidas ou sofrerem consequências, quanto maior for a sua dimensão, mais probabilidades tem de se tornar notícia.; além disso, quanto menos ambíguo for um acontecimento, mais probabilidades tem de se tornar notícia. (Sousa, 2001, p. 40)

- **Proximidade:** O valor-notícia corresponde ao impacto geográfico ou cultural no recetor. A proximidade contribui para que os leitores, a um nível mais pessoal e familiar, se relacionem com a história. Um evento pode acontecer num lugar fisicamente distante do recetor, mas, mesmo assim, pode ter interesse em termos de conter um significado relevante para o leitor. No âmbito do Fórum Económico Mundial, notícias sobre as discussões relativas ao meio ambiente podem gerar interesse, simultaneamente, em leitores da Europa, da América ou da Ásia. Recorremos ao histórico da cimeira, através da descrição elaborada por Garsten e Sörbom (2021), que aponta para a evolução do evento: de uma pequena e simples reunião, em 1971, até ao ponto de encontro da elite política e industrial europeia, apenas dois anos depois. A partir de 1974, alargando substancialmente a lista de decisores políticos convidados e promovendo reuniões multilaterais, Klaus Schwarb, posicionou a cimeira como resposta às lacunas estruturais de autoridades nacionais e transnacionais. De acordo com as pesquisadoras, a partir de 2013, a estrutura da cimeira contava com cerca de 560 funcionários distribuídos pelos escritórios de Genebra, Nova Iorque, São Francisco e Tóquio. E um total de, pelo menos, mil empresas parceiras. Tal abrangência e dinâmica, seria reconhecida a partir de 2015, o que significa que o FEM pode ser a ferramenta política alternativa ao estado inerte da ONU.

Neste contexto, a equipa de liderança do FEM descreveu como a ONU é demasiado inerte, demasiado lenta para pôr em marcha a mudança e demasiado exclusiva nos seus

membros, apoiando-se nos Estados-nação e não conseguindo incluir as vozes das empresas e de outras comunidades organizadas. O FEM foi criado como uma solução para estas armadilhas, oferecendo uma plataforma para líderes governamentais, empresariais e da sociedade civil unirem forças para tornar o mundo um lugar melhor. (Garsten & Sörbom, 2021).

- **Inesperado:** Como podemos saber se o jornalista, relativamente a um evento previsível, está simplesmente a adotar um ângulo inesperado? Traquina (2007, p. 180) responde que não é suficiente para um acontecimento, unicamente, ser culturalmente significativo e coerente com o que se esperava. Para o autor, “o inesperado é aquilo que rompe e que surpreende a expectativa da comunidade jornalística.” Embora tenham calendarização periódica, no Fórum Económico Mundial, os ditames históricos resultam em discussões nem sempre previstas pela imprensa responsável pela cobertura da cimeira.
- **Consonância:** Este valor-notícia está relacionado com a pré-imagem mental em que o novo acontecimento é construído sobre uma velha imagem (Traquina, 2007). Por conseguinte, quanto mais agendável for um acontecimento e correlacionado às expectativas, tendo o relato adaptado aos *media*, maiores são as probabilidades de o mesmo se tornar notícia (Sousa, 2001). A consonância, assim, refere-se à correspondência entre o que se percebe e o que se esperava perceber. No fundo, revela-se um valor-notícia relacionado com o que pode ser previsto ou desejado, servindo para o reconhecimento de uma ocorrência. Contudo, poderá, ainda, constituir-se como uma ferramenta para a construção de opiniões. Os debates ocorridos em Davos geram expectativas entre participantes e a imprensa.
- **Continuidade:** Algo pode estar nas notícias hoje, porque foi notícia ontem. No entanto, o que é que isso nos poderá querer dizer sobre o motivo pelo qual foi notícia em primeiro lugar? Sousa (2001) sugere que “os desenvolvimentos de acontecimentos já noticiados têm grandes probabilidades de se tornar notícia.” A continuidade do valor-notícia traduz-se em factos que se instalam a título de destaque na agenda mediática. O estudo de Vieira (2021) aponta para a importância da continuidade do valor-notícia ao abordar a cobertura jornalística dos movimentos independentes no Reino Unido após o Brexit. Em análise aos jornais *Expresso* e *The Guardian*, o pesquisador verificou que o periódico

português optou pelas peças difundidas pela agência *Lusa*, não ajustando a cobertura, pelo que seria classificada de pouco aprofundada. Em relação à Cimeira de Davos, a imprensa portuguesa destacou a importância da previsibilidade do evento.

- **Composição:** Como podemos saber o que se passava na mente do jornalista ao tomar uma determinada decisão? Sousa (2001, p. 40) defende que “quanto mais um acontecimento se enquadrar num noticiário tematicamente equilibrado, ou seja, num noticiário com espaço para diversos temas, mais probabilidades tem de se tornar notícia.” A estruturação de um noticiário reflete a necessidade de alcançar, através da diversidade temática, um equilíbrio na informação. O Fórum Económico Mundial, desde os primeiros anos, oferece temas diversos para a cobertura da imprensa, ainda que o eixo principal do evento seja o económico. Portanto, os demais subtemas derivam do eixo económico. E a reunião de 1977 é exemplo taxativo do posicionamento estratégico do FEM, ao ser patrocinada pela Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Económico (OCDE), tendo ocorrido, naquele ano, representantes de mais de 50 países. Também em 1977, sobressairia a presença de Vladimir Bukovsky, ex-dissidente político soviético, autor e ativista, que passou 12 anos preso, em campos de trabalhos forçados, tal como em tratamento forçado em hospitais psiquiátricos. Bukovsky desembarcou, na Suíça, algemado, vindo de Moscovo, e dirigiu-se imediatamente para Davos, onde discursou sobre a seguinte temática: “A ameaça mundial aos direitos civis e a responsabilidade dos líderes industriais.” O apelo de Bukovsky aos líderes empresariais ocidentais - para que não apoiassem financeiramente o regime soviético - alcançou uma grande repercussão mediática internacional. Com efeito, naquele ano, pelo menos, 1.000 (mil) participantes estiveram em Davos, de acordo com Schwab (2015).
- **Nações de elite e pessoas de elite:** Traquina (2007) especifica que as ações da elite, sejam elas de nações ou pessoas, têm maior importância do que a atividade comum. Assim, esse valor-notícia (nações de elite), traduz a forma como os *media* tendem a concentrar mais atenção nos países com maior poder de decisão económica, considerando serem estes que determinam o comportamento dos atores no espaço público. Sousa (2001, p. 40) afirma que “(...) Quanto mais proeminentes forem as pessoas envolvidas num acontecimento, mais hipóteses ele

tem de se tornar notícia.” A título de exemplo da identificação da consonância na cobertura mediática, encontra-se a investigação de Giffard e Rivenburgh (2000), a qual - através da cobertura das agências Associated Press, Reuters e Inter Press Service - analisou a imagem da Organização das Nações Unidas (ONU).

Entre outros resultados, os autores concluíram que os anfitriões ocidentais de seis cimeiras receberam uma cobertura muito mais positiva, ao invés do sucedido nos países em desenvolvimento. Um exemplo da atenção concedida aos decisores das políticas mundiais, presentes no evento, é consubstanciado no discurso do ex-secretário de estado norte-americano Colin L. Powell, em 2003, que afirmou ter, em apenas um dia da cimeira, encontrado diversos líderes, a quem foi concedido apoio político, económico e, sobretudo, militar, por parte dos Estados Unidos (Powell, 2003). Todos os anos, a cimeira atrai líderes das mais diversas esferas da sociedade, sendo que a presença é muito valorizada por jornalistas de todo o mundo, face à natureza humanista das ações encetadas. De resto, em 2011, foi lançada, oficialmente, a Rede de Resposta de Risco, um mecanismo cooperativo para avaliação e ação contra perigos para a humanidade, como, por exemplo, o terrorismo. Esta edição da Cimeira de Davos registou a presença de 2.500 participantes, sendo que 35 deles eram chefes de governo. Ainda naquele ano, todos os países do G-20 - o grupo das 20 maiores economias mundiais - enviaram representantes para Davos.

- **Negatividade:** Quanto mais um acontecimento se desvia para a negatividade, mais probabilidades tem de se tornar notícia (Sousa, 2001). Para este critério, Galtung e Ruge (1965) destacam uma inquietação antiga relativamente à sobreposição das notícias negativas, em comparação com as positivas, e explicam que, nesse caso, são as segundas (negativas) as que satisfazem os critérios de frequência: quem representa a imagem atual, quem apresenta o inesperado (por serem imprevisíveis) e, ainda, as que são inequívocas. Sobre a negatividade, Rozin e Royzman (2001, p. 297) defendem que “na maioria das situações, os eventos negativos são mais salientes, potentes, dominantes em combinações e geralmente mais eficazes do que os eventos positivos.”

Os autores ainda propuseram 4 (quatro) elementos de tendência da negatividade: 1) Potência negativa (um evento negativo é mais potente e saliente do que a sua contraparte positiva); 2) Grau negativo mais acentuado (um evento negativo cresce mais rapidamente em negatividade, à medida que viaja mais rápido no espaço ou no tempo do que os eventos

positivos); 3) Domínio da negatividade (a negatividade domina quando coisas boas e ruins ocorrem lado a lado e são inseparáveis) e 4) Diferenciação negativa (a cognição das pessoas é mais elaborada, complexa e sintonizada com a negatividade do que quando estimulada pelo positivo). Na avaliação de Damstra e Boukes (2021), existe assimetria na forma como os jornalistas reagem às questões económicas, com oferta de maior espaço às histórias negativas, enquanto que as positivas são negligenciadas.

Davos, ao agregar lideranças de todas as áreas da sociedade, é um fórum privilegiado para o debate de temas multidisciplinares. Por exemplo, a área da saúde, nos últimos anos, assume um carácter negativo, em função do impacto mundial da Covid-19, sob a lente dos jornalistas, como aponta Dutta (2021).

Impõe-se, ainda, explorar as questões associadas à noticiabilidade, desta feita, para citar o estudo de Alarcón (2010), relativamente à cobertura dos temas relacionados com a União Europeia em jornais de referência de Espanha, França e Reino Unido. E conclui-se serem as notícias negativas as mais predominantes no noticiário, uma escolha editorial, logicamente, contraproducente ao rumo do processo de integração europeia.

Galtung e Ruge (1965, p. 71) apresentaram três outras hipóteses - a Seleção; a Distorção e a Replicação - discriminadas da seguinte maneira:

1. Quantos mais eventos satisfizerem os critérios mencionados, maior será a probabilidade de serem eleitos como notícia (Seleção);
2. Uma vez selecionada uma notícia, o que a torna interessante, de acordo com os fatores de noticiabilidade, será acentuado (Distorção);
3. Tanto o processo de seleção, quanto o processo de distorção, ocorrerão em todas as etapas da cadeia, desde o evento até ao leitor em replicação (Replicação).

Seis décadas após a primeira publicação da obra dos noruegueses Galtung e Ruge (1965), a sistematização dos valores-notícia, proposta pelos pesquisadores, ainda permanece a fundamentação teórica de referência para o tema, como refere McQuail (1977). Não obstante, existem questões em aberto, sobre a eficácia da proposta da dupla norueguesa, como instiga o próprio McQuail (1977) - aponta limitações à lista, por estarem centradas na análise de crises eventuais. Vasterman (1995) fundamenta que a lista falha ao presumir haver um relato fidedigno das notícias, por parte dos profissionais de *media*, sendo que, na verdade, são os jornalistas que, em termos práticos, reconstroem essas mesmas notícias. O autor acrescenta, ainda, que as notícias não estão simplesmente ao alcance e

que, para além dos factos, os jornalistas, efetivamente, constroem declarações e contextos, ou seja, encetam uma reconstrução da realidade.

Também Wolf (2008) discorre sobre os valores-notícia e a noticiabilidade:

Constituída pelo conjunto de requisitos que se exigem dos acontecimentos - do ponto de vista da estrutura do trabalho nos órgãos de informação e do ponto de vista do profissionalismo dos jornalistas - para adquirirem a existência pública de notícias. Tudo o que não corresponde a esses requisitos é «excluído», por não ser adequado às rotinas produtivas e aos cânones da cultura profissional (Wolf, 2008, p. 195).

O autor alerta que, sem a aquisição do estatuto de notícia, um acontecimento perde-se entre a matéria-prima e o *media* que não o consegue transformar. Assim sendo, o pesquisador italiano afirma que a noticiabilidade representa o conjunto de critérios, operações e instrumentos, definidos pelos órgãos de comunicação social, para, na rotina produtiva, escolherem o facto eleito para ser transformado em notícia. Wolf (2008), um profundo estudioso da obra de Galtung e Ruge (1965), apresenta a sua própria lista de 5 (cinco) critérios de noticiabilidade: Critérios relativos ao Conteúdo (destacados pela importância e interesse das notícias); Critérios relativos ao Produto (relacionados com a disponibilidade das informações e com as características do produto informativo), Critérios relativos ao Meio, Critérios relativos ao Público e, por fim, Critérios relativos à Concorrência. (Wolf, 2008)

Wolf (2008) aponta que os valores-notícia não seguem uma classificação abstrata, teoricamente coerente e organizada:

Antes, a lógica de uma tipificação que tem por objetivo atingir fins práticos de uma forma programada e que se destina, acima de tudo, a tornar possível a repetibilidade de certos procedimentos. Por isso, os valores-notícia devem permitir que a seleção do material seja executada com rapidez, de um modo quase «automático», e que essa seleção se caracterize por um certo grau de flexibilidade e de comparação, seja defensável post mortem e, sobretudo, que não seja suscetível de demasiados impedimentos. É, por conseguinte, desviante representar-se o processo de seleção como uma escolha rápida, sem margens, pré-ordenada, vinculada a critérios fixos. Estes estão, seguramente, presentes - os valores-notícia e outros elementos produtivos - mas a sua importância é sempre complementar a uma avaliação complexa que procura individualizar um ponto de equilíbrio entre múltiplos fatores (Wolf, 2008, p. 200).

Tendo em conta os aspetos históricos, Wolf (2008) destaca que os valores-notícia mudam ao longo do tempo, por terem carácter dinâmico, ainda que com aspeto homogéneo dentro da cultura profissional.

Assuntos que, há alguns anos, simplesmente «não existiam», constituem atualmente, de uma forma geral, notícia, demonstrando a extensão gradual do número e do tipo de temas considerados noticiáveis. Alguns deles impuseram-se a ponto de determinarem uma cobertura informativa específica, sob a forma de rubricas, pareceres de especialistas, separatas especiais, etc. Um exemplo disso são as páginas culturais e dos espetáculos, cuja presença, atualmente qualificante, tem implicado, naturalmente, uma adaptação e uma extensão dos critérios de noticiabilidade para uma área que, anteriormente, não constituía notícia ou, pelo menos, não como nos nossos dias. (Wolf, 2008, p. 86).

De forma a ilustrar os critérios de noticiabilidade, Nelson Traquina (2007) sugere que o leque de valores-notícia é vasto e a paleta tem imensas cores. Em análise bibliográfica a diversos autores, o norte-americano lista como valores-notícia: a morte; a notoriedade; a proximidade; a relevância; a novidade; o tempo; a notabilidade; o inesperado; o conflito (ou controvérsia); a violência; a infração; a notabilidade; a disponibilidade; a visualidade; a concorrência (exclusividade); o dia noticioso; a amplificação; a relevância; a personificação; a dramatização; a consonância. Também outros estudiosos elaboraram listas próprias de valores-notícia, sendo que, entre tantos, citam-se: Golding e Elliott (1979); Shoemaker e Reese (1996) e Harcup e O'Neill (2016).

Sousa (2001) também oferece recursos para a categorização de valores-notícia:

(...) julgo poder dizer que a noticiabilidade, a seleção e a hierarquização informativa de acontecimentos e dados sobre esses acontecimentos passam por critérios que, em jeito de conclusão, parecem partilhar (a) influências pessoais (como as idiossincrasias de um jornalista), (b) um pendor social, sobretudo organizacional, por exemplo, relacionado com a postura social da organização noticiosa (como a inter-relação desta com os restantes *news media*), (c) um pendor ideológico, visível, por exemplo, no destaque noticioso dado às figuras-públicas do poder político e económico e (d) um pendor cultural, resultante das culturas profissional, de empresa e do meio (Sousa, 2001, p. 44).

Apesar das múltiplas listas para categorização dos valores-notícia, há um ponto de confluência a todas: a defesa dos interesses de rentabilidade inerentes ao setor dos *media*. Traquina (2007) defende que valores-notícia estão subordinados à política editorial do órgão de comunicação social. Já Sousa (2001) é enfático ao abordar o interesse maior que se sobrepõe aos fatores tradicionais que transformam um facto em notícia:

À luz da teoria dos usos e gratificações, poderia dizer-se que o ser humano tende a interessar-se pela informação jornalística que lhe proporciona algum proveito. Por isso, a relação evento-notícia será, necessariamente, baseada, pelo menos em parte, numa lógica comercial: A valorização ou desvalorização dos acontecimentos resultaria, portanto, parcialmente, da submissão da ocorrência à lógica discursivo-comercial dos *news media*. As notícias necessitam de seduzir para, num ambiente concorrencial, funcionarem como uma mais-valia para um determinado órgão de comunicação social. (Sousa, 2001; p. 43).

Outra avaliação de Traquina (2007), sobre a temática, aponta que os valores-notícia são básicos na cultura, mas as definições do que é notícia, enquanto regra do comportamento humano e institucional, estão inseridas no esboço da compreensão contemporânea do significado dos acontecimentos.

Se a teoria da noticiabilidade, assente nos valores-notícia, contribui para explicar os mecanismos de seleção noticiosa dos acontecimentos que se tornam notícia, a teoria do enquadramento (*framing*, em inglês) contribui para explicar os mecanismos discursivos usados pelos *media* para produzir sentido e gerar significado sobre os mesmos (Entman, 1993). É esse o comportamento imposto à rotina editorial: enfraquecer ou silenciar o que não é do interesse do responsável pela tentativa de construção da opinião pública (Wänke et al., 1995). Compreender e sistematizar os mecanismos de orientação da opinião pública e a interação noticiosa, entre recetor e os *media*, deram origem à teoria do enquadramento (Entman, 1993).

Desde que Goffman introduziu o conceito de análise de *frame* e Entman o aplicou à análise dos *media* de massa, os pesquisadores passaram a utilizá-lo para compreender como a imprensa escrita e outros meios de comunicação social apresentam as informações. Logo, o conceito de enquadramento é utilizado, enquanto ferramenta metodológica, para explicar a escolha e a definição da política editorial dos meios de

comunicação social. Trata-se de um conceito científico explorado, em múltiplas pesquisas, na área das ciências humanas, onde estão incluídas as Ciências da Informação e da Comunicação (Gradim, 2016). As pesquisas relativas ao enquadramento já eram associadas a Jean Piaget e, décadas e décadas mais tarde, através de Gregory Bateson, também começaram a surgir aplicadas nas Ciências Sociais e Humanas (Harries-Jones, 2016).

A teoria do enquadramento possibilita a compreensão sobre a construção do relato de um facto, sendo o paradigma que ajuda a processar as variações e ajustes do emissor, bem como as suas características cognitivas para a interpretação da realidade. Dito de outra forma, enquadrar é definir uma estratégia cognitiva destinada a interpretar e organizar a percepção da realidade social, com base na experiência ou definição do emissor. Quando as notícias chegam ao recetor, com base na teoria do enquadramento, refletem palavras e contextos selecionados para o condicionamento da reação (ler, opinião) sobre os eventos descritos (Goffman, 1956; Rosseto & Silva, 2012; Reis & Gadini, 2016; Potthoff, 2012; Gradim; 2016).

As pesquisas de Entman (1993) sugerem uma visão de reconstrução, por parte dos *media*, das causas do facto. Seria, assim, uma forma deliberada de induzir à interpretação moral de uma falha e instigar, implícita ou explicitamente, a uma solução para o tema apresentado. Por inerência, o autor acredita que são os *media* quem induz o público ao desenvolvimento dessas características cognitivas de interpretação.

Em matéria de desenvolvimento de características cognitivas de interpretação, Lippmann (2008) destaca a análise da formação da opinião pública e o papel dos *media* na sociedade. O investigador explorou a forma como as percepções e as opiniões das pessoas são moldadas não apenas por experiências diretas, mas também, e de maneira crucial, pelas informações que recebem dos meios de massa. Na tentativa de compreender o processo de formação de uma opinião, o autor sugere que a imprensa é responsável (e assim se coloca) por criá-la. Complementarmente, argumenta que os cidadãos não têm capacidade de entendimento real sobre o mundo, enquanto consequência de uma informação insuficiente dos *media*, o que torna a opinião pública, naturalmente, escassa (idem).

No enalço de aprofundar o estudo do enquadramento mediático, no presente trabalho, serão abraçadas, ainda, as pesquisas da portuguesa Anabela Gradim (2016), uma vez que dissecou, pormenorizadamente, o histórico do conceito de *framing*.

Os estudos de framing tiveram uma origem multifacetada, sendo apontados como precursores os trabalhos de Gregory Bateson sobre a esquizofrenia, de Erving Goffman sobre a interação estratégica, e de Berger e Luckmann sobre a construção social da realidade. Robert Entman apelidou-o de “paradigma fraturado” por implicar contributos de muitas áreas distintas, com destaque para a sociologia, mas também a retórica, a semiótica, a psicologia e a análise do discurso (Gradim; 2016, p. 29).

A investigadora discorre sobre a aplicabilidade dos estudos de *framing* para os *media*, nomeadamente o jornalismo, por representarem, relativamente às fontes, uma poderosa ferramenta de avaliação crítica para os profissionais do setor da informação. Ainda de acordo com a pesquisadora, Erving Goffman é apontado como precursor da teoria do enquadramento, a partir das publicações *Presentation of the self in everyday life* e *Frame analysis - an essay on the organization of experience*. Tais estudos, contudo, são remetidos à obra de Bateson pelo próprio Goffman (Gradim, 2016).

O próprio Goffman, porém, remete as origens do seu trabalho para a leitura de Bateson, “Steps to an Ecology of the Mind”, nomeadamente os estudos que este conduziu sobre a esquizofrenia e o jogo (*play*). Em “Para uma Teoria da Esquizofrenia”, ensaio incluído nos *Passos para uma Ecologia da Mente*, Bateson utiliza a Teoria dos Tipos Lógicos de Russel para analisar os processos comunicacionais dos doentes esquizofrénicos. Os estudos que efetua sugerem que a doença aparece em indivíduos submetidos repetidamente de “double bind” em relações significativas, por exemplo, com as mães. (Gradim, 2016, pp. 29-30).

Após explorar os estudos de Bateson, Gradim (2016) sublinha como o trabalho deste pesquisador inspirou os enquadramentos (*frames*) e os seus contextos enquanto elementos básicos da comunicação. Em Bateson, evidencia Gradim (2016), o *frame* ou moldura psicológica revela-se a tradução de um conjunto de mensagens ou ações significativas. A autora concluiu que a metodologia de Bateson assentava em partir da análise comunicacional para as aplicações psicoterapêuticas, enquanto instância de manipulação de enquadramentos, pois seria direcionada ao ajuste das disfunções cognitivas dos pacientes. Estes avanços científicos serviriam de inspiração aos estudos de Erving Goffman na conceção da elaboração da base teórica dos estudos de enquadramento. O livro *A Representação do Eu na Vida Quotidiana* (Goffman, 1956) representa para

Gradim (2016) a busca por diferenciar os aspetos abstratos que integram o *framework* de uma situação social. Afirma, ainda, que a diferenciação permite a aplicação a qualquer configuração social:

(...) adotando a perspetiva da “representação teatral” enformada por “princípios de ordem dramática”. Goffman utiliza a abordagem dramática, que considera constituir uma quinta perspetiva relativamente às perspetivas técnica, política, estrutural e cultural para abordar as interações sociais. Utilizará, pois, a metáfora ou linguagem dramática, daí falar em “atores”, “espetadores”, “práticas de rotina”, “papéis”, “desempenhos” conseguidos ou falhados, “indicadores de cena”, “bastidores”, “dramatização” (Gradim, 2016, p. 34).

Goffman (1974) entendia que o *frame* contribui-a para o recetor localizar, perceber, identificar e rotular os eventos quotidianos.

Gradim (2017, p. 22) entende que “*Frame* ou enquadramento pode definir-se como o conjunto de pistas, visuais ou linguísticas e conceptuais, que enformam o contexto de um objeto ou acontecimento.”

Ainda discorrendo sobre o conceito de enquadramento, é possível apontar que são as ideias organizacionais integradas que fornecem os contextos e são apresentadas via seleção, ênfase, exclusão e elaboração, ou seja, diagnosticam, avaliam e prescrevem. Para o jornalista, o enquadramento facilita a análise das notícias. E para o público, o enquadramento permite a compreensão das mesmas. O enquadramento corresponde aos interesses profissionais, ainda que estes estejam sujeitos a códigos deontológicos e a empresas de comunicação (Blanco-Herrero, 2019; Coca, 2016; Entman, 1993; Gradim, 2016; Muñiz, 2011).

Entman (1993) preconiza que a análise de enquadramentos objetiva quatro principais objetivos: definir problemas, diagnosticar um curso, fazer juízos de valor e sugerir soluções. O autor argumenta que enquadrar significa selecionar aspetos da realidade e torná-los mais salientes na comunicação, isto é, iluminar uns e, dualmente, obscurecer outros.

O *framing* essencialmente envolve seleção e saliência. Enquadrar é selecionar alguns aspetos de uma realidade percebida e torná-los mais salientes num texto comunicativo, de forma a promover

uma definição particular de um problema, uma interpretação causal, avaliação moral e/ou uma recomendação de tratamento para o item descrito (Entman, 1993, p. 52).

Suportados nesta conceptualização do pesquisador, reafirma-se o enquadramento como um processo de interação social passível de ser analisado, considerando quatro variáveis integrantes da produção de sentido: definir problemas, diagnosticar/ avaliar causas, fazer julgamentos morais e prescrever soluções. Entman (1993) defende que uma simples frase pode desempenhar mais do que uma destas funções de enquadramento. Passamos, assim, à construção de definições para as variáveis apresentadas:

- **O problema:** é a estrutura do conflito veiculada pelos meios de comunicação social ao público;
- **O diagnóstico:** interpreta os elementos responsáveis pelo problema;
- **O julgamento moral:** insere-se no espaço simbólico do recetor, enfatiza comportamentos e faz a distinção entre o negativo e o positivo;
- **A proposta de soluções:** atribui responsabilidades a atores que, na ótica dos *media*, poderão solucionar o problema.

Entman (1993) propõe que os quadros criados por elites políticas e jornalistas fluem em efeito cascata: começam com os formuladores de políticas e chegam até ao público em geral. As principais variantes da ativação em cascata, proposta por Entman, são as seguintes: a hierarquia da influência; o fluxo da informação; os formuladores de políticas; os jornalistas e meios de comunicação; os líderes de opinião; o público; o poder dos quadros; o processo de reiteração e contestação; o impacto no debate público.

A busca pela identificação dos enquadramentos mediáticos, utilizados na cobertura política e económica, é uma prática reiterada entre pesquisadores das áreas da informação e comunicação. Na língua portuguesa, há diversos pesquisadores a debruçarem-se sobre a temática.

Santos (2017) procurou analisar os processos de enquadramento nas coberturas dos escândalos bancários, nomeadamente, o caso do português Banco Espírito Santo (BES). O pesquisador validou que as notícias geradas para cobrirem o caso sofriam influências das ideologias dos jornalistas.

Fernandes (2017) analisou a cobertura noticiosa sobre o orçamento de Estado de 2011, 2012, e 2013, aquando do governo Passos-Portas, nas páginas dos periódicos *Jornal de*

Notícias e Público. Verificou-se que, embora fossem relatados os problemas, no entanto, não houve a apresentação de qualquer proposta de solução às medidas de austeridade empregues. A pesquisa revelou, ainda, a defesa das políticas governamentais, tal como a justificação das decisões dos atores políticos.

De Lima et al. (2017) procurou encontrar as semelhanças e diferenças da cobertura da COP 21 (Paris, 2015) nas versões norte-americana, brasileira e francesa do *site* The Huffington Post. Há evidências de um tom negativista, em relação à necessidade de mudanças climáticas, tendo por objetivo de induzir um efeito dramático no público, com ênfase na edição norte-americana.

O enquadramento mediático também foi utilizado para sustentar os estudos de Rizzoto, Antonelli e Ferracioli (2017), relativamente à análise da disputa partidária, entre o Partido dos Trabalhadores e o Partido da Social Democracia Brasileira, durante o pedido de *impeachment* da presidente Dilma Rousseff, nas páginas do jornal *Folha de S. Paulo*. No propósito de acentuar os enquadramentos, e a partir dos estudos de Entman (1993), os pesquisadores elaboraram diagramas.

Capítulo III – Metodologia

A presente pesquisa teve início com a definição da amostra das notícias referentes às Cimeiras de Davos, no período de 1990 a 2020, publicadas nos periódicos portugueses de referência *Expresso* e *Público*. Apresentam-se, seguidamente, as histórias dos dois periódicos pesquisados e a importância de ambos para a comunicação social portuguesa.

O período a que se refere a presente pesquisa inicia-se 16 anos após a queda da ditadura, momento de intensas mudanças políticas, sociais e tecnológicas em Portugal, que deixava para trás as limitações à liberdade de expressão e à pluralidade de opiniões (Sousa, 2022). Araújo (1985) e Sousa (2022) afirmaram que o fim da ditadura salazarista tinha conduzido o país a um novo paradigma, com novos jornais e revistas, a respirar a liberdade de imprensa. Era um tempo de transição, de consolidação da liberdade editorial, da introdução de novas tecnologias, como, por exemplo, os computadores e a impressão em offset. E, mais do que tudo, uma nova era de fortalecimento da formação académica em jornalismo e da deontologia da profissão.

A década de 1990 introduziu o conceito a globalização, deixando para trás o Portugal “orgulhosamente só”, novos tempos de integração europeia e de pensamento global. No fundo, etapas históricas que influenciaram e mudaram a cobertura jornalística, bem como a atuação dos meios de comunicação social portugueses (Araújo, 1985; Sousa, 2022).

Sousa (2022) preconiza que a história do jornalismo português revela uma contínua procura pela liberdade de imprensa e pela adaptação às mudanças tecnológicas e políticas. Logo, uma história de resistência, adaptação e constante busca pela verdade e pela liberdade de expressão. De resto, a Revolução dos Cravos representaria não apenas uma libertação política, mas também uma revolução na forma como a informação era disseminada e consumida em Portugal.

3.1. A história do *Expresso*

O *Expresso* foi fundado, por Francisco Pinto Balsemão, a 6 de janeiro de 1973, em plena ditadura. Sobre o *Expresso*, Sousa (2022) enquadra:

“Entretanto, a 6 de janeiro de 1973 saiu para as bancas o semanário *Expresso*, depois de dois números experimentais, datados de 18 e 30 de dezembro de 1972. Ainda hoje publicado, o *Expresso* foi congeminado por setores da chamada Ala Liberal (que mais tarde, após a Revolução de 1974, se aglutinariam no Partido Social-Democrata), encabeçados por Francisco Pinto Balsemão (um dos atuais “patrões” do setor mediático português), primeiro diretor do jornal. Marcelo Rebelo de Sousa era administrador-delegado e um dos comentadores da atualidade, redigindo uma coluna semanal de opinião (veio a ser diretor do jornal em 1980-1981). Sá Carneiro também escreveu no jornal. Aliás, o *Expresso* afirmou-se como jornal de opinião que ganhou a sua reputação pelo leque inolvidável de colaboradores, entre os quais futuros primeiros-ministros, como Sá Carneiro, Pinto Balsemão, António Guterres e Maria de Lurdes Pintassilgo, e um futuro Presidente da República, Marcelo Rebelo de Sousa (Sousa, 2022, p. 80).

O projeto mediático tornou-se, rapidamente, uma referência na imprensa lusa e consolidou os intentos da Ala Liberal. Sousa (2011) refere que, desde o seu início, o *Expresso* se destacou pela abordagem aprofundada e analítica das notícias, diferenciando-se dos demais jornais portugueses pela qualidade e pelo rigor das suas reportagens. O pesquisador, ainda, salienta que o periódico teve um papel fundamental na modernização do jornalismo em Portugal, introduzindo práticas jornalísticas inovadoras e um formato de publicação que combinava notícias, opinião e suplementos temáticos (idem).

Além da inovação, enquanto produto jornalístico, o *Expresso* inaugurou uma nova era de contraponto histórico, a qual marcou a adaptação às restrições impostas pelo regime ditatorial. A partir da Revolução dos Cravos, o *Expresso* assumiria a posição de voz influente, na esfera pública, contribuindo para o debate democrático e para a construção da opinião pública, num período de profundas transformações políticas e sociais. Sousa (2011) atesta que o *Expresso* foi pioneiro em várias frentes, incluindo a adoção de tecnologias digitais e a expansão para formatos multimédia, sempre mantendo o seu compromisso com o jornalismo de qualidade.

É da responsabilidade do *Expresso* o papel significativo na formação e desenvolvimento de muitos jornalistas notáveis em Portugal.

O periódico atuou como uma verdadeira escola de jornalismo, oferecendo um ambiente propício para a boa prática de um jornalismo rigoroso e ético.

Sousa (2008; 2022) evidencia as ações de Francisco Pinto Balsemão, em tempos de censura, inspirando a participação dos cidadãos portugueses no sufrágio de maneira clara, não de forma clandestina como o Avante.

O lançamento do semanário *Expresso*, em 1973, por setores da chamada Ala Liberal (que mais tarde, após a Revolução de 1974, se aglutinariam no Partido Social-Democrata), liderados por Francisco Pinto Balsemão (um dos atuais “patrões” do setor mediático português), provocou um forte abalo no autoritarismo do regime sobre a imprensa (a manchete do primeiro número do *Expresso* abordava, cirurgicamente, a temática dos portugueses que nunca tinham votado), o qual já se encontrava atacado por várias publicações clandestinas, como o jornal Avante, do Partido Comunista Português (Sousa, 2008, p. 61).

Balsemão, contudo, pese embora deputado da Ala Liberal, liderou um projeto que, à partida, rejeitou ligações aos poderes político e económico - sob a égide de estabelecer a liberdade de informação na inquirição ao regime - e procurou promover a defesa do direito de escolha da população, logo no primeiro número, como pode ser observado na figura 10:

Figura 10

Primeira capa do *Expresso* em 6 de janeiro de 1973



A independência política e económica traduzia a materialização do fim de um período de controlo da informação num Portugal ainda mergulhado na ideologia do Estado Novo. Convém, assim, dissecar os eventos precedentes à fundação do periódico. Um sucesso em poucas semanas, o *Expresso* não passou incólume à máquina da censura, rebatizada, eufemisticamente, de Exame Prévio (Rosa, 2014; Cavaco, 2014). Cavaco (2014) está entre as pesquisadoras que se debruçaram sobre o tema e retrataram a evolução dos mecanismos de censura, à liberdade de imprensa, durante o período ditatorial. Relativamente ao citado Exame Prévio, a pesquisadora revela:

Constituiu uma barreira ao funcionamento dos jornais, influenciando a sua produção e procura. Não permitia que os jornais pudessem satisfazer as necessidades informativas do seu público leitor. Por exemplo, a questão do Ultramar —que passava pelas várias opções de relacionamento

político, sociocultural e económico entre Portugal e as suas possessões ultramarinas— era um tema que interessava aos portugueses, desde logo porque a guerra colonial —iniciada em 1961 e desenvolvendo-se desde 1964 em três frentes de combate: Angola, Guiné e Moçambique, que lutavam pela independência— mobilizava parte substancial dos recursos materiais (em 1969, as despesas consagradas às forças armadas tinham um peso de 54,7% no orçamento) e de recursos humanos da metrópole (em 1973, correspondia a 6% da população ativa ou força de trabalho) (Cavaco, 2014, p. 44).

A pesquisadora atribui à questão ultramarina a queda do regime autoritário, justamente a temática para a qual os jornalistas estavam impedidos de colocar questões, formular críticas ou tudo o que não fosse abonatório ao poder político em exercício (Cavaco, 2014). A moralidade do Estado Novo era regulada através dos “lápiz azul”¹⁶ resultava em prejuízos materiais para os jornais e, concomitantemente, um enviesamento democrático para os leitores (em absoluto, alheios aos reais acontecimentos no ultramar). Cavaco (2014) afere a redução de novos projetos jornalísticos, desde 1936, é uma consequência direta da ação da designada Comissão da Censura. “Se entre 1910 e 1935 (em 25 anos) foram publicados 208 novos diários, entre 1936 e 1972 (em 36 anos) apenas se criaram 19 novos títulos.”

O próprio *Expresso* teve mais de 4 mil cortes (cf. Figura 11), em 4 mil textos, num universo de 68 (sessenta e oito) edições submetidas ao “lápiz azul” (Castanheira, 2009).

¹⁶ Em 1943, foi publicado o Decreto-lei n.º 33 015, com o objetivo de vigiar a atividade das empresas editoriais. Este diploma determinava no artigo 2.º: “sempre que se publique, edite, reedite, venda ou distribua qualquer escrito lesivo dos princípios fundamentais da organização da sociedade ou prejudicial à defesa dos fins superiores do Estado poderá o Ministro do Interior (...) ordenar que junto das empresas responsáveis, e à custa destas, funcionem delegados do Governo.”

Figura 11

Capa do *Expresso* submetida à censura



Suportada na nova Lei de Imprensa de 1972¹⁷, a história da comunicação social portuguesa escreve um novo capítulo, através da criação de uma nova empresa jornalística, o *Expresso*. E o deputado Balsemão, a partir do *Expresso*, reforça a sua influência, não só ao nível político, mas, principalmente, mediático (Cavaco, 2014; Rosa, 2014). Em sede de contexto políticas para a criação do jornal, Balsemão afirmou, em entrevista, a Rosa (2014):

¹⁷ O estatuto pode ser consultado em: <https://diariodarepublica.pt/dr/detalhe/decreto-lei/150-230564>

A ideia era: a censura está menos forte do que no tempo de Salazar. Isso era verdade, há que reconhecer isso em Marcelo Caetano. (...) Com a nova lei de imprensa (...) tornou-se mais fácil criar meios de comunicação, uma vez que até aí o diretor tinha de ser aprovado pelo governo, e deixou de ser. Eu fiz umas sondagens, para ver como é que o poder político reagiria. Não foram muito positivas, devo dizer, mas entendi que valia a pena arriscar (Rosa, 2014, p. 46).

Sousa classifica o nascimento do *Expresso* como “(...) um dos sintomas da modernização da imprensa portuguesa, apesar dos constrangimentos que o Estado Novo colocava à viabilidade de novos projetos jornalísticos (Sousa, 2022, p. 81).” O novo jornal chegava às bancas distribuído em dois cadernos. O primeiro subdividido entre as editorias de Nacional, Internacional, Opinião e Desporto. O segundo caderno composto pela edição da Revista.

(...) distinguiu-se pela publicação de matérias interpretadas e explicadas; pela opinião publicada, contando com cronistas e comentadores de diferentes quadrantes ideológicos; pelas sondagens; pelo privilégio que deu à política, à economia e ao internacional e pelas notícias e comentários desassombrados, que, obviamente, lhe garantiram problemas com a censura. Juan Luís Cebrián, futuro diretor do *El País*, era o correspondente do jornal em Madrid. Sinal do bom acolhimento que teve, em 1973 já tiraria 55 mil exemplares. O semanário nasceu com bases sólidas, alicerçando-se em modelos bem-sucedidos estrangeiros, casos dos jornais britânicos *Sunday Times*, *Observer* e *Sunday Sun*, onde estagiaram o chefe-de-redação e o editor de economia antes de assumirem funções no novo semanário português (Sousa, 2022, p. 81).

Balsemão revela, nas páginas do *Expresso*, um projeto baseado no modelo do jornalismo anglo-saxónico e desenhado para ser resiliente diante da censura. E, após o 25 de abril, um sobrevivente no mundo editorial português.

O modelo era o jornalismo anglo-saxónico, que não era praticado aqui. Os jornais ingleses, broadsheet, com notícia e opinião bem compartimentadas. Jornalismo de bolsa e negócios praticamente não existia e a parte cultural era mais leve. Aberta a novas correntes. E sondagens, nunca se tinham feito sondagens. A primeira página do *Expresso* era uma sondagem que dizia: 60% dos portugueses nunca votaram. (...) Acreditei naquele modelo. Mandámos duas pessoas para fora, o Augusto de Carvalho, chefe de redação, e o Fernando Ulrich, que trabalhou na secção económica. Tinha o pseudónimo de Vicente Marques e fazia a Bolsa, era novíssimo. Uns 19 anos.

E arranjei, através da embaixada da Inglaterra, uns estágios. O Expresso foi um sucesso a partir do número 1 (...). O pior foi em 75, quando ficámos sem receitas de publicidade.

Temi que o jornal acabasse. Antes disso, em fins de 73, estávamos castigados com provas de página individuais, a granel, complicadíssimo. Mandávamos e eles cortavam cinco linhas ou mais, e tínhamos de refazer a página por causa dos espaços em branco e voltar a mandá-la. O jornal fechava cada vez mais tarde por causa da Censura. Se não tivesse chegado o 25 de abril o jornal tinha acabado (Alves, 2013).

Não houve lugar a surpresa, na primeira capa após o 25 de Abril, quando o *Expresso* chega às ruas com o editorial de Balsemão a avaliar os resultados da Revolução dos Cravos (cf. Figura 12). O texto incide sob a reação popular, por fim, liberta da tutela do Estado Novo.

É raro um Governo de direita ser derrubado pelas suas próprias Forças Armadas. Em 25 de Abril de 1974 isso sucedeu em Portugal. Nas ruas, nos cafés, nos transportes coletivos, o ambiente é de alegria. O semblante normalmente triste dos portugueses resplandece com as perspetivas de «libertação do País do regime que há longo tempo o domina (Alves, 2013).

Figura 12

Primeira capa do Expresso após o 25 de Abril de 1974



Nascido com o propósito da rotura, o periódico não ficou aquém da modernidade e, como refere Garcia et al. (2018), regista, em 28 de janeiro de 1997, o domínio para o *website* do *Expresso*. A partir de 17 julho daquele ano, a edição começa a estar disponível *online*, ainda que com lançamento oficial só registado em outubro. Os pesquisadores explicitam que se tratou de disponibilizar, com acesso aberto na Internet, apenas de uma versão parcial da completa edição semanal em papel:

No final de 2000, arrancou uma “fase experimental” do *website* a que se daria o nome de *Expresso Online*. Um grupo de cerca de trinta jovens estagiários estava encarregado de fazer a atualização noticiosa do *website*. Em meados do ano seguinte, mais de metade destes jovens foi dispensada. A área da internet foi então integrada na redação do *Expresso*, e passou a privilegiar-se a informação semanal em detrimento da atualização noticiosa. Esta edição online começou a ter conteúdos pagos a partir de 2003 (Garcia et. al, 2018, p. 17).

Bastos (2011) afirmou que o *Expresso* foi o primeiro semanário português a estar presente na Internet. De facto, a experiência de julho de 1997 foi considerada um sucesso pelos utilizadores. A edição integral *online*, contudo, só foi colocada no ar em julho de 1998. Na atual configuração, o semanário é oferecido ao leitor subdividido em 3 (três) cadernos:

- **1º Caderno:** onde se destacam as notícias das últimas 24 horas, se analisam aprofundadamente os principais temas da atualidade e se apresentam os artigos de opinião dos jornalistas de referência e das principais personalidades da vida pública do país;
- **Revista E:** o local de eleição de entrevistas e destaques de perfis de personalidades de relevo, de edição de reportagens e investigações especiais, de chamada de atenção para atividades culturais, de alerta para as tendências do mundo e das pessoas, e de guia para o lazer e *lifestyle*;
- **Economia:** o espaço dedicado à economia e à política, nacional e internacional, incluindo, também, a informação mais recente dos setores do imobiliário e do emprego.

A notoriedade editorial do *Expresso* é reconhecida nas distinções recebidas, chegando, por duas vezes, ao prémio de “Melhor Design Editorial do Mundo”, como apontou o diretor de arte Marco Grieco. Tratou-se de um momento especial de comemoração e, por isso, vale destacar parte da notícia redigida por Grieco para anunciar, ao público, as distinções pelo trabalho na edição de 14 de dezembro de 2020¹⁸:

Desde o ano do seu relançamento, o jornal não parou de receber prémios e reconhecimentos em todos os principais concursos do género. O “Melhor Design da Península Ibérica”, o “Melhor Design da Península Ibérica + América Latina”, o “Melhor Design Editorial da Europa” – por duas vezes –, o “Melhor Design Editorial do Mundo” – também por duas vezes. Este ano, mesmo sem ter arrebatado o prémio principal da sua categoria, o *Expresso* voltou a ser lembrado e galardoado pelo júri dos European Newspaper Awards, com sede na Alemanha. Desta feita, foram outorgados 23 prémios ao Jornalismo Visual do semanário, em todas as suas vertentes, nas suas mais diversas plataformas. Fotografia, Infografia, Design, Multimédia (Grieco, 2020).

¹⁸ <https://expresso.pt/sociedade/2020-12-14-Expresso-uma-historia-visual-de-sucesso>

As páginas do *Expresso* diferenciam-se pela identidade visual, com fotos entre parágrafos e infográficos. Guedes (2023) explica que a evolução gráfica do periódico está na necessidade de bem comunicar e de transmitir credibilidade ao leitor.

(...) que terão de se consubstanciar num conceito de design editorial, sem dúvida, mas também de design gráfico. Um jornal é um objeto multidimensional. Até há bem pouco tempo teria mesmo de ser um objeto palpável, tridimensional, agora pode ser digital. Mas tem sempre uma forma visual e uma forma que se faz a partir do que lá se escreve. (...) Diz-nos a história que quando em 1972 Francisco Pinto Balsemão convida o designer gráfico português Vítor da Silva para fazer o design do que seria o *Expresso*, parte do briefing incluía o desejo de transmitir diferença e modernidade, a par de rigor e confiança (Guedes, 2023).

Guta Moura Guedes, especialista em design estratégico, infere que o design do *Expresso* era mesmo inovador e moderno para a época, garantindo a legibilidade e a qualidade estética diferenciadoras da identidade do periódico, nomeadamente, tendo em linha de conta as fortes limitações gráficas da época. O *Expresso* voltaria a inovar, em 2006, num novo projeto de modernização da identidade gráfica, através da conceptualização do designer carioca Marco Grieco, que ocuparia a direção de arte do jornal. Ainda, nesse mesmo ano, por decisão do espanhol Javier Errea, o jornal foi reduzido para formato alemão ou berliner. Nesse mesmo período, Mário Feliciano, designer de fontes tipográficas português, mudou a tipologia para reforçar a renovação do *Expresso* (cf. Figura 13).

Figura 13

Evolução do design gráfico do Expresso



O Fórum Económico Mundial de Davos na imprensa portuguesa de referência

Na configuração atual, conciliam-se gráficos e infográficos, de forma a estruturar a arte visual enquanto ferramenta informativa.

Figura 14

Infográfico inserido na edição especial Expresso 25 de Abril



Sousa (2001) recupera que foi a partir da década de 1980 e, com maior frequência, desde a Guerra do Golfo (1991), que a integração de imagens e texto, ou seja, os infográficos, começou a invadir os jornais.

Figura 15

Reportagem Premiada no Expresso em 2020



O *Expresso* explora o modelo de infográfico, de maneira consolidada, em todos os editoriais e, também na capa, como pode ser observado nas figuras 14 e 15.

3.2 Público: um projeto nascido do *Expresso*

No seio do *Expresso*, começa a ser idealizado, em 1998, o jornal *Público*, projeto que traria à luz do dia as ideias de Vicente Jorge Silva, após revelar o conceito ao empresário Belmiro de Azevedo, presidente do grupo Sonae. Antes, contudo, o *Expresso* rejeitara as intenções de Silva, que passou a contar com o que classificou como “núcleo duro” editorial, tendo na composição nove integrantes: Augusto M. Seabra, Henrique Cayatte, Joaquim Fidalgo, José Manuel Fernandes, José Queirós, José Vítor Malheiros e Nuno Pacheco.

(...) assinam uma nota intitulada "Despedida" [Vicente e Wemans], dizendo: "Entre nós e o *Expresso* criou-se uma relação profissional e afetiva cuja intensidade nos marcou profundamente — a nós e ao *Expresso*. Só um desafio apaixonante como aquele que agora nos espera, de abrir um espaço inovador na imprensa diária, justifica a decisão sempre dolorosa de partir. (Melo, 2021, p. 52).”

Chegaria, então, ao leitor, a 5 de março de 1990, um jornal em formato tabloide, impresso a cores, planeado para oferecer dois cadernos distintos: um em Lisboa e o outro no Porto.

As edições eram acompanhadas, também a cores, de cadernos diários, sendo eles: Economia (a circular às segundas-feiras), Leituras (reservado para as terças-feiras), Videodiscos (às quartas-feiras), Hoje e Amanhã (às quintas-feiras), Semana (às sextas-feiras), Jogos (aos sábados) e Magazine (a revista, a circular aos domingos). Hoje, o *Público* é, recorrentemente, definido como jornal de referência, identificado com “a formação e veiculação de opiniões das elites políticas, culturais e económicas” (Santos et al., 2016, p. 135).

O *Público* posicionou-se no mercado da imprensa diária pela cobertura extensiva e crítica de eventos nacionais e internacionais, diferenciando-se da concorrência através de uma abordagem mais analítica e menos sensacionalista. De acordo com Tavares e Sousa (2017), o diário desempenhou um papel crucial na transformação do panorama mediático português, ao introduzir novos padrões de rigor jornalístico e uma cobertura abrangente de temas nacionais e internacionais. A direção inicial do jornal, liderada por Vicente Jorge Silva, imprimiu uma linha jornalística inovadora que privilegiava a profundidade na análise dos acontecimentos e a diversidade de opiniões. Este enfoque trouxe ao *Público* um leitor fiel, composto maioritariamente por intelectuais e profissionais liberais que buscavam uma informação mais elaborada e criteriosa (Silva, 2013). Segundo Lopes e Santo (2016), ao longo dos anos, o *Público* tem sido um espaço vital para o debate público e para a disseminação de ideias, estimulando a formação de uma opinião pública mais informada e crítica.

Nas décadas seguintes, o *Público* enfrentou inúmeros desafios, incluindo a crise do setor da imprensa escrita e a migração do público para as plataformas digitais. Em resposta, o jornal investiu, significativamente, na sua presença *online*, tornando-se um dos primeiros jornais portugueses a lançar uma versão digital completa. Este movimento estratégico permitiu ao *Público* manter a relevância e atrair uma nova geração de leitores, adaptando-se às mudanças no consumo de notícias. A inovação digital incluiu não apenas a disponibilização de notícias em tempo real, mas também a criação de conteúdos multimédia e interativos, ampliando a experiência do usuário (Lopes e Santo, 2016).

Além de enfrentar os desafios económicos e tecnológicos, o *Público* teve de se adaptar a um cenário mediático em constante evolução. Nos últimos anos, o jornal tem apostado em novas formas de financiamento, como assinaturas digitais e parcerias com outras organizações, para garantir a sua sustentabilidade. A qualidade jornalística continua a ser um pilar fundamental, com uma equipa de redação que se mantém fiel aos princípios

fundadores de rigor e independência. Esta estratégia tem permitido ao *Público* manter-se como uma referência no panorama jornalístico português, contribuindo para o debate público e a formação da opinião pública (Rosa, 2014).

Conforme Rosa (2014), a influência do *Público* também sobressai no tratamento de questões políticas e económicas, com uma abordagem que combina análise detalhada e comentário. A autora menciona o impacto do jornal na cobertura de eventos cruciais, como as eleições ou as crises financeiras. Assim, o *Público* não apenas relatou a história contemporânea de Portugal, mas também, através de seu jornalismo comprometido e de investigação, ajudou a moldá-la. Se o *Expresso* emergia sob o controle estatal da imprensa, o *Público* já nascia sob o auspício da liberdade. Após uma série de números zero falhados, a primeira edição do *Público* é posta em circulação no dia 5 de março de 1990, na sequência de testes bem-sucedidos de impressão. E trazia na capa o título: “Cunhal: resistir até ao fim”, com uma foto do então líder do Partido Comunista Português (PCP), Álvaro Cunhal, conforme figura 16:

Figura 16

Primeira capa do Público em 5 de março de 1990



De acordo com o histórico do Público (2018), na primeira edição foram impressos 120 mil exemplares e que esgotaram na banca. As impressões, no entanto, sofreram uma queda drástica, ao longo dos anos, e chegaram a 61.024 exemplares em 2008, número ainda superior aos 24.877 em 2020, conforme dados da Associação Portuguesa para o Controlo da Tiragem e Circulação¹⁹ (APCT). Ainda conforme os dados desta entidade, a circulação paga caiu 23,8% entre 2008 e 2020, passando de 42.345 exemplares para 13.273. A situação evoluiu em 2023, de acordo com o próprio Público²⁰, quando o periódico foi o único generalista a apresentar crescimento na circulação paga, entregando 58.122 exemplares e representando um acréscimo de 0,9% em comparação com 2022.

¹⁹ Dados disponíveis por meio da hiperligação: <https://www.apct.pt/>

²⁰ Informação disponível em: <https://www.publico.pt/2024/03/01/sociedade/noticia/publico-unico-jornal-generalista-crescer-circulacao-total-paga-2023-2082152>

No tocante à queda de vendas em banca, o *Público* manteve a meta de levar ao leitor a informação da melhor forma, face às mudanças impostas pelo surgimento dos novos modelos de comunicação. Foi, somente, 17 anos depois da fundação, que o periódico impôs as primeiras reformulações gráficas e de design – datadas de 2007 e em sequência de um projeto iniciado em 2001. A apresentação das notícias sofreu influência do designer britânico Mark Porter, um perfil ligado à imposição de novos hábitos de leitura em suportes digitais, tais como o tablet e o smartphone. Neste contexto, a diretora de arte, Sónia Matos, coordenou duas reformulações no *Público*, sendo que perduraram entre 2007 e 2012. O objetivo assentava em acompanhar a rapidez das mudanças do mundo, atender às expectativas dos leitores e manter a profundidade e análise detalhada das notícias (Matos, 2013). Sobre a reformulação, Sónia Matos explica que:

Em 2012, o Público adotou um formato menor e mais prático, redesenhando secções como "Fugas" e "Ípsilon" para conferir-lhes identidades mais fortes e coerentes com o jornal principal. A secção 2 de domingo também foi modificada, utilizando papel brilhante para realçar fotografias e reportagens extensas. Essa reformulação visava eliminar a sensação de "déjà vu" na leitura de jornais impressos, removendo informações redundantes e focando na qualidade e profundidade do conteúdo. José Manuel Fernandes, ex-diretor do Público, explicou que a mudança do logótipo, concebida por Porter, simbolizava um olhar para o futuro dos jornais, ganhando reconhecimento com prémios como o The Best of Newspaper Design (Matos, 2013).

Ainda de acordo com a diretora de arte, o objetivo foi enfatizar que o jornalismo de qualidade deve explorar os múltiplos níveis da realidade, buscando uma profundidade analítica que vá além do superficial (Matos, 2013). A figura 17 aponta as diferenças de design do *Público* antes e depois da reformulação gráfica.

Figura 17

Evolução do modelo gráfico do Público



A exploração dos recursos visuais no *Público* acontece de maneira ampla na redação. As fotografias, por exemplo, são utilizadas de maneira a sintetizar a informação. Freire (2009) ressalta que a fotografia representou uma revolução visual na maneira de fazer jornais e, também, de ler:

O desenvolvimento das técnicas de reprodução de imagens fez com que o texto verbal passasse a conviver com os elementos não-verbais e a demandar uma nova forma de organização dos conteúdos, uma vez que cada uma destas matérias significantes dispõe de maneiras diferentes de se expressar. Aos poucos o design vai aparecendo como elemento integrador destas duas instâncias, surgindo também a necessidade do estabelecimento de regras de formação que potencializassem tal integração (Freire, 2009, p.303).

Erbolato (1981) já destacava a importância da fotografia no suporte jornal, isto é, um elemento essencial e imprescindível, entre títulos e textos, de forma a evitar um visual gráfico monótono. Sousa (2001) sugere que o fotojornalismo, atualmente, se encontra constringido nos temas, nos conteúdos e nas formas em virtude de convenções e rotinas passadas. O investigador aponta, ainda, que a fotografia jornalística não é apenas um mero complemento do texto, mas, antes, um elemento de valor intrínseco à informação visual - sendo capaz de despertar emoções e contextualizar factos de maneira que as palavras

nem sempre conseguem. A forma como esses constrangimentos são revelados pelo fotojornalismo no *Público*, por exemplo, consubstancia-se numa imagem muito simples, mas bem trabalhada, sobre o início do Euro em Portugal, na qual o velho escudo surge ofuscado pela entrada da nova moeda (cf. Figura 18).

Figura 18

Capa do *Público* para marcar o início do Euro e o fim do Escudo



Integrado na rotina de trabalho do *Público*, encontra-se uma combinação entre infográficos e fotografias. Como já referido, Sousa (2001) preconiza que o infográfico pode “coadjuvar na configuração do discurso jornalístico”. O recurso ao infográfico permite a ilustração das matérias e a sintetização da informação. E foi esse o modelo escolhido para a realização de um trabalho inédito até 2024, no *Público*, em 8 de março, data em que assinala o Dia Internacional da Mulher.

As questões de género são abordadas em, praticamente, todas as editorias do periódico. E facilitam ao leitor, desta forma, instrumentos para construir uma visão pessoal crítica, relativamente às diferenças entre homens e mulheres, tanto ao nível público, como corporativo. De resto, em consonância com posições já debeladas no Fórum Económico Mundial.

Para abordar o tema, através do recurso infográfico, o *Público* procurou demonstrar a representação das mulheres, expandindo as questões de género até às demais empresas, ao sistema político, à academia e às artes. É possível perceber o tom de autocrítica e revelação genuína, sobre as preocupações de género, no seguinte título: “Estes somos nós, um ano de poucas mulheres na capa do *Público*.” O jornal analisou um ano inteiro de capas (365), e, neste período, as mulheres estavam representadas em, apenas, cerca de 30%, em contraste com as 70% de capas impressas com figuras masculinas. Logo, o objetivo do jornal passou por apurar o número de mulheres protagonistas: figuras públicas, detentoras de cargos políticos (públicos ou empresariais), artistas ou figuras centrais de uma notícia e autoras de artigos de opinião. Os resultados demonstraram que a representação dos homens aconteceu através de 787 protagonistas, ao invés da representação feminina que, somente, ocorreu com 281 protagonistas. Uma parte do resultado visualiza-se na figura 19:

Figura 19

Infográfico do Público com as mulheres nas próprias capas



As secções do *Público*, em 2024, estão distribuídas da seguinte forma: Opinião, Política, Sociedade, Local, Mundo, Economia, Ciência e Ambiente, Cultura, Desporto, Tecnologia, Multimédia e Jornalismo de Dados. Também estão identificados as seguintes editorias: P2, P3, Azul, Fugas, Ímpar, Ípsilon, Público Brasil, Investigação Público, Leituras, Cinecartaz, Terroir, Ao vivo, Podcasts, Bartoon, Imobiliário e Estúdio P.

Referir que, atualmente, o jornal *Público* detém 1,38% ou 29.307 das ações da agência Lusa (Clube de Imprensa, 2018).

3.3. A seleção das peças

A construção da amostra foi sustentada na definição de Sousa (2002b) que define a notícia enquanto resultado de 7 (sete) forças de influência na rotina da produção jornalística: Força Pessoal, Força Social, Força Ideológica, Força Cultural, Força do Meio Físico, Força dos Dispositivos Tecnológicos e Força Histórica. É sob a análise das forças condicionadoras das notícias de Sousa (2022) que se procederá à compreensão das escolhas jornalísticas dos periódicos analisados.

Após eleição das escolhas jornalísticas (notícias assinadas ou reproduzidas por agências), foram aplicados os estudos de Bardin (2009) e Minayo e Sanches (1993). Da mesma forma que a identificação dos valores-notícia e a análise do enquadramento facilitam o conhecimento do texto e das escolhas jornalísticas, a pesquisa qualitativa revela-se, sob a lente do investigador, o instrumento apropriado para a seleção e o conhecimento da amostra. Flick (2009) discerne que uma pesquisa pode ser estruturada com base na abordagem de objeto ou na natureza da investigação, sendo, assim, dividida nas dimensões quantitativa ou qualitativa. Na abordagem quantitativa, são utilizadas explicações matemáticas e os modelos estatísticos. Na abordagem qualitativa, o foco assenta na interpretação da realidade social. A discussão epistemológica destas pesquisas, em determinados momentos históricos, retardou o progresso científico, uma vez que os pesquisadores eram dogmáticos ao argumentarem que se exigia escolher um dos métodos em detrimento do outro (idem).

Atualmente, no entanto, é corrente aceitar-se que “(...) existem problemas que podem ser investigados através de metodologia quantitativa e há outros que exigem abordagens diferentes e, conseqüentemente, uma metodologia de cunho qualitativo (Richardson, 2011, p.79).” Hoje, é frequente, no estudo científico, o uso de pesquisas que combinam

dados quantitativos com explicações qualitativas, tal como acontece com a presente tese de doutoramento. A abordagem quantitativa assenta na definição de indicadores e tendências, utilizando dados objetivos e representativos da realidade. O foco está na descrição numérica dos fenómenos observados, objetivando evitar a subjetividade. E, por consequência, o resultado de uma pesquisa deve ser capaz de fornecer informações quantificáveis. Esta abordagem tende a considerar que, do ponto de vista científico, são mais relevantes as explicações aplicáveis ao coletivo, valorizando-se a primazia dos números (Richardson, 2011).

Em resumo, a abordagem quantitativa utiliza a estatística enquanto ferramenta de base para a análise de dados e para a formulação de inferências, com base na viabilidade da amostra, a qual deve ser, suficientemente, grande para produzir dados quantitativos. Deste modo, a generalização revela-se a principal característica do método quantitativo (Minayo & Sanches, 1993).

Richardson (2011) alerta que a fragilidade da abordagem quantitativa reside, em certa medida, na sua propensão à generalização, que pode ser prejudicial sempre que se trate da validade interna. Neste sentido, o que a amostra indica é, frequentemente, assumido como válido para o todo, podendo ocultar-se determinadas singularidades. Todavia, a abordagem quantitativa é eficaz na validade externa, permitindo generalizações com elevado grau de confiabilidade. Portanto, é compreensível que as pesquisas quantitativas não sejam aplicáveis em todas as situações, mas, ainda assim, possibilitem a coleta e a sistematização de grandes volumes de dados.

Minayo e Sanches (1993) acreditam que a fiabilidade de um estudo quantitativo dependa não apenas do modelo estatístico empregue, mas, também, do planeamento, da variedade, da seleção das variáveis a serem consideradas, dos instrumentos de coleta de dados e das teorias utilizadas. Os dados estatísticos devem ser selecionados com base na teoria, obedecendo a uma intencionalidade epistemológica previamente estabelecida. É importante ressaltar que nem todas as informações passíveis de tradução estatística servirão ao propósito da pesquisa, pois o uso de dados irrelevantes conduzirá, inevitavelmente, a resultados irrelevantes.

Richardson (2011) critica o modelo quantitativo puro, que tende a promover uma visão essencialmente positivista da ciência, reduzindo a sua complexidade ao campo do observado e expresso em números. Além disso, o pesquisador observa: a separação dos

factos face aos seus contextos mais amplos; a ênfase no empirismo e na sua confirmação; a pressuposição de que os dados quantitativos são neutros, imparciais e objetivos; a conceção da ciência como um todo imparcial e não afetada por valores. No entanto, considerar que uma pesquisa estatística, ao ser imparcial e objetiva, pode levar à ignorância da realidade e do ponto de vista humano (os dados estatísticos corriam o risco de serem contaminados com valores e simbolismos da cognição humana).

A abordagem quantitativa desempenha um papel decisivo na identificação de padrões e tendências, além de contribuir para a compreensão da influência de características específicas na realidade, tanto de forma isolada, como de forma combinada. Este tipo de análise é, particularmente, valioso para a análise de textos em comunicação, onde a identificação dessas influências é crucial para conhecer aspetos da informação consumida pelo grande público.

Flick (2009) argumenta que a abordagem qualitativa serviu de metodologia de base na academia por muitos séculos, embora não fosse conhecida por esse nome até o século XIX, momento histórico em que ocorreram mudanças significativas no paradigma vigente. Teorias clássicas passaram por revisões ou foram substituídas, abrindo espaço para abordagens quantitativas, especialmente na área da biologia e ciências exatas. Além do mais, os avanços tecnológicos possibilitaram o uso de novas técnicas para coletar dados de amostras cada vez maiores, algo que era limitado antes das inovações revolucionárias, como a eletricidade e os softwares (para coleta e processamento de dados) e, mais recentemente, o advento do Big Data. Desta forma, as abordagens qualitativas evoluíram, em paralelo, com as abordagens quantitativas, focando o método indutivo e as características relacionadas com os comportamentos e as interpretações dos próprios sujeitos. Nesta perspetiva, há uma valorização da diversidade.

Richardson (2011) preconiza que os estudos qualitativos buscam aprofundar a compreensão de um fenómeno social, através de diversas técnicas, tais como as entrevistas em profundidade, a observação participante, a pesquisa e a análise de conteúdo. A abordagem qualitativa permite que os participantes expressem as suas perspetivas, em vez de serem apenas quantificados como dados estatísticos. De acordo com Richardson (2011), Karl Marx foi um dos pioneiros na integração de valores qualitativos na ciência, através do seu materialismo histórico e dialético. Ao desenvolver a sua teoria sobre a evolução das sociedades, Marx argumentou que o modo de produção

dos bens materiais influencia profundamente a vida social, tal como a política e intelectual.

Minayo e Sanches (1993) apontam a vasta gama de objetos nas ciências sociais, atribuindo tal facto à complexidade da linguagem e das subjetividades presentes nas relações sociais. Nesta linha de raciocínio, estas ciências são caracterizadas pela diversidade teórica, visto que, tanto o pesquisador quanto os sujeitos da pesquisa, todos são humanos. Desta feita, gera-se um foco de atenção ao investigador para preservar a sua neutralidade, embora se reconheça que a neutralidade absoluta em ciência não é, de todo, possível. A conclusão neste campo de pesquisa estabelece que todas as ciências são influenciadas por interesses e visões dos pesquisadores, cujas contribuições e efeitos vão para além das suas intenções originais.

A questão da ideologia, portanto, deve ser debatida desde a conceção do objeto de estudo até à conclusão da pesquisa. Minayo e Sanches (1993) argumentam que o objeto das ciências sociais e humanas é, essencialmente, qualitativo, pois a realidade social é rica em significados, sendo, indiscutivelmente, o palco dinâmico da vida individual e coletiva.

Assim sendo, a abordagem qualitativa, através dos seus métodos, contribui para a análise das particularidades de cada sociedade. E focando-se na exploração das opiniões e nas representações sociais, sobre a temática em análise, facilita aos pesquisadores a compreensão das realidades e dos contextos que não podem ser, totalmente, capturados por modelos estatísticos e padronizações numéricas.

Demo (1998) afirma que a abordagem qualitativa intenta conseguir uma formalização adequada, frente a uma realidade igualmente complexa. O investigador ressalvou a importância de uma consciência crítica, que reconheça tanto as potencialidades quanto as limitações da ciência, defendendo que a pesquisa qualitativa requer, ao pesquisador, um sólido fundamento teórico e discernimento.

Na pesquisa qualitativa, há diversas técnicas para organizar e analisar os dados, e uma delas é a Análise de Conteúdo, amplamente utilizada nas ciências sociais aplicadas. Esta técnica abrange uma série de procedimentos sistemáticos que objetam descrever o conteúdo expresso no processo de comunicação, seja pelo meio de falas ou textos. A análise de conteúdo gera o levantamento de indicadores - quantitativos ou não - que permitem, a partir dos dados coletados, inferir conhecimentos.

Inicialmente, reconhece-se que o principal objetivo da análise de conteúdo residiria na qualificação das experiências do sujeito, assim como as suas perceções sobre um determinado objeto e os seus fenómenos (Bardin, 2009). Todavia, esta técnica também pode ser utilizada para o aprofundamento de estudos quantitativos, isto é, adotando uma perspetiva mais matemática dessa abordagem. A principal característica funcional da análise de conteúdo assenta num conceito de simplicidade técnica e de fácil aplicação.

Operacionalmente, a Análise Temática de Conteúdo, conforme descrito por Minayo (2001), desdobra-se em 3 (três) etapas distintas: pré-análise, exploração do material ou codificação e tratamento dos resultados obtidos (interpretação). Na etapa da pré-análise, o processo envolve diversas atividades, incluindo a leitura flutuante, a constituição do *corpus* e a formulação e reformulação de hipóteses ou pressupostos. A leitura flutuante requer do pesquisador um contacto direto e imersivo com o material de campo, permitindo a emergência de relações entre as hipóteses ou os pressupostos iniciais, as hipóteses emergentes e as teorias relacionadas com o tema. De acordo com Oliveira (2008), a constituição do *corpus* refere-se à definição do universo a ser estudado, devendo atender a critérios de validade qualitativa, tais como exaustividade (cobertura total do texto), homogeneidade (clara distinção entre os temas a serem trabalhados), exclusividade (um mesmo elemento pertence apenas a uma categoria), objetividade (consistência nos resultados entre diferentes codificadores) e adequação ou pertinência (alinhamento com os objetivos do estudo). De resto, durante a pré-análise, o pesquisador realiza a formulação e reformulação de hipóteses: um processo que envolve revisitar a etapa exploratória, através de uma leitura detalhada do material, e a ratificação das questões iniciais. Por fim, na última fase da pré-análise, são desenvolvidos os indicadores que servirão de base científica para a interpretação final.

3.4. A definição da amostra

A leitura prévia das notícias ocorreu no arquivo físico da Biblioteca Municipal do Porto e nos sítios da Internet pertencentes ao *Expresso* e ao *Público*, o que permitiu selecionar as peças relacionadas, somente, com o Fórum Económico Mundial e o seu contraponto (FSM). Uma escolha assente sob o critério da observância ao carácter do texto informativo como forma de discurso e sob o critério da interpretação da realidade e das consequências de transformação social, a partir do momento histórico em que foi publicado, de acordo com Sousa (2001), Chaparro (2008), Medina (2001) e Seixas (2009).

No total geral, a pesquisa quantitativa, como o demonstra a tabela 1, apurou 210 (duzentas e dez) peças no *Expresso* e no *Público*: 156 (cento e cinquenta e seis) peças relativas ao Fórum Económico Mundial (47 no *Expresso* e 109 no *Público*) e 54 (cinquenta e quatro) peças, por contraponto, relativas ao Fórum Social Mundial (19 no *Expresso* e 35 no *Público*).

O termo notícia é explicitado na forma como a realidade é interpretada pelos meios, tendo esta definição concetual contemplado as dimensões éticas, culturais e sociais a partir da produção, disseminação e impacto, como referido nos estudos de Sousa (2001), Traquina (2004), Chaparro (2008) e Melo e Assis (2016). As notícias, segundo Sousa (2001), têm por principais características: o acontecimento discursivo; a dimensão ilocutória; a dimensão perlocutória; o carácter *hard news* (notícias duras em inglês) ou o carácter *soft news* (notícias leves em inglês). As notícias são, ainda, separadas por género e subdivididas, em Melo e Assis (2016), enquanto complementares e hegemónicos - critério escolhido para as observações necessárias ao presente estudo. Dos estudos de Melo e Assis (2016) foram, também, retiradas as definições dos géneros hegemónicos: os informativos (nota, notícia, reportagem e entrevista) e os opinativos (carta, crónica, editorial, coluna, resenha, caricatura, comentário e artigo).

No intuito de limitar o tamanho da amostra, foram definidos, como alvo da análise, textos categorizados da seguinte forma: notas, notícias, reportagens, entrevistas, artigos de opinião e editoriais. Uma vez concluída a categorização dos textos, procedeu-se à identificação das características das notícias, de forma a conhecer as fontes privilegiadas da informação e a autoria. E o mesmo procedimento foi aplicado, de novo, relativamente às fotografias analisadas. Em relação aos infográficos, objetou-se identificar o uso, ou não, desse género jornalístico ao retratar-se o tema escolhido. Seguidamente, foram escolhidas peças para a aplicação do segundo método de análise qualitativa, ou seja, a teoria do enquadramento.

Tabela 1*Total de peças jornalísticas selecionadas para amostra*

	Fórum Económico Mundial	Fórum Social Mundial
Expresso	47	19
Público	109	35
Total	156	54

Nota. Elaboração própria

A fase posterior foi marcada pela definição do *corpus* para a pesquisa qualitativa, limitando-se, assim, a um total de 30 peças. Esta escolha sustenta-se no facto da amostra qualitativa não carecer, necessariamente, de ser extensa para produzir resultados. A afirmação é suportada nos estudos de Marcuschi (2001) e Van Dijk (2008). Mateus (2003) infere que a análise qualitativa de um *corpus* menor tem o potencial de ser mais reveladora, em contraponto a uma superficial com um *corpus* mais extenso.

Nesta etapa, aplicaram-se os métodos qualitativos de análise sob uma estruturação prévia. Em primeiro lugar, seriam identificados os critérios de noticiabilidade, de acordo com as obras de Galtung e Ruge (1965), Sousa (2001) e Traquina (2004). Após a identificação dos critérios de noticiabilidade, efetuaram-se análises detalhadas para apurar os elementos textuais revelados e os trechos das peças onde foram localizados. Por fim, procedeu-se à identificação dos enquadramentos, isto é, a segunda metodologia empregue, em observância aos estudos de Goffman (1974). Adaptou-se a proposta de Entman (1993) e definiu-se o diagrama conducente à revelação do enquadramento (problema).

Na fase seguinte, ainda sob exploração quantitativa, constituiu-se a definição dos critérios de eleição das peças para a futura análise qualitativa. Logo, foram criados quadros e estabelecidas as categorias de informações em grelhas: editorial, género jornalístico, matéria assinada, matéria não assinada, matéria assinada por agência (identificando a

entidade), foto própria, foto sem assinatura, foto de agência (identificando a entidade), utilização de gráfico e total de peças selecionadas.

A eleição desta forma de seleção teve por finalidade a compreensão das escolhas jornalísticas dos jornais pesquisados, ainda que as peças publicadas não fossem de autoria própria - fatores que influenciam o enquadramento demonstrado. Para melhor visualizar os enquadramentos encontrados, no fim da análise de cada jornal, foram elaboradas tabelas.

No propósito do levantamento de dados, também foram analisadas da mesma maneira, mas em menor número, as matérias referentes ao Fórum Social Mundial, em virtude da interconexão com a cimeira económica alvo desta pesquisa, ou seja, o Fórum Económico Mundial. Esta decisão científica justifica-se em prol do fortalecimento da compreensão do tema escolhido, considerando-se ser o Fórum Social Mundial uma tentativa de contraponto à Cimeira de Davos, explicitando, desta forma, a dicotomia entre países ricos e pobres. Nas peças do Fórum Social Mundial, aplicaram-se os mesmos métodos de análise, a título comparativo, empregues na pesquisa deste estudo de caso sobre o Fórum Económico Mundial. Logicamente, o tamanho da amostra foi limitado a, apenas, 1 (um) exemplo de cada categoria, por não corresponder ao objetivo final do estudo.

Capítulo IV - O Fórum Económico Mundial na cobertura dos jornais *Expresso e Público*

A partir da exposição das categorias de análise e dos objetos de estudo, apresentam-se os resultados da presente investigação, no encaço da compreensão da evolução da cobertura noticiosa, relativamente ao Fórum Económico Mundial de Davos, entre 1990 e 2020, nos periódicos portugueses de referência, *Expresso e Público*.

As peças apuradas estão contabilizadas na já citada tabela 1, sendo, desta forma, possível aferir a diferença absoluta, entre as publicações do *Expresso* e do *Público*. E, assim sendo, torna-se viável a compreensão do interesse editorial contínuo para o tema.

A pesquisa encontrou diferentes resultados, em termos de proporção das peças jornalísticas, nos dois periódicos analisados. De acordo com o exposto na tabela 1, houve uma maior frequência de menções ao Fórum Económico Mundial no *Público*, por ser diário, em relação ao *Expresso*, um semanário, portanto. O *Público* ainda abordou um maior número de temas interrelacionados com a cimeira, nomeadamente, o Fórum Social Mundial.

Na tabela 2, verifica-se que, tanto o *Expresso* como o *Público*, concentraram a cobertura em 5 (cinco) géneros jornalísticos: artigo de opinião, editorial, infográfico, notícia e reportagem.

Tabela 2

Géneros jornalísticos encontrados numa seleção da amostra

Veículo	Artigo de Opinião	Editorial	Infográfico	Notícia	Reportagem
Expresso	17	05	02	44	03
Público	25	12	07	45	27
Total	42	17	09	89	30

Fonte: Elaboração própria

No recurso aos artigos de opinião, em plena abordagem às Cimeiras de Davos, tanto o *Expresso* como o *Público*, revelaram pontos de vista muito particulares, na interpretação do acontecimento, e enfatizaram a subjetividade enquanto forma de exercer influência sobre a opinião dos leitores. Nesta perspetiva, Sousa (2005) entende o artigo de opinião como peça de “natureza interpretativa, explicativa e/ ou persuasiva (...) assumidamente subjetivas e pessoais.” Ferin Cunha (1997) afere que a opinião, em forma de artigo, constitui-se como um espaço ideal de comunicação e com estatuto de independência.

No *Expresso*, a opinião, enquanto género jornalístico, sofreu mudanças ao longo dos anos, puro reflexo da modernização e adaptação às diversas realidades económicas enfrentadas pelo periódico (Figueiras, 2003). Hoje, a opinião, enquanto género jornalístico, encontra-se em secções específicas do periódico, com destaque para os temas integrantes da atualidade, e assinada por jornalistas ou outros convidados. Entre os exemplos de artigos de opinião encontrados no *Expresso*, em referência à Cimeira de Davos, destaca-se uma peça, publicada em 25.01.2020, e assinada por Daniel Oliveira.

Indignação Segura

Subitamente, hordas de comentadores e políticos escreviam coisas piores do que alguma vez eu tinha escrito sobre Ricardo Salgado. E, sendo eu um suposto “radical”, tinham sido muitas. Era sinal de que ele já não mandava. E, como já não mandava, deixei de escrever sobre ele. A cena regressa agora, em versão mais audaciosa, porque o dinheiro de Isabel dos Santos era demasiado novo para lhe esconder o rasto. Lá fora, com uma opinião pública menos atenta a Angola, o exercício de hipocrisia é fácil. A PwC está chocada porque foi enganada por quem lhe paga para isso mesmo. O Fórum de Davos está chocado porque tinha entre os convidados uma criminosa que se deixou apanhar. Portugal tenta indignar-se. Mas receber dinheiro roubado aos angolanos foi um imperativo nacional. As grandes empresas angolanas de Lisboa estão a abarrotar de políticos retirados. E Isabel entrou pela porta grande, de braço dado com a família Amorim.

Entre dezenas de tweets, Isabel dos Santos escreveu que a sua fortuna nasceu do seu carácter, inteligência, educação, capacidade de trabalho e perseverança. E lamentou um racismo que recorda a “era das colónias”. Depois de ser dona de um bar e passar por uma empresa a que o Estado deu a concessão do saneamento em Luanda, Isabel fundou, com 25 anos e na companhia da fina flor do regime, a maior empresa de telecomunicações do país, a quem o pai ofereceu a cobertura de todo o território, sem concurso público. Dez anos passados, estava em todo o lado onde se podia estar, incluindo em Portugal. Sempre à boleia. Acredita, como todos os milionários acreditam, que o enriquecimento precoce se deveu ao seu mérito. Mas José Eduardo dos Santos

explicou-o: “A acumulação primitiva do capital nos países ocidentais ocorreu há centenas de anos, e nessa altura as suas regras de jogo eram outras.

A acumulação primitiva de capital que tem lugar hoje em África deve ser adequada à nossa realidade.” O jargão marxista é um eufemismo para o roubo organizado por um Estado corrupto com vista à construção de uma elite económica num país onde o capitalismo desponta. Incluindo na elite a sua família, claro. Foi assim na Rússia, na China ou em África, onde as fortunas são demasiado recentes para o esquecermos. Isabel dos Santos foi fundadora de uma nova casta de capitalistas. Como foi apanhada pela mudança do poder em Angola, não chegou a tornar-se respeitável.

Isabel dos Santos foi um peão do mecanismo pelo qual o capitalismo internacional, com especial participação das antigas potências coloniais, encontra líderes corruptos locais para continuar a transferir riqueza e matérias-primas para o exterior, perpetuando a pobreza dos seus povos e a exploração externa dos seus recursos. No roubo como forma de fazer fortunas futuramente respeitáveis, no mito do mérito que essas fortunas sabem construir e na perpetuação de relações neocoloniais, Isabel dos Santos é a mais velha história do mundo. E é por isso que só os “radicais” gritavam que a rainha ia nua quando ela permitia que tantos se vestissem nos melhores alfaiates. Porque só os “radicais” acham que as coisas não têm de ser como sempre foram. Os outros só acham que podiam ser diferentes quando começam a mudar. O poder que atacam é o que já deixou de o ser. Como com Ricardo Salgado, regressaram para a indignação segura (Oliveira, 2020).

O *Público*, por sua vez, acumula menos período histórico, mas não menor importância na maneira como tratou o género jornalístico de opinião, desde o primeiro número, no denominado “Espaço Público”, onde se encontram subdivididas as cartas do leitor, o cartoon, e as rubricas fixas (Figueiras, 2003). Sempre que publica artigos de opinião, relativamente ao Fórum Económico Mundial, o *Público* dispensa a presença de decisores públicos, representantes da comunidade empresarial ou membros das ONG. É exemplo desta opção editorial do *Público*, um texto de Frederico Paiva, diretor de negócio da Samsung Portugal, datado de 15.02.2016.

Temos de falar sobre a Internet das Coisas

O futuro imediato exige uma proximidade nunca antes tentada entre as indústrias, as empresas tecnológicas, e os promotores de *software*.

O Fórum Económico Mundial de Davos, em janeiro, dedicou especial atenção à chamada “quarta revolução industrial” e à Internet das Coisas (“Internet of Things”). A mudança assenta nas tecnologias “tradicionais”, através de um conceito inédito, que vai ligar milhões de equipamentos eletrónicos entre si, em todo o mundo, num gigantesco universo de informação.

Na Suíça, os principais operadores mundiais anteciparam a transformação em curso, através da economia da robótica avançada e da inteligência artificial, em que o conhecimento e a especialização são determinantes.

As empresas do sector tecnológico têm a particular responsabilidade de responder de forma ativa a este desafio. A “Internet of Things” vai ser um instrumento potenciador da inteligência humana, cada vez mais necessária para criar riqueza na indústria, nos serviços, no entretenimento, em toda a economia e na sociedade.

A mudança já começou nas nossas casas, onde alguns equipamentos já “falam” uns com os outros, e há de estender-se a realidades mais alargadas, dando corpo ao conceito de Cidades Inteligentes (*Smart Cities*), em que um vasto conjunto de sensores ligados em rede vai gerir desde a recolha do lixo à eficiência da iluminação pública, passando pela informação interativa disponibilizada na rua, em ecrãs de alta-definição. Existem hoje 25 mil milhões de dispositivos ligados em todo o mundo, a cada momento, numa “fusão de dados” inédita na história da Humanidade. Mas esta nova revolução industrial, em que cada pessoa está ligada a centenas de equipamentos, em contínua atualização, representa para já um potencial a explorar e a descobrir. Estamos apenas no começo.

Nesse sentido, é obrigatória a interoperabilidade entre dispositivos “conectados”, que funcionem em plataformas abertas e permitam, a cada utilizador, criar o seu próprio ecossistema. O futuro imediato exige uma proximidade nunca antes tentada entre as indústrias, as empresas tecnológicas, e os promotores de *software*, para a concretização plena da “Internet of Things”. Esse é o grande desafio, mas também a nossa maior responsabilidade (Paiva, 2016).

O outro género jornalístico destacado na pesquisa é o editorial, definido por Traquina (2004) enquanto um meio de expressar a opinião institucional do órgão de comunicação social sobre temáticas de relevância. Entre os objetivos dos editoriais encontram-se a orientação da opinião pública, a influência sobre a perceção pública, a oferta de meios para interpretação, a divulgação da identidade do periódico e a tomada de postura. Marques de Melo (2010) enfatiza que o editorial traduz a forma do título assumir a própria ideologia, fora da redação imparcial nas secções de notícias.

Dada a importância das Cimeiras de Davos, os editoriais encontrados na amostra, ainda que em menor número que os demais géneros, são peças que demonstram expectativas relativamente às decisões relativas às discussões encetadas no Fórum Económico Mundial. A peça assinada por José Pedro Teixeira Fernandes, no *Público*, em 15.03.2020, após a finalização da cimeira, tendo por enquadramento a pandemia da Covid-19, é um exemplo taxativo.

O vírus que está a matar a globalização

Fronteiras fechadas, aeroportos quase vazios, circulação de pessoas drasticamente limitada a nível internacional e no interior das cidades, cadeias de abastecimento desarticuladas e lojas sem clientes ou encerradas. Estamos a viver uma desglobalização acelerada de consequências potencialmente desastrosas para a economia e o emprego. Não tenhamos ilusões. Não é uma questão de termos, ou não termos, simpatia pelas elites globalizadas, nacionais e internacionais, que gravitam à volta do Fórum Económico Mundial, as quais são os maiores beneficiários do sistema económico-social-político instituído nas últimas décadas. Mas uma desglobalização nestas circunstâncias — forçada pelo multiplicar de casos de um vírus potencialmente mortal e no meio do pânico social —, nunca irá corrigir as muitas assimetrias e injustiças da globalização. Muito pelo contrário, provavelmente irá acentuá-las, afetando, ainda mais, as partes da população já mais frágeis e desfavorecidas (Fernandes, 2020).

A análise aos editoriais dos jornais portugueses, enquanto o expressar da opinião e da influência política, revela a importância desse espaço na imprensa escrita. Segundo Cavaco (2014), durante os últimos anos do regime autoritário (1968-1974), a imprensa portuguesa enfrentou oportunidades e constrangimentos significativos, refletindo as tensões políticas da época. Este período viu os editoriais servirem como um meio para expressar, embora de forma controlada, as críticas ao regime, funcionando como uma válvula de escape para o descontentamento público. Assim, os editoriais não apenas informavam, mas também moldavam a opinião pública, desempenhando um papel crucial na comunicação política.

Figueiras (2003) explora como os editoriais dos jornais de referência portugueses, entre 1980 e 1991, funcionaram como plataformas para debates políticos e sociais. Os editoriais, segundo Figueiras, refletiam as mudanças na paisagem política portuguesa pós-Revolução dos Cravos, abordando temas como a transição para a democracia e as políticas económicas do governo. Esta função opinativa dos editoriais ajudou a consolidar a democracia, ao fornecer um espaço para a crítica construtiva e para o debate público. Além disso, a autora destaca que os editoriais serviram como um indicador das tendências políticas e das preocupações sociais emergentes.

No contexto contemporâneo, Mont'Alverne e Marques (2015) discutiram a influência política dos editoriais nos jornais brasileiros, um estudo que pode ser contrastado com o cenário português, para uma compreensão mais ampla. Em Portugal, como em muitos outros países, os editoriais continuam a ser uma ferramenta poderosa de comunicação

política. Ferin Cunha (1997) analisa como os editoriais de opinião, na imprensa portuguesa, refletem as relações entre Portugal e os outros países lusófonos. Os editoriais não apenas informam, mas, sobretudo, moldam perceções e atitudes, em relação às políticas externas, reforçando a identidade nacional e as relações diplomáticas. Estes estudos demonstram que, embora o formato e a função dos editoriais possam evoluir, a sua influência na formação da opinião pública e no debate político permanece significativa.

Quem foi Isabel? Exemplo de um editorial publicado, no *Expresso*, em 25. 01.2020, assinado por Ricardo Costa, Diretor de Informação da SIC.

De Davos, com amor

Cara Isabel, espero que se encontre bem. Temos imensa pena de não a termos cá, logo este ano em que incentivámos os nossos convidados a chegarem de comboio e a trocaram os *shuttles* por passeios a pé. Mas as circunstâncias falaram mais alto.

Nestes 50 anos, já tivemos escândalos e presenças embaraçosas, mas o momento que atravessa o capitalismo não nos permite repetir erros do passado. Acredite, foi com profundo pesar que a riscámos da lista de membros da Cimeira de Davos 2020.

Naturalmente, o patrocínio da sua Unitel continua a brilhar nas nossas paredes e sites. Sabemos que é uma operadora móvel ímpar em África. A forma como foi criada com ajuda familiar, as queixas sobre a retenção dos fabulosos dividendos anuais e as críticas de outros sócios dizem-nos pouco. Gostamos de olhar para a frente.

Fez bem em contratar uma empresa de lóbi de Washington. O que são €2 milhões para salvar a reputação?

Soubemos com agrado que contratou uma empresa de lóbi em Washington por €2 milhões. Parece muito, mas devemos ter em conta que a reputação não tem preço, e os sócios da Sonoran têm feito um trabalho excelente com Trump e com a reputação dos Governos afegão, saudita, congolês, entre outros nossos conhecidos. São boa gente!

Acredite, até se pode perder dinheiro, empresas, consultores e advogados. Mas a reputação é sempre recuperável. Por exemplo, tivemos cá a Carrie Lam, que tem passado um mau bocado no governo de Hong Kong. Já a deram como acabada vezes sem conta. Chamaram-lhe tudo, atiraram cocktails Molotov, fizeram manifestações intermináveis. Mas aí esteve ela, entre nós, a tentar que aqueles jovens a compreendam.

Agora temos que nos preocupar com os jovens, a ética e o futuro do planeta. São tempos novos. Este ano tivemos a mais jovem oradora de sempre, Greta Thunberg, e falámos muito de carbono.

Percebo que esteja desiludida com a PwC, a McKinsey, a Boston e os advogados que agora a largaram. No fundo, apenas estão a fazer o mesmo que Citigroup, Barclays, Santander, ING, Deutsche e tantos outros bancos lhe tinham feito no início da década. Os sectores regulados gostam de dar o exemplo...

Calculo que vá rumar a leste. Aproveite a Rússia, o Dubai e as praças financeiras de Singapura e Hong Kong. Há por lá advogados, consultores e bancos de primeira água. Faça um novo império a Oriente — o dos romanos durou mais mil anos que o original — e vá dando notícias. Cá a esperamos em dias melhores,

Cumprimentos,

O Espírito de Davos (Costa, 2020).

A publicação de informação sem a componente visual torna-se densa e pouco apelativa. É por essa razão que são empregues, conjuntamente com o texto, ferramentas como, por exemplo, a infografia, género explicado por Sousa (2001) enquanto importante processo de simplificar a informação, gerar atração visual e, ainda, atribuir clareza e precisão na transmissão de factos noticiosos. A combinação de elementos visuais e textuais, descrita por Sousa, contribui para a comunicação eficaz, método também explorado por Melo (2009), que traduz os infográficos como diretos, rápidos e versáteis. Cairo (2008) alerta que a infografia não deve estar sujeita apenas às questões visuais, mas precisa, sobretudo, do rigor jornalístico, inclusive, no que diz respeito aos aspetos deontológicos.

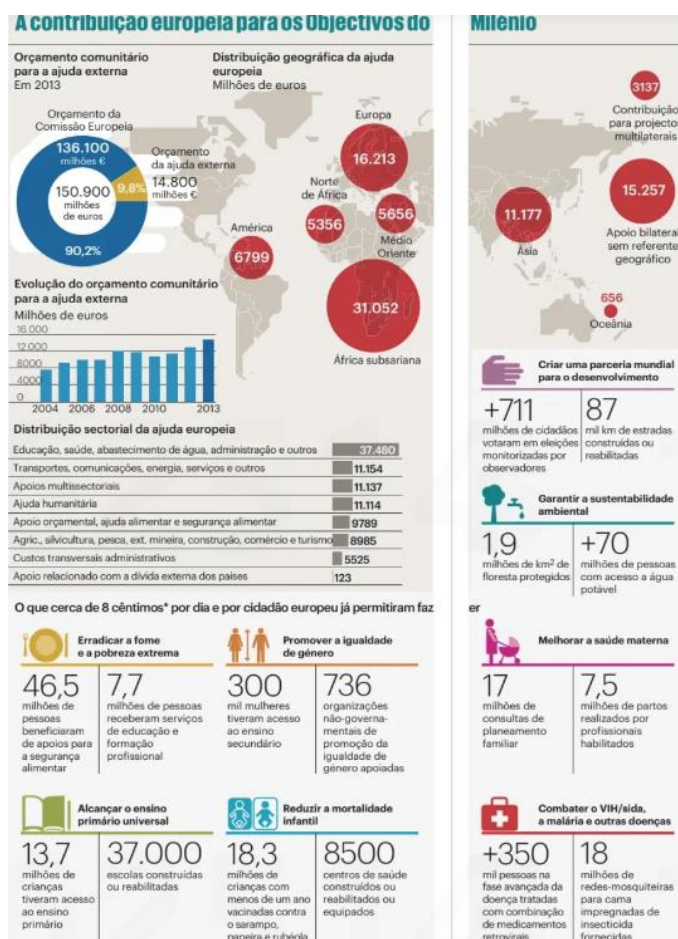
(...) a infografia é um ramo do jornalismo que usa a arte, tomando emprestadas ferramentas do design gráfico, da ilustração, da cartografia, da estatística e de muitas outras disciplinas. Pois o objetivo central da infografia não é fazer as páginas ou os sites mais atrativos, é comunicar informação de um jeito confiável e bem contrastado. A infografia não se pode definir pelas técnicas envolvidas na sua elaboração, mas pelas suas regras e pelos objetivos que persegue. Eles devem ser os mesmos que qualquer outra área do jornalismo: rigor, precisão, seriedade. E ética também (Cairo, 2008, p. 5).

Entre os exemplos da melhor prática jornalística, está o infográfico do Público (cf. Figura 20), por exemplo, onde se encontram descritas as contribuições europeias para os Objetivos do Milénio. A peça agrega informações demográficas, geográficas, dados a confrontar, tal como propõe soluções.

Face à complexidade da peça, convocamos em Teixeira (2010) uma provocação, sobre a inclusão da infografia nos cursos de Jornalismo, de forma a incrementar e a tornar ainda mais sólida a formação profissional.

Figura 20

Infográfico no Público em 22 de janeiro de 2015



A notícia é, por si só, um género jornalístico, multifacetado e moldado por contextos culturais. Harcup (2016) descreve a notícia como uma construção social, resultante de decisões editoriais, sobre o que é relevante e interessante para o público. John Hartley (1999) propõe que é este o género que organiza e dá sentido ao mundo. O próprio Hartley sugere que a notícia é um produto orientado pelo interesse público. Sousa (2001), por seu turno, refere a notícia como a apresentação de um acontecimento recente, de interesse e relevância pública, transmitida por meios de comunicação. Pelos estudos do mesmo autor, ficamos a conhecer que a notícia deve ser precisa, objetiva e clara.

Os exemplos apresentados, seguidamente, revelam que quer o *Expresso*, quer o *Público*, não prescindiram do género notícia para revelar ao público português os acontecidos ocorridos em Davos antes, durante e depois do Fórum Económico Mundial (cf. Figura 21).

Figura 21

Exemplo de notícia no *Expresso* em 24 de janeiro de 2015



Entre os exemplos do género notícia, encontrados na análise, destaca-se o material publicado nas páginas do *Público*, em 29.01.2010, na secção de Economia:

Figura 22

Exemplo de notícia no *Público* em 29 de janeiro de 2010

Líderes da Finança presentes em Davos preocupados com pressão sobre sector e aliviados com discurso de Obama

Ana Brito

Os mercados acionistas subiram numa primeira reacção ao discurso de Barack Obama perante o Congresso, depois de o Presidente dos Estados Unidos ter suavizado o tom das críticas contra o sector financeiro.

"O mercado provavelmente está aliviado que ele não tenha vindo com outro ataque nuclear contra Wall Street", afirmou em Davos um antigo banqueiro e actual conselheiro do grupo Blackstone, John Studzinski, citado pela Reuters.

Mas também há quem acuse o Presidente norte-americano de estar a levar a cabo "uma batalha populista contra os bancos" e de inclusive pôr em risco os pequenos bancos regionais, pois as contrapartidas exigidas pela ajuda estatal podem sair muito caras. "É demasiado arriscado para qualquer instituição ser apanhada

na rede de segurança do Governo, porque corre o risco de se tornar parte da retórica política", acusou o presidente executivo do banco de investimento Cantor Fitzgerald, Howard Lutnick, à margem do Fórum Económico Mundial.

E às críticas juntam-se as dúvidas daqueles que questionam se as medidas anunciadas pelo presidente norte-americano para regular o sector financeiro (como por exemplo a limitação do tamanho dos bancos e o impedimento destas realizarem determinadas operações de mercado) serão exequíveis e oportunas.

Entre eles está o magnata George Soros, que, por um lado, considera "insuficientes" as medidas apontadas pelos Estados Unidos, mas teme que a sua aplicação venha a ser prematura, numa fase em que as instituições ainda não recuperaram totalmente da crise. Muitos bancos também têm

Bosch corta com os bancos com mais bónus Industrial alemão "zangado" com más práticas

O presidente da Bosch, Franz Fehrenbach, recusa-se a fazer negócios com os bancos que maximizam os bónus dos seus gestores. "A indústria e outros clientes da banca... não têm de aceitar acriticamente a onnipotência dos grandes bancos", disse ontem, em entrevista ao *Financial Times*, o responsável pelo maior fornecedor mundial de componentes para o sector automóvel e um dos



maiores grupos industriais da Alemanha. "Vamos agir muito selectivamente. Vamo-nos abeter de fazer mais negócios com os bancos que pensam que o seu principal objectivo é maximizar os bónus", acrescentou o homem que é uma das vozes da indústria mais influentes na Alemanha, afirmando-se "muito zangado" com o comportamento de algumas instituições financeiras, uma crítica da qual exclui grandes instituições como o HSBC e o JP Morgan, por entender que mostraram prudência e responsabilidade nesta questão. L.F.

defendido que, se a proposta de limitar a dimensão dos grupos financeiros avançar, eles serão obrigados a demitir funcionários.

Soros acredita que o Governo norte-americano deverá esperar e consolidar a legislação, pois é importante "despolitizar" todas estas reformas.

No discurso anual sobre o estado da Nação, Barack Obama voltou a não poupar críticas à "insensatez" e às responsabilidades dos grandes bancos na crise financeira mundial, mas pôs a tónica na criação de emprego e no crescimento económico. "Não estou interessado em punir os bancos, estou interessado em proteger a nossa economia. Um mercado financeiro forte e saudável permite às empresas acederm ao crédito e criarem novos empregos e canaliza as poupanças das famílias para investimentos que fazem subir os rendimentos", sublinhou Obama.

Serrano (1999) defende, sob a ótica do género reportagem, ser necessário para o tratamento dos factos levar em conta: a profundidade de contexto, a investigação, a narrativa, a variedade de fontes, a imparcialidade, a objetividade, a extensão e a função educativa. Estas características confluem para levar até ao público a compreensão holística dos factos, bem como permitir a compreensão e a reflexão crítica. Sousa (2001) discrimina o que pode ser expectável no género reportagem:

Se a notícia é o género básico do jornalismo, a reportagem é o seu género nobre, o género jornalístico por excelência. O principal objetivo de uma reportagem é informar com profundidade e exaustividade, contando uma história. No meio jornalístico ouve-se frequentemente a expressão "uma reportagem é uma notícia vista à lupa". Mas, neste género, procura-se ainda que o leitor "viva" o acontecimento. Para o conseguir, a reportagem pode abrigo elementos da entrevista, da notícia, da crónica, dos artigos de opinião e de análise, etc. Desta perspectiva, pode considerar-se a reportagem um género jornalístico híbrido, que vai buscar elementos à observação direta, ao contacto com as fontes e à respetiva citação, à análise de dados quantitativos, a inquéritos, em suma, a tudo o que possa contribuir para elucidar o leitor (Sousa, 2001, p.259).

No caso do Fórum Económico Mundial, as reportagens foram recursos pouco explorados pelos periódicos *Expresso* e *Público*. Do total das 187 (cento e oitenta e sete) peças selecionadas da amostra, e constantes da tabela 2, houve pouco investimento para a

elaboração de material próprio. No intuito de observar os critérios científicos do presente capítulo, remeteram-se também exemplos de reportagens para os Anexos.

4.1. A autoria das peças jornalísticas

A partir das definições vertidas, foram escolhidas as peças assinadas por jornalistas, relativamente à abordagem adotada pelos jornais selecionados, para o tema. Também foram selecionadas peças de agências noticiosas, enquanto forma de compreensão das escolhas editoriais sobre o tema, em virtude do elevado número de peças nessa condição. Nesta fase, procedeu-se, ainda, à recolha das matérias utilizadas para a análise qualitativa.

O material selecionado permitiu verificar que os periódicos enviaram, enquanto financeiramente viável, correspondentes para a cimeira. Doravante, é expressivo o espaço ocupado pela reprodução do material enviado pelas agências noticiosas, nomeadamente, a Reuters (a principal representada internacional) e a Lusa, (agência nacional), como poderá ser observado na tabela 3. As agências internacionais assumiram a responsabilidade pela maior parte do conteúdo fotográfico, utilizado pelos jornais pesquisados, sendo raras as imagens de direitos próprios dos dois jornais alvo de estudo (cf. Tabela 3).

Em virtude da escolha de utilização primordial de agências noticiosas, pelos diários analisados, é possível compreender as limitações de recursos financeiros existentes na imprensa portuguesa. Esta condição económica da imprensa de referência portuguesa foi explorada por Jorge (2003), que analisou a utilização da agência estatal Lusa pelos *media*, como ferramenta de trabalho, e identificou o uso de representantes internacionais do género.

A maioria das vezes que a Lusa é citada é em unidades de redação que incluem declarações ou dados disponibilizados pela agência. 17% das unidades e redação são da autoria exclusiva da Lusa, ou seja, os textos da agência foram publicados na íntegra. (...) A imprensa generalista opta, maioritariamente, por integrar excertos das informações ou dados divulgados pela Lusa nas suas edições. Ou seja, as agências acabam por ser mais uma fonte a que os jornalistas e os jornais recorrem na altura de elaborar as notícias. Os jornalistas acabam por optar por construir notícias próprias, muitas vezes contactando outras fontes, cruzando informações, mas tendo como base declarações ou dados divulgados pela agência (Jorge, 2003, p.62).

A mesma autora (Jorge, 2003, p.61) aponta a utilização pela imprensa portuguesa de recursos disponibilizados por empresas de dimensão internacional (cf. Tabela 3), nomeadamente, a Reuters e a France-Presse (AFP).

Tabela 3

Autoria das peças jornalísticas encontradas numa seleção da amostra

	Assinada	S/Assinatura	Lusa	Reuters	AFP
Expresso	9	13	16	11	1
Público	56	16	18	03	1
Total	56	29	34	14	2

Nota. Elaboração própria

O recurso fotográfico teve destaque na cobertura dos jornais selecionados, ainda que a grande maioria fossem reproduções de agências noticiosas. Tanto o *Expresso*, como o *Público*, utilizaram fotografias para dimensionar a importância da Cimeira de Davos. Considerando-se o Fórum Económico Mundial um evento com a presença de personalidades de elevado prestígio mundial, verificou-se a exploração de fotografias de líderes globais, tal como do público presente ou nas imediações (cf. Tabela 4).

Sousa (1997) debruçou-se sobre os estudos da fotografia e destaca que esta é uma “atividade complexa, enquanto atividade de mediação simbólica, leva os recetores a consumirem determinadas representações da realidade”. No mesmo estudo, o autor refere-se ao serviço fotojornalístico da agência Lusa, pesquisa que contribuiu para a compreensão do porquê de a imprensa portuguesa recorrer aos seus serviços.

No campo fotojornalístico, o produto das agências noticiosas é específico, uma vez que se trata, geralmente, de um produto de profissionais para ser editado por outros profissionais, noutros órgãos de Comunicação Social que não a agência produtora, e até, normalmente, em vários desses órgãos ao mesmo tempo. Mas, ao contrário do que acontece com a informação escrita fornecida pela agência, que serve, frequentemente, para a elaboração de peças mais elaboradas, não se espera que o mesmo ocorra com as fotografias (embora o mesmo já não se passe com as legendas). Aliás, pode mesmo considerar-se um ato (pelo menos) de desrespeito para com o fotojornalista

reenquadrar ou manipular uma imagem deste sem autorização prévia, embora esta situação ocorra amiudamente. (Sousa. 1997, p 202)

Ainda segundo o autor (Sousa, 1997), “sendo o fotojornalismo de agência noticiosa um fotojornalismo destinado a satisfazer as necessidades quotidianas (...) é legítimo imaginar que o fotojornalismo praticado em agências que dominam a distribuição fotonoticiosa (...) corresponda aos critérios dominantes nessa zona.”

Tabela 4

Origem das fotografias encontradas numa seleção da amostra

	Assinada	S/ Ass.	Lusa	Reuters	AFP	AP	DR	RTP	Pixabay	EPA
Expresso	02	-	12	08	-	-	-	-	-	-
Público	12	02	15	47	10	10			01	07
Total	14	02	27	55	10	10	-	-	01	07

Nota: Elaboração própria

Entre os vários exemplos encontrados na pesquisa, encontra-se a foto clássica, utilizada para representar o Fórum Económico Mundial, e que inclui o logótipo da organização. O *Expresso* utiliza, em 2008, uma imagem da agência Reuters para demonstrar os participantes, mas sem nomeá-los, o que pode ser compreendido por meio da legenda: “No reino da incerteza”.

Figura 23

Ambiência do FEM no Expresso em 26 de janeiro de 2008



O *Público*, em 2010, publicava uma fotografia do empresário Bill Gates, com destaque para a legenda: “Poderosos em Davos”. A imagem é assinada pela agência Associated Press (AP).

Figura 24

Bill Gates no FEM no Expresso em 30 de janeiro de 2010



As fotos que indicam o poder dos participantes do evento estão entre as práticas reiteradas, tanto da imprensa, como do próprio relatório anual da cimeira. Há destaque para os decisores políticos e, através do uso da fotografia, gera-se a expectativa sobre as futuras declarações dos mesmos.

Em 2015, o *Público* utiliza uma fotografia da Reuters para revelar o discurso da ex-chanceler alemã, Angela Merkel, a mulher política mais poderosa da Europa naquele tempo (cf. Figura 25).

Figura 25

Angela Merkel no FEM no Público em 23 de janeiro de 2015



Se os políticos são os principais protagonistas na Cimeira de Davos, não é diferente o poder mediático de ativistas, como Greta Thunberg. A fotografia da Reuters indicia as expectativas da capacidade de mobilização que uma adolescente, com firmes convicções, pode ter, relativamente aos líderes e decisores das nações, num apelo às emergências climáticas (cf. Figura 26).

Figura 26

Greta Thunberg no FEM no Expresso em 21 de dezembro de 2019



Entre as categorias exploradas pelos jornais *Expresso* e *Público* reside a necessidade da realização de protestos contrários à natureza da Cimeira de Davos. Tal e qual os políticos e empresários, os ativistas também costumam ganhar destaque na imprensa, como é

verificado na fotografia da Associated Press (AP), publicada em 2003, no *Público* (cf. Figura 27).

Figura 27

Protestos ao FEM no Público em 20 de janeiro de 2003

FORTES MEDIDAS DE SEGURANÇA PARA RECEBER CHEFES DE ESTADO DE TODO O MUNDO

Suíça prepara Fórum Económico Mundial em Davos

PÚBLICO

20 de Janeiro de 2003, 12:03



A polícia suíça espera a realização de manifestações contra a globalização TOMAS MUNITA/AP

Em virtude do prestígio mediático dos participantes do FEM, há atenção redobrada à segurança pela organização do evento. E capta a máxima atenção da imprensa na edição de 2016 (cf. Figura 28).

Figura 28

Segurança reforçada em Davos no Público em 19 de janeiro de 2016



Encontro vai decorrer sob fortes medidas de segurança. AFP / FABRICE COFFRINI

O Fórum Económico Mundial de Davos na imprensa portuguesa de referência

A importância da Cimeira de Davos é revelada pela atenção a todo o tipo de lideranças, seja no campo político ou religioso. Seguem-se, as declarações do Papa Francisco e que foram reproduzidas, em 2020, pelo *Expresso*.

Figura 29

Papa Francisco no FEM no Expresso em 21 de janeiro de 2020

INTERNACIONAL

Papa pede aos participantes no Fórum de Davos que se concentrem nas pessoas e não nos lucros



Reuters

Há vozes poderosas em Davos, muito para além dos decisores políticos. As celebridades do cinema também marcam presença na cimeira, de forma a condicionar a agenda, na maioria das vezes, em favor das populações mais vulneráveis do globo. Entre vários exemplos está o da atriz norte-americana Angelina Jolie, cuja presença mereceu destaque nas páginas do *Público* em 2006. A foto original (Cf. Figura 30), apresentada nesta pesquisa, difere daquela divulgada pela cimeira, com a assinatura da France-Presse (AFP). Para abordar o tema, o *Público* optou pelo corte do marido da artista à época, o também ator Brad Pitt (cf. Figura 31).

Figura 30

O ex-casal “Brangelina” no FEM em 2006



Figura 31

Angelina Jolie no FEM no Público em 28 de janeiro de 2006



Por se tratar de uma cimeira de carácter económico, a maioria das peças recolhidas encontrava-se inserida nos editoriais de economia dos jornais analisados.

O Fórum Económico Mundial de Davos na imprensa portuguesa de referência

A distribuição editorial das peças foi, ainda, alvo de artigos opinativos, um género jornalístico explorado de maneira recorrente nos jornais pesquisados.

Houve um grande destaque atribuído pelos jornais às questões políticas, apontando-se a economia, enquanto um tema transversal para os decisores políticos presentes na cimeira, nomeadamente, chefes de estado ou representantes da banca.

É de ressaltar, na pesquisa, a utilização de artigos de opinião e editoriais que, de forma a complementar as matérias de agência ou próprias, ajudam a compreender o posicionamento dos jornais analisados relativamente ao Fórum Económico Mundial.

Gradim (2000, p.62) ajuda a compreender o porquê dessas escolhas, ao afirmar que os “leitores esperam que o seu jornal se pronuncie”.

O jornal não serve só para relatar de forma isenta factos e acontecimentos, pode e deve pronunciar-se sobre esses factos, tentando extrair deles o seu real significado, as relações que estabelecem com outros acontecimentos, e as consequências que poderão vir a ter na vida das pessoas – isto é atribuir-lhes uma dimensão radicalmente nova em relação ao tratamento noticioso: a dimensão de profundidade. Os leitores esperam que o seu jornal se pronuncie, num ou mais editoriais, sobre as grandes questões que agitam o mundo, o País ou a sua aldeia, e por isso um editorialista deve assumir desassombadamente essa tarefa – emitir opiniões e orientações rigorosas e fundamentadas, de preferência num texto curto e de leitura agradável (Gradim, 2000, p.62).

Considerando, ainda, a recorrência nos jornais pesquisados, são retomadas as considerações de Gradim (2000, p.8) sobre essa modalidade de escolha jornalística:

Com a publicação de textos de opinião visa-se proporcionar aos leitores análises e perspectivas diversificadas sobre factos de relevância social, contribuindo para a sua formação e para um alargamento, através da análise de colunistas credíveis e experientes, da perceção que estes têm dos fenómenos. Os artigos de opinião, que podem ser polémicos, servem ainda para lançar o debate público sobre as questões que abordam, promovendo o diálogo e o intercâmbio de ideias, e são por isso fundamentais à democracia e ao exercício de uma cidadania consciente e responsável. Aprende-se sempre com um bom colunista, goste-se ou não dos seus textos e opiniões. (Gradim, 2000, p.8).

A tabela 5 demonstra, ainda, a evolução do debate ao longo do tempo, devido às prioridades definidas pelos organizadores da cimeira. Os destaques jornalísticos estiveram presentes, também, nos editoriais de tecnologia e ciência.

De forma a simplificar a leitura, está indicada a palavra tecnologia na coluna que abrange, ainda, a ciência.

Tabela 5

Editorias utilizadas pelos jornais analisados na amostra

	Economia	Política	Cultura	Tecnologia	Mundo	Opinião	Sociedade
Expresso	19	02	-	06	14	08	-
Público	97	07	04	08	30	11	04
Total	116	09	04	14	44	19	04

Nota. Elaboração própria

Dada a natureza do Fórum Económico Mundial, as peças analisadas, na presente pesquisa, apontam que houve prioridade para as fontes oficiais, com destaque para os chefes de estado ou ministros de estado, representantes da banca, representantes de organismos internacionais e cientistas, em detrimento de representantes da comunidade.

No propósito de melhor analisar a questão, Brown et al. (1987) resgatam a perspectiva de Sigal (1973), o qual ressalta que as fontes utilizadas pelos jornalistas são influenciadas por 3 (três) fatores: a posição social do jornalista, a rotina organizacional e a convenção da autoridade.

No âmbito desta discussão, a última é de particular importância, pois a convenção da autoridade implica que quanto mais autoridade uma fonte possui, dentro de uma organização ou instituição, maior relevância será atribuída ao seu relato. Por outras palavras, ao recorrer a fontes oficiais, os jornalistas conferem maior credibilidade à notícia ou reportagem. E isso estabelece uma relação de interdependência entre jornalistas e fontes, onde os primeiros necessitam das segundas para produzir notícias e reportagens exclusivas, enquanto as segundas dependem dos primeiros para difundir determinadas mensagens ou perspectivas.

As fontes de informação jornalística desempenham um papel central na avaliação da qualidade do jornalismo e na vitalidade do espaço público, o qual é moldado pelos meios de comunicação social.

No âmbito da sociologia das fontes jornalísticas, as fontes ocupam uma posição central, no estudo dos conteúdos jornalísticos, em todas as fases do processo de construção da notícia - desde a origem até a disseminação.

Já Lopes (2016, p.180) aponta que as fontes de informação são “um vetor central para avaliar a qualidade do jornalismo”:

Convém perceber a forma como estas se apresentam, ou seja, se falam em nome próprio ou se são integradas num grupo. Assim, a classificação divide-se em duas categorias: - coletiva: a fonte citada apresenta-se na forma de um conjunto de pessoas ou documentos, como se fosse possível duas ou mais pessoas dizerem textualmente o mesmo. Exemplo: os juristas, os investigadores. Individual: a pessoa ou o documento são apresentados de forma singular. (Lopes, 2016, p.184).

As fontes citadas com maior frequência, e que estão discriminadas na tabela 6, tiveram, ainda, um destaque dado pelas agências de notícias, as quais serviram de ferramentas para os jornais analisados. Dessa maneira, as citações estiveram, principalmente, concentradas na reprodução dos discursos ocorridos em Davos. Sobre essa condição, Lopes (2016, p.185) pondera que a “escolha de uma fonte se faz, acima de tudo, pelo estatuto que apresenta (...). A este nível, o estatuto mais valorizado pelos jornalistas é aquele que reúne maior poder dentro de um determinado campo social.” E, assim, revela-se prioritária a seleção de fontes, que representam o maior número de pessoas ou instituições, tal como acontece com as Cimeiras de Davos em análise no decorrer da presente pesquisa.

Tabela 6*Fontes citadas na cobertura jornalística pelos jornais analisados na amostra*

	Expresso	Público
Presidentes de países	X	X
Ministros de Estado	X	X
Organismos internacionais	X	X
Ativistas	X	X
Economistas	X	X
Representantes da Banca	X	X
Artistas/ Atores/ Escritores	X	X
Total	N/A	N/A

Nota. Elaboração própria

Observando a tabela 7, é possível inferir que o *Público* dedicou uma atenção significativa ao assunto em questão, o que leva, mais uma vez, à questão da periodicidade, visto ser um jornal diário. A valorização do tema pelos periódicos analisados já era prevista, considerando-se a importância da cimeira (cf.: Tabela 6) e dos atores internacionais que atrai. É a presença nas capas e nos topos de página que evidenciam a importância atribuída ao tema retratado. No caso da Cimeira de Davos, a importância do evento e dos respetivos atores foi materializada pela presença recorrente nos espaços de maior destaque dos jornais analisados. Sem estar consciente, o leitor é induzido a dar importância ao tema, a partir de modelos gráficos construídos, apenas, para essa finalidade. Sobre a matéria, Santos (2005) descreve o significado da programação gráfica e como esta poderá estimular, persuadir e informar o público.

Tabela 7

Destaque jornalístico atribuído às peças selecionadas para a amostra

	Chamada de capa	Chamada/capa com foto	Matéria com foto	Matéria sem foto
Expresso	10	05	24	10
Público	38	11	60	52
Total	48	16	84	62

Nota. Elaboração própria

4.2. Os critérios de noticiabilidade identificados no jornal *Expresso*

Tendo em conta os dados revelados pela análise quantitativa, foi possível estabelecer as diretrizes para a análise qualitativa das peças jornalísticas escolhidas, o conteúdo publicado e a forma como o tema foi apresentado aos leitores. De momento, torna-se necessário reavivar certos aspetos mencionados na análise quantitativa, que são cruciais para avaliar, em termos qualitativos, os critérios de noticiabilidade adotados pelos periódicos escolhidos. Tal como verificado no enquadramento teórico, Sousa (2001) esclarece que esses critérios atuam como um método de organização das notícias. A partir dessa definição, torna-se possível identificar os critérios utilizados pelos jornais.

Ao longo da pesquisa, foi possível perceber a influência da Cimeira de Davos para a imprensa e, posteriormente, para o público português. E, assim, sucede porque o Fórum Económico Mundial atua como um meio de planeamento para o mercado (Garsten & Sörbom, 2018, p. 39) e, nesse racional, permaneceu, durante o período de pesquisa, como destaque nos periódicos analisados.

Apresentam-se, a partir de agora, os critérios de noticiabilidade identificados nas peças jornalísticas escolhidas. Para facilitar a compreensão dos critérios de escolha, nos jornais *Expresso* e *Público*, utilizar-se-ão tabelas individuais destinadas à análise de cada periódico. Iniciando-se pelo *Expresso*, são apresentados, na tabela 8, os exemplos de peças que demonstram as escolhas editoriais dos responsáveis pelo jornal. Dos 12 critérios de noticiabilidade propostos por Galtung e Ruge (1965), o *Expresso* percorreu a maioria.

Na cobertura dos jornais *Expresso* e *Público*, o critério notoriedade destacou-se entre as matérias selecionadas.

De acordo com Traquina (2004, p.108), a relevância é um importante critério de noticiabilidade, considerando-se que “responde à preocupação de informar o público sobre os acontecimentos que são importantes, porque têm impacto sobre a vida das pessoas”. E, observando essa premissa, o Fórum Económico Mundial cumpre os requisitos, visto tratar-se da cimeira que reúne líderes, empresários, representantes da banca e ativistas, entre muitos outros.

O critério de notoriedade foi revelado, de forma distinta, nas comparações entre as matérias referentes aos primeiros anos analisados e as mais recentes. Essa mudança reflete a prioridade da própria cimeira, uma vez que os organizadores estabeleceram os temas que acabaram por ser reproduzidos pela imprensa (cf. Tabela 8).

Tabela 8

Critérios de noticiabilidade identificados no jornal Expresso

	Pires de lima garante em Davos acordos políticos	Discute-se a crise, a Grécia, o aquecimento global	É inevitável um ataque nuclear terrorista
Notoriedade	X	X	X
Relevância	X	X	X
Pessoas/Países	X	X	X
Novidade	X	X	X
Proximidade	X	X	X
Negatividade	-	-	X
Total	N/A	N/A	N/A

Nota. Elaboração própria

Na edição número 2.204 (dois mil, duzentos e quatro), publicada em 24 de janeiro de 2015, o *Expresso* dedica uma notícia à presença do então ministro da economia português na cimeira, com o título “**Pires de Lima garante a Davos acordos políticos**”.

Na leitura da peça, foram identificados 7 (sete) critérios de noticiabilidade e que são, seguidamente, apresentados:

1. **Frequência e continuidade:** Pela peça do *Expresso*, o leitor é informado que é a segunda vez que Pires de Lima integra a Cimeira de Davos.
2. **Significância:** Ao longo de cinco parágrafos, o *Expresso* aponta para a importância da presença do representante português no evento. O critério significância é observado na frase “(...) responsáveis políticos e empresariais internacionais (Expresso, 2015)”.
3. **Proximidade:** o critério proximidade já é revelado no título: “Pires de Lima garante a Davos acordos políticos”. E atenção à participação do ministro nacional na cimeira.
4. **Consonância:** O Fórum Económico Mundial é um evento que ocorre desde 1971. E, de acordo à notícia do *Expresso*, tal como o critério frequência, a consonância pode ser observada, a partir da segunda participação, em dois anos, de Pires de Lima no evento.
5. **Nações de elite/ pessoas de elite:** A peça revela a agenda do ministro da Economia com interlocutores de diversos países para abordar a situação de Portugal. O critério de noticiabilidade nações de elite/ pessoas de elite pode ser encontrado através da afirmação: “Os seus interlocutores, diz Pires de Lima, sabem que Portugal saiu do programa de ajustamento e está a iniciar a recuperação e reconhecem a dimensão das reformas que fizemos (...) (Expresso, 2015).”
6. **Novidade:** Há, na peça, a referência ao encontro de Pires de Lima com líderes em Davos. Uma forma de tranquilizar o grande público, face à delicada situação financeira portuguesa. O critério de noticiabilidade designado de “novidade” é revelado através da afirmação: “Portugal deixou de ser uma preocupação (...) (Expresso, 2015).”
7. **Negatividade:** Ao longo de toda a peça são encontrados elementos textuais que apontam para o critério negatividade, ainda que o entrevistado, Pires de Lima, indique positividade relativamente à situação económica portuguesa. A negatividade é encontrada, em especial, para retratar dois países em específico, Espanha e Grécia, resumidas nas seguintes expressões: “um bocadinho sombrio”;

“estagnação económica”; “sentimento negativo”; “o problema da Europa”; “falta de investimento privado”.

Na edição do dia 20 de janeiro de 2020, o *Expresso* publica, no editorial de Economia, uma matéria com o título “**Fórum de Davos entre o apocalipse climático e um crescimento mundial medíocre**”. A análise da peça possibilitou a identificação de 9 (nove) critérios de noticiabilidade:

1. **Frequência e continuidade:** O critério frequência encontra-se localizado no subtítulo, com a indicação do histórico de edições da Cimeira de Davos, como ora se transcreve: “O Fórum Económico Mundial, realizado na pequena cidade alpina suíça, comemora este ano o seu 50º aniversário (Rodrigues, 2020).”
2. **Amplitude:** Na peça, o critério amplitude é satisfeito pela descrição do histórico da cimeira, a importância, as personagens presentes e agenda de eventos.
3. **Clareza ou falta de ambiguidade:** Esse critério de noticiabilidade é percebido a partir da comparação de informações, sobre o cenário geopolítico vivenciado, ao longo das cimeiras anteriores e das expectativas para o evento de 2020.
4. **Significância:** Na peça, a significância é revelada através da antecipação de anúncios económicos do Fundo Monetário Internacional sobre 16 países.
5. **Proximidade:** A proximidade é referida, a partir da explicitação do impacto da cimeira, através do recurso textual da expressão “meca da globalização”.
6. **Consonância:** O *Expresso* refere a data da cimeira e, ainda, as discussões agendadas, dissecando as respetivas personagens presentes, critério que satisfaz a consonância, porque auxilia o leitor a tomar conhecimento dos temas abordados.
7. **Composição:** O material apresentado pelo periódico mantém um equilíbrio entre discussões anteriores da cimeira, o cenário geopolítico desenhado pelos atores presentes, os possíveis anúncios previstos e, ainda, a previsão do roteiro dos encontros.
8. **Nações de elite/ pessoas de elite:** A importância da representação de decisores políticos revela-se através da nomeação das figuras de Donald Trump²¹, Angela

²¹Ex-presidente dos Estados Unidos da América.

Merkel²², Ángel Gurría²³, Bruno Le Maire²⁴, Emmanuel Macron, Steven Mnuchin²⁵, Olaf Scholz²⁶, Kristalina Georgieva²⁷, Christine Lagarde²⁸, Haruhiko Kuroda²⁹ e Greta Thunberg³⁰.

9. **Negatividade:** Os elementos textuais que apontam a negatividade foram encontrados, em todas as peças jornalísticas, através das expressões: “emergência”, “incerteza”, “crescimento mundial da economia muito modesto”, “carregado de riscos”, “tensões geopolíticas”, “grande crise”, “deriva protecionista”, “guerra comercial”, “situação crítica” e “crescimento mundial previsto em baixa”.

4.3. Os critérios de noticiabilidade identificados no jornal *Público*

As escolhas editoriais do *Público* não diferem muito das encetadas pelo *Expresso*. No diário, também foi possível encontrar 9 (nove) dos 12 (doze) critérios de noticiabilidade, que integram a proposta de Galtung e Ruge (1965). Foram analisados, ainda, os critérios sugeridos por Traquina (2004).

²² Ex-primeira-ministra da Alemanha.

²³ Secretário-geral da OCDE.

²⁴ Então ministro da Economia de França.

²⁵ Secretário do Tesouro dos EUA.

²⁶ Então ministro das Finanças da Alemanha.

²⁷ Diretora-geral do Fundo Monetário Internacional.

²⁸ Presidente do Banco Central Europeu.

²⁹ Governador do Banco do Japão.

³⁰ Ativista ambiental.

Tabela 9*Critérios de noticiabilidade identificados no jornal Público*

	Líderes mundiais alertam para risco da crise alimentar	Do que falou a elite em Davos
Notoriedade	X	X
Relevância	X	X
Pessoas/Países	X	X
Novidade		
Proximidade	X	X
Violência		
Morte <i>(terrorismo e fome)</i>	X	X
Total	N/A	N/A

Nota. Elaboração própria

O *Público*, em 28 de janeiro de 2011, divulga uma peça a analisar a crise alimentar mundial e o comportamento dos líderes e decisores políticos presentes no Fórum Económico Mundial, com o título “**Líderes mundiais alertam para riscos de crise alimentar**”. A peça é publicada, no editorial de Economia, em nove parágrafos, os quais possibilitaram a identificação de 9 (nove) critérios de noticiabilidade. A saber:

1. **Frequência e continuidade:** O critério frequência é revelado a partir do agendamento da cimeira, como é possível identificar já no segundo parágrafo do material com a frase indicativa: “Ontem, em Davos, no segundo dia do encontro mundial organizado pelo Fórum Económico Mundial (...) (Sérgio, 2011).” O mesmo elemento textual ajuda a observar o critério continuidade.
2. **Amplitude:** Na peça, é possível identificar o contexto do tema fome, com o anúncio de expectativas e previsões sobre o mercado mundial de alimentos.
3. **Clareza ou falta de ambiguidade:** A clareza, como critério de noticiabilidade, é percebida com a citação de cinco fontes informativas e as respetivas declarações

sobre o tema proposto. As fontes informativas são de amplo espectro de interesse: líderes mundiais, representantes do comércio e representantes de empresários.

4. **Significância:** Ao tratar sobre a fome, como ameaça mundial, a peça atende ao critério significância, devido ao raio de influência do tema proposto.
5. **Proximidade:** Na peça, é possível identificar a influência do tema, a partir da análise do ponto de vista dos países emergentes, das grandes potências económicas, do mercado de matérias-primas e da distribuição. Tratam-se de elementos que atendem ao critério proximidade, dada a abrangência temática. E também se relaciona a crise alimentar com o processo de reestruturação da dívida portuguesa.
6. **Consonância:** O Fórum Económico Mundial é um evento planeado, observando, portando, o critério consonância. O *Público* atenta ao acompanhamento dos encontros da cimeira, bem como à participação dos respetivos atores durante os dias do encontro.
7. **Composição:** A notícia é alimentada por declarações de decisores políticos e empresários, permitindo a compreensão dos diferentes pontos de vista sobre o tema fome, escolha editorial que aponta o critério da composição.
8. **Nações de elite/pessoas de elite:** No material são descritos discursos e declarações de três decisores políticos (Nikolas Sarkozy³¹, Susilo Yudhoyono³², Ngozi Okonjo-Iweala³³ e Pascal Lamy³⁴). Traz, ainda, declarações de líderes de conglomerados empresariais ao nível mundial.
9. **Negatividade:** A notícia é construída com base em análises e previsões sobre o agravamento de uma crise alimentar, as suas causas e possíveis consequências. Tais escolhas editoriais apontam para o critério negatividade, constatado através das expressões: “crise no mercado”, “riscos que o mundo enfrenta”, “escalada de preços”, “preços dos alimentos atingiram máximos históricos”, “guerra económica”, “conflito”, “especulação”, “volatilidade do mercado”, “movimentos especulativos”, “excesso de regulação”, “aposta excessiva na regulação”,

³¹ Então presidente da França.

³² Então presidente da Indonésia.

³³ Então representante do Banco Mundial.

³⁴ Então diretor-geral da Organização Mundial do Comércio.

“aumento de taxas”, “espiral inflacionista”, “crise alimentar”, “cenário de sérias dificuldades para a moeda única e os seus membros”.

Na edição do dia 29 de junho de 2006, o *Público* dedica uma página inteira, na coluna Destaque, sob o título: “**Do que falou a elite em Davos**”. O propósito residia em publicar um balanço sobre as principais discussões no Fórum Económico Mundial. E as fotografias distribuídas ao longo da página, inteiramente, dedicada ao evento. A saber:

1. **Frequência e continuidade:** Faz-se, na peça jornalística, um balanço da 36^a reunião anual do Fórum, o que sugere ter havido um acompanhamento presencial durante todo o período de realização do evento. E, ainda, ressalta discursos e declarações de líderes políticos, decisores políticos e representantes do setor empresarial ao longo da cimeira. Pela avaliação destes fatores, é possível afirmar que a peça é um exemplo do enquadramento noticioso frequência.
2. **Amplitude:** O enquadramento amplitude é identificado já no subtítulo da peça jornalística, onde são descritas as dimensões do evento, a influência, o prestígio dos atores presentes e as consequências das discussões desenvolvidas:

As reuniões anuais do Fórum Económico Mundial servem como uma espécie de clube de debate das elites política e financeira globais. Não produzem decisões normativas. Não têm poderes formais. Mas são um barómetro do que preocupa os principais líderes de governos e grandes empresas. Este ano, os 2300 potentados reunidos em Davos falaram do impacto da emergência da China e da Índia, mas também do preço do petróleo, da liberalização do comércio, da sida – e do poder da criatividade. (*Público*, 2006).

3. **Clareza ou falta de ambiguidade:** Embora a proposta da coluna esteja centralizada na discussão de sete temas (imperativo criativo, tuberculose, sida, petróleo, comércio, política e confiança global), é possível ao leitor verificar o teor das discussões, na reunião de Davos, de maneira clara. Uma preocupação editorial inerente ao critério de noticiabilidade clareza.
4. **Significância:** A variedade de temas propostos e as respetivas informações, sobre cada um deles, ajuda a encaixar a peça no critério significância.
5. **Proximidade:** Quando reproduz discussões sobre os grandes temas (saúde, economia e política), as escolhas editoriais reveladas, na peça, apontam para o critério de proximidade.

6. **Consonância:** Ao leitor é possível, através da peça, compreender a importância e a abrangência do Fórum Económico Mundial, a partir de citações de discursos e do estudo da empresa Globe Scan. Este documento é encomendado pela organização da cimeira e divulgado de dois em dois anos. O referido estudo, explicita a notícia, interrogou mais de 20 mil pessoas, em 20 países, sobre o grau de confiança nos governos nacionais, nas empresas, nas ONG e nas Nações Unidas. Os elementos encontrados, nas peças textuais, apontam para a escolha do critério consonância na elaboração da peça jornalística.
7. **Nações/ pessoas de elite:** Os atores identificados têm influência sobre todos os temas citados na peça jornalística, sejam eles públicos ou privados. No texto, estão reproduzidas as declarações de Klaus Schwab (fundador do Fórum Económico Mundial); Marissa Mayer (então vice-presidente da Google); Kofi Annan (então secretário-geral da ONU); Bill Gates (então CEO da Microsoft); Bono Vox (músico e vocalista da banda U2); Olusegun Obasanjo (então presidente da Nigéria); Gordon Brown (então ministro britânico das Finanças); Edmund Daukoru (então presidente da Organização de Países Exportadores de Petróleo), Peter Mandelson (então comissário europeu para o Comércio); Condoleezza Rice (então secretária de Estado norte-americana) e Angela Merkel (então chanceler alemã).
8. **Negatividade:** Embora a peça apresente a proposta de análise de bons ventos sobre a economia e a saúde, o tom é negativo, satisfazendo o critério de noticiabilidade negatividade, como pode ser comprovado pelas expressões: “decisões não adequadas”, “não estamos a ganhar a guerra contra a sida”, “cenários de risco”, “não posso garantir os preços”, “declínio generalizado da confiança” e “queda brutal de confiança”.

4.4. Os enquadramentos noticiosos revelados pelo jornal *Expresso*

Devido à natureza reservada do Fórum Económico de Davos, os enquadramentos noticiosos dos jornais, *Expresso* e *Público*, seguem as propostas da agenda do evento, tanto pelo cartaz, como pelos relatórios apresentados, de maneira periódica, pela organização da reunião. Na maioria das vezes, mas não na totalidade, os enquadramentos encontrados, na amostra, estão relacionados com o objeto principal da cimeira, ou seja, a economia e os respetivos temas transversais: globalização, meio ambiente, saúde,

emprego, género, avanços tecnológicos e geopolítica. As peças selecionadas para análise contêm, invariavelmente, mais de um dos enquadramentos citados e que passam a ser descritos, seguidamente, na tabela 10. Estas contêm, ainda, o reflexo do momento geopolítico do mundo, conforme o ano de edição da cimeira, condição que ajuda a compreender o porquê da aplicação de quadros antagónicos ao cartaz apresentado pela organização da cimeira.

Tabela 10

Enquadramentos noticiosos revelados pelos jornais Expresso e Público

	Globalização/governança e geopolítica	Meio ambiente	Mercado e avanços tecnológicos	Saúde	Género e mercado de trabalho
Público	12	30	70	54	43
Expresso	15	44	60	65	47
Total	27	74	130	119	90

Nota. Elaboração própria

4.4.1. Enquadramento de crise económica

A etapa quantitativa e a análise dos critérios de noticiabilidade aplicados pelo *Expresso* permitiram a identificação dos principais enquadramentos editoriais utilizados na cobertura das Cimeiras de Davos: Governança Pública; Crise Económica; Segurança Pública; Meio Ambiente; Tecnologias da Informação; Pobreza Mundial; Igualdade de Género; Saúde Pública e Protecionismo.

Após a explanação dos enquadramentos principais encontrados na amostra, de acordo com a metodologia adotada na pesquisa, serão apresentadas 8 (oito) peças para a aplicação do diagrama de Entman (1993).

No dia 28 de janeiro de 2010, o jornal *Expresso* publicava a análise do bilionário e filantropo Jorge Soros, sobre a crise económica iniciada em 2008, classificando-a enquanto resultado de uma “super bolha”, nas palavras do empresário. Naquela edição do Fórum Económico Mundial, subordinada ao tema “Strengthening Cooperation is

Everybody's Business"³⁵, o material publicado pelo periódico não verte uma única proposta alternativa à crise, isto é, limita-se a manter, apenas, o ponto de vista de Soros.

À partida, no título da notícia “**Crise atual é resultado de uma super bolha, diz George Soros**” já são anunciadas as causas do problema designado de “crise económica mundial ou crise do *subprime*”. E, de resto, ao longo da peça jornalística, as causas são, mesmo, reveladas:

25 Anos de bolhas

George Soros afirmou também que a atual crise é uma "super bolha", gerada pelo próprio sistema ao fim de 25 anos a gerar bolhas menores sem ser capaz de as combater com eficácia. Segundo ele, estas bolhas são causadas pela facilidade de crédito, empréstimos múltiplos para um só investimento e negócios arriscados (Monteiro, 2010).

Ao apontar a crise económica da época, como resultante de uma bolha de crédito gerada por 25 anos de facilidade de acesso ao crédito e negócios arriscados, a notícia passa a revelar os responsáveis e a suposta teia de interesses. Trata-se do momento em que começam a ser escrutinados os julgamentos e vertidas as soluções na peça:

- **Julgamentos:** A peça jornalística reproduz as palavras de Soros e atesta que: “Para ele, tanto os reguladores como os banqueiros confiaram demasiado no mercado, foram "cegados" por uma ideologia fundamentalista de mercado que os levou a pensar que os mercados devem ser operados com pouca rigidez (Monteiro, 2010).” Ao concluir os julgamentos, o periódico passa, então, a propor soluções, também a partir do ponto de vista do entrevistado.
- **Soluções:** Para o jornal *Público*, solucionar a crise passaria por estancar o crédito e reestruturar a banca, a partir da proposta do então presidente norte-americano, Barack Obama, que propunha desmembrar os bancos e separar as transações comerciais das aplicações de investimento. Por outras palavras, aplicar a designada regulação financeira.

³⁵ Em tradução livre do inglês: Fortalecer a cooperação é um assunto de todos.

4.4.2. Enquadramento de governação pública

A edição do Fórum de Davos de 2018 estava subordinada ao tema Shared Future in a Fractured World³⁶, e, nas peças alusivas à cimeira, o *Expresso* elege o enquadramento da governação pública, com o objetivo de sugerir respostas ao contexto geopolítico português. Dessa forma, na edição do dia 25 de janeiro de 2018, é publicado um texto com o título “**António Costa afasta riscos de instabilidade política em Portugal**”, sob o enquadramento da governação pública, em contexto de gestão de um governo minoritário:

- **Causas:** Na peça jornalística são apontadas as causas para as questões da governação pública, as quais estão presentes na progressiva instabilidade política, por um lado, e nos compromissos assumidos com a União Europeia, por outro lado. E também é apontada, como causa principal do problema da governação pública, a designada instabilidade política.
- **Julgamentos:** A entrevista com o então primeiro-ministro, António Costa, revela que, relativamente às exigências da União Europeia, há estabilidade no governo, em virtude da aprovação dos orçamentos de estado nos anos de 2016, 2017 e 2018.
- **Soluções:** O material jornalístico induz ser possível conciliar a austeridade e os compromissos internos, a partir da combinação de políticas que preveem cortes nos salários e nas pensões, eliminação da descida do Imposto sobre Rendimentos das Pessoas Singulares (IRS) e do Imposto sobre o Valor Acrescentado (IVA). Aponta, ainda, a reforma da zona do euro, a título de contributo para a reação económica de Portugal.

4.4.3. Enquadramento geopolítico

A geopolítica está entre os temas inerentes às Cimeiras de Davos. Ainda em 2018, com o tema já citado, o *Expresso* discute, em notícia publicada no dia 12 de fevereiro de 2018, as negociações sobre a paz na Palestina. No título, “**Trump: «Jerusalém está fora da mesa das negociações»**”, é apontado o enquadramento sobre a geopolítica, tema usual da cimeira. Em análise:

³⁶ Em tradução livre do inglês: Futuro partilhado num mundo fraturado.

- **Causas:** O *Expresso* atribui, através da reprodução de declarações, ao ex-presidente norte-americano, Donald Trump, a avaliação sobre os conflitos na Palestina, além do reconhecimento de Jerusalém como a capital de Israel. A causa revela-se no seguinte excerto:

Donald Trump fez também questão de voltar a defender que a decisão de reconhecer Jerusalém como a capital de Israel “está fora da mesa das negociações”, tal como já tinha afirmado recentemente no Fórum Económico Mundial em Davos (Expresso, 2018).

- **Julgamentos:** Como reproduz as declarações do ex-líder dos EUA, o *Expresso* indica que há ausência de compromisso do governo israelita na intenção de paz com a Palestina, o que favorece a existência de conflitos na região. As visões sobre os palestinianos e israelitas também estão resumidas nas visões de Trump e da própria política externa norte-americana:

Trump referiu que os “palestinianos não estão à procura de fazer a paz” para rapidamente acrescentar que também não está “necessariamente seguro de que Israel esteja à procura de fazer a paz”. E acrescentou: “Os colonatos [de Israel] são algo que complica muito e sempre complicou a instauração da paz, pelo que penso que Israel tem de ter muito cuidado com os colonatos” (Expresso, 2018).

- **Soluções:** Enquanto alternativa para estancar os conflitos que emergiam na região, as soluções propostas, na peça jornalística, perpassam pela resolução dos colonatos judeus e um acordo de paz entre israelitas e palestinianos.

De acordo com Trump, um acordo de paz entre Israel e Palestina seria o mais acertado de se fazer e que só se ambos fossem “tolos” é que não avançariam nesse sentido. O Presidente dos EUA referiu que as pessoas estão fartas de guerras e destruição provocadas por estes conflitos e que um acordo de paz assinado por ambas partes seria “inteligente” (Expresso, 2018).

4.4.4. *Enquadramento de meio ambiente*

Eventos climáticos extremos são temas recorrentes na agenda do Fórum Económico Mundial e, em 15 de janeiro de 2020, o tema da cimeira intitulou-se “The Mission Ahead”³⁷, com destaque para a presença da jovem ativista Greta Thunberg. Pela primeira vez, naquele ano, a cimeira apresentaria o relatório, sobre eventos climáticos extremos, elaborado pela empresa Marsh & McLennan e pelo grupo segurador Zurich. O enquadramento usado, pelo *Expresso*, é evidenciado a partir da publicação pelo periódico da avaliação do relatório sobre os principais riscos climáticos previstos para 2020:

- **Causas:** As preocupações climáticas são apresentadas de forma direta. E no título da peça jornalística: **“Crise Climática e turbulência política são os principais riscos em 2020, alerta relatório do Fórum Económico Mundial”**. Determinado a demonstrar o impacto da causa, o *Expresso* apontou riscos geopolíticos, resultantes da crise climática, como pode ser observado no subtítulo da peça: **“O relatório aponta para um incremento das divisões entre nações, a par de uma desaceleração da economia global – fatores que geram «turbulência geopolítica» tendente a produzir «um mundo unilateral instável», onde impera a rivalidade entre grandes potências.”**

Pela primeira vez - nesta iniciativa promovida pelo World Economic Forum (Fórum Económico Mundial) e produzida em parceria pela empresa Marsh & McLennan e pelo grupo de seguradoras Zurich -- os primeiros cinco lugares nas probabilidades de riscos globais são ocupados por questões ambientais.

Os eventos climáticos extremos, que provocam danos ao património e ameaçam vidas humanas; o fracasso no combate às alterações climáticas; os desastres e danos ambientais provocados pela intervenção humana; a perda significativa da biodiversidade; e as grandes catástrofes naturais, como terremotos e tsunamis, estão no topo das preocupações dos especialistas (Lusa, 2020).

- **Julgamentos:** De acordo com o material do *Expresso*, os eventos climáticos extremos ocupam o topo das preocupações dos líderes mundiais, bem como a polarização política, gerando riscos de conflitos e impactos nas populações.

³⁷ Em tradução livre do inglês: A missão à frente.

As ameaças ao clima e a turbulência geopolítica, a longo prazo, assim como as confrontações económicas e a polarização política, no curto prazo, estão no topo da lista de riscos de um relatório do Fórum Económico Mundial.

Segundo o Global Risks Report 2020, relatório divulgado pelo Fórum Económico Mundial, a polarização política e económica deverá aumentar em 2020, tornando mais necessária uma estratégia colaborativa entre líderes mundiais que seja capaz de travar as graves ameaças ao clima, ambiente, saúde pública e sistemas tecnológicos.

O relatório aponta para um incremento das divisões entre nações, a par de uma desaceleração da economia global - fatores que geram "turbulência geopolítica" tendente a produzir "um mundo unilateral instável", onde impera a rivalidade entre grandes potências (Lusa, 2020).

- **Soluções:** O *Expresso* utilizou os dados do relatório para apontar quais seriam as soluções plausíveis para amenizar os eventos climáticos extremos, o que passaria por uma cooperação internacional e uma maior rapidez em busca de uma economia neutra.

Peer Giger, diretor do grupo Zurich, alerta, por isso, para a necessidade de adaptação ao novo modelo ambiental, para evitar impactos irreversíveis.

"É imperativo que empresas e decisores políticos acelerem a transição para uma economia neutra em carbono e modelos de negócio mais sustentáveis. Já estamos a assistir à destruição de empresas que falharam na hora de alinhar as suas estratégias face a alterações políticas e às preferências dos seus clientes", refere Giger (Lusa, 2020).

4.4.5. Enquadramento de pobreza mundial

A pobreza da população mundial está entre os temas discutidos todos os anos na cimeira de Davos e o *Expresso*, na peça publicada no dia 27 de janeiro de 2011, reproduz a preocupação. A saber:

- **Causas:** A falta de segurança alimentar é vista como uma preocupação no G20, o grupo dos 20 países mais ricos do mundo. O *Expresso* utiliza as declarações, em Davos, do então presidente da Indonésia, Susilo Bambang Yudhoyono, para

abordar o tema exposto no título: **“Vinte mais ricos preocupados com a fome, em Davos”**.

- **Julgamentos:** A causa da fome, de acordo com a peça jornalística, resulta dos elevados preços dos alimentos e dos respetivos impactos sobre a inflação.

O preço elevado dos bens alimentares tem um impacto sobre a inflação, mas também na pobreza e na fome, o que pode levar a perturbações políticas e sociais", advertiu Yudhoyono, salientando que há ainda "um caminho a percorrer" para se alcançar um "crescimento duradouro".

“A próxima guerra ou conflito económico poderá ter lugar devido à escassez de recursos se não tratarmos do problema em conjunto", frisou (Expresso, 2011).

- **Soluções:** De acordo com a peça jornalística, a solução para a insegurança alimentar mundial passaria por atribuir ao tema um estatuto de prioridade na agenda do G20.

“A Indonésia apoia plenamente a ideia de que a segurança alimentar seja inscrita como prioridade na ordem do dia do G20", declarou Susilo Bambang Yudhoyono no Fórum Económico Mundial, a decorrer em Davos (Suíça). Yudhoyono discursou em Davos antes do seu homólogo francês, Nicolas Sarkozy, cujo país preside atualmente ao grupo das 20 economias mais desenvolvidas e emergentes (G20), de que a Indonésia faz parte (Expresso, 2011).

4.4.6. Enquadramento de igualdade de género

As desigualdades de salário e de tratamento entre homens e mulheres debatem-se todos os anos no Fórum Económico Mundial. Inclusivamente, o FEM divulga um relatório periódico, sobre o ranking de igualdade de género nos países, apontando causas, consequências e soluções. No dia 28 de janeiro de 2016, o *Expresso* publicava uma peça intitulada: **“A importância da paridade nas empresas privadas”**. E com análise ao discurso da atriz e ativista britânica, Emma Watson:

- **Causas:** Na peça jornalística encontram-se indicações de que a paridade de género ainda é difícil de ser alcançada, por parco envolvimento na questão dos homens e das empresas privadas, não sendo esta questão exclusiva de anseios femininos.

“Costumamos achar que isto da desigualdade é coisa do passado, que estamos bem onde estamos. Mas quando começamos a olhar para lá do que está à superfície, percebemos que ainda há um longo caminho a percorrer”, palavras de Emma Watson, que mais uma vez voltou a dar a cara pela luta contra a discriminação de género durante o Fórum Económico Mundial, em Davos. Praticamente um ano depois de ter lançado publicamente a campanha HeForShe, a ativista voltou a reforçar a mensagem sobre a importância de envolver a sociedade, como um todo, nas questões da paridade (Pinto, 2016).

- **Julgamentos:** Entre as questões complexas, que impedem a paridade de género nas empresas, o *Expresso* apontava a dificuldade das mulheres em ascenderem a cargos liderança sénior nas organizações.

(...) foi também revelado na semana passado o programa IMPACT 10x10x10, que envolve 10 grandes empresas líderes nos seus sectores. AccorHotels, Barclays, Twitter, McKinsey & Company, Schneider Electric, Vodafone, PwC. Tupperware Btands, Twitter e Unilever abriram o jogo em relação à sua atual realidade no que toca a paridade e comprometeram-se a delinear estratégias concretas nos próximos 10 anos para inverterem a tendência de desigualdade de género dentro dos seus quadros.

Nesse mesmo relatório, os números mundiais são deixados claros: as mulheres representam 40% da força laboral do planeta (por cá somos 60%), mas não passam de 27% no que toca a cargos séniores de liderança (por cá as mulheres não chegam aos 10% nos conselhos de administração do setor privado, por exemplo) (Pinto, 2016).

- **Soluções:** O material divulgado pelo *Expresso* indicia que a mudança de postura, em relação à paridade de género, deve ser assunto de discussão recorrente entre empresas, mas que também necessita do envolvimento de homens para solucionar a questão. Além da avaliação sobre o que precisa ser feito pelas empresas, o periódico reproduz o discurso do então secretário-geral das Nações Unidas, Ban Ki-Moon, sobre o tema:

Posto isto, as tais dez empresas que embarcaram nesta campanha enquanto embaixadores a longo prazo da realidade dos seus setores vão ter largos desafios pela frente: desde a igualdade de oportunidades, às posições de liderança e até mesmo à disparidade de salários entre homens e

mulheres, o caminho deverá ser longo. Com o compromisso claro de ser monitorizado pela equipa da campanha HeForShe, com resultados anuais.

O QUE BAN KI-MOON TEM A DIZER SOBRE ISTO

O secretário-geral das Nações Unidas, Ban Ki-Moon, foi o primeiro homem a inscrever-se no novo site desta campanha global e frisa a sua mensagem num texto introdutório do relatório: “O setor privado tem um papel fundamental a desempenhar enquanto acelerador de mudança social. Estudos mostram que a igualdade é viável no local de trabalho e, acima de tudo, benéfica. Ao promoverem oportunidades iguais a homens e mulheres, proporcionando licenças parentais justas e recusando-se a aceitar preconceitos e situações de discriminação, as empresas podem quebrar barreiras e trilhar o caminho para um novo futuro.”

Mas para tal é preciso que todos, homens e mulheres, tenham consciência disto. E foi precisamente por isso que o movimento HeForShe nasceu, para envolver todos os cidadãos nesta questão concreta da discriminação de género. O objetivo? Que até 2030 a igualdade de género seja uma realidade vivida de forma plena por muitos de nós.

Para quem ainda não percebeu quão importante isto é para o futuro de todos, deixo este vídeo de uma entrevista feita a Emma Watson sobre a sua participação em Davos. “Há uma perceção de que o feminismo e os assuntos relacionados com as mulheres só devem ser discutidos por mulheres. Como se fossem coisas separadas. Mas as mulheres são seres humanos e aquilo que está em jogo são direitos humanos. Precisamos que toda a gente faça parte desta conversa.” (Pinto, 2016).

4.4.7. Enquadramento de saúde pública

Em 2020, o mundo ainda estava mergulhado na pandemia de Covid-19 e o Fórum Económico Mundial avançava nas discussões públicas sobre o acesso às vacinas contra o coronavírus, responsável pela contaminação de grande parte da população do planeta. No *Expresso*, há indicação sobre a diferença de posições, entre nações ricas e pobres, em relação ao combate à pandemia sob o título: **“Corrida à vacina agrava fosso entre ricos e pobres. Os primeiros já garantiram 9 mil milhões de doses, os restantes podem esperar anos.”** A analisar:

- **Causas:** O subtítulo da notícia destacava enquanto causa da dificuldade de acesso às vacinas o protecionismo dos países ricos, batizado por muitos de “vacinacionalismo”, termo esse convocado pelo jornal ao longo da peça jornalística.

A capacidade finita de produção global das vacinas anti-Covid numa primeira fase já está a agravar as disparidades entre países, no que respeita ao seu acesso, com os mais pobres a não conseguir chegar ao mercado em pé de igualdade. Um estudo divulgado ontem, terça-feira, ao final do dia, pelo World Economic Forum, mostra que os países mais ricos vão conseguir vacinar as suas populações, muito antes que as pessoas que vivem em países pobres lhe consigam aceder.

Até agora, a COVAX - uma organização internacional que tem por missão assegurar o fornecimento de vacinas a países mais pobres -, recebeu financiamento para vacinar apenas 250 milhões de pessoas em todo o mundo (Andrade, 2020).

- **Julgamentos:** Na tentativa de explicar o porquê do reduzido acesso às vacinas contra a Covid-19, o *Expresso* apoia-se em avaliações de cientistas e humanistas que ressaltam a atuação das nações ricas em garantirem as vacinas, ainda que discurssem sobre a igualdade de acesso para toda a população mundial.

No geral, a pesquisa aponta para uma conclusão sombria: a maioria das pessoas em países pobres vai ficar à espera da vacina até 2024, se os países ricos continuarem a praticar aquilo a que muitos já chamam de “vacinacionalismo”. (...) No entanto, os países mais ricos do planeta, assim como alguns países em vias de desenvolvimento e com capacidade de produção da vacina, já compraram quase 3,8 mil milhões de doses da vacina anti-Covid, com opção para outros cinco mil milhões. “A análise vem demonstrar que muitos daqueles países serão capazes de vacinar toda a sua população - e alguns até o farão mais que uma vez - antes que milhares de milhões de pessoas sejam vacinadas em países mais pobres”, sublinha Elina Urli Hodges, que dirige o Global Health Innovation Centre, na Universidade de Duke, nos Estados Unidos. A mesma responsável adianta que “um esforço ambicioso para criar um sistema global de igualdade no acesso à vacina está a ser ‘minado’ porque um grupo de países - incluindo aqueles que se comprometeram com a igualdade - garantem o máximo de doses que puderem”. Embora, segundo o World Economic Forum, outras avaliações tenham alertado sobre potenciais desigualdades no acesso à vacina, este estudo agora divulgado é o primeiro a especificar de forma pormenorizada a quantidade de doses que estão a ser reivindicadas por acordos entre países e como isso poderá atrasar o acesso à proteção contra a Covid em vastas regiões - incluindo a África Subsaariana - até quase meados da década (Andrade, 2020).

- **Soluções:** As negociações entre nações ricas e pobres para garantir o acesso das vacinas aos países em desenvolvimento, são apontadas na peça do *Expresso* como solução para alargar a imunização da população, independentemente da capacidade financeira dos países carentes.

O outro ponto citado, e apoiado pela reprodução de declarações de pesquisadores, reside no investimento em pesquisas, bem como na ampliação do acesso à aliança mundial pelas vacinas.

Por exemplo, há estimativas de que, para cumprir suas metas de vacinação de pelo menos 20% dos países membros, a COVAX precisaria de pelo menos 1,14 mil milhões de doses de uma vacina de dose única e o dobro dessa quantidade para um regime de duas doses. E, na verdade, atualmente, a maioria das vacinas anunciadas requerem duas doses.

“Há negociações em curso segundo as quais os países ricos alocariam algumas das doses adquiridas - em compromissos antecipados para o esforço da COVAX - depois de vacinar uma determinada parte das suas populações”, disse Andrea Taylor, que liderou o estudo agora apresentado. Mas, conclui, “não há exigência e, sem dúvida, pouco incentivo para que isso aconteça” (Andrade, 2020).

4.4.8. Enquadramento de protecionismo

As políticas protecionistas das nações economicamente mais desenvolvidas e as suas consequências no resto do mundo representam uma grande parte das discussões encetadas no Fórum Económico Mundial. Ainda que a cimeira não tenha carácter decisório, na verdade, serve de palco para os líderes das nações manifestarem preocupações e emitirem alertas para a comunidade mundial. Em 12 setembro de 2018, o *Expresso* publicou um artigo que aponta para o clima das disputas comerciais entre a China e os Estados Unidos, com o título: **“China diz que protecionismo é «risco muito sério para crescimento» e alerta «países individuais» contra isolacionismo.”** A dissecar:

- **Causas:** O artigo limita-se a apresentar a disputa comercial, em relação à questão da evolução tecnológica, e a possibilidade de evasão de empregos que esta provocará. No enquadramento do *Expresso*, há a possibilidade de escalada nas decisões de norte-americanos e chinesas, conforme subtítulo do texto:

As declarações foram feitas pelo vice-primeiro-ministro, Hu Chunhua, no Fórum Económico Mundial, em Hanói, numa altura em que a disputa comercial com os EUA voltou a escalar. Num encontro que pretende discutir como as economias devem lidar com as “tecnologias disruptivas”, que ameaçam os empregos humanos, a China volta-se para o sudeste asiático (Gomes, 2018).

- **Julgamentos:** Ao escolher o discurso do vice-primeiro ministro chinês, Hu Chunhua, no Vietname, o *Expresso* elucida sobre os motivos da escalada de tensões comerciais, entre China e EUA, a partir do comportamento do então presidente norte-americano Donald Trump. Seriam, essas políticas, as responsáveis por acelerar o processo de industrialização chinesa:

Os alertas surgem numa altura em que se atingiu um novo marco na disputa comercial entre Washington e Pequim. Na semana passada, Trump ameaçou aplicar tarifas sobre todas as exportações da China para os Estados Unidos, avaliadas em mais de 500 mil milhões de dólares (mais de 432 mil milhões de euros), justificando que pretende proteger os empregos e as indústrias americanas da competição do exterior (Gomes, 2018).

- **Soluções:** A proposta apresentada pelo *Expresso*, sob a ótica chinesa, assenta no combate ao isolacionismo, no que diz respeito às regras comerciais e à manutenção das regras do regime multilateral de comércio, em prol de um relacionamento harmonioso entre nações.

O vice-primeiro-ministro chinês, Hu Chunhua, disse esta quarta-feira que o protecionismo representa um “risco muito sério” para o crescimento e alertou “países individuais” contra o isolacionismo. As declarações foram feitas num encontro do Fórum Económico Mundial, em Hanói, capital do Vietname.

“As medidas protecionistas e unilaterais de alguns países estão a comprometer gravemente o regime multilateral de comércio baseado em regras. O autoisolamento não levará a lugar nenhum e apenas a abertura para todos representa o caminho certo”, afirmou, citado pela Agência France-Press, mas sem nunca nomear diretamente o Presidente Trump ou os EUA. (Gomes, 2018).

A partir do material analisado acima, os enquadramentos encontrados, no jornal *Expresso*, são descritos na tabela 11:

Tabela 11

Enquadramentos noticiosos revelados pelo jornal Expresso

Enquadramento	Causas	Julgamentos	Soluções
Crise económica	Excesso de crédito Bolhas económicas	Confiança excessiva no mercado	Regulação financeira
Governança pública	Instabilidade política	Política orçamental	Combinação de políticas de austeridade
Geopolítica	Conflitos entre nações	Ausência de vontade para soluções	Investimento em acordos multilaterais
Meio Ambiente	Eventos climáticos extremos	Desacordo entre nações	Cooperação internacional
Pobreza	Fome	Concentração de riqueza, inflação, preço dos alimentos	Priorizar a ordem de combate à pobreza e à fome Cooperação internacional
Género	Falta de paridade entre homens e mulheres	Ausência de envolvimento entre líderes políticos e setores decisórios da iniciativa privada	Envolvimento de homens e líderes na promoção da igualdade de género. Aumento de oportunidades entre homens e mulheres
Saúde	Desigualdade de acesso a bens de saúde	Concentração de riqueza	Multilateralismo
Protecionismo	Disputas comerciais	Polarização/ Unilateralismo	Multilateralismo

Nota. Elaboração própria

4.5. Os enquadramentos noticiosos revelados pelo jornal Público

Foi a partir da análise dos critérios de noticiabilidade, revelados na cobertura do *Público*, que ocorreu a observação dos enquadramentos noticiosos aplicados pelo periódico ao publicar sobre as Cimeiras de Davos. E também foi aplicado, nessa ocasião, o diagrama de Entman (1993), que possibilitou a identificação dos 8 (oito) critérios mais utilizados no referido jornal: Governação Pública; Crise Económica; Economia Portuguesa; Segurança Internacional; Inteligência Artificial; Pobreza Mundial; Igualdade de Género, Saúde Pública.

4.5.1. Enquadramento de governação pública

Em 2020, o foco da cobertura do *Público* no Fórum Económico Mundial assentou na defesa do ex-primeiro ministro português António Costa, relativamente à integração e convergência entre os estados-membros da União Europeia, em avaliação ao processo que culminou com o Brexit no Reino Unido. Há, na avaliação histórica da cimeira, contudo, a destacar o termo “pico da globalização” ou a necessidade de estabelecer uma nova ordem mundial. Sobre o tema, o periódico publicou, em 20 de janeiro de 2020, um artigo com o título “«**Há uma nova energia**» para se avançar, diz Costa”, onde o problema é demonstrado.

- **Causas:** No decorrer do artigo, o *Público* utiliza os dois primeiros parágrafos para, nas declarações de António Costa, explicar a necessidade de integração europeia e repetir a mesma frase utilizada no título.

O primeiro-ministro sustentou nesta quinta-feira que se verifica agora "uma nova energia" para a União Europeia avançar em termos de integração, num discurso em que defendeu uma Europa aberta com geometria variável, mas também com convergência.

Estas ideias foram preconizadas por António Costa nas intervenções que fez em Davos, na Suíça, durante o Fórum Económico Mundial, numa conferência em que também participaram a comissária europeia para o comércio, a sueca Cecilia Malmstrom, e os primeiros-ministros da Holanda, Mark Rutte, e da Irlanda, Leo Varadkar.

António Costa centrou antes as suas três curtas intervenções na ideia de que, paradoxalmente, após o referendo no Reino Unido, se sente agora "uma nova energia na União Europeia para avançar" (Lusa, 2018).

- **Julgamentos:** O *Público* evidencia, ao leitor, o desacordo do então líder português com o processo que terminou no Brexit, ou seja, uma medida contrária aos intentos da integração da Europa. No artigo, é indicada, ainda, a tendência, mesmo que não escrita, de estados-membros contrários à visão de Costa.

"Se há lição que devemos retirar do "Brexit" é que a vontade dos povos nunca pode ser secundarizada e, por isso, cada Estado-membro deve ter uma margem de liberdade dentro da União Europeia. Mas uma minoria de Estados-membros também não pode impedir que outros avancem em termos de processo de integração", advertiu, defendendo neste ponto a ideia de "uma Europa com geometria variável". "Isso já existe na União Europeia, quer com Schengen, quer com a zona euro", completou (Lusa, 2018).

- **Soluções:** De acordo com o artigo apresentado, o periódico denota haver, pelas declarações de Costa, a necessidade de avanço, no processo de integração entre os estados-membros da União Europeia, como forma de fortalecimento do bloco frente a temas transversais: segurança, migração e crise climática. O ex-primeiro ministro propôs, ainda, a convergência como medida de proteção.

Logo na sua primeira intervenção, o primeiro-ministro considerou que é essencial que a União Europeia responda às principais preocupações manifestadas pelos cidadãos. "Há matérias em que é impossível obter resultados cada um por si, como o combate ao terrorismo, a política de migrações ou a resposta às alterações climáticas. Precisamos de reforçar a cooperação policial, a cooperação entre as autoridades judiciais e na Defesa. Mas, para a União Europeia ter estabilidade tem de haver convergência", frisou António Costa (Lusa, 2018).

4.5.2. Enquadramento de crise económica

Portugal também está no centro das atenções do *Público*, ao noticiar as dificuldades económicas levantadas, por ocasião do Fórum Económico Mundial.

- **Causas:** Em 30 de setembro de 2015, o periódico dedica uma notícia de 11 (onze) parágrafos, para detalhar o desempenho mundial frente à competitividade. Com o título "**Portugal desce dois lugares no ranking mundial da competitividade**", após um longo período de deterioração.

- **Julgamentos:** A descida de Portugal no *ranking* mundial de competitividade é atribuída a um acerto estatístico na série histórica do Fórum Económico Mundial. No entanto, o *Público*, ao reproduzir a entrevista do presidente da Confederação do Comércio, João Vieira Lopes, à *Lusa*, detalha a explicação, atribuindo a responsabilidade do sucedido à burocracia e ao baixo investimento do governo.

À *Lusa*, o presidente da Confederação do Comércio e Serviços, João Vieira Lopes, considerou que as oscilações “de um ou dois pontos percentuais não têm grande significado”. A questão fulcral “é o investimento e a dificuldade de financiamento”. Para os 190 empresários portugueses inquiridos, os impostos são a primeira preocupação, o fator mais problemático para os negócios. Apesar da descida do IRC pelo segundo ano consecutivo, os impostos foram o problema mais referido, seguindo-se a ineficiente burocracia pública (que era a primeira preocupação em 2014), as condições de acesso ao financiamento (que foi referida menos vezes) e a regulamentação restritiva do mercado de trabalho (que aumentou na lista de preocupações). Em ano de eleições, a preocupação com a instabilidade política diminuiu, caindo “40% em 2015 relativamente a 2014, sendo agora a sexta preocupação”, atrás da complexidade dos regulamentos fiscais (Crisóstomo, 2015).

4.5.3. Enquadramento de economia portuguesa

Ao longo da pesquisa, identificou-se que, em assuntos propostos pelo Fórum Económico Mundial, a realidade portuguesa não escapou à atenção do jornal *Público*. Entre os assuntos abordados, destaque para a competitividade do país e para a capacidade do estado português em atrair investimento direto estrangeiro. Entre os exemplos encontrados na amostra, ressalva-se a peça publicada, em 25 de janeiro de 2019, quando o periódico apresenta o balanço dos encontros do então ministro da Economia, Pedro Siza Vieira, na Cimeira de Davos. A saber:

- **Causas:** A notícia, escrita a partir de dados da agência *Lusa*, revela a satisfação de Vieira, que esteve reunido com representantes de pelo menos 15 empresas interessadas na implementação ou expansão em Portugal. O ex-ministro, como aponta o *Público*, também debateu as questões relativas ao país com líderes de outras nações.

"Tive 15 reuniões com responsáveis de diversas empresas em que estivemos a discutir questões relativas a investimentos existentes ou possíveis em Portugal", disse o governante.

A Siemens e Nestlé, ambas com uma longa presença no mercado português, como também a Embraer ou a Cisco foram algumas das empresas que participaram nas reuniões com Pedro Siza Vieira.

"Falámos com outras empresas que estão a estudar oportunidades de investimento, todas elas a planear expandir as suas atividades e a procurar usar Portugal como plataforma quer para exportar serviços na área da tecnologia, quer seja na produção de bens para outros países", acrescentou o ministro (Lusa, 2019).

- **Soluções:** No intuito de atrair a atenção de empresas multinacionais para Portugal, o *Público* apontou a diplomacia como ferramenta necessária e utilizada pelo governo. Essa perceção é subentendida pelo título: **“Ministro da Economia reúne-se com empresas em Davos e faz balanço «muito positivo».”** A notícia aponta ainda, que, para captar os investimentos, o governo português precisa qualificar e aumentar as competências digitais dos futuros recursos humanos lusos dessas multinacionais.

"Nestes encontros também foi abordada a forma como Portugal poderá atrair investimento necessário para financiar a modernização das empresas e qualificar os recursos humanos.

"Fica claro que cada vez mais as atividades económicas vão interagir com o mundo digital e temos de ter os nossos trabalhadores preparados, temos de fazer um grande esforço na qualificação das pessoas e discutir como se pode fazer isso mais rapidamente para que ninguém fique para trás e sejamos capazes de criar melhores empregos", salientou o ministro Adjunto e da Economia.

A aposta do Governo tem sido "levar cada vez mais cedo para as escolas a formação em competências digitais", como também a qualificação de ativos, incluindo os que estão em situação de desemprego, sublinhou (Lusa, 2019).

4.5.4. Enquadramento de segurança internacional

Em 27 de janeiro de 2006, o *Público* destacava as preocupações políticas apresentadas no Fórum Económico Mundial, em virtude das ameaças de terrorismo. Existem, ainda, outras preocupações, relativas à geopolítica e segurança internacional, implícitas no título **“Davos aponta terror, petróleo e gripe como os riscos de 2006”**. Em análise:

- **Causas:** As questões em agenda na Reunião Anual de Davos, em 2006, foram resumidas pelo *Público* no subtítulo: “O Fórum Económico Mundial debateu as grandes ameaças planetárias, como a globalização as amplia e como as enfrentar.” Já naquela edição, a globalização era apontada como indutora de uma possível pandemia, da possibilidade de um ataque terrorista em larga escala ou até da escalada galopante do preço do petróleo.

Segundo um relatório preparado por firmas de consultadoria e pelo próprio FEM, a primeira ameaça à saúde global é, literalmente, uma ameaça à saúde: a propagação de uma pandemia de gripe. O relatório nota que a globalização amplifica os potenciais riscos de uma pandemia – porque a mobilidade de pessoas é maior que nunca. **Terrorismo radioativo.** Por esse mesmo motivo, é “quase inevitável” que haja um novo ataque terrorista em grande escala. O maior risco aqui é o uso de materiais “não convencionais” – isto é, radioativos – pelos terroristas. Uma “bomba suja” poderia matar um milhão de pessoas. E, disse em Davos, Graham Allison, antigo secretário da Defesa dos EUA, “não há certezas” sobre o paradeiro de todas as 22 mil ogivas nucleares que o arsenal da antiga União Soviética continha. O relatório lista outros dois grandes “cenários de risco”: a curto prazo, uma nova escalada dos preços do petróleo; a longo prazo, os efeitos da alteração climática. E nota os riscos de uma combinação de vários choques simultâneos (Ribeiro, 2006).

- **Julgamentos:** O *Público* utiliza dados do relatório do Fórum Económico Mundial para apontar a falha dos governos em prevenir os eventos climáticos extremos, a polarização da política interna, a destruição dos ecossistemas, a crise da água e o calor extremo.

Mas em 2020, os cinco riscos mais prováveis de afetarem o planeta na próxima década pertencem apenas a esta única categoria: os fenómenos climáticos extremos, o falhanço nas ações de mitigação e adaptação às alterações climáticas, os desastres naturais, a perda de biodiversidade e os desastres ambientais causados pelos humanos. Quando os participantes foram questionados sobre quais os riscos com probabilidade de causarem maior impacto, a nível global, na próxima década, o falhanço na ação climática (mitigação e adaptação), a perda de biodiversidade e os fenómenos climáticos extremos voltam a aparecer no top 5, acompanhados, agora, pelas armas de destruição maciça (da categoria da geopolítica) e a crise da água, que podendo também ser inserida nas questões ambientais, surge aqui na categoria dos fatores sociais (Ribeiro, 2006).

- **Soluções:** As consequências relativas aos eventos climáticos extremos só serão, conforme noticia o *Público*, mitigadas pela coordenação multilateral das nações e o diálogo entre as grandes potências comerciais, nomeadamente, os Estados Unidos e a China. É apontada, ainda, a necessidade de coordenação entre decisores políticos, empresários e as universidades.

4.5.5. Enquadramento de inteligência artificial

No dia 20 de janeiro de 2013, o *Público* dedica uma matéria para discutir as tecnologias emergentes com o título “**As dez tecnologias mais promissoras em 2013**” e o subtítulo: “Conselho da Agenda Global para as Tecnologias Emergentes identifica tendências que podem fazer a diferença este ano”. A saber:

Um carro eléctrico wireless (OnLine Electric Vehicles – OLEV)

Está a ver os postos de recarregamento de automóveis eléctricos que têm vindo a surgir por todo o lado? Esqueça. Na próxima geração de carros eléctricos não serão precisos fios. Dispositivos montados na parte de baixo dos veículos receberão energia de um campo eletromagnético, emitido por cabos instalados por baixo do asfalto. Ao mesmo tempo, a bateria do carro vai sendo carregada para quando o carro estiver fora dessas faixas. E como a eletricidade chega de fora, as baterias destes automóveis precisarão apenas de um quinto da capacidade das dos carros eléctricos atuais. Impossível? Não. Estes carros já estão a ser testados na capital da Coreia do Sul, Seul.

Impressoras de objetos

Já é possível criar objetos a partir de um ficheiro num computador, graças à impressão tridimensional. Segundo o Conselho da Agenda Global para as Tecnologias Emergentes, estas impressoras poderão mesmo “revolucionar a indústria da manufatura”. Neste processo de criação de estruturas sólidas com uma impressora, várias camadas de determinado material – que pode ser plástico, ligas metálicas ou outros – vão sendo sobrepostas até que esteja formado o objeto.

Materiais que se autorregeneram

Uma “tendência em crescimento na biomimética é a criação de estruturas inertes que tenham a capacidade de se reparar a si próprias”, quando sofrem cortes, rasgos ou se partem. Como acontece com os organismos vivos. Esses materiais capazes de reparar estragos sem intervenção humana “aumentariam a durabilidade dos produtos e reduziriam a procura de matérias-primas.”

Mas há outras vantagens: se estes materiais fossem usados na construção de aviões, exemplificam os autores, voar seria mais seguro.

Purificação energeticamente eficiente da água

Numa altura em que as fontes naturais estão sobre exploradas ou, nalguns casos, esgotadas, a dessalinização foi a forma encontrada de obter água de forma quase ilimitada. Mas isso tem um custo energético elevado, lembra o conselho que, por isso mesmo, destaca várias tecnologias emergentes que “permitem maior eficiência energética nos processos de dessalinização ou de purificação de águas residuais”, em que se poderá poupar até 50% de energia em relação à que é gasta com os métodos atuais (Público, 2013).

4.5.6. Enquadramento de pobreza mundial

A concentração de riqueza está entre os pontos de discussão recorrentes antes, durante e após o Fórum Económico Mundial. Na verdade, a cimeira tem servido como ponto de discussão anual na tentativa de busca de equilíbrio na repartição da riqueza mundial.

Reiterando a necessidade da distribuição equitativa de riqueza - enquanto via de combate à pobreza mundial -, a ONG Oxfam³⁸ divulga todos os anos, nos dias que antecedem a reunião, um relatório reproduzido pela imprensa, tal como fez o *Público*, em 16 de janeiro de 2017. Além de comentar o documento, o periódico, ainda, reproduz a entrevista de um dos dirigentes da organização ao prestigiado título britânico, *The Guardian*. O título da peça **“Oito homens são tão ricos como a metade mais pobre da população mundial”** é o indicador do problema a ser apresentado pelo jornal a partir do relatório denominado “Uma economia para 99%”, disponibilizado pela Oxam e discutido na Cimeira de Davos. Em análise:

- **Causas:** A questão da concentração da riqueza, bem como as respetivas causas e riscos são descritas no subtítulo da peça divulgada pelo *Público*: “Os oito mais ricos acumulam entre eles 426 mil milhões de dólares, um valor que equivale à riqueza total de cerca de 3,6 mil milhões de pessoas”. Quando enquadra a pobreza como discussão na rotina editorial, o jornal destaca que o tema, apesar de não ser novo, ganha contornos diferentes na medida em que não é resolvido.

O fosso entre ricos e pobres não é uma novidade, ainda assim revela-se preocupante, diz a Oxfam, que a distância entre estes dois grupos continue a aumentar consideravelmente. Em 2016, era necessária a fortuna dos 62 mais ricos para equivaler à riqueza de metade da população mais pobre do mundo. Em 2017, são precisas apenas as oito pessoas mais ricas. A diferença abismal deve-se

³⁸ Relatório Oxfam link: <https://oxfamilibrary.openrepository.com/handle/10546/620170>

a novos dados sobre a pobreza na China e na Índia que se revelaram mais graves do que o esperado, nota o *Guardian*.

O grupo dos oito mais ricos concentra entre eles cerca de 426 mil milhões de dólares (aproximadamente 400 mil milhões de euros), um valor que equivale à riqueza total da metade mais pobre da população, cerca de 3,6 mil milhões de pessoas (Público, 2016).

Em resumo: existe um problema de contraste entre opostos, isto é, a dualidade entre a concentração de riqueza e a existência de pobreza extrema.

- **Julgamentos:** Na avaliação do *Público*, tal como expresso na notícia divulgada, a economia global é direcionada para a manutenção dos privilégios de uma pequena elite, premiada pela evasão fiscal. O jornal utilizou as palavras “chocante” e “grotesco”, de forma a induzir responsabilidades, sobre esta temática, aos governantes mundiais. Tal como ocorreu na apresentação do problema, a proporcionalidade é utilizada para demonstrar a assimetria da questão:

“O cenário de desigualdades (sic) deste ano é bastante claro, mais preciso e mais chocante que nunca. É para lá de grotesco que um grupo de homens que facilmente cabem num carro de golfe possam possuir mais que a metade mais pobre da população mundial”, afirmou o diretor executivo da Oxfam, Mark Goldring (Público, 2016).

Em resumo: o atual modelo económico funcionaria apenas para uma elite, com manutenção de privilégios e possibilidade de evasão fiscal.

- **Soluções:** O *Público* indicia como solução para a pobreza a criação de um novo modelo económico, este com menos privilégios e com a justa distribuição de riqueza, ou seja, com políticas que possam reverter a disparidade entre ricos e pobres, como sugere a Oxfam. Na visão desta ONG, tal modelo passaria pela restrição salarial em políticas corporativas indutoras da desigualdade.

(...) Goldring, que quer ver implementada uma mudança na economia mundial que funcione para todos e não só para “uma elite privilegiada”. A restrição salarial é uma das razões apresentadas pela organização como causa deste aumento da desigualdade na distribuição da riqueza, que acresce ao facto de as empresas se focarem cada vez mais em premiar os altos funcionários e os

mais ricos, tornando-os ainda mais abastados. A evasão fiscal e o comportamento hegemónico das grandes empresas para com os produtores são também apontados pela Oxfam como aspetos que não contribuem para reverter esta tendência. (Público, 2016).

Em resumo: a necessidade de uma mudança na economia mundial estabelecendo uma melhor distribuição da riqueza pela população global e não, somente, por uns tantos privilegiados.

4.5.7. Enquadramento de igualdade de género

Em 26 de outubro de 2013, o *Público* demonstrava a queda de Portugal em relação aos índices de igualdade de género medidos pelo Fórum Económico Mundial. O país, de acordo com o *ranking*, ocupava a pior posição desde 2006, permanecendo entre os piores resultados da União Europeia. A questão é apresentada pelo *Público* sob o título “**Portugal volta a cair em *ranking* sobre igualdade de género**”.

- **Causas:** Além do título, já apresentado, o *Público* utiliza o primeiro de nove parágrafos para posicionar Portugal no ranking da igualdade de género e destacar que o resultado contraria a tendência dos demais países analisados, onde a diferença foi reduzida.

Portugal é um país cada vez mais desigual para homens e mulheres e voltou a cair na avaliação feita pelo Fórum Económico Mundial, ocupando agora o 51.º lugar no ranking sobre igualdade de género — o que o coloca como o 11.º país com um pior resultado dentro da União Europeia. O resultado português é o pior desde 2006, o primeiro ano em que o Fórum Económico Mundial publicou este documento e em que o país ficou em 33.º lugar. Em 2007 caiu para 37.º, em 2008 para 39.º e em 2009 para 46.º. Em 2010, Portugal conseguiu melhorar e subir para a 32.ª posição, mas em 2011 já voltou a perder em algumas categorias e voltou para 35.º e em 2012 desceu ainda mais, para a 47.ª posição (Borja-Santos, 2013).

- **Julgamentos:** Entre as explicações apresentadas pelo *Público* - para avaliar a queda da paridade entre homens e mulheres em Portugal -, é citada a quebra de rendimentos da população. Há, ainda, uma chamada de atenção para a falta de reação em outros setores como a saúde, a educação e a participação política.

Também houve diferenças na regularização da paridade entre Sul e Norte da Europa, o que não chega a ser explicado na matéria.

Além da posição do ranking, o relatório atribui também um índice a cada país que varia entre zero e um (no qual um representa a igualdade total) e no qual Portugal conseguiu um registo de 0,7056 nesta edição de 2013, que contou com dados de 136 países. Para este valor contribui a avaliação feita pelo documento em várias áreas, nomeadamente, oportunidades e participação económica, em que o país fica em 56.º lugar, piorando uma posição em relação ao ano passado. Em termos de educação subiu, contudo, da 57.ª para a 56.ª posição e no campo da sobrevivência e saúde manteve-se no lugar 83. A área da participação política é, ainda assim, aquela em que o país tem melhor posição, mas piorou do 43.º lugar para o 46.º (Borja-Santos, 2013).

A ausência de paridade entre homens e mulheres retorna às páginas do *Público* em 20 de abril de 2021, a partir da avaliação que a pandemia da Covid-19 teve como agravante nesta questão. No título do da peça do periódico destaca-se que a **“Pandemia agravou as desigualdades de género, alerta Fórum Económico Mundial”** e a notícia aponta que Portugal ocupa o 22º lugar do *ranking*.

- **Causas:** Para além do título, o problema da questão é apontado no subtítulo, com a afirmação “O relatório «Global Gender Gap Report»³⁹ evidencia um aprofundamento das disparidades, com consequências para os próximos anos. Portugal surge no 22.º lugar no ranking.” A notícia relata que, para as mulheres, a pandemia foi percebida de maneira diferente, com menor paridade e maior segregação. As mulheres, como aponta a notícia, enfrentaram maiores taxas de despedimento e menores possibilidades de regresso ao mercado de trabalho.
- **Soluções:** Entre as soluções apontadas no relatório, e expostas pelo *Público*, encontra-se a busca por equidade, a partir dos cargos políticos e postos decisórios dentro das empresas privadas.

O relatório, feito pelo 15.º ano consecutivo, estima que o mundo precisa de 267,6 anos para esbater as desigualdades económicas entre os géneros e, na política, serão precisos 145,5 anos. Nesta área, especifica o FEM, as mulheres detêm apenas 26,1% de todos os assentos parlamentares e 22,6% dos cargos ministeriais (Castanheira, 2021).

³⁹ Em tradução livre do inglês: Relatório Global sobre as Disparidades de Género.

Em resumo:

Causas: O agudizar das diferenças, entre homens e mulheres, agravado em consequência da pandemia da Covid-19.

Julgamentos: A constatação de maiores despedimentos de mulheres justificado pela emergência em saúde.

Soluções: A recuperação das medidas em sede de igualdade de género.

4.5.8. Enquadramento de saúde pública

A saúde global está entre os tópicos prioritários do Fórum Económico Mundial, por interseção com a maioria dos demais temas discutidos na cimeira. De acordo com o painel permanente do FEM sobre a saúde, uma das metas da organização passa por dotar os legisladores e a comunidade científica com mais informação, de modo a contribuir para a compreensão do peso global das doenças na melhoria da tomada de decisão e nos esforços sanitários. No decorrer da presente pesquisa, há dois momentos, em sede de saúde, que foram revelados: o primeiro antes da pandemia da Covid-19 e o segundo após o estado de emergência global.

- **Causas:** Nas páginas do *Público*, entre os diferentes momentos em que a saúde foi retratada, torna-se possível destacar uma matéria do dia 19 de janeiro de 2017, quando, na Cimeira de Davos, eram reveladas preocupações com as epidemias, entre elas as de Zika e do Ébola. Título: “**Aliança global para criar novas vacinas lançada em Davos.**”
- **Julgamentos:** As declarações de dois intervenientes foram utilizadas no material do *Público* para apontar a previsão de um problema que, somente dois anos depois, iria mudar a maneira como o mundo contemporâneo lidava com a realidade das epidemias. Na notícia, tanto o empresário Bill Gates, como a então presidente da ONG Médicos Sem Fronteiras, Joanne Liu, apontavam que o mundo estava incapaz de lidar com doenças de potencial epidémico.

“O Ébola e o Zika mostraram que o mundo não está preparado para se defender de surtos locais e responder suficientemente depressa para evitar pandemias globais”, afirma Bill Gates, também no comunicado (Público, 2017).

- **Soluções:** É, precisamente, no título do material que é revelada a solução para o problema enunciado: “**Aliança global para criar novas vacinas lançada em Davos.**” A proposta integra o investimento anunciado, no valor de 430 milhões de euros, para prevenir epidemias como o Zika ou o Ébola. O periódico aponta, ainda, a expectativa dos organizadores da aliança em receber a colaboração de governos, empresários e pesquisadores para que cada um, no seu campo de atuação, ajude a melhorar a resposta às doenças infecciosas.

Três anos depois do lançamento da aliança, em 16 de abril de 2020, quando a Covid-19 se espalha pelo mundo, o *Público* divulga o artigo de António Covas, o qual chama a atenção para as questões de cooperação em prol da investigação de vacinas. Sob o título “**Covid-19, o risco global e os seus efeitos sistémicos**”, o articulista advoga que o problema da Covid-19 resultou da combinação de falhas na governação global, em matéria de prevenção de emergências, tal como já ocorrera anteriormente, em 2008, com a crise económica global.

Em resumo:

Causas: As epidemias de doenças em países pobres.

Julgamentos: Há baixo investimento em vacinas destinadas aos países mais pobres.

Soluções: O financiamento público para a fabricação de vacinas conducente a uma distribuição universal dos imunizantes.

4.5.9. Enquadramento de protecionismo

Entre os temas transversais discutidos pelo Fórum Económico Mundial encontra-se o protecionismo. Na edição da Cimeira de Davos de 2009, com um número recorde de participação de líderes, o discurso de abertura do encontro anual situou-se no tema “Moldando o Mundo Pós-Crise”. E o discurso de Klaus Schwab esteve circunscrito à necessidade de uma nova era em busca de sincronia, de estabilidade e de prosperidade.

- **Causas:** A questão protecionista foi alvo de interesse do *Público*, no dia 29 de janeiro de 2009, num cenário de profunda crise económica, sob o título: “**Davos reconhece que barreiras protecionistas são ameaça real.**”

Nos dois primeiros parágrafos da notícia é descrito um alerta ao protecionismo, sob a lente dos participantes do Fórum Económico Mundial, apontando dificuldades para a governação pública e limitações ao desenvolvimento. Ao mesmo tempo, reconhece-se a ausência de um carácter deliberativo na reunião.

Economistas, líderes empresariais e políticos foram unânimes em afirmar que 2009 vai ser um ano de recessão e que a crise não vai acabar tão cedo. Uma conjuntura que pode levar os governos a introduzir barreiras ao comércio e a concentrar os investimentos nas suas próprias economias. (...) Isto depois de uma manhã de reflexão sobre a nova era económica, que elegeu o protecionismo como uma “ameaça real”. Era já de esperar que este tema fosse abordado no fórum de Davos - afinal, entre os seus mais de 2500 participantes de 96 países, predominam as economias ocidentais, adeptas do comércio livre (Faria, 2009).

- **Julgamentos:** No decorrer da notícia, o *Público* aponta a prioridade de investimento nas economias nos países de origem em detrimento da reorientação do capital para nações emergentes. Uma prática, denominada de “egoísmo económico”, nas palavras do líder russo Vladimir Putin que, naquela edição do Fórum Económico Mundial, apelara ao fim do isolacionismo.

Além disso, os alertas contra o protecionismo estenderam-se ao perigo de os Governos ocidentais incentivarem os bancos nacionalizados ou ajudados pelo Estado a investirem capital apenas no próprio país (Faria, 2009).

- **Soluções:** O multilateralismo é apontado no *Público* como indutor da redução da desigualdade económica gerada pela recessão mundial.

“Muitas economias emergentes não têm folga fiscal e, por isso, precisam de uma transferência de recursos por parte dos países desenvolvidos”, defendeu Justin Lin, apelando a uma ação multilateral e concertada a nível mundial, que ajude tanto os países ricos como os pobres.

Esta posição foi, aliás, unânime entre os interlocutores de Davos, que acreditam que só assim a economia poderá sair da crise em que está mergulhada (Faria, 2009).

Nove anos depois do discurso de Putin a proclamar o combate ao isolacionismo em Davos, o Fórum Económico Mundial é agitado pela presença do então presidente norte-americano, Donald Trump, traduzida pelo *Público* no título “**Trump leva a Davos uma América em primeiro lugar, mas não sozinha**”, para anunciar a notícia publicada em 25 de janeiro de 2018.

- **Causas:** Tal como expresso no título da notícia, há ambiguidade no estilo norte-americano em matéria de diplomacia internacional. E tal facto é corroborado, também, no subtítulo: “Comitiva norte-americana reforça críticas a acordos internacionais, mas diz que o país está «aberto a negócios». Visita de Donald Trump ao Reino Unido «está a ser ultimada».” A peça jornalística revela que Trump foi o segundo presidente a pisar em Davos - o primeiro havia sido Bill Clinton - e aquela visita indicaria a estratégia política dos Estados Unidos para se manterem na dianteira das questões internacionais.

Para um presidente que vem enchendo o Twitter com mensagens contra o liberalismo económico e os seus efeitos no desemprego de milhões de americanos, Donald Trump surgiu esta quinta-feira num sítio suspeito para muitos dos seus apoiantes – o Fórum Económico Mundial, na Suíça, a reunião em que mais se discute de que forma se podem derrubar as barreiras que ainda existem ao comércio internacional (Martins, 2018).

- **Julgamentos:** Para o *Público*, aquela presença indicava a necessidade de atrair investimentos para os Estados Unidos. E, na melhor das hipóteses, para manter a vantagem sobre os outros países, que podem, na visão norte-americana, constar da lista de negociadores, mas não de protagonistas.

A resposta a estas perguntas pode começar no slogan mais vezes repetido por estes dias pela comitiva norte-americana em Davos: “América em primeiro não é América sozinha.” (Martins, 2018).

- **Soluções:** O *Público* não expressa opinião para avaliar a viagem de Trump e respetiva comitiva a Davos, uma vez se tratar de uma notícia. No entanto, o periódico volta a sublinhar a necessidade de se fomentarem as relações multilaterais, de resto, já muito debatidas nas salas do Fórum Económico Mundial.

A resposta a estas perguntas pode começar no slogan mais vezes repetido por estes dias pela comitiva norte-americana em Davos: “América em primeiro não é América sozinha.” O *America first* da campanha eleitoral de Donald Trump, agora revisto e aumentado, tem sido repetido a cada oportunidade pelo líder do Conselho Nacional Económico dos EUA, Gary Cohn, e foi explicado pelo secretário do Tesouro, Steven Mnuchin, numa conferência de imprensa na quarta-feira sobre a viagem a Davos: “Estamos a falar de uma agenda política assente na ideia da América em primeiro, mas essa ideia América em primeiro significa trabalhar em conjunto com o resto do mundo.” (...) “Vamos ao Fórum Económico Mundial para partilhar a história económica do presidente Trump e para dizer ao mundo que a América está aberta a negócios”, disse Gary Cohn aos jornalistas.

O mesmo responsável repetiu também uma ideia que ajudou Donald Trump a chegar à Casa Branca, mas que terá ficado perdida no meio das montanhas de ruído geradas tanto pelo atual Presidente norte-americano como por muitos dos seus opositores – sim, a América quer continuar a fazer negócios com o resto do mundo, mas tem de ser nos termos definidos pelo presidente Trump.

Ou, segundo o diretor do Conselho Nacional Económico dos EUA: “Vamos deixar claro que não pode haver comércio livre e aberto, se os países não forem responsabilizados pelas regras.” (Martins, 2018).

Em resumo:

Causas: A presença de Donald Trump no Fórum Económico Mundial.

Julgamentos: As dúvidas sobre a presença do então presidente em início de mandato, por contraponto com o discurso protecionista, coloca-o, ainda, como rival de Barack Obama e entusiasta incondicional das políticas de Israel.

Soluções: A evidência de que os Estados Unidos ainda querem e precisam de fazer negócios com o resto do mundo.

Os principais enquadramentos revelados pelo jornal *Público* são destacados na tabela 12:

Tabela 12

Enquadramentos noticiosos em evidência revelados pelo jornal Público

Enquadramento	Causas	Julgamentos	Soluções
Governança pública	Integração – Europa Brexit.	Estados-membros contrários à integração. Controle da imigração.	Respeito pela soberania popular, em busca de alternativas para evitar o isolacionismo. Avanço e fortalecimento do processo de integração entre os estados. Convergência.
Instabilidade económica	Queda da competitividade de Portugal. Fraco desempenho económico.	Burocracia. Baixos investimentos para as empresas.	Redução da carga tributária. Menores barreiras burocráticas. Prioridade para investimentos na produção.
Investimentos em Portugal	Atração de empresas. Expansão da atividade das empresas existentes. Aumento de empregos.	Pontos frágeis para atrair e permitir a expansão da produção de empresas em Portugal. Mão de obra não qualificada.	Levar, cada vez mais cedo, às escolas a formação em competências digitais. Aumentar a presença digital das empresas. Diplomacia.

Fonte: Elaboração própria

4.6. A cobertura do Fórum Social Mundial (FSM) pelos jornais *Expresso* e *Público*

Em conformidade ao explicitado na fundamentação, a análise da cobertura do Fórum Social Mundial (FSM) é encetada no intuito de estabelecer a interligação com a Cimeira de Davos. Além de ter surgido como um contraponto à organização suíça, o FSM também se revelou palco para personalidades portuguesas nas mais diversas áreas, sobretudo, naquelas que se notabilizaram pelo trabalho em prol dos direitos humanos. Para estes, o FSM concebeu um espaço de diálogo e reflexão sobre justiça social, sustentabilidade e direitos humanos, no enalço de uma visão mais inclusiva e democrática do desenvolvimento global.

A análise desse evento efetuou-se ao longo da avaliação das categorias. Por conseguinte, diferente da análise encetada às notícias do *Expresso* e do *Público*, relativamente à cobertura do Fórum Económico Mundial. A pesquisa das peças relativas ao FSM não está separada, mas, antes, agrupada. A partir da tabela 13, é possível avaliar o destaque editorial atribuído às peças selecionadas para a amostra.

Tabela 13

Destaque jornalístico atribuído às peças selecionadas

	Chamada de capa	Chamada de capa com foto	Peça com foto	Peça sem foto
Expresso	3	2	6	2
Público	1	0	5	3
Total	4	2	11	5

Fonte: Elaboração própria

4.6.1. Os critérios de noticiabilidade ao FSM identificados no jornal *Expresso*

Em 2002, na segunda edição do Fórum Social Mundial, o *Expresso* dedica ao evento uma cobertura a partir de Porto Alegre, berço da cimeira e para onde havia sido enviada uma repórter do periódico. A saber:

- **Frequência:** O *Expresso* destaca a importância da cimeira de Porto Alegre, já na segunda edição, e estabelece, ao longo dos cinco dias do evento, o compromisso de acompanhar reuniões, seminários e manifestações.
- **Significância:** O propósito do Fórum Social Mundial é revelado na própria natureza da cimeira – um contraponto ao evento de Davos – e daí ser designado, pelos participantes, como “Fórum Antiglobalização”.
- **Proximidade:** Este critério é revelado já no título: “**Soares e Chomsky animam Porto Alegre**”, ou seja, uma alusão à presença do ex-presidente de Portugal, Mário Soares, na cimeira. O ativismo é consolidado na fotografia utilizada – direitos de autor da agência EPA (European Pressphoto Agency) – ao mostrar o ex-presidente português à frente do desfile de abertura da cimeira, dividindo o protagonismo com o então presidente brasileiro, Luís Inácio Lula da Silva.
- **Nações de elite/ pessoas de elite:** A imagem também demonstra as escolhas editoriais do *Expresso*, relativamente às notícias de abordagem ao Fórum Social Mundial, isto é, invariavelmente pessoas de elevado destaque político e antagonistas da Cimeira de Davos.
- **Novidade:** A segunda edição do Fórum Social Mundial alertou para a necessidade de paz, entre as nações do mundo, no pós-11 de setembro de 2001. Sempre no desiderato de apontar a necessidade de um maior envolvimento das nações contra os conflitos bélicos e o terrorismo.
- **Negatividade:** A matéria do *Expresso* é dividida em duas partes. A primeira aborda o Fórum Social Mundial, em Porto Alegre. E a segunda contempla o Fórum Económico Mundial que, naquele ano, ocorreu em Nova Iorque. Na primeira, a negatividade surge na avaliação da presença do americano Noam Chomsky, preconizador da apologia da desobediência pacífica. A segunda metade da notícia indiciava que a cimeira de Nova Iorque teria acontecido numa atmosfera falsamente tranquilizadora. Mais à frente, o *Expresso* cita o título de primeira página do *New York Times* no dia anterior: “Fórum Económico atrai ricos, poderosos e inúteis (Freaza, 2002).”

Figura 32

Mário Soares e Lula da Silva no FSM em 2002



4.6.2. Os enquadramentos noticiosos ao FSM revelados pelo jornal Expresso

Na mesma peça em que se tornou possível identificar os critérios de noticiabilidade, também podem ser analisados dois enquadramentos revelados pelo *Expresso* na cobertura dedicada ao Fórum Social Mundial: a antiglobalização e o terrorismo.

- **Causas:** Ao abordar a antiglobalização e uma ideologia económica contrária ao neoliberalismo, o *Expresso* segue as discussões propostas pela cimeira realizada em Porto Alegre. A saber:

“O inimigo nós já conhecemos, queremos é ação.” A frase, lançada pela sul-africana Dot Keet, da Africa Trade Network, da americana Lori Wallach, da Public Citizen, durante o debate sobre o Livre Comércio, no primeiro dia de trabalhos do II Fórum Social Mundial, em Porto Alegre, resumiu o dilema em que se encontra o movimento. O Fórum da “antiglobalização” proclamou como objetivo a atingir, este ano, ajudar os dois mil movimentos presentes a sair da fase de protesto

e da denúncia para ações concretas, a partir de propostas saídas das dezenas de conferências e seminários, que deverão realizar-se durante os cinco dias de trabalhos (Freaza, 2002).

- **Julgamentos:** A peça do *Expresso* revela que a situação da economia à época é influenciada pela globalização e pelo neoliberalismo.
- **Soluções:** De acordo com a peça do *Expresso*, ao reproduzir as declarações de Noam Chomsky na abertura da conferência, a solução para combater a globalização neoliberal passaria pela desobediência pacífica.

Em 2002, em sequência dos ataques terroristas de 11 de setembro nos Estados Unidos, a reunião anual do Fórum Económico Mundial foi realizada em Nova Iorque. O objetivo assentou numa inequívoca demonstração de solidariedade com os habitantes da cidade. Este facto também foi abordado pelo *Expresso*, ao noticiar os trabalhos realizados em Porto Alegre naquele mesmo ano, por ocasião do Fórum Social Mundial.

- **Causas:** É a partir da segunda parte da notícia que o *Expresso* concentra a informação sobre a transferência da cimeira económica para Nova Iorque, em consequência da nova realidade mundial imposta pelo terrorismo ao capitalismo:

Em Nova Iorque, entretanto, para onde se deslocou este ano o tradicional Fórum Económico Mundial de Davos, quase treze mil participantes da nata do mundo dos negócios e da política estão decididos a mostrar que compreendem a nova realidade decorrente do 11 de setembro (Freaza, 2002).

- **Julgamentos:** As consequências do terrorismo representam uma ameaça ao mundo todo e não apenas aos Estados Unidos. Trata-se do permear da falta de ação dos decisores políticos e de outros participantes da cimeira em Nova Iorque, sendo que o *Expresso* até questionou a eficácia da discussão:

Mas, ontem, não era ainda claro se a reunião ia produzir algo mais do que uma retórica falsamente tranquilizadora. “Vou beber champanhe e comer bolos, mas há o sentimento de que se isto não passar de conversa fiada, estará bastante perto de Marie Antoinette”, disse o cantor pop Bono, uma das celebridades convidadas para participar, como ficaram as supermodelos Naomi Campbell e Heidi Klum. Elton John também cantará o exclusivo grupo por 1,16 milhões de euros.

Não admira, portanto, que ontem o título de primeira página do “New York Times” fosse: “Fórum Económico atrai ricos, poderosos e inúteis” (Freaza, 2002).

- **Soluções:** Naquele momento de incertezas para o capitalismo, as soluções propostas passavam por diferentes caminhos apontados pelo Fórum Económico Mundial e pelo Fórum Social Mundial, como reproduziu o *Expresso* (cf. Tabela 14).

Na primeira parte da peça, as palavras de Chomsky visavam a antiglobalização e a paz mundial. Já a segunda parte da notícia - revelada pelo então presidente da Suíça, Kaspar Villiger - objetivava exatamente o contrário: “Para tentar resolver os problemas existentes em todo o mundo precisamos de explorar o potencial de crescimento da globalização” (Freaza, 2002).

Tabela 14

Enquadramentos do Expresso na cobertura ao FSM

Enquadramento	Causas	Julgamentos	Soluções
Antiglobalização	Neoliberalismo. Livre comércio.	Globalização.	Desobediência pacífica.
Terrorismo	Mudança nas regras do capitalismo.	Inação dos decisores políticos.	Investimento na globalização; antiglobalização, paz mundial.

Nota. Elaboração própria.

4.6.3. Os critérios de noticiabilidade ao FSM identificados no jornal Público

Em 2005, o prémio Nobel de Literatura, José Saramago, é o principal protagonista internacional do Fórum Social Mundial. A presença do escritor esteve entre os destaques na cobertura do *Público*, que acompanhou a cimeira de Porto Alegre.

O *Público* apontou, em 2005, os seguintes critérios de noticiabilidade:

O prémio Nobel da literatura, José Saramago, foi ontem uma das estrelas do Fórum Social Mundial, que decorre em Porto Alegre, no Brasil. O escritor defendeu, perante uma plateia de mais de seis mil pessoas, que o sistema democrático deve ser discutido, lembrando que "a democracia que vivemos é sequestrada, condicionada e inadequada". "Não se discute a democracia, como se fosse uma santa num altar", disse o Nobel no mesmo dia em que começavam a ser digeridas as propostas apresentadas naquele encontro pelo presidente da Internacional Socialista, António Guterres. O ex-primeiro-ministro português defende a necessidade de uma reforma das Nações Unidas baseada em dois conselhos governativos. Por um lado, um Conselho de Segurança renovado, responsável por assuntos políticos e de segurança; por outro, um Conselho de Segurança Económico, Social e Ambiental para um desenvolvimento sustentado (Pinto, 2005).

- **Frequência:** O *Público* dedica uma pequena nota à presença de Saramago e outras vozes portuguesas na cimeira de Porto Alegre. E indica, ainda, que os trabalhos incluem a discussão das propostas do então presidente da Internacional Socialista, o ex-primeiro ministro português, António Guterres.
- **Significância:** O Fórum Social Mundial assume forte relevância, ao conseguir alcançar uma grande plateia na ordem das 6 mil pessoas.
- **Proximidade:** Este critério de noticiabilidade é identificado no próprio título: “**Vozes portuguesas no fórum antiglobalização**”. As vozes, como poderá ser constatado no texto, são de José Saramago e de António Guterres.
- **Nações de elite/ pessoas de elite:** Tal como acontece com o critério proximidade, a presença de nomes de grandes personalidades portuguesas é constatada na peça jornalística, que revela os debates levantados por José Saramago e António Guterres. Desta maneira, estes dois critérios (proximidade e nações de elite/ pessoas de elite) também são patenteados na fotografia de Jefferson Bernardes da AFP (Agence France-Presse), escolhida pelo *Público* para ilustrar a peça:
- **Negatividade:** O critério negatividade é evidenciado pelo *Público*, nomeadamente, através dos alertas feitos por Saramago ao abordar a democracia. No texto de um parágrafo, são utilizados as seguintes palavras e expressões: “democracia sequestrada, condicionada e inadequada”; “Não se discute democracia como se fosse uma santa num altar”.

Figura 33

Discurso de Saramago no FSM em 2002



4.6.4. Os enquadramentos noticiosos ao FSM revelados pelo jornal *Público*

Além do género notícia, usado na análise dos critérios de noticiabilidade, a entrevista também foi utilizada, pelo *Público*, na cobertura do Fórum Social Mundial.

Em 2002, o periódico investiu na cobertura do evento, tendo enviado repórteres a Porto Alegre, particularmente, o jornalista Mário Negreiros. Na cidade berço do FSM, o jornal recolheu impressões e registou os enquadramentos noticiosos, estabelecendo um contraponto com Davos. E em destaque esteve a entrevista concedida por Oded Grajew⁴⁰, em 6 de fevereiro de 2002, com o título: “**A Argentina mostrou a necessidade de mudanças na política económica mundial.**”

- **Causas:** O evento realizado em Porto Alegre, naquele ano, ainda estava sob o impacto do 11 de Setembro, despoletado, na avaliação de Grajew, pela miséria da população mundial: “Os atentados de 11 de Setembro também ajudaram a mostrar o acerto das nossas teses. Dissemos, por exemplo, que a miséria era terreno fértil para qualquer grupo terrorista, e isso confirmou-se (Negreiros, 2002).”
- **Julgamentos:** A entrevista é conduzida de forma a que o entrevistado possa explicar os porquês dos atentados de 11 de setembro de 2001, sob a perspetiva económica. O objetivo do *Público* residia em avaliar a capacidade de influência do Fórum Social Mundial, em contraponto ao Fórum Económico Mundial. De resto, a Cimeira de Davos, naquele ano, havia sido transferida para Nova Iorque. Na ótica de Grajew, a elite de Davos - por força da existência do FSM - mudou de perspetiva sobre a pobreza:

O que me levou, há dois anos, a ter a ideia do Fórum Social foi olhar para a agenda de Davos e não ver pobres, não ver miséria, não ver fome, não ver desigualdade social. Agora, pelo menos, eles descobriram que há pobres e que o modelo económico neoliberal não é tão perfeito quanto pensavam. Tomara que eles percebam o grande perigo que a humanidade corre com a violência, a degradação ambiental, a concentração de receitas (Negreiros, 2002).

- **Soluções:** A implementação de uma discussão abrangente - a todos os segmentos da população - foi apontada como uma das soluções para combater a pobreza e a miséria, bem como para consolidar a manutenção da paz. Na peça jornalística, ressalta a expressão “revolução pacífica”, a partir das declarações do entrevistado.

⁴⁰ Criador do Fórum Social Mundial.

Mas isto aqui é uma revolução pacífica. Como se faz uma revolução pacífica? Com debates, discussões, pressão política. Se a nossa intenção não fosse pacífica, bastava encontrarmo-nos para discutir estratégias militares, como se fazem actos terroristas, como se mata (Negreiros, 2002).

Na mesma página, o *Público* destaca a participação de José Saramago, cujo discurso fecha a edição daquele ano, sob o título: “**Texto de José Saramago encerra Fórum de Porto Alegre.**”

- **Causas:** A preservação da democracia preconizada por Saramago é destacada, pelo *Público*, a partir do texto do escritor lido por atores gaúchos, o qual reclama um debate urgente sobre o tema “antes que se torne demasiado tarde (...) (Negreiros, 2002).”
- **Julgamentos:** As escolhas políticas elevam a miséria e representam perigo para a democracia, explica a peça do *Público* em referência ao texto de José Saramago e às declarações de Noam Chomsky.
- **Soluções:** No debate reproduzido pelo *Público*, aponta-se a necessidade de uma discussão geopolítica e, principalmente, a premência de mudanças nos organismos internacionais, já antes designados, por Saramago, como antidemocráticos, uma vez não contarem com líderes escolhidos pelos cidadãos.

No que se refere a propostas, notou-se uma divisão entre duas correntes principais: a dos que defendem que as mudanças aconteçam a partir dos organismos já existentes, como o Fundo Monetário Internacional (FMI), o Banco Mundial e a Organização Mundial de Comércio (OMC), e a dos que entendem que esses organismos só fazem sentido numa ordem neoliberal e que, portanto, é preciso impor-lhes resistência através do fortalecimento da soberania dos Estados nacionais (Negreiros, 2002).

Tabela 15*Enquadramentos do Público na cobertura ao FSM*

Enquadramento	Causas	Julgamentos	Soluções
Miséria mundial	Fome e terrorismo.	Falta de interesse dos líderes e decisores mundiais; concentração de riqueza.	Debates, pressão política.
Democracia	Fragilidade na democracia mundial.	Escolhas políticas desfavoráveis aos mais pobres.	Debates, pressão, mudança nos organismos internacionais.

Nota. Elaboração própria~

4.7. As interconexões nas temáticas das coberturas de Davos

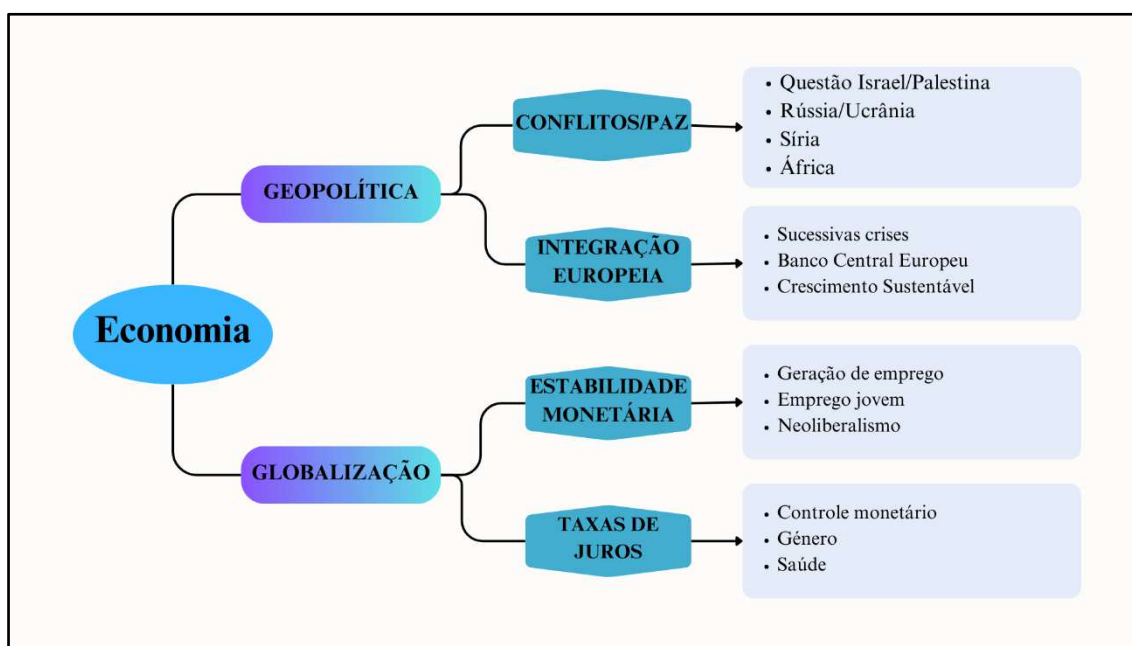
O tratamento jornalístico realizado pelo *Expresso* e o *Público* ao Fórum Económico Mundial de Davos, ao longo de 30 anos (1990-2020), esteve sempre alinhado com a agenda da cimeira. O conteúdo noticioso publicado contemplou, quase sempre, a perspetiva do evento. As notícias divulgadas refletiam, ainda, em cada momento histórico, a procura de um equilíbrio nas forças geopolíticas e na economia mundial. Ficou, assim, clara a adaptação da cobertura, passando de temas relativos à economia e à segurança (terrorismo e antiterrorismo), aos conflitos armados, ao crescimento sustentável (meio ambiente), à comunicação e, nos últimos anos, até à evolução tecnológica (inteligência artificial). Nenhum dos temas aparece isolado, ainda que pareçam equidistantes, como, por exemplo, a interconexão entre a geração de energia e a saúde.

A cimeira, como já referido, publica, periodicamente, relatórios para abordar diversas questões latentes na economia. A partir da análise da amostra, foi possível perceber que a dimensão económica, enquanto temática ou categoria de análise, é a que apresenta maior destaque. Estão, entre os exemplos, as peças que apontam a discordância relativamente ao rumo da política económica, particularmente em Portugal, como pode ser verificado na cobertura publicada na segunda década da análise.

Quando abordam a temática da Economia, a partir da perspectiva de Davos, tanto o *Expresso*, como o *Público*, recorrem a relatórios e a declarações, sendo que estabelecem interconexões temáticas, as quais podem ser constatadas na figura 34:

Figura 34

Interconexões com a temática da economia



Nota. Elaboração própria.

A Gestão de Conflitos Bélicos também é recorrente na cobertura sobre Davos, como pode ser observado na peça publicada pelo *Expresso*, em 25 de janeiro de 2001, com o título **“Enquanto em Taba se registam progressos negociais Barack e Arafat podem encontrar-se em Davos”** e cujo excerto é reproduzido em seguida:

O primeiro-ministro israelita, Ehud Barak, pretende encontrar-se com o presidente palestino, Yasser Arafat, no Fórum Económico Mundial de Davos, na Suíça, anunciou, hoje, um porta-voz da presidência do Conselho de Israel em Jerusalém. Este é mais um dos esforços diplomáticos que estão a ser levados a cabo no sentido de se estabelecer um acordo de paz até 6 de fevereiro, data das eleições israelitas. Em Taba, no Egipto, as conversações entre palestinos e israelitas reiniciaram-se, hoje, num clima de algum otimismo. Ambos os lados afirmam que passos importantes foram dados no sentido da delimitação das fronteiras de um futuro Estado

palestiniano. Fontes próximas de Arafat afirmam que até a polémica questão do regresso dos refugiados palestinianos aos territórios ocupados conheceu alguns progressos (Expresso, 2001).

Relativamente à temática da Gestão de Conflitos Bélicos, no Público destaca-se a peça publicada em 4 de novembro de 1991 e que está representada na figura 35:

Figura 35

A Guerra do Golfo no Público em 4 de novembro de 1991

Consenso no Fórum Económico de Davos

Guerra do Golfo poupa economia mundial

VINTE DIAS depois do início da guerra do Golfo, os principais dirigentes políticos e económicos mundiais são de opinião que o conflito terá um impacte reduzido sobre a economia global.

No Fórum Económico Mundial, a decorrer em Davos, na Suíça, é consenso que, se a guerra não se estender a outros territórios nem se prolongar para além das expectativas, os perigos de uma recessão profunda e global são mínimos.

Depois de oito anos consecutivos de crescimento económico, a maior parte dos participantes esperam que o mesmo se repita este ano, embora a uma taxa inferior às precedentes. Os governadores dos bancos centrais, presentes em Davos, foram unânimes em apoiar as decisões tomadas na semana passada pelos Estados Unidos e pela Alemanha de, respectivamente, diminuir ou aumentarem as taxas de juro praticadas nos seus países, rejeitando acusações de que tais medidas seriam contraditórias com o espírito de cooperação internacional.

O presidente do Bundesbank, da Alemanha, Karl Otto Poehl, pronunciou-se a favor de uma Europa alargada a 16 ou 17 membros, em que o marco fosse a "âncora" e a estabilidade monetária o "dogma". Segundo Poehl, a CEE vai "mudar de figura" nos próximos anos. Defendeu a intensificação da integração europeia aos países da Europa Central e do Norte e talvez mesmo à Turquia. Quanto aos assuntos monetários, Poehl preconizou a formação, a curto prazo, de um banco central europeu independente e dotado de instrumentos para aplicar uma política monetária coerente com base na capacidade económica e monetária dos seus membros.

O governador da Reserva Federal dos EUA, Wayne Angel, defendeu que, para os EUA e para a sua instituição, a prioridade era a estabilidade dos preços e que esse motivo tinha levado o FED, na semana passada, a reduzir as taxas de juro. Angel sublinhou ainda o que considerou ser "um dramático lento crescimento da massa monetária nos EUA".

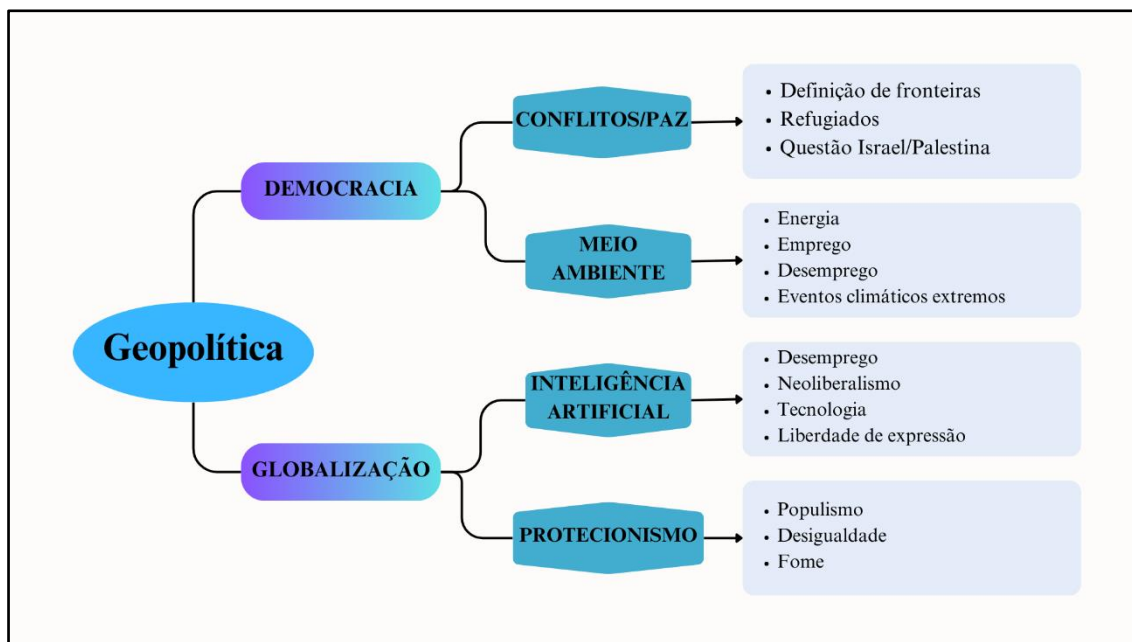
Os outros tópicos da conferência, que durará oito dias, são a União Soviética, a Europa de Leste e os países em vias de desenvolvimento. Depois da euforia do ano passado quanto às reformas nos países do Bloco de Leste, as expectativas são agora mais sombrias. Os presentes em Davos declararam, a uma delegação soviética de 70 membros, dificuldades na compreensão de quem tinha autoridade para assinar acordos comerciais e económicos na URSS e transmitiram algum cansaço da falta de eficiência demonstrada pelas autoridades locais, para além de revelarem preocupação com a violência que se verifica nos Estados Bálticos. ■

Reuter/AFP

As interconexões reveladas pela temática da Geopolítica são múltiplas (cf. Figura 36):

Figura 36

Interconexões com a temática da geopolítica



Nota. Elaboração própria.

A oposição ao Fórum Económico de Davos pode ser considerada como um dos temas que apontam a evolução da cobertura. Como já referido e explorado, o auge da oposição ocorre aquando da realização do Fórum Social Mundial, ainda que, todos os anos, existam manifestantes às portas da Cimeira de Davos. Em 12 de janeiro de 2001, o *Expresso* publica a notícia da proibição de manifestações em Davos, com o título: “**Suíça proíbe manifestações**” e cujo excerto é reproduzido em seguida:

O Fórum Económico de Davos poderá provocar, na pacata cidade suíça de Davos, um clima parecido com os de Seattle, Praga, Melbourne, Nice e Genebra, onde manifestantes antiglobalização usaram de violência contra as reuniões da Organização Mundial do Comércio.

O risco aumentou depois do cantão dos Grisões, onde fica Davos, ter decidido proibir qualquer manifestação popular, durante a presença dos senhores do mundo, na cidade. Ao justificar a proibição, as autoridades locais invocaram a segurança das 200 personalidades mundiais participantes no Fórum, que decorre entre 25 e 30 de janeiro.

A ameaça de violência foi feita por um grupo de ativistas encapuçados, sob o nome de Coordenação suíça anti-OMC, num encontro com a imprensa. O local do encontro foi o município de Coligny, no cantão de Genebra, onde o Fórum Económico Mundial tem a sede. Para os encapuçados, o Fórum precisa ser eliminado para deixar de ter sua estrutura atual.

O advogado da mesma Coordenação, num encontro com a imprensa em Zurique, informou ter recorrido contra a proibição de manifestação, que fere a liberdade de expressão e vai contra a própria constituição suíça.

Por isso, mesmo que o recurso seja rejeitado, a Coordenação anti-OMC manterá a manifestação prevista para o dia 27, pois o Fórum de Davos é considerado o pai ideológico do neoliberalismo e da globalização.

A apenas doze dias do início do Fórum, as autoridades suíças do cantão dos Grisões estão a pedir reforços policiais para impedir a manifestação anti Davos, enquanto algumas autoridades federais estranham o excesso de zelo das autoridades cantonais.

Embora muitas ONG antiglobalização tenham encontro marcado no Fórum Social de Porto Alegre, no Brasil, já batizado Fórum Anti Davos, percebe-se que terão duas frentes de combate - uma ideológica, com a participação nos debates do Fórum de Porto Alegre, e outra militante, para impedir ou criar tumultos nos trabalhos do Fórum de Davos.

Numa tentativa de desmobilização dos militantes antiglobalização, o Fórum Económico convidou diversos líderes de ONG para participarem no encontro de Davos, iniciativa que, ao que parece, não deu os resultados esperados (Martins, 2001).

Na longa peça, são encontrados temas nem sempre subjacentes às Cimeiras de Davos, como a liberdade de expressão. Relativamente à contestação da cimeira e, pese embora o correspondente em Berna, Rui Martins, o *Expresso* não entrevistou manifestantes, dando preferência ao ponto de vista apenas dos organizadores do FEM. Desta feita, limitou-se a supor quais seriam os motivos que levaram pessoas a irem manifestar-se às portas do encontro anual de Davos. Por seu turno, o *Público*, em 27 de janeiro de 2001, enuncia apenas uma ligação para demonstrar a insatisfação dos manifestantes que foram até Davos: uma posição antiglobalização. A peça está restrita à segurança interna da cimeira e não estabelece, como ocorreu com o *Expresso*, quaisquer interligações com outros temas. É possível, contudo, perceber que as manifestações são recorrentes e que, naquela ocasião, 200 pessoas conseguiram chegar a Davos, sob o título “**Manifestantes conseguem chegar a Davos**” (cf. Figura 37).

Figura 37

Manifestação em Davos no Público em 27 de janeiro de 2001

FÓRUM ECONÓMICO MUNDIAL

Manifestantes conseguem chegar a Davos

27 de Janeiro de 2001, 15:24



Os manifestantes conseguiram chegar à estância turística apesar do forte dispositivo policial MICHELE LIMINA/EPA

A polícia cantonal, que criou um forte dispositivo de segurança para evitar a repetição de manifestações, tornadas já uma tradição nas reuniões do Fórum Económico Mundial, não quis comentar o sucedido, informa a AFP. Os manifestantes, guardados por um forte dispositivo de segurança, empunharam cartazes e faixas onde se podia ler: "Destruam o Fórum", "Queimem Davos", ou "A nossa resistência é tão global como a nossa opressão".

Os manifestantes foram apenas autorizados a permanecer a 500 metros de distância do centro de congressos onde se reúne a elite da política e da economia mundial. Até ao momento, não se registaram incidentes à parte algumas bolas de neve atiradas à polícia.

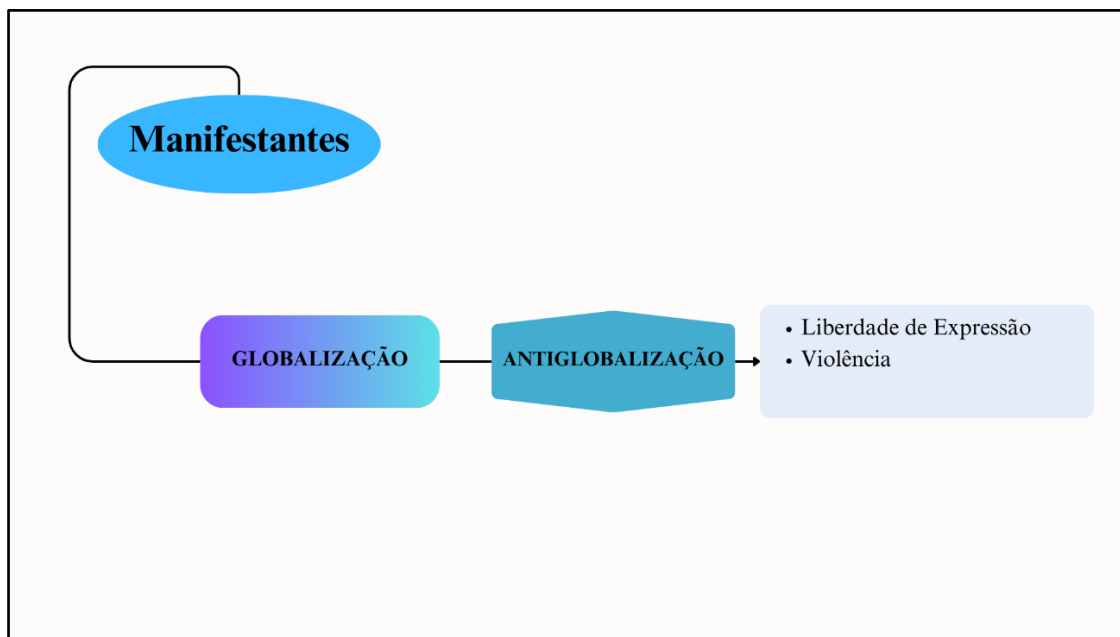
A autoridades locais de Davos proibiram para hoje todas as manifestações, tendo estado a tomar medidas de segurança que envolvem centenas de polícias e militares. Desde quinta-feira, todos os acessos por estrada estão a ser minuciosamente vigiados, com os automobilistas a serem obrigados a parar por várias vezes antes de conseguir chegar a Davos.

Centenas de militantes anti-mundialização, mobilizados pela associação ATTAC, tentaram alcançar Davos a partir de Zurique, mas foram obrigados a regressar quando se encontravam perto de Landquart, a 35 quilómetros da estância turística.

Quando colocadas em perspetiva, as interconexões apresentadas pela cobertura, relativamente aos protestos, não estão orientadas apenas para os factos, como é possível observar, em seguida, na figura 38:

Figura 38

Interconexões nas manifestações contra Davos



Nota. Elaboração própria.

Entre as peças que reportam relatórios, previsões e conclusões, o combate à pobreza sobressai em todas as décadas analisadas. Como exemplo, está a matéria publicada pelo *Expresso*, em 29 de janeiro de 2005. Sob o título “**Fórum de Davos discute a pobreza**”, a peça abrange temas que vão da geopolítica ao meio ambiente, como pode ser verificado no seguinte excerto:

Pela primeira vez, a luta contra a pobreza está em destaque na agenda do Fórum Económico Mundial, em Davos, na Suíça, onde chefes de Estado e grandes investidores discutem anualmente (desde 1970) questões essenciais da economia e política mundiais. «Assumir Responsabilidade para Opções Difíceis» é o tema em debate este ano, durante o qual o «governo mundial na sombra» falará também das consequências do tsunami na Ásia, das alterações climáticas e do Islão. Em discussão estará ainda o terrorismo, a liderança dos EUA e as mudanças na Europa com o alargamento, a vitória da oposição na Ucrânia e a eventual adesão da Turquia à UE. África é o caso mais desesperado em matéria de pobreza, por isso esteve no centro das atenções na sessão inaugural, na quarta-feira. Na sua intervenção, o primeiro-ministro britânico, Tony Blair, defendeu o reforço da ajuda financeira ao continente, enquanto o Presidente da França propôs a criação de um «imposto global» para lutar contra a sida (Expresso, 2005).

O *Público* discute, diretamente, os efeitos da pobreza para a população, sob a perspetiva de Davos. A peça revela como a elite global “tem tudo e quer mais”, numa referência ao relatório da ONG britânica Oxfam divulgado todos os anos (cf. Figura 39):

Figura 39

Relatório Oxfam no *Público* em 19 de janeiro de 2015

Metade da riqueza mundial nas mãos de apenas 1% em 2016

Globalização
Ana Rute Silva

Relatório da Oxfam divulgado antes do Fórum de Davos lembra que fosso entre pobres e ricos está a acentuar-se

Em 2016, 49,27% da riqueza mundial estará nas mãos de apenas 1% da população, avança um relatório da organização humanitária Oxfam, divulgado ontem, a dois dias do Fórum Económico Mundial de Davos.

A britânica Oxfam faz as contas todos os anos e projecta a evolução da distribuição da riqueza com base nos dados da lista anual de bilionários da revista *Forbes* e de um estudo do Credit Suisse. Com os números na mão, a Oxfam vai exigir em Davos acções urgentes para diminuir a desigualdade de rendimentos.

No relatório *Wealth: Having It All and Wanting More* (Riqueza: Ter tudo e querer mais, numa tradução livre), elaborado por Deborah Haddoon, lê-se que o 1% mais rico tem conseguido aumentar o seu peso na riqueza global de 44% em 2009 para 48% em 2014. As projecções apontam que, em 2016, os bilionários terão perto de 50% do bolo. E em 2020 poderão mesmo representar 54,32% da riqueza.

Os membros desta “elite global tinham uma fortuna média de 2,7 milhões de dólares (2,3 milhões de euros) em 2014, por adulto”, aponta a Oxfam, no comunicado agora divulgado no seu site oficial.

Winnie Byanyima, director exe-

cutivo da Oxfam, vai sentar-se na conferência de Davos para defender que “a explosão da desigualdade está a atrasar a luta contra a pobreza no mundo, numa altura em que uma em cada nove pessoas não tem o suficiente para comer e mais de mil milhões de pessoas ainda vivem com menos de 1,25 dólares (pouco mais de um euro) por dia”. “Queremos mesmo viver num mundo onde 1% da população tem mais do que todo o resto? A escala da desigualdade mundial é assombrosa”, comentou.

No documento, a Oxfam lembra que a riqueza passa de geração em geração e acusa as elites de mobilizarem os seus vastos recursos para garantir que as regras favorecem os seus interesses. “Mais de um terço dos 1645 bilionários listados pela *Forbes* herda toda ou uma parte da sua fortuna”, sublinha.

Cerca de 20% dos bilionários têm interesses no sector financeiro ou segurador, grupo que viu a sua riqueza crescer 11% em 12 meses. “Estes sectores gastaram 550 milhões de dólares [476 milhões de euros] em lobby em Washington e em Bruxelas em 2013. Só em 2012, durante o círculo eleitoral dos Estados Unidos, o sector financeiro contribuiu com 571 milhões de dólares para as campanhas”, escreve a organização.

Em 2014, Bill Gates, Carlos Slim e família, Amancio Ortega e Warren Buffet encabeçaram (por esta ordem) a lista dos mais ricos, elaborada pela revista norte-americana.

O Fórum Económico Mundial, em Davos, na Suíça, começa amanhã e termina sábado, após abordar diversos assuntos com impacto global.

Uma vez que as Cimeiras de Davos têm o propósito de melhorar o mundo, a temática da Pobreza não é apenas recorrente, mas, efetivamente, está entre os que mais apresenta interconexões, como pode ser verificado na figura 40:

Figura 40

Interconexões com a temática da pobreza

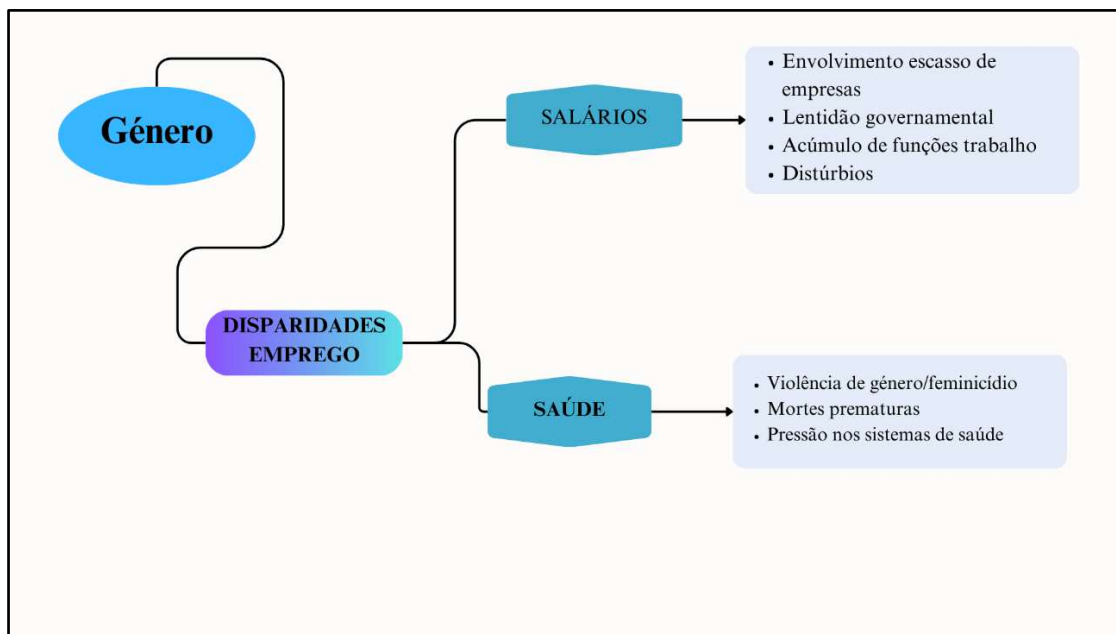


Nota. Elaboração própria.

É frequente, ainda, nos dois periódicos, a cobertura direcionada à discussão da Igualdade de Género, que é abordada a partir do mercado de trabalho, como é possível observar na figura 41:

Figura 41

Interconexões com a temática de género



Nota. Elaboração própria.

A temática de Género evidencia interconexões com a saúde e a violência.

4.8. A evolução da cobertura de Davos nos jornais *Expresso* e *Público*

Um estudo diacrónico da evolução da cobertura das Cimeiras de Davos, nos jornais *Expresso* e *Público*, será o objeto do presente subcapítulo, numa abordagem descritiva da ordem cronológica de sucessão desta investigação ao longo do tempo, entre 1990 e 2020.

Assim sendo, apresentar-se-á uma síntese dinâmica extraída de peças selecionadas, relativamente à cobertura do Fórum Económico Mundial de Davos, seja no próprio encontro anual, na repercussão dos relatórios disponibilizados pela cimeira ou até nas decisões tomadas pelos principais convidados do evento. Para além da análise dos textos indicados, serão evidenciados os elementos gráficos - sejam fotos ou infográficos - utilizados pelos jornais.

De forma a melhorar a identificação e compreensão da informação na linha do tempo, as edições em destaque das Cimeiras de Davos apresentar-se-ão identificadas por ano de realização, sendo que o título corresponderá ao próprio tema original atribuído pelo Fórum Económico Mundial.

1990 - Cooperação competitiva numa década de turbulência

Sem registo de peças publicadas em ambos os periódicos analisados.

1991 - A nova direção para a liderança global

Em 5 de fevereiro de 1991, o *Público* publica uma peça sobre a Guerra do Golfo e as perceções dos atores presentes na Cimeira de Davos. Com o subtítulo “Consenso no Fórum Económico de Davos” e o título “**Guerra do Golfo poupa economia mundial**”, a notícia oferece ao leitor uma análise sobre os últimos 20 dias do conflito armado. A peça é assinada, em exclusivo, pelas agências Reuters e France-Press (AFP), sem a indicação de qualquer edição por parte do periódico. O texto oferece ao leitor um tom analítico distribuído em oito parágrafos e sem a utilização de recurso fotográfico. No decorrer da peça, o leitor é induzido a acreditar que há consenso, entre os participantes na reunião daquele ano em Davos, de que a guerra não iria estender-se a outros territórios e, como tal, teria um impacto residual sobre a economia mundial. Ainda é apresentado um balanço sobre o crescimento económico, relativamente aos oito anos anteriores, nos Estados Unidos e na Alemanha. De resto, ambos os países com a presença dos governadores dos bancos centrais em Davos, inclusivamente, a garantirem alinhamento para decisões em matéria de política monetária, nomeadamente, o comportamento das taxas de juros, fosse em cenário de aumento ou queda. Todas as fontes citadas na peça assentaram em representantes da banca, tal como o então presidente do Bundesbank da Alemanha, Karl Otto Poehl, e o então governador da Reserva Federal dos EUA, Wayne Angel. A peça termina com a indicação de outras discussões na agenda de Davos daquele ano, tal como, a União Soviética, a Europa de Leste e os países em vias de desenvolvimento e, particularmente, a preocupação com a violência que se verificava nos Estados Bálticos.

1992 - Cooperação global e megacompetição

No dia 4 de fevereiro de 1992, o *Público* apresentou na página 44 do caderno de Economia, relativamente ao encontro de Davos daquele ano e respetivos debates, uma notícia sem assinatura, distribuída por duas colunas centralizadas à direita.

A peça jornalística, com o título **“Brittan propõe novas tarefas ao GATT”**, revela que o então vice-presidente da Comissão Europeia, Leon Brittan, havia proposto na cimeira a adaptação do âmbito do Acordo Geral sobre Tarifas e Comércio (GATT), um órgão inicialmente vocacionado para proteger as características essenciais dos intercâmbios de comércio. A peça é suportada nas declarações de Brittan - naquela edição do evento - e foi estruturada com a apresentação da proposta, a enunciação dos motivos, a definição das prioridades e a antevisão dos efeitos previstos. Até esta parte do texto, as expressões em destaque foram as seguintes: “sistema apropriado”, “fazer respeitar”, “esmagador”, “situação muito melindrosa” e “único sistema válido”. A peça ainda debate as questões da expansão da indústria, que tiveram como fonte a Volkswagen, Carl Hahn e Martin Feldstein, o então presidente do National Bureau of Economic Research dos Estados Unidos. A partir deste ponto da notícia, as expressões relevantes são as seguintes: “desvantagem”, “papel político”, “problema na queda do investimento industrial”, “reforma da produção petrolífera”, “estabilização do dólar” e “desvalorização competitiva”.

1993 - Reunindo todas as forças para a recuperação global

Com uma matéria de página inteira dedicada, datada de 30 de janeiro de 1993, o *Público* sugere as dificuldades do G7, a partir de declarações dos participantes no encontro daquele ano do Fórum Económico Mundial. Assinada pelo jornalista enviado a Davos, José Ramos de Almeida, a peça intitula-se: **“O enterro do G7”**. Já o subtítulo sugere o espectro da notícia: “Economistas reunidos em Davos debatem a retoma da economia mundial” e o subtítulo, que antecede a notícia, revela que o Grupo dos Sete havia analisado a temática do crescimento económico mundial. A peça expressa as divergências conceptuais, relativamente à retoma da economia, entre a perspectiva norte-americana e a ótica europeia. Ao longo do texto, também é narrada a estrutura do evento, bem como identificada a presença de notáveis da alta finança mundial à data: Otto Poehl, ex-governador do banco central alemão; Ferd Bergsten, diretor do Instituto para a Economia Mundial; Lester Thurow, catedrático da *Sloan School of Management*, MIT; Horst Koehler, secretário de Estado das Finanças do governo alemão; Akio Morita, presidente da Sony. A fotografia institucional de abertura da cerimónia (cf. Figura 42), da autoria da European Pressphoto Agency (EPA), apresenta Klaus Schwab, presidente executivo do

FEM, ao lado de Adolf Ogi, presidente da Confederação da Suíça, e Akio Morita, presidente executivo da Sony.

Figura 42

Fotografia no Público em 30 de janeiro de 1993



1994 - Redefinindo os pressupostos básicos da economia mundial

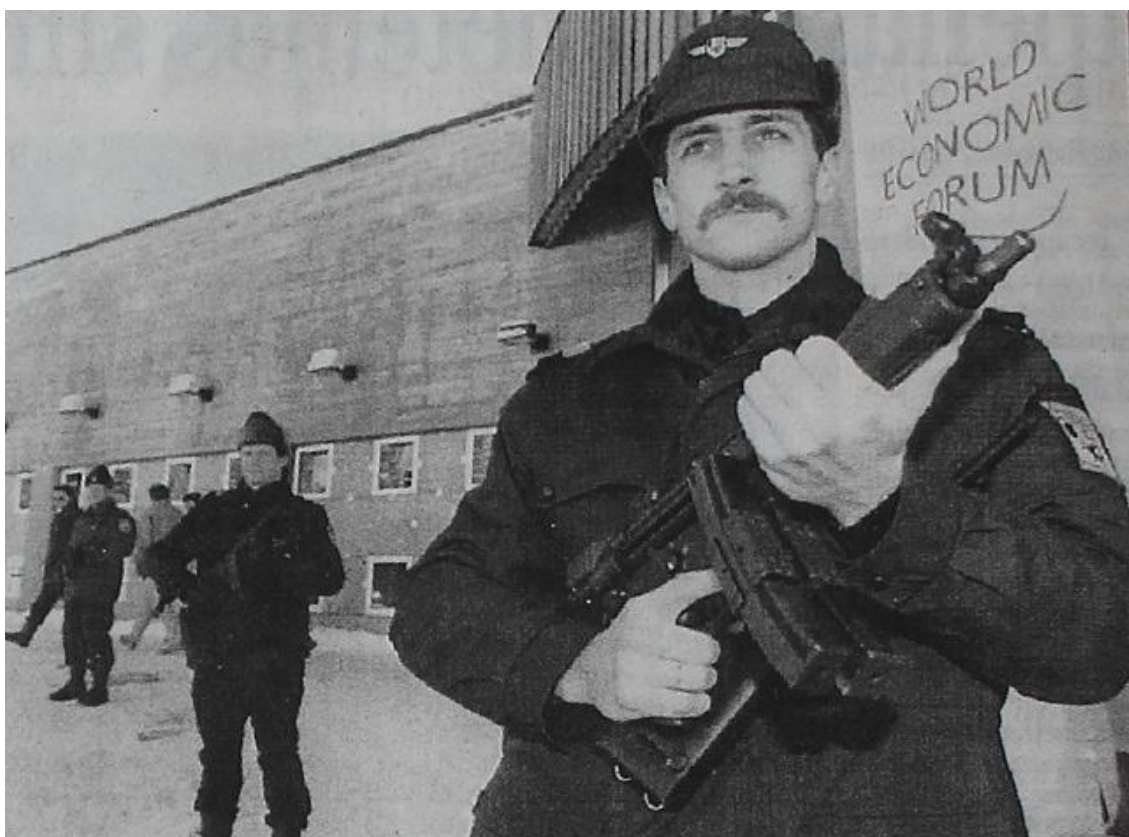
A reunião de Davos de 1994 mereceu um espaço de destaque no *Público*, ao atribuir quatro colunas no lado superior direito da página 32 do caderno de Economia, em 29 de janeiro daquele ano. Na peça, assinada por João Seabra, o título indica a necessidade de cooperação entre os pares presentes: **“Sob o signo da cooperação”**. O subtítulo resume o decorrer dos trabalhos: “Economia mundial examinada em Davos”. Também nesta edição é discutida a necessidade de reformulação do G7, tal como já havia acontecido no ano transato. Naquele mesmo ano, ainda foi discutida a questão do auxílio económico à Rússia, mas a ampliação do G7 ocuparia o centro do debate, como avançou a peça. Para a elaboração da matéria, o *Público* utilizou, além da agenda do Fórum, declarações de Peter Sutherland, então diretor-geral do Acordo Geral de Tarifas e Comércio (GATT); Helmut Kohl, então chanceler da Alemanha; e Lawrence Summers, então sub-secretário

O Fórum Económico Mundial de Davos na imprensa portuguesa de referência

norte-americano do Tesouro. A peça revela ao leitor o tom das discussões, aponta as discordâncias no debate a partir das declarações das fontes e permite compreender a importância geral da reunião. A imagem utilizada (cf. Figura 43), autoria da Reuters, conjuga as temáticas do Clima e da Segurança, recorrentes em Davos.

Figura 43

Fotografia no Público em 29 de janeiro de 1994



1997 - Construindo a sociedade em rede

A página 36 do caderno de Economia do *Público* de 30 de janeiro de 1997, apresenta uma peça assinada por Rui Pereira Martins, desde Genebra, para abordar a edição anual do Fórum Económico Mundial. A peça, sem imagens, focou-se em abordar a agenda e as expectativas da cimeira daquele ano, sob o título **“Encontro de Davos começa hoje”**. O espectro dos debates foi materializado no subtítulo: “Centrado nas tecnologias da informação”. Ao leitor, a peça informa que, além da “sociedade interligada”, tema

daquele ano, também foram discutidas as questões da paz no Médio Oriente, as modificações na ONU e a política monetária europeia.

O carácter elitista do Fórum é sublinhado pelo jornalista ao longo do texto. A natureza dos negócios dos convidados também é explorada no decorrer da peça, que refere Bill Gates, em específico. Também é identificada a presença do sindicalista Marc Blondel e antecipado o debate que este levaria à cimeira, nomeadamente sobre o futuro do operariado e a solução para o desemprego. O jornalista intenta conduzir o leitor à conclusão que aquela cimeira foi importante para o debate da criação de uma moeda única para a Europa.

1999 - Globalização responsável: gerindo o impacto da globalização

A 3 de fevereiro de 1999, a edição do *Público* apresenta uma breve súpula dos debates ocorridos em Davos, naquele ano, sob o tema da “globalização”. Numa peça sem assinatura e sem imagem, o periódico traduz no título o clima dos debates na cimeira: **“Ideias discordantes em Davos”**. A peça explicita que os temas “globalização”, “mercados emergentes” e “crise financeira” dominaram as conversas, mas pouco especifica sobre cada um deles. Entre as fontes citadas, desde logo, encontra-se o então chanceler alemão, Gerhard Schroeder, através da reprodução de excertos de uma conferência de imprensa. Também como fontes, foram citados o economista Barry Eichengreen, professor da Universidade da Califórnia; o governador do banco central francês, Jean-Claude Trichet; Hans Tietmeyer, presidente do Bundesbank; o chanceler britânico do tesouro, Gordon Brown; o secretário de Estado do Tesouro norte-americano, Robert Rubin. Diante das previsões e análises das fontes, que apontavam um cenário económico desfavorável, o *Público* encerra com recurso ao adjetivo “Devastador...”.

2000 - Novos começos: fazendo a diferença

A contrariedade ao Fórum Económico Mundial foi ressaltada pelo *Público* na edição de 30 de janeiro de 2000, que mereceu uma chamada de capa para a matéria publicada na página 39, assinada pela jornalista Ana Navarro Pedro, desde Paris. Na página interna, que corresponde ao caderno de Economia, a peça principal assenta no subtítulo “Protestos marcam 30.º Fórum Económico Mundial de Davos” a anteceder o título **“Globalização ou «globalfobia»”**. Embora tenha ocorrido em Davos, o incidente foi reportado desde

Paris, e na peça não é explicada a fonte utilizada para reportar os acontecimentos. Já na primeira frase do texto, o *Público* utiliza a expressão “violentos incidentes”, para apontar o comportamento de manifestantes contrários ao discurso do então presidente Bill Clinton, pela primeira vez em Davos, naquele ano. Ao leitor, os acontecimentos foram resumidos também pela imagem escolhida (cf. Figura 44), autoria de Andreas Meier da Reuters. A fotografia mostra um grupo de manifestantes em frente a um restaurante do grupo McDonald’s com a legenda: “Os manifestantes contra a globalização «atacaram» ontem em Davos um dos símbolos do capitalismo”. Por estar entre aspas a palavra “atacaram”, e por não haver aparente destruição da loja, desde logo, gera-se uma dissonância cognitiva ao leitor, que observa, na verdade, um protesto e não um ataque.

Figura 44

Fotografia no Público em 30 de janeiro de 2000



No decorrer do texto, a jornalista classifica os manifestantes como “hostis ao rumo mundialização” e informa que houve tentativa de ataque à sede dos congressos.

No mesmo parágrafo, porém, afirma que os protestos foram marcados por gritos de ordem. A peça apresenta a entrevista da manifestante Maria Smetko, de origem norte-americana e natural da cidade de Seattle, mas não há indicação da fonte, ou seja, se à reportagem, se a uma agência noticiosa ou a qualquer outro órgão de comunicação social. Nesta parte do texto, a expressão sublinhada foi “globalfobia”.

Ainda na mesma peça, são reproduzidos excertos do então primeiro-ministro britânico Tony Blair, classificado como “vedeta”. Ao abordar o discurso, a jornalista traduz o FEM como o “«must» económico mais mundano do planeta”. Foram sublinhadas as expressões “reforma social” e “utopia”.

2001 - Sustentar o crescimento e colmatar as divisões: um enquadramento para o nosso futuro global

A 20 de abril de 2001, o *Expresso* publicou uma peça com o subtítulo: “Fórum Económico Mundial” e o título: “**Cimeira de Davos «descobre» a crise da globalização**”. A notícia foi assinada pelo jornalista Luis Tibério e inicia-se com uma metáfora sobre condução na estrada: os condutores seriam os responsáveis pelas economias e a estrada seria a globalização. A metáfora foi atribuída ao discurso do então economista-chefe do Banco Mundial, Joseph Stiglitz, durante o discurso de abertura de Davos naquele ano. A peça é elaborada com o intuito de induzir o leitor a formar uma visão crítica sobre a elite de decisores económicos presentes no Fórum Económico Mundial. O tom crítico da notícia é destacado em negrito, particularmente, com as expressões: “um novo mundo de dinheiro”, “desastrosa” e “subvalorizado”.

A peça cita, ainda, o discurso do então chanceler alemão, Gerhard Schröder, onde estão contidas críticas ao empresário George Soros, designado como especulador. É também citado o discurso do então primeiro-ministro canadiano, Jean Chrétien, com referências a falhas no capitalismo. No tocante à globalização, em si mesma, foram utilizados excertos de Nelson Mandela, do então secretário-geral das Nações Unidas, Kofi Annan, e do então Presidente da Alemanha, Roman Herzog, a quem coube a defesa. A fotografia utilizada na peça foi a do então presidente egípcio, Hosni Mubarak, designado pelo jornalista como uma espécie de porta-voz dos países mais pobres (cf. Figura 45).

Figura 45

Fotografia no Expresso em 20 de abril de 2001



2002 - Liderança em tempos frágeis

Na edição do dia 1 de fevereiro de 2002, o *Público* publica na secção Mundo, uma peça, que ocupou três colunas da página 18, sobre a Cimeira de Davos. Sob título “**Reunião do Fórum Económico Mundial começa rodeada de apertada segurança**”, o subtítulo “Milhares de polícias nova-iorquinos patrulham a zona próxima do encontro do clube de Davos para evitar distúrbios em manifestações antifórum” e o destaque entre o texto com a frase “A movimentação de rua contra o encontro do WEF vai perdurar ao longo dos cinco dias da reunião, mas as principais manifestações estão previstas para sábado”. A peça foi escrita pelo correspondente em Nova Iorque, Pedro Ribeiro, e deu conta da dimensão daquela que fora a 32ª edição do evento, com a chegada de 3 mil participantes e os dispositivos de segurança (4.000 agentes da polícia de Nova Iorque), alvo central da peça. No decorrer do texto, o jornalista destacou o cordão de segurança formado em torno do hotel Waldorf Astoria, num raio de quatro quarteirões, sob os temores dos efeitos dos ataques do 11 de setembro de 2001. Cinco dos oito parágrafos da peça são de carácter descritivo do cenário da reunião daquele ano e induzem o recetor da mensagem (ler, o

leitor) a visualizar a proteção e a segurança destinadas ao que o jornalista designa como símbolos da globalização, em específico, as lojas Starbucks (café), McDonald's (fast food) e Gap (roupa), alvo de vandalismo em outras cidades onde houve protestos contra instituições como o próprio Fórum Económico Mundial, o Banco Mundial e o Fundo Monetário Internacional. A única fonte citada foi o ex-prefeito de Nova Iorque, tratado como ex-“mayor”, Rudy Giuliani, que falara um dia antes numa conferência de imprensa e abordara a segurança oferecida à estrutura do Fórum Económico Mundial. No topo da peça, uma fotografia de autoria de Jefferson Bernardes da agência Reuters e que aborda uma manifestação antiglobalização, mas a imagem, conforme pode ser verificado na figura 46, não é do FEM em Nova Iorque, mas, antes, do Fórum Social Mundial, realizado na capital do estado brasileiro do Rio Grande do Sul, Porto Alegre (peça à direita em duas colunas). A foto relacionada com o Fórum Económico Mundial é a do então presidente norte-americano, George W. Bush, que estaria ausente do evento.

Figura 46

Fotografia no Público em 1 de fevereiro de 2002



Dois meses em Porto Alegre, um tipo de manifestação que a polícia não queria promover e que não quer

Fórum de Porto Alegre tenta exorcizar o “espírito de Seattle”

O único facto trágico a afectar o encontro não teve qualquer relação com as manifestações: um mergulho estafegou outro líder à morte.

MANO MANANHAS
Rio de Janeiro

Os organizadores do Fórum Social Mundial de Porto Alegre, no estado brasileiro do Rio Grande do Sul, tentam exorcizar o “espírito de Seattle”, a maior referência à cidade americana em virtude dos protestos que marcaram o início da mobilização antiglobalização. A inauguração do encontro de Porto Alegre é marcada por uma polêmica proposta de que seja permitida a presença de grupos militantes, porém, incluir o próprio Fórum Social — que se não debate de ideias, em oposição aos movimentos baseados apenas na contestação, no airiar pedras, no protesto? —

dos próprios organizadores —, cuja lista está a meio ano à volta dos 50 anos e, portanto, não comemorará grandes datas, mas também se orgulha por uma característica específica: o encontro acontece em Porto Alegre — cidade governada pelo Partido dos Trabalhadores (PT) — no estado do Rio Grande do Sul, cujo governador, apesar a polícia está subordinada, também é do PT, partido que tem profundos laços com o histórico anticomunismo e o histórico antiterrorismo que compõem as participações do Fórum. Um eventual conflito entre manifestantes e a polícia desgastaria não apenas a vida “sem-compromissos” do movimento antiglobalização e a política, mas também o próprio PT, cujo candidato à Presidência da República, Luiz Inácio “Lula” da Silva, lidera as sondagens.

Quem acredita que o espírito de Seattle, com a liberdade de ideias que “Lula” e o movimento antiglobalização se abraçam, de acordo com o Fórum Social de Porto Alegre, é o líder do Movimento Sem Terra. Brevi comentou por mais de uma entrevista que dá em Porto Alegre, que não pretende “interferir na política interna do Brasil”, mas, em seguida, depois o governo do Rio Grande do Sul, comentar que emborá “Lula” se referisse a ele como “uma oportunidade para o Brasil”, José Bove foi a estreia militar — e não política — do Fórum Social do ano passado, quando derrotou, com a ajuda de integrantes do MST, uma planície onde a terra americana Movimento, supostamente antiglobalização e anticomunismo.

Reunião do Fórum Económico Mundial começa rodeada de apertada segurança

Milhares de policiais e novos escopitos patrulham a zona próxima do encontro do clube de Davos para evitar distúrbios em manifestações antípodas.

FRANCO BASTOS
Nova Iorque

A 22ª reunião do Fórum Económico Mundial (WEF) iniciou-se ontem em Nova Iorque. Três mil participantes compareceram a este encontro rodeados de uma fortíssima disposição de segurança e a polícia de Nova Iorque mobilizou quase quatro mil agentes para controlar a zona do clube de Davos para evitar distúrbios em manifestações antípodas que serão previstas ao fim da reunião, na primeira semana de fevereiro. Outros dois mil agentes de segurança foram destacados para controlar a zona do clube de Davos para evitar distúrbios em manifestações antípodas que serão previstas ao fim da reunião, na primeira semana de fevereiro. Outros dois mil agentes de segurança foram destacados para controlar a zona do clube de Davos para evitar distúrbios em manifestações antípodas que serão previstas ao fim da reunião, na primeira semana de fevereiro.

A movimentação de tráfego contra o encontro do WEF vai perdurar ao longo dos cinco dias da reunião, mas as principais manifestações estão previstas para sábado.

A polícia tenta assegurar a ordem e impedir a realização de manifestações antípodas que serão previstas ao fim da reunião, na primeira semana de fevereiro.



Bush é um dos assuntos de reunião

Um movimento de rua contra o encontro do WEF vai perdurar ao longo dos cinco dias da reunião, mas as principais manifestações estão previstas para sábado. A polícia tenta assegurar a ordem e impedir a realização de manifestações antípodas que serão previstas ao fim da reunião, na primeira semana de fevereiro. Outros dois mil agentes de segurança foram destacados para controlar a zona do clube de Davos para evitar distúrbios em manifestações antípodas que serão previstas ao fim da reunião, na primeira semana de fevereiro.

Um movimento de rua contra o encontro do WEF vai perdurar ao longo dos cinco dias da reunião, mas as principais manifestações estão previstas para sábado. A polícia tenta assegurar a ordem e impedir a realização de manifestações antípodas que serão previstas ao fim da reunião, na primeira semana de fevereiro. Outros dois mil agentes de segurança foram destacados para controlar a zona do clube de Davos para evitar distúrbios em manifestações antípodas que serão previstas ao fim da reunião, na primeira semana de fevereiro.

2003 - Construindo confiança

A 23 de janeiro de 2003, o *Público* dedica três páginas da secção Destaque, conjuntamente, à cobertura do Fórum Económico Mundial e do Fórum Social Mundial. O junção das duas cimeiras mereceu chamada de capa com o título **“Davos e Porto Alegre frente a frente num mundo em crise de confiança”**. Nas páginas dois e três, com o título “População mundial descrente das suas instituições” é anunciada a peça principal, assinada por Artur Neves, numa composição gráfica que contém três matérias complementares, dois infográficos e uma fotografia (cf. Figura 47). A fotografia tem autoria de Alessandro Della Valle da agência Associated Press (AP), sendo que evidencia a habitual necessidade de segurança máxima na realização das cimeiras, tal como reforçado na própria legenda: “Um forte dispositivo de segurança protege a estância alpina de Davos dos manifestantes antiglobalização”. Existe ainda uma coluna explicativa das particularidades entre o léxico de Davos e o de Porto Alegre.

Figura 47

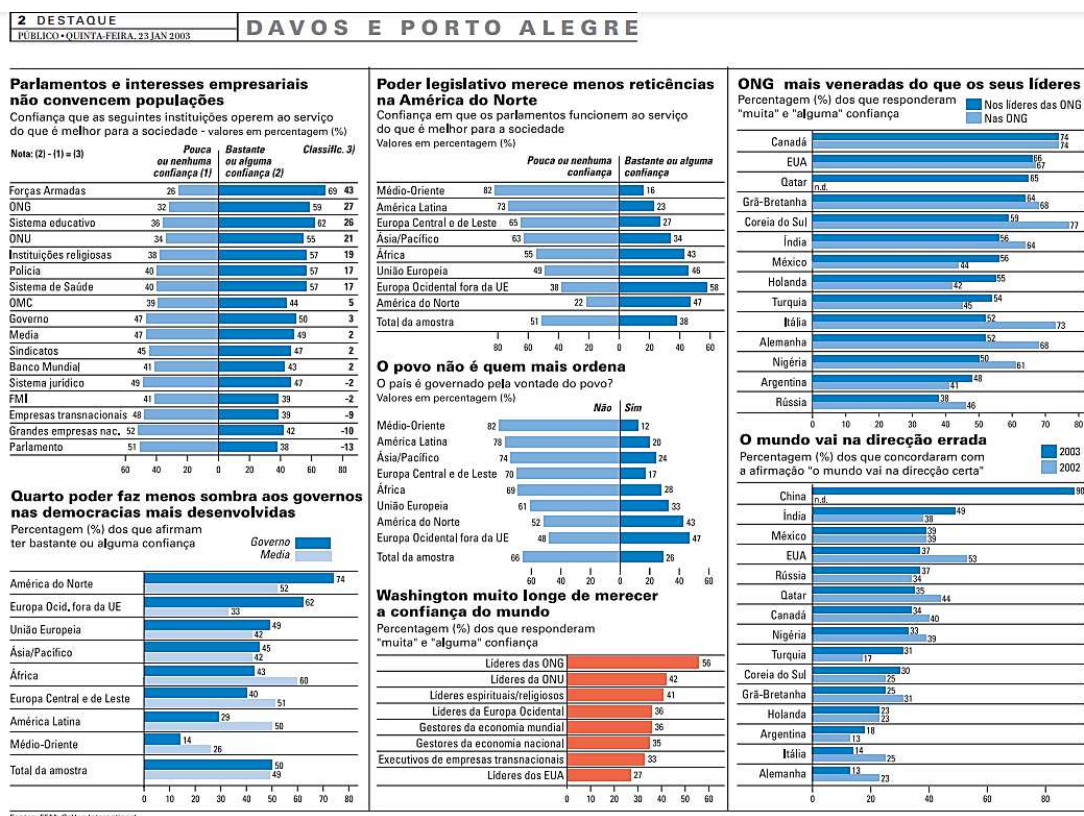
Fotografia no Público em 23 de janeiro de 2003



Um longo texto de destaque é aplicado na abertura da peça principal para explicar o que farão em Davos os dirigentes empresariais e políticos. Na abertura da peça principal, o leitor é convidado a refletir sobre os efeitos da bolha especulativa bolsista, o período de estagnação da economia e os escândalos financeiros contemporâneos. O jornalista revela que, em resultado das incertezas económicas, a população mundial está numa espiral decrescente de confiança nas instituições e respetivos líderes. A fonte informativa na peça revela os dados daquela que seria a primeira sondagem, da responsabilidade da Gallup International (GI), e cujos dados foram revelados ainda em outubro de 2002. De maneira didática, a edição utiliza o recurso do infográfico para descrever os resultados (cf. Figura 48). As fontes informativas do texto principal foram José María Figueres, então director-executivo do FEM e Doug Miller, então presidente da Environics International, empresa responsável pela sondagem em parceria com a Gallup International.

Figura 48

Infográfico no Público em 23 de janeiro de 2003



2004 - Parceria para segurança e prosperidade

Uma visão sobre Davos foi publicada pelo *Expresso* em 30 de novembro de 2004, que escolhe divulgar um artigo de Laura D'Andrea Tyson, então reitora da London Business School e ex-presidente do Conselho de Assessores Económicos do ex-presidente norte-americano Bill Clinton. O artigo, cujo título escolhido foi **“Incerteza arrefece economia global”**, resultou de comentários adaptados a partir de uma conversa com Nathan Gardels, diretor da *Global Viewpoint*, em Londres, e apresentava um resumo sobre as discussões empresariais no Fórum Económico Mundial. De acordo com a análise de Tyson, na segunda metade da década de 90, a economia mundial ainda dependia em demasiado dos Estados Unidos como motor de crescimento e refúgio seguro para o capital, o que fazia da nação um refúgio do mercado liberal. A autora leva o leitor a refletir sobre as crises económicas, nomeadamente as registadas no Japão e na Alemanha, e o simultâneo desequilíbrio, o que resultou num mercado “desiludido”. Há, ainda, o esclarecimento sobre a importância do mercado interno para a sustentabilidade económica em práticas aplicadas nomeadamente pela China e pela Índia. Na avaliação da autora, em tempos de guerra no Iraque, há obsessão dos políticos para temas geopolíticos em detrimento da economia internacional.

O *Público* distribuiu quatro matérias referentes à Cimeira de Davos na edição do dia 24 de janeiro de 2004, três delas estão na secção Mundo e uma na secção Economia. Todas tratam as impressões, as conferências de imprensa e a agenda da cimeira. Entre as peças, está a intitulada **“Liderança política e militar turca apela ao recomeço das conversações sobre Chipre”** que traz destacado no texto de Pedro Caldeira Rodrigues, o excerto “Erdogan encontra-se hoje na Suíça com o secretário-geral da ONU”. Não há foto na peça selecionada. O material aborda o recomeço das negociações de paz sobre Chipre na base de um plano de reunificação da ilha, avançado em finais de 2002 pelo então secretário-geral da ONU, Kofi Annan. Embora descreva o processo de negociações no Chipre, nenhuma fonte é citada de maneira oficial, mesmo para reproduzir declarações. O jornalista optou por descrever a agenda do então primeiro-ministro turco, Recep Tayyip Erdogan, com Annan, em Davos, na Suíça, à margem do Fórum Económico Mundial.

2005 - Assumir a responsabilidade por escolhas difíceis

Entre as peças produzidas sobre a edição do Fórum Económico Mundial de 2005, pelo *Expresso*, está uma notícia assinada pelo jornalista Rui Martins, correspondente em Berna. Na peça, com o título **“Suíça proíbe manifestações”**, não são utilizadas fotografias. Em oito parágrafos publicados em janeiro, o leitor é induzido a compreender os motivos da proibição de manifestações antiglobalização, já típicas e anteriormente registadas em cidades como Seattle, Praga, Melbourne, Nice e Genebra. De acordo com a peça, os episódios violentos empregues pelos manifestantes nas reuniões da Organização Mundial do Comércio (OMC) poderiam ser replicados em Davos. As fontes informativas para a elaboração do material foram conferências de imprensa concedidas por ativistas da entidade anti-Organização Mundial do Comércio. Embora descritas as medidas, não foram citadas as fontes oficiais do governo suíço responsável pela proibição de manifestações. A peça também aponta para a dimensão da Cimeira de Davos, personalidades, agendas de reuniões e reproduz críticas repetidas pelos manifestantes anti-Organização Mundial do Comércio que refere o encontro como “pai ideológico do neoliberalismo e da globalização”.

A reunião anual do Fórum Económico Mundial de 2005 foi noticiada pelo *Público* em 26 de janeiro, com o título **“Blair e Chirac pedem em Davos dinheiro para os mais pobres”**. A peça, assinada pelo jornalista Pedro Ribeiro, descreve o discurso do então primeiro-ministro britânico, Tony Blair, por ocasião da 34ª reunião anual. O resumo da reunião encontra-se expresso logo no primeiro parágrafo: “Tony Blair inaugura hoje a 34ª reunião anual do Fórum Económico Mundial com um discurso apresentando o seu «plano Marshall» para os países em vias de desenvolvimento e lançando um apelo à cooperação internacional para o problema do aquecimento global”. Ao longo do texto, são descritas as preocupações do então presidente francês, Jacques Chirac, cuja agenda indicava explicações detalhadas sobre um projeto para uma taxa mundial que crie um fundo de apoio aos países mais pobres. Já no segundo dos seis parágrafos, o texto apresentava críticas ao Fórum, com a presença de dois mil convidados e “duas dezenas de chefes de Estado e de Governo”. A peça descreve que Blair considera o meio ambiente o maior desafio da atualidade, sendo também esta uma preocupação constante no cerne da Cimeira de Davos. Não são reproduzidos discursos ou excertos de declarações de nenhum dos líderes citados e a fonte de informação referida, no interior da peça, é a agência France-Press (AFP). E justifica-se pela presença de Jacques Chirac que, na altura, anunciaria com

o então ministro das Finanças britânicas, Gordon Brown, a defesa de um plano de cooperação entre os países do G8, da Índia e da China para encontrar soluções ao consumo de combustíveis fósseis. As duas personalidades, como descreve o jornalista, também defenderiam um pacote de auxílio aos países mais pobres do mundo, em especial a África, ação classificada como novo “Plano Marshall”. No decorrer da peça, não são tecidas críticas contundentes à cimeira, não há qualquer destaque à presença portuguesa em Porto Alegre no Fórum Social Mundial. No último parágrafo da peça, são citadas as presenças naquela localidade do Brasil do escritor José Saramago e do ex-primeiro-ministro António Guterres. O tom acrítico, em geral, é reproduzido na imagem escolhida pelo *Público* (cf. Figura 49) para ilustrar o evento. O periódico utiliza uma fotografia da Reuters com o logótipo da cimeira e um transeunte claramente desfocado.

Figura 49

Fotografia no Público em 26 de janeiro de 2005



2006 - O imperativo criativo

A secção de Economia do *Público* de 26 de janeiro de 2006 abriu espaço para duas matérias relacionadas com o Fórum Económico Mundial e uma em contraponto, onde abordou o Fórum Social Mundial. A peça principal, publicada na página 28, tem por título: **“Merkel promete em Davos «soluções criativas» para combater desemprego”** e traz no subtítulo “Chanceler alemã foi a «estrela» na abertura do Fórum Económico Mundial; disse como o seu país irá “assumir as suas responsabilidades na Europa”. Portanto, as expectativas em relação à reunião daquele ano. Como forma de destacar as declarações de Merkel, o jornalista que assina a peça, Pedro Ribeiro, elaborou uma *box* à parte, levando o texto a 13 parágrafos. No decorrer da peça, Merkel é chamada de “vedeta” e “peso-pesado” como forma de traduzir a importância da chanceler. Para o leitor, a chanceler é veiculada como uma líder preocupada com o próprio país e com a União Europeia, alguém necessário para combater o desemprego a partir de “soluções criativas”, liberais e, ao mesmo tempo, de cunho social. No final da peça, o leitor adquire a perceção que a Merkel noticiada é uma pessoa equilibrada e firme. A chanceler também é a única fonte citada em toda a peça e também dela é a foto da autoria da jornalista Anja Niedringhaus, em que a líder aparece em pose imponente sendo observada por ninguém mais que ela mesma (cf. Figura 50), cuja legenda definida pelo *Público* a relaciona a preocupações com a sociedade: “Angela Merkle defendeu em Davos «a liberdade responsável» - uma economia de mercado com preocupações sociais”.

Figura 50

Fotografia no Público em 26 de janeiro de 2006



2007 - Moldando a agenda global, a equação de poder em mudança

Quando notícia a reunião anual do Fórum Económico Mundial na edição publicada em 27 de janeiro de 2007, o *Expresso* ocupa a parte inferior da página 33 do Primeiro Caderno. A notícia, assinada por Margarida Mota, tem como subtítulo a palavra “Globalização” e por título: **“Fórum de Davos «rendido» ao espírito de Porto Alegre”**. A comparação entre as duas cimeiras, o Fórum Económico Mundial e o Fórum Social Mundial, estabelece-se através das personalidades e dos debates ocorridos. No decorrer da notícia, o encontro de Davos é designado como “clube dos ricos”, “circo de Hollywood” e “cimeira do capitalismo mundial”, enquanto a reunião em Porto Alegre (Rio Grande do Sul, Brasil) é traduzida como “cimeira antiglobalização” e “contrapeso”. Enquanto fontes de informação, o *Expresso* utiliza a agenda dos dois eventos e os respetivos anúncios. O material também faz referência à entrevista de Nigel Campbell, então porta-voz da ONG ambiental Greenpeace. Para ilustrar o material, contudo, a escolha recaiu sobre uma imagem produzida pela Reuters (cf. Figura 51), em que aparecem sentadas, descontraidamente, Angela Merkel, ex-chanceler alemã, e Micheline Calmy-Rey, então presidente do Conselho Federal da Suíça, por ocasião da inauguração da cimeira. Para o leitor, o texto sugere o impacto do Fórum de Porto Alegre sobre Davos que, tal como expressa a jornalista, passou a abrir espaço a organizações não-governamentais e a incluir temáticas, até então, exclusivas dos movimentos de antiglobalização.

Figura 51

Fotografia no Expresso em 27 de janeiro de 2007



A edição do dia 25 de janeiro de 2007 do *Público* apontou as preocupações do então presidente brasileiro, Luiz Inácio Lula da Silva, em sede de comércio mundial numa matéria de uma coluna fixada à direita da página 38 da secção de Economia. Sem fotos, e com o título **“Lula defende em Davos relançamento da ronda de Doha”**, a peça da agência Lusa descreve os interesses do mandatário sul-americano em atrair investimentos para acelerar o crescimento brasileiro. Em tom analítico, não crítico ou inquiridor, a peça descreve comparações entre o crescimento económico do Brasil e outras economias, como a China, a Índia e a Venezuela, todos acima dos 10 por cento, enquanto o gigante brasileiro não passou de 2,6 por cento no ano anterior àquela cimeira. A peça destaca, ainda, que o desempenho brasileiro deveria ser questionado, mas não indica por quem e limita-se em apontar expectativas sobre o discurso de Lula da Silva, onde deveria apresentar as soluções aplicadas pelo governo para estimular o crescimento paralelo à justiça social e à manutenção da democracia, nomeadamente, o Programa de Aceleração do Crescimento (PAC). Em tom crítico à participação de Lula naquela cimeira, o texto indica que o discurso será “para os ouvidos dos investidores estrangeiros”. Sem um título de separação, a peça passa a descrever as expectativas na cimeira da participação da Angela Merkel, e sublinha os vocábulos “sensata” e “esperançosa”, ao referir-se à

estratégia do então presidente norte-americano, George W. Bush, para reduzir o consumo de gasolina nos Estados Unidos.

2008 - O poder da inovação colaborativa

O jornalismo do *Público* continuou a invocar, em 2008, o mesmo otimismo de sempre ao cobrir os debates em Davos sobre a economia norte-americana, em particular. Na edição de 24 de janeiro de 2008, três notícias, distribuídas pelas secções Destaque, Mundo e Economia, abordaram a cimeira. Por tratar-se de um ano em que a crise já se fazia sentir, especialmente, no mercado norte-americano, o periódico utilizou uma boa parte do espaço da secção Mundo para falar sobre a força da economia dos EUA, com o título **“Rice diz que a economia americana é «resistente»”**. A peça não é assinada e utiliza como fonte de informações o discurso da então secretária de Estado norte-americana, Condoleezza Rice, em Davos. O texto é marcado pelas afirmações de Rice sobre a solidez da economia americana, a impossibilidade de uma recessão naquele país e as relações com a Rússia e o Oriente Médio.

A mesma edição, contudo, oferece ao leitor a secção de Economia mais voltada para as discussões sobre a crise. Na página 37, o jornalista Sérgio Anibal publica material analítico sobre a pressão dos EUA pelo corte de juros, sob o título: **“Trichet recusa pressão dos EUA e continua focado na inflação sem cortar taxas de juro”**. A peça apontava que a rotina do Banco Central Europeu não seria influenciada pela tendência das decisões do da Reserva Federal (FED), o banco central dos Estados Unidos da América, a mais poderosa instituição financeira do mundo. Esta compreensão era permitida a partir do texto de apoio que antecedia a peça: “O presidente do BCE não muda o discurso no dia a seguir ao corte de taxas nos EUA, mas o abrandamento da economia pode forçá-lo a uma inflexão”. No final da peça, distribuída em sete parágrafos e uma *box*, o jornalista recorre a Davos para explicar a insatisfação do mercado. Para apoiar a afirmação, as fontes citadas assentaram nos discursos do investidor George Soros e o do analista Stephen Roach. O material fotográfico (cf. Figura 52), da autoria da agência Associated Press (AP), corroborava o título, surgindo Trichet com a mão erguida, em gesto sugestivo de calma, e uma expressão facial de segurança.

Figura 52

Fotografia no Público em 27 de janeiro de 2008



2009 - Moldando o mundo pós-crise

O jornalista do *Expresso*, José Pedro Tavares, relatou, em 30 de janeiro de 2009, os debates ocorridos em Davos, por ocasião da realização do encontro anual do Fórum Económico Mundial. A peça jornalística, disponível no *site* do periódico, retrata os embates entre os participantes da cimeira. Com o título **“Erdogan e Peres protagonizam violento debate em Davos”**, o jornal aponta que Recep Tayyip Erdogan, o então primeiro-ministro turco, ter-se-ia envolvido numa discussão com Shimon Peres, o então presidente de Israel. A discussão ocorreu num dos debates do Fórum Económico Mundial, em Davos. Segundo o que é transcrito na peça, o evento desagradou ao moderador do painel que, de forma “intempestiva”, o abandonou. A fonte de informação utilizada - para as interpretações do jornalista - foi disponibilizada em vídeo e distribuída pelo próprio Fórum Económico Mundial, possibilitando, assim, uma melhor compreensão sobre o

O Fórum Económico Mundial de Davos na imprensa portuguesa de referência

evento. Parte do clima do evento pode ser constatado na reprodução do vídeo original (cf. Figura 53), porque a ligação disponibilizada pelo *Expresso* já não se encontra ativa.

Figura 53

Imagem no *Expresso* em 30 de janeiro de 2009



O *Expresso* descreve o vídeo na íntegra - com as reações dos presentes - e descreve, inclusivamente, a comunicação corporal dos líderes. A última frase do texto, contudo, indicaria que a imprensa turca noticiou que, em virtude do evento, Peres telefonou no dia seguinte a Erdogan a pedir-lhe desculpa, mas não cita a fonte responsável pela informação.

Na reunião de 2009, auge da crise económica, o *Público* narra como a situação impactou na reunião de Davos, em 28 de janeiro, através de uma peça de nove parágrafos, assinada pelo jornalista Sergio Anibal, na página 30, que abriu a secção de Economia. O clima do evento daquele ano é descrito já no título da seguinte forma: **“Com banqueiros e músicos desaparecidos, sobram os políticos”**. A justificação é descrita no intertítulo “A crise económica mundial está a mudar o ambiente em Davos. Os grandes banqueiros mundiais, antes tratados como estrelas, arriscam-se agora a ser julgados”. A peça relata em tom crítico e, por vezes, irónico, o comportamento dos atores no FEM, ao afirmar que, “nos últimos anos já eram muitas as surpresas”.

O leitor fica a saber pela Cimeira de Davos que, apelando por ajuda a África, desfilam estrelas do cinema e da música, enquanto os nomes da alta finança internacional, também tratados como celebridades, defendiam a globalização e o liberalismo. É possível perceber, pelo material, a dimensão da crise económica, uma vez que são notadas ausências de vulto, por parte de celebridades habituais nas edições anteriores, como Bono Vox, vocalista e líder da banda irlandesa U2. Quanto às estrelas do mundo financeiro, fica patente a crítica ao comportamento na seguinte frase: “E os banqueiros, para além de estarem ocupados a evitar a falência das suas instituições, parecem ter pouca vontade de participar num debate em que o tema principal será precisamente o falhanço da sua atividade nos últimos meses”. Não são apontadas, de forma direta, as fontes da informação do texto, desacompanhado de fotografia, e, de igual maneira, o mesmo ocorre com o infográfico (cf. Figura 54), onde estão listadas as autoridades presentes.

Figura 54

Infográfico no Público em 28 de janeiro de 2009

Figuras de Davos
Vladimir Putin <i>Primeiro-ministro russo</i>
A enfrentar uma crise económica, vai aproveitar a oportunidade de voltar ao palco mundial.
Wen Jiabao <i>Primeiro-ministro chinês</i>
A China quer desempenhar um papel cada vez mais activo na definição das políticas económicas mundiais.
Angela Merkel <i>Primeira-ministra alemã</i>
Surge fragilizada pelas indefinições que tem revelado nas políticas de combate à crise.
Gordon Brown <i>Primeiro-ministro britânico</i>
Vai defender as suas políticas inovadoras de combate à crise, tentando liderar a definição da nova arquitectura financeira internacional.

2010 - Melhorar o estado do mundo: repensar, redesenhar, reconstruir

A 1 de fevereiro de 2010, o *Expresso* publicou, no seu *site*, uma análise, assinada por Alexandre Coutinho, sobre o Fórum Económico Mundial. Sem utilizar o recurso a imagens, o texto inicia-se com o título “**Desilusão na «cozinha» de Davos**” e tem como subtítulo “O Mundo está melhor do que há 12 meses, no entanto, não houve consenso sobre a recuperação económica na Cimeira de Davos”, ou seja, uma forma de resumo relativamente ao evento daquele ano. A peça induz o leitor a perceber que alguns sinais de recuperação económica não foram suficientemente fortes para um crescimento sustentável, devido aos elevados níveis de desemprego, especificamente nas economias

ocidentais. O texto foi desenhado sob a perspectiva de líderes políticos e empresários do G20, mas não indicava a fonte da informação. Utilizou, ainda, declarações do então diretor-geral do FMI, Dominique Strauss-Kahn, e não esclareceu como foram concedidas (se por conferência de imprensa, comunicado oficial ou discurso em Davos). A mesma observação é feita relativamente às declarações de Larry Summers, então diretor do Conselho Económico Nacional da Casa Branca e conselheiro do então presidente dos Estados Unidos, Barack Obama, de Patricia Woertz, então presidente executiva do grupo industrial Archer Daniels Midland, e do empresário Bill Gates. Não foi possível, ao leitor, perceber de que maneira as declarações foram disponibilizadas, porém restou a impressão que haviam sido facultadas diretamente ao *Expresso*.

O *Público* publicou duas peças para abordar a reunião de 2010 do Fórum Económico Mundial, inseridas nas secções Mundo e Economia, na edição do dia 28 de janeiro daquele ano. Para além da matéria integrante da secção de Economia, a peça publicada na secção Mundo discute os efeitos do terremoto no Haiti, tal como as expectativas da ONU relativamente à influência dos decisores em Davos. As fontes da matéria, assinada por Francisca Gorjão Henriques, são a própria ONU e os jornais haitianos. A peça começa por descrever a agonia de um homem de 31 anos que passou 12 dias debaixo de escombros numa rua no centro de Port-au-Prince, capital haitiana. De forma a chocar, perante as peças que marcavam a Cimeira de Davos, aquela apresentou, com direitos de autor da agência Associated Press (AP), a figura da vítima (cf. Figura 55), ainda durante a ação de socorro humanitário, alertando para as questões ambientais e desastres naturais.

Figura 55

Fotografia no Público em 28 de janeiro de 2010



A mesma edição do *Público*, numa peça distribuída por seis colunas da página 22 da secção de Economia, também é utilizada para descrever as expectativas dos representantes das nações para superar a crise. As chamadas para a peça, distribuídas entre a matéria principal e a de apoio, têm no topo a descrição sobre as expectativas da reunião daquele ano: “Davos encontro de elite na Suíça debate os caminhos a percorrer depois da crise”. O título da peça assinada por Luís Villalobos, porém, revela a busca pelo acerto de contas entre as nações e a banca: **“Sarkozy quer novas regras para bancos feitas pelo G20”**. A fonte para a construção do texto reside no discurso do então presidente francês em Davos. No decorrer da matéria, o leitor é sugestionado por um tom crítico relativamente ao desempenho e papel da banca na crise económica, como pode ser observado na frase atribuída a Sarkozy: “O papel de um banqueiro não é o de especulador”. Também são identificadas na peça outras fontes de informação, como o então presidente do Barclays, Bob Diamond, o investidor, George Soros, o economista, Nouriel Roubini, e o então presidente do Banco Central Europeu, Jean-Claude Trichet. Todas as fontes foram citadas a partir de discursos em Davos, com exceção de Roubini, cuja citação foi atribuída a uma entrevista do banqueiro ao *The Wall Street Journal*.

No fim da peça, refere-se que a situação do Haiti seria debatida, tanto na dimensão da reconstrução, quanto da prevenção a outras catástrofes semelhantes. Já numa *box* colorida a amarelo, de forma a acentuar a importância, e sob o título “Lula da Silva: «Davos já não tem o glamour que tinha», descreve-se a homenagem a ser atribuída ao líder brasileiro na cimeira. A fonte da informação foi o jornal *O Globo*, ao passo que a foto utilizada - Lula da Silva a abotoar o casaco, numa expressão de despreocupação - não identifica a procedência. De resto, muito diferente da fotografia da Reuters, escolhida para retratar o líder francês durante o discurso na cimeira (cf. Figura 56), em expressão de clara preocupação, e sobreposta à de Lula, podendo sugerir, ao leitor, superioridade e imponência.

Figura 56

Identidade visual do Público em 28 de janeiro de 2010



2011 - Normas partilhadas para a nova realidade

A edição de 2011, do encontro anual do Fórum Económico Mundial de Davos, foi abordada no caderno de Economia do *Expresso*, em 27 de janeiro daquele ano, numa matéria sem assinatura ou qualquer imagem associada, e disponibilizada no *site* do jornal. Com o título “**Merkel e eu nunca vamos deixar cair o euro, diz Sarkozy**”, a peça discorre sobre o discurso do então presidente francês, Nicolas Sarkozy, em Davos, relativamente ao futuro do euro. Trata-se de um texto de carácter informativo, deixando ao

leitor a hipótese de estabelecer uma interpretação, a partir de fragmentos do discurso. Torna-se possível perceber o viés interpretativo do periódico a partir das palavras, expressões e subtítulos escolhidos. O subtítulo principal apresenta, sublinhado a negrito, os nomes de Sarkozy e Merkel, num bloco de texto que traz, também a negrito, a expressão “maior crise”. Os outros subtítulos encontrados na peça foram: “Elevados níveis da dívida pública” e “Falhanço do euro seria «catastrófico»”. No final da peça, a redação torna-se mais burocrática e circunscrita a conhecer-se a dimensão da cimeira de Davos (quantidade de participantes, temas discutidos, etc.).

O impacto da crise económica no sul da Europa e as discussões em Davos foram reproduzidas na edição de 27 de janeiro de 2011 do *Público*, numa peça da jornalista Rosa Soares, publicada na secção de Economia. Na peça, assume-se uma interconexão a Portugal através do título: **“Crise da dívida contagia juros das obrigações alemãs e mantém pressão sobre Portugal”**. O mesmo âmbito conceptual é corroborado no subtítulo: “Risco de Portugal continua elevado, com os juros das obrigações do tesouro a dez anos ainda acima da barreira dos sete por cento”. O *Público* escolheu ilustrar o material através de uma fotografia da Reuters, em que a então chanceler alemã, Angela Merkel, surge com uma postura que remete o leitor para uma eventual justificação, do porquê da Alemanha também estar a enfrentar problemas relacionados com a crise financeira internacional do *subprime* (cf. Figura 57).

Figura 57

Fotografia no Público em 27 de janeiro de 2011



Os primeiros quatro dos seis parágrafos do material são utilizados para descrever os juro em Portugal e na Alemanha, bem como os respetivos impactos, a partir de dados levantados pela agência Reuters. Também constam, como fonte da matéria, a Bloomberg e Vieira da Silva. No final do antepenúltimo parágrafo, a cimeira de Davos foi citada, a partir da pressão realizada na reunião daquele ano pelo Banco Central Europeu (BCE) junto do Fundo Monetário Internacional (FMI), a título de procura de alternativas para solucionar a crise.

2012 - A grande transformação: moldando novos modelos

Em 2012, o *Expresso* publicou uma matéria divulgada pela agência Lusa para retratar a realização da Cimeira de Davos, no próprio *site*, em 25 de janeiro de 2012. Uma peça do caderno de Economia e que utilizou uma fotogaleria com 39 imagens referentes à cimeira, porém que, atualmente, não permanece ativa. Com o título: **“Merkel desafia a que haja mais Europa no futuro”**, a peça aborda o discurso da então chanceler alemã, Angela Merkel. Como forma de destacar os temas importantes no curso do texto, foram colocados a negrito os termos: “Fórum Económico Mundial”, “chanceler alemã”, “União Europeia”, “Bruxelas”, “moeda única” e “a minha visão é muito política”. A matéria informa, no segundo parágrafo, tratam-se de afirmações de Merkel citadas pela agência noticiosa Associated Press (AP). A peça revela ao leitor a necessidade de apresentar uma chanceler forte e decidida a lutar pelo euro e pela União Europeia diante dos olhos dos presentes no Fórum Económico Mundial. Para corroborar a importância dada à chanceler, são citadas, na peça, entrevistas por ela concedidas a outros órgãos de comunicação social para abordar a política interna da União Europeia, nomeadamente o espanhol *El País*, o francês *Le Monde*, o britânico *The Guardian*, o alemão *Süddeutsche Zeitung*, o italiano *La Stampa* (Itália), e o polaco *Gazeta Wyborcza*. O leitor é informado que todos os jornais fizeram publicações conjuntas, com as declarações da então chanceler, no dia de abertura do Fórum Económico Mundial em Davos.

O *Público* reservou duas páginas da edição do dia 25 de janeiro de 2012, para noticiar a reunião anual do Fórum Económico Mundial e fez uma chamada de capa. No material, publicado, em Destaque, nas páginas 2 e 4, o periódico realizou um histórico completo da cimeira, com dados compilados num infográfico (cf. Figura 58). O trabalho foi assinado pela jornalista Ana Rita Faria e teve como título de apoio em modelo chamada

no topo da página: “Líderes mundiais reúnem-se para preparar a «grande transformação»”. O título principal “**Os «homens de Davos» voltam hoje à montanha suíça para discutir as falhas do capitalismo em plena crise europeia**” revela o tom duvidoso sobre o modo contemporâneo de geração de riqueza no sistema capitalista.

Figura 58

Infográfico no Público em 25 de janeiro de 2012



A peça impõe um tom reflexivo sobre o capitalismo, a sociedade no século XXI e transporta o leitor a perceber que as dúvidas estão no cerne da cimeira daquele ano. A fonte utilizada para as informações é a própria cimeira, com dados, número de participantes e agenda de discussões. Legenda: “Os movimentos de protesto já se instalaram em Davos”. Um outro tom identificado no material reflete a abordagem elitista da cimeira e as críticas impostas por manifestantes, como pode ser constatado na figura 59, autoria de Vincenzo Pinto da agência noticiosa francesa France-Press (AFP).

Figura 59

Fotografia no Público em 25 de janeiro de 2012



2013 - Dinamismo resiliente

O *Expresso* optou por um tom crítico ao avaliar o discurso da então chanceler alemã, Angela Merkel, em Davos, por ocasião da edição de 2013 do encontro anual do Fórum Económico Mundial. Em 25 de janeiro daquele ano, o jornal publicou, no *site*, uma matéria assinada pelo jornalista Jorge Nascimento Rodrigues com o título “**Merkel «amacia» austeridade em Davos**”. A peça abordava a austeridade e o risco político implícitos à aplicação das medidas de redução dos défices orçamentais e estabilização da dívida pública dos países. Uns longos excertos do discurso de Merkel - aquando da abertura da reunião de Davos - permitiram ao leitor compreender a visão da líder, que anunciava a necessidade de enfrentar as consequências dos ajustes, nomeadamente, a instabilidade política. As expressões sublinhadas na peça, pela edição da reportagem, foram: “renegociação suave” e “duas faces da mesma moeda”. O leitor capta na atmosfera da fotografia (cf. Figura 60) de Laurent Gillieron da agência European Pressphoto (EPA), para ilustrar o material, a necessidade de uma atitude de resiliência emergente do punho cerrado de Angela Merkel.

Figura 60

Fotografia no Expresso em 25 de janeiro de 2013



O tom de liderança da alemã também teria sido captado pela imprensa chinesa presente no evento, mas nenhum jornal foi referenciado pelo *Expresso*, embora a perceção dos asiáticos tenha sido explicitada. O periódico também utilizou declarações do prémio Nobel Paul Krugman, sobre o desempenho de Merkel, mas não indicou a quem as mesmas foram prestadas.

Na edição do dia 23 de janeiro de 2013, o *Público* confere um tom de previsibilidade à edição anual da cimeira em Davos. Assinada pelo jornalista Pedro Crisóstomo, a peça, publicada na secção Internacional, encontrava-se distribuída sob uma foto genérica (cf. Figura 61) do evento, em duas colunas à esquerda, tendo, no topo, o seguinte título: **“Davos centrada na economia global e com Europa ainda envolta em incerteza”**. A peça é uma análise económica da Europa e dos Estados Unidos frente às expectativas da cimeira, descrevendo-se a geografia e a importância dos participantes. A fonte citada na peça é a do fundador do Fórum Económico Mundial, Klaus Schwab. As principais expressões sublinhadas pelo *Público*, no decurso da peça, foram as seguintes: “dinamismo resiliente”, “mais otimista” e “mais resiliente”, “incertezas” e “oportunidades”.

Figura 61

Fotografia no Público em 25 de janeiro de 2013



Para além da fotografia genérica, a peça também apresenta, ao leitor, um tom quase inócuo da cimeira, limitando-se, basicamente, a descrever a lista de participantes.

2014 - A remodelação do mundo: consequências para a sociedade, a política e os negócios

O *Expresso* optou por dedicar uma cobertura burocrática à edição de 2014 do encontro anual do Fórum Económico Mundial e publicou uma matéria sem assinatura e sem fotografia, inserida no caderno de Economia, em 25 de janeiro daquele ano. O título do material “**Fórum Económico de Davos termina com otimismo**” chamava a atenção para uma notícia de oito parágrafos onde são descritas as expectativas de alguns dos participantes da cimeira. O otimismo, referido no título, estava ligado à recuperação da economia mundial, ainda assolada pela crise. Entre as fontes citadas na peça, encontra-se a então diretora-geral do Fundo Monetário Internacional, Christine Lagarde, que participara no debate com pares, mas a matéria do *Expresso* não refere nomes, cargos ou

nacionalidades. Na peça são citados, ainda, dados sobre a previsão de crescimento económica para 2014, a partir de projeções do Fundo Monetário Internacional (FMI). Além de Lagarde, o material cita discursos do então governador do Banco do Japão, Haruhiko Kuroda, do então ministro alemão das Finanças, Wolfgang Schäuble, e do então presidente do Banco Central Europeu (BCE), Mario Draghi. As expressões sublinhadas na peça pelo jornalismo do *Expresso* foram: “hipótese de deflação” e “abrandamento das economias emergentes”

O tratamento do *Público*, em matéria de pauta Davos, apontava para a expectativa de mudanças no cenário económico, conforme capa do periódico em 22 de janeiro de 2014, com a apresentação de uma foto sem autor, recortada sobre um fundo amarelo da então presidente do Fundo Monetário Internacional (FMI), Christine Madeleine Odette Lagarde, a sorrir de maneira contagiante (cf. Figura 62).

Figura 62

Imagem no Público em 22 de janeiro de 2014



Com o título **“Desigualdades, retoma económica, tecnologia e Síria na agenda de Davos”**, o *Público* dedica a página 20 da secção de Economia à cimeira. No subtítulo são apontadas as novidades daquele ano, personificadas na figura da então presidente brasileira, Dilma Rousseff. O material assinado por José Manel Rocha, desvenda, ao público, o cenário burocrático da cimeira, como por exemplo, os participantes, a agenda, a importância no cenário económico e expectativas. O texto cita expectativas do presidente do FEM, Klaus Schwab, que estaria “cautelosamente otimista” com a recuperação económica, porém sem indicar a fonte das declarações. Relativamente à presença da presidente brasileira, o material destaca a estreia e declarações feitas a rádios brasileiras não referenciadas para abordar a crise nas prisões daquele país. Na peça são encontradas referências ao relatório da organização humanitária Oxfam, em sede de distribuição de riqueza, que, naquele ano, para 85 pessoas no planeta a acumular um volume de riqueza muito idêntico ao de mais da metade pobre da população. São elencados também como problemas, a serem discutidos em Davos, as desconfianças sobre a Internet e a crise na Síria. Mais uma vez, a fotografia escolhida é propriedade da agência noticiosa internacional France-Press (AFP) e reúne, numa imagem, a percepção do frio que se faz sentir em Davos, naquela época do ano, além do necessário aparato de segurança, como pode ser observado na figura 63:

Figura 63

Fotografia no Público em 22 de janeiro de 2014



2015 - Novo contexto global

Uma análise do jornalista Pedro Oliveira, sobre Davos, traduziu o registo do *Expresso* na edição de 2015 do encontro anual do Fórum Económico Mundial. A peça, publicada em 26 de janeiro daquele ano, teve por título **“O mundo no espanto fácil”** e analisou as declarações de Eric Schmidt, então presidente executivo (CEO) da Google [atualmente, Alphabet Inc.] e presente na cimeira. Antes de abordar o tema escolhido, o jornalista efetuou um prelúdio em que define o pensamento comum sobre Davos: “O Fórum Económico Mundial tem o condão de conseguir duas coisas: reunir pessoas que dizem algumas generalidades e fazer-nos inveja com aqueles cenários cheios de neve que deixam antever uns fora de pista extraordinários”. Assim, sem uma ligação causal, a peça passa a retratar diretamente Eric Schmidt, traduzido pela palavra “adulto”, aludindo ao facto de usar fato e gravata, ao invés dos demais representantes da organização a optarem por *T-shirt* e sapatilhas. A prova da maturidade do executivo revela-se, ainda, na fotografia da agência Reuters (cf. Figura 64), escolhida pelo periódico para ilustrar o material, que, além do fato de alta costura, do destaque ao executivo e do logótipo de fundo do FEM, pouco ou nada mais terá a revelar ao leitor.

Figura 64

Fotografia no Expresso em 26 de janeiro de 2015



A peça apresenta alegados elogios a Schmidt, numa tentativa de convencer o leitor sobre a credibilidade do gestor e dos discursos proferidos em Davos. Entre as expressões que evidenciam também o lado do sarcasmo na peça encontra-se o excerto: “Dá para perceber que o atual presidente da Google sabe muito bem como falar para ser «apanhado pelo motor de pesquisa»”. É a partir desta frase que, entretanto, o tom muda e o leitor passa a compreender que o executivo, convidado para discursar em Davos, mais não disse do que o óbvio ao anunciar que “a Internet vai desaparecer!”. Qualquer um, ao enfatizar o texto, poderá afirmar o mesmo, desde que acompanhe minimamente a Tecnologia, porque tudo na vida “desaparece” ou, simplesmente, “transforma-se”. Através da lente do *Expresso*, a visão sobre os convidados de Davos é transformada criticamente. A prova alcança-se no final do texto com o jornalista a ironizar: “Nem foi preciso ir a Davos para escrever esta previsão”.

A geopolítica esteve no cerne do material divulgado pelo *Público*, a 22 de janeiro de 2015, na página 25 da secção Mundo, sob a assinatura do jornalista João Ruela Ribeiro. A peça intitulada “**Trocas de acusações limitam sucesso de conversações sobre a Ucrânia**”,

descreve a reunião entre chefes da diplomacia europeia, ucraniana e russa sobre os conflitos travados no leste da Ucrânia. Ao leitor é veiculado um discurso de desesperança relativamente às negociações, pese embora o envolvimento, em Berlim, de representantes dos ministros dos Negócios Estrangeiros da França, da Alemanha, da Ucrânia e da Rússia. Entre as declarações citadas ao longo do texto, encontra-se a da então chanceler alemã, Angela Merkel, com expressões como “otimismo mais exacerbado”, “esperanças em demasia” e “cessar-fogo frágil”. A peça não revela a origem do discurso da chanceler. No mesmo material, são citadas as declarações do então porta-voz do exército ucraniano, Andrei Lisenko, via agência Reuters, e do então presidente, Petro Poroshenko, numa conferência no Fórum Económico Mundial em Davos. O jornalista notou que, como consequência do conflito, Poroshenko ausentou-se mais cedo da cimeira. A peça vertia o lado ucraniano na questão, ainda que a Rússia tenha enviado um representante para Davos naquele ano, não foram divulgadas quaisquer declarações. A única menção, contudo, está na legenda descritiva da fotografia (cf. Figura 65) da autoria da Reuters: “Combates continuam a fazer baixas dos dois lados do conflito”.

Figura 65

Fotografia no Público em 22 de janeiro de 2015



2016 - Dominando a quarta revolução industrial

Foi da responsabilidade do colunista Daniel Oliveira, em 2 de fevereiro de 2016, a abordagem da edição daquele ano da Cimeira de Davos. Em matéria publicada no *site* do jornal *Expresso*, o jornalista analisa o relatório anual divulgado pela ONG Oxfam e cujo resultado foi utilizado como título na peça **“1% que vive à custa de 99%”**. A peça apontava como contradição ao evento o facto de haver discutido a “desigualdade entre jantares de milhares de euros”. Ao leitor, a peça discorre sobre o panorama da concentração de riqueza e das implicações para o mundo. O texto elucidava: “(...) há 62 pessoas que detêm tanta riqueza como metade da população mundial. Há cinco anos eram precisos 388 milionários para chegar a tanto.”. O periódico utilizou o histórico de dados - divulgados pela Oxfam - para demonstrar que, a cada ano, menos pessoas ficavam muito mais ricas, enquanto muitas mais pessoas ficavam cada vez mais pobres. O leitor também passou a conhecer alguns dos mecanismos que conduzem à concentração de riqueza, nomeadamente a isenção de pagamento de impostos e as operações em paraísos fiscais. No decorrer da peça, são esclarecidas ainda questões, tais como a compra do poder político pela elite na tentativa de manter privilégios. A peça também expunha quais seriam as alegadas soluções para a questão e como a inoperância do Estado, face à concentração de riqueza, fragilizava a democracia.

Entre as peças relativas à Cimeira de Davos para a edição de 2016, o *Público* deu espaço, no dia 23 de janeiro, ao comentário do economista do ISCTE *Business School* (acrónimo de Instituto de Ciências do Trabalho e da Empresa), Sandro Mendonça, na coluna Barómetro da Notícia com o título **“Os mediáticos disto tudo”**. No topo da coluna, é apontada uma análise alargada, referente ao período de 16 a 22 de janeiro e Davos está entre os acontecimentos vistos. O colunista classifica a cimeira como um *showoff* em Davos, na Suíça, afirmando que os líderes do *establishment* se juntavam num resort para lançar os seus oráculos sobre o mundo.

2017 - Liderança responsiva e responsável

Para além da cobertura da reunião anual da Cimeira de Davos, o *Expresso* debruçou-se, em 2017, sobre o relatório produzido pelo Fórum Económico Mundial para abordar questões internas de Portugal. No *site* do jornal, em 6 de abril de 2017, o jornalista Abílio Ferreira discorre sobre o turismo local numa peça intitulada **“Portugal é o 14.º mais**

competitivo do mundo”. A peça jornalística resume o entusiasmo com esta área da economia nacional a partir do subtítulo “Portugal sobe um lugar na tabela. A segurança é o ponto mais forte, o ambiente de negócios e os preços prejudicam”. Ao longo de 8 parágrafos, a peça apresenta dados do *ranking* do Fórum Económico Mundial divulgados com intervalos de dois anos. Naquela ocasião, Portugal atingia 4,74 de pontuação, num máximo de sete pontos possíveis. É passível de perceber-se, pela análise dos dados, que o jornalista explorou o relatório na totalidade, expondo o critério, fazendo comparações e apontando itens a serem revistos e melhorados. A imagem escolhida para ilustrar a peça (cf. Figura 66), da autoria do fotojornalista Gonçalo Rosa da Silva, expõe, de maneira genérica, a chegada de um grupo de turistas a Portugal.

Figura 66

Fotografia no Expresso em 6 de abril de 2017

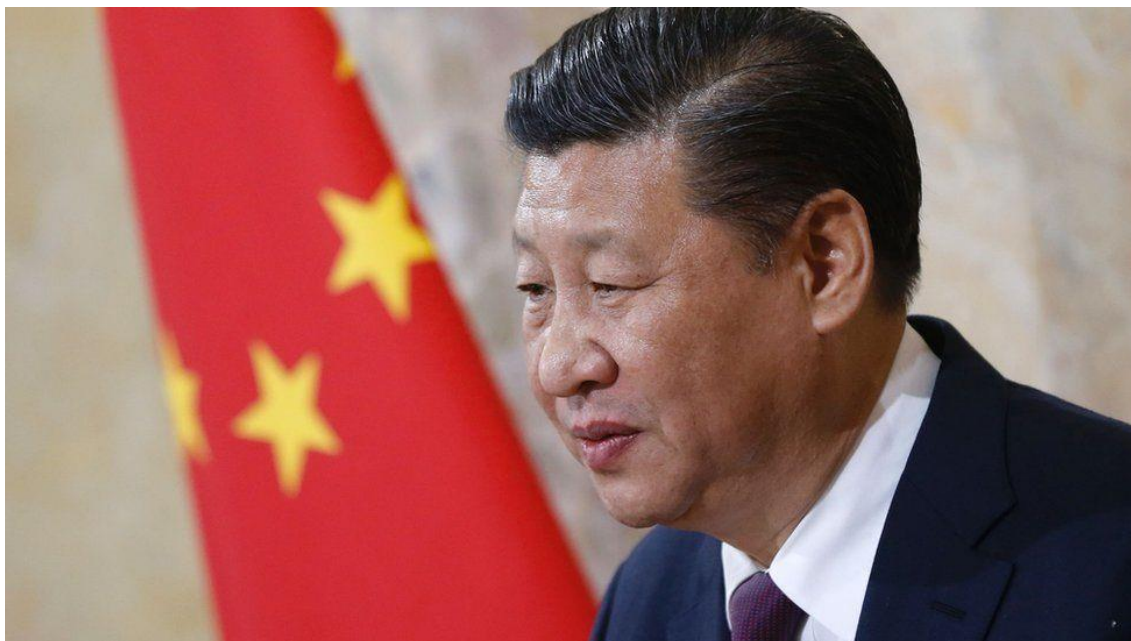


O *Público*, por seu turno, em 17 de janeiro de 2017, publica uma peça, sobre a reunião anual em Davos, na página 18 do caderno de Economia, assinada pelo jornalista Sérgio Aníbal, sob o título “**Com a sombra de Trump a pairar, Davos vira-se para a China**”. O título de apoio à peça - ou o intertítulo - indica as preocupações na cimeira, daquele

ano, relativamente às principais personalidades do xadrez geopolítico mundial: “No primeiro encontro de Davos depois do “Brexit” e das eleições dos EUA, os defensores da globalização encontraram em Xi Jinping a sua nova referência”. Em registo analítico, a peça aponta Xi Jinping, presidente da República Popular da China, como uma esperança, em Davos, para defender a globalização e o comércio livre. Ao leitor, o texto expressava as expectativas em torno do líder chinês, através dos adjetivos “surpreendente” e “derradeiro”, face ao recente Brexit e ao posicionamento de Donald Trump, recentemente eleito presidente dos Estados Unidos, e designado na peça como “protecionista” e “antissistema”. Entre as fontes com discursos reproduzidos na peça, encontra-se o presidente executivo do FEM, Klaus Schwab, que apontou à liderança chinesa um “papel de liderança responsável e proactiva nos assuntos internacionais num momento de viragem na história”. Uma outra fonte citada diz respeito a David Aikman, representante do FEM na China, ao qual foram atribuídas as seguintes expressões: “modelo de crescimento baseado nas exportações para um modelo mais baseado na procura interna”. A peça ainda repete declarações da então chanceler alemã, Angela Merkel, à agência Reuters, a qual abordou a crise migratória. Em tom crítico, a peça indicava ainda, naquela edição, que a “figura de Donald Trump paira sobre Davos”, passando de uma ameaça populista a algo real e preocupante. A peça indicava, também, um balanço sobre os efeitos da vitória do Brexit. Suportado na foto da Reuters (cf. Figura 67), o jornalista fecha a peça, todavia aproveitando para deixar uma pergunta no ar: “Para Davos, será Xi Jinping a alternativa?”

Figura 67

Fotografia no Público em 17 de janeiro de 2017



2018 - Criando um futuro partilhado num mundo fragmentado

Mantendo um tom crítico de cobertura a Davos, o *Expresso* reproduziu no *site* do jornal, em 24 de fevereiro de 2018, um artigo assinado pelo prémio Nobel da Economia (2001) e professor na Universidade de Columbia, Joseph E. Stiglitz⁴¹. O título, “**Depressão pós-Davos**”, o economista aponta que, desde 1995, nunca havia sentido tanto desalento na elite global presente no Fórum Económico Mundial. A crítica presente no artigo de Stiglitz corrobora outras já apresentadas por jornalistas do próprio *Expresso* em edições anteriores à cimeira de Davos. Desta forma, é possível afirmar que a visão de Stiglitz passou a ser, naquela edição do FEM, também a visão do *Expresso*. O artigo discorre sobre dificuldades, anteriormente abordadas na imprensa portuguesa, tais como a concentração de riqueza, a desigualdade social e o meio ambiente.

As questões internas de Portugal e a diplomacia com Angola revelaram-se o ponto principal da cobertura do *Público*, sobre a Cimeira de Davos, na edição de 23 de janeiro de 2018, numa peça sob o título: **Encontro com Presidente de Angola foi**

⁴¹ O artigo foi extraído da publicação *Project Syndicate*, dedicada à produção e disponibilização para o público em geral de comentários originais de líderes políticos proeminentes, académicos, líderes empresariais e ativistas cívicos de todo o mundo.

“extremamente positivo”. A matéria descreveu a reunião do então primeiro-ministro, António Costa, com o ainda presidente da República de Angola, João Lourenço, em Davos, ainda que pela noite e à margem da cimeira. A peça revelou que no evento foram discutidas as relações entre os dois Estados, tendo por fonte o periódico e a agência nacional Lusa. A fotografia revelou ambos os líderes, num cumprimento de proximidade preparado para a imprensa, com direitos de autor para Laurent Gillieron e agência Lusa.

2019 - Globalização 4.0: moldando uma nova arquitetura global na era da quarta revolução industrial

O *Expresso* despoletou as novas questões relacionados com o emprego, num dos debates inserido na agenda da edição de 2019 do encontro anual do Fórum Económico Mundial. A peça assinada pela jornalista Cátia Mateus, publicada em 9 de fevereiro de 2019, questiona, desde logo, no título: **“Onde ficam os direitos laborais na era do digital?”**. O texto de apoio que antecede a peça destaca a preocupação entre sindicatos e juristas por uma maior garantia de segurança laboral aos trabalhadores das plataformas. Na peça, com 8 parágrafos e um texto de apoio, foi descrita a designada economia das plataformas e as discussões inerentes à proteção dos direitos laborais. Para ilustrar o material, o *Expresso* produziu uma imagem (cf. Figura 68), sem direitos de autor identificados, em uma pessoa que espera por um carro da aplicação Uber⁴².

⁴² Empresa de transporte fundada na Califórnia, em 2009, que utiliza o modelo de táxi e permite a gestão do utilizador através de aplicações de Internet.

Figura 68

Imagem no Expresso em 9 de fevereiro de 2019



A peça estabelece uma conexão à reunião de Davos, apontando que o tema já havia sido alvo de debate na cimeira daquele ano, tendo como palestrante Guy Ryder, então diretor-geral da Organização Internacional do Trabalho (OIT), incumbido da defesa da salvaguarda dos patamares mínimos de direitos dos trabalhadores. A peça jornalística revelava ao leitor preocupação com a vertiginosa transformação tecnológica na economia global e sugeria soluções em sede de direito laboral. As expressões sublinhadas foram: “dilemas da nova economia”, “segurança e saúde”, “horários e conciliação”, “salários”, “igualdade e inclusão”, “a questão não é só o tipo de emprego, é quanto ele rende”.

O *Público*, em 22 de janeiro de 2019, anunciava Davos como um evento esvaziado. Com o título “**Davos arranca sem estrelas e num ambiente cada vez mais frio**”, a peça localizada na página 26 da secção Mundo, revelava no subtítulo que a reunião, daquele ano, seria marcada pelas ausências de Donald Trump, Theresa May e Emmanuel Macron, que haviam trocado o encontro anual do FEM pela gestão das suas crises internas. O subtítulo tornava possível apreender o tom da peça, com uma visão pessimista em relação ao cenário geopolítico mundial. No decorrer do texto, o histórico do Fórum Económico Mundial foi classificado como “ambicioso”, por tentar resolver questões como o “futuro da globalização”, as “alterações climáticas” e a “inteligência artificial”. A peça também recordava a recente participação de Donald Trump na cimeira e afirmava que o político

norte-americano, igualava em atenção despendida, uma qualquer outra estrela de *rock* planetária. As indicações textuais catapultavam o leitor a compreender o clima de falta de entusiasmo, tal como aconteceu com o então presidente executivo do Credit Suisse, Tidjane Thiam, a não afastar a possibilidade eminente de uma crise sistémica. A peça encontrava-se envolta num tom burocrático. Esta aura cinzenta também estava patente na fotografia escolhida (cf. Figura 69), com direitos de autor reservados a Laurent Gillieron e à agência noticiosa portuguesa Lusa.

Figura 69

Fotografia no Público em 22 de janeiro de 2019



2020 - Partes interessadas para um mundo coeso e sustentável

Entre as notícias de destaque sobre o Fórum Económico Mundial avançadas pelo *Expresso*, encontrava-se uma peça a relatar os efeitos supressivos da pandemia da Covid-19⁴³ que provocou, pela primeira vez, o adiamento da reunião anual de 2021. A notícia, publicada no *site* do jornal, em 26 de agosto de 2020, e assinada pela Lusa, já apontava

⁴³ A pandemia de Covid-19 foi a disseminação global do vírus SARS-CoV-2, da família do coronavírus.

no título as consequências da emergência de saúde global: “**Fórum de Davos adiado para o verão em 2021**”. Um total de 7 (sete) parágrafos foram usados para explicar a decisão do Fórum Económico Mundial. A peça revelaria, ainda, informações sobre a nova configuração de reuniões, presenciais e virtuais, que passariam a ser comuns no Fórum a partir de então, mesmo com a futura retoma dos encontros anuais presenciais. Tratou-se de uma peça concisa, sem fotografia, e que usou como fonte o próprio Fórum Económico Mundial, esclarecendo, desta forma, o público sobre a temática abordada.

Meses antes, em 24 de janeiro de 2020, o *Público* abordava Davos a partir de um escândalo interno, o de Isabel dos Santos, caso que passaria a ser mencionado como Luanda Leaks. O âmbito da peça de Amílcar Correia com o título “**Por que é que os leaks não são todos iguais?**” não se revelaria uma completa surpresa, porém a decisão de desconvite e exclusão de Isabel dos Santos do Fórum Económico Mundial, naquele ano, isso sim. O nome da empresária foi tratado na peça como “tóxico”. Sobre o tema, no mesmo dia, o *site* do periódico revelaria, com informações da Lusa, que o nome da empresária angolana Isabel dos Santos havia sido retirado da lista de convidados do Fórum Económico Mundial. A peça no site é assinada pelo *Público* e pela Lusa, indicando que a decisão havia sido da responsabilidade da consultora internacional Price Waterhouse Coopers (PwC), em nome dos princípios da ética empresarial nos negócios.

Figura 70

Fotografia no Público em 24 de janeiro de 2020



A peça indicaria que a fonte do material era jornal diário nacional britânico *The Guardian*. Para ilustrar a peça, no *site*, o periódico recorreu a uma fotografia (Cf. Figura 70), sem a indicação de direitos de autor, em que a empresária surgia com um olhar simpático e uma expressão corporal descontraída, sugerindo, ao leitor, uma postura de confiabilidade.

Conclusões

Esta tese tentou determinar a relevância do Fórum Económico Mundial para a imprensa portuguesa de referência, no período de 1990 a 2020, através da cobertura jornalística realizada pelos jornais *Expresso* e *Público*. De forma a alcançar o objeto de estudo, estiveram, entre os objetivos desta pesquisa: a evolução da cobertura das Cimeiras de Davos nos periódicos; a observação do período de permanência do tema em cada jornal (sobretudo, no diário *Público*); o resumo da evolução dos temas ao longo do tempo; a constatação dos géneros jornalísticos utilizados para cobrir Davos; a identificação da autoria das peças (nomeadamente, jornalistas, articulistas, cronistas e agências noticiosas); a observação da interação dos jornalistas com as suas próprias peças; a enumeração das fontes utilizadas e a relevância concedida a cada uma delas (número de fontes, tipologia, etc.); a demonstração de como o Fórum Económico Mundial foi enquadrado na imprensa portuguesa de referência (evidenciado os enquadramentos mantidos, os novos enquadramentos e o confronto de enquadramentos) durante os 30 (trinta anos) desta investigação.

Em alinhamento aos objetivos propostos, optou-se pelo recurso metodológico proporcionado pela teoria do enquadramento, tendo por base, inicialmente, os estudos de Goffman (1974) e Entman (1993) e, mais tarde, os avanços de diversos autores, entre eles os de língua portuguesa, nomeadamente, Sousa (2001) e Traquina (2004). Chegados a este ponto da investigação, verificou-se existirem condições científicas para se confirmarem, ou não, as hipóteses formuladas, tal como para se estabelecerem conclusões. Assim, recupera-se, agora, as hipóteses de investigação enunciadas no início do percurso: a presença de celebridades mediáticas nas cimeiras de Davos incrementa a cobertura jornalística do evento; a cobertura jornalística de Davos aumenta em períodos de crise financeira ou de recessão económica mundial; a existência de grandes conflitos armados internacionais provoca a subida da cobertura jornalística de Davos; o tipo de

cobertura jornalística de Davos não permite uma objetiva divulgação do compromisso do Fórum Económico Mundial em melhorar o estado do mundo.

A investigação evidenciou que a presença de celebridades mediáticas nas Cimeiras de Davos contribui para incrementar a cobertura jornalística do evento. Ficou comprovado que os dois periódicos dedicaram atenção à presença de celebridades das mais diversas áreas das artes e cultura, tais como atores de cinema, estrelas da música pop, modelos ou escritores, por exemplo. Tanto o *Expresso*, como o *Público*, destacaram na cobertura os temas apresentados por artistas internacionais que compareceram ao Fórum Económico Mundial e aproveitaram a presença de decisores políticos das nações mais desenvolvidas do mundo para debater questões de interesse público, como o combate à fome, a preservação do meio ambiente, a igualdade de género ou o terrorismo. Logo, desta forma, é confirmada a primeira hipótese apresentada nesta pesquisa, ou seja, conclui-se existir um incremento na cobertura da cimeira em virtude da presença de celebridades mediáticas mundiais.

As instabilidades económicas foram abordadas de maneira recorrente, nos periódicos estudados, uma vez ser um tema transversal ao Fórum Económico Mundial. A cimeira, concentra a presença de líderes mundiais, mas também de empresários, investidores, banqueiros ou da comunidade académica, os quais atraem a atenção das redações dos jornais *Expresso* e *Público*. De resto, os dois periódicos incluíram na rotina editorial o resultado de diversos relatórios, avaliações e declarações sobre a situação económica mundial. E, assim sendo, verifica-se a confirmação da segunda hipótese desta pesquisa: a cobertura jornalística de Davos aumenta em períodos de crise financeira ou de recessão económica mundial.

Embora não tenha carácter deliberativo, o Fórum Económico Mundial agrega e fomenta discussões sobre geopolítica e geoestratégia mundial. As declarações e previsões de decisores políticos são, muitas vezes, antecipadas por ocasião da cimeira, particularmente, em consequência da ocorrência de grandes conflitos armados internacionais. Essa realidade é evidenciada na cobertura da imprensa portuguesa, como também foi confirmado no presente estudo. Entre os exemplos citados, encontra-se a transferência da reunião anual para Nova Iorque em 2002, um sinal de apoio aos americanos que, no ano anterior, haviam sido vítimas do ataque terrorista do 11 de Setembro. E, desta feita, também se confirma a terceira hipótese apresentada nesta

pesquisa, a qual considera haver maior cobertura do Fórum Económico Mundial sempre que alastram grandes conflitos armados internacionais.

Embora haja recorrente atenção dos periódicos pesquisados à Cimeira de Davos, e aos acontecimentos complementares ao evento, ambos os jornais limitaram-se a repetir declarações e a divulgar relatórios, sem que houvesse maiores reflexões sobre as razões críticas da existência da cimeira para o desenvolvimento económico e paz mundiais. Quer o *Expresso*, quer o *Público*, entregaram ao leitor uma cobertura orientada para o facto e para o imediato, sem qualquer aprofundamento das temáticas relevantes propostas pela organização da cimeira. E essa lacuna na cobertura dos periódicos estudados permitiu confirmar a quarta hipótese, isto é, a cobertura de Davos não permite uma objetiva divulgação do compromisso do Fórum Económico Mundial em melhorar o estado do mundo.

Tendo em consideração que as hipóteses apresentadas, no início desta tese, foram confirmadas no decorrer da pesquisa, então, conclui-se que foi possível atingir os objetivos propostos, ou seja, conhecer a cobertura sobre a Cimeira de Davos ao longo de trinta anos de história do Fórum Económico Mundial. Os dois jornais, pese embora que o *Expresso* seja um semanário, dedicaram reconhecida atenção ao evento, exploraram a maior parte dos géneros jornalísticos e privilegiaram o uso de declarações de fontes oficiais para retratar a reunião. Foi, também, possível observar que os enquadramentos mediáticos estavam alinhados com as discussões propostas pela organização da cimeira e que as mudanças de enquadramento ocorreram em sincronia com a realidade contemporânea do momento histórico de realização de cada reunião anual.

A exploração editorial da cimeira, contudo, ficou aquém dos múltiplos temas e recursos intrínsecos a um evento de renome global. As limitações financeiras dos dois periódicos são materializadas na utilização de imagens e na reprodução de declarações oriundas de agências de notícias. Concomitantemente, a cimeira, ao longo dos anos, passou a oferecer relatórios sobre os mais diversos temas, bem como vídeos abertos a jornalistas para a cobertura dos principais debates. Ainda foi possível constatar que o *Expresso* e o *Público* não adotaram, na cobertura jornalística, um posicionamento interventivo e interrogativo relativamente aos atores presentes no Fórum Económico Mundial e ao propósito do evento que, como já foi referido, não é deliberativo, mas atrai decisores políticos e influencia a agenda global. Pode-se afirmar que, de uma forma geral, a cobertura foi, essencialmente, orientada para o facto e que, mesmo realçando a importância geopolítica

da realização da cimeira, os jornais pouco exploraram os temas fraturantes induzidos em Davos.

A análise diacrónica às Cimeiras de Davos, entre 1990 e 2020, permitiu estabelecer uma nova perspetiva cronológica relativamente à evolução das escolhas editoriais do *Expresso* e do *Público*, ao longo de 30 (trinta) anos, de forma a abordar não somente o encontro anual, mas, também, os movimentos históricos vividos através do e no Fórum Económico Mundial. De facto, constata-se que ambos os periódicos sempre olharam criticamente para o evento suíço, sendo que, logo desde o início da cobertura jornalística, assumiram o Fórum Económico Mundial de Davos como o barómetro permanente dos grandes temas da Economia e da Política mundiais. Tornou-se possível, também, validar no discurso das fontes utilizadas, tanto pelo *Expresso*, como pelo *Público*, a apresentação de soluções a problemas históricos, tal como a antecipação das tendências futuras em sede de geoestratégia e geopolítica globais. Contudo, corrobora-se, positivamente, que os dois jornais foram conservadores nas mutações do tipo de cobertura jornalística, no transcurso do tempo, tendo em conta as potencialidades, progressivas, dos recursos multimédia intrínsecos às Cimeiras de Davos, inclusivamente o acesso a discursos e relatórios suscetíveis de promover o debate social em prol de uma cidadania mais ativa em Portugal.

A partir das conclusões ora vertidas, pode-se estabelecer uma primeira avaliação sobre as contribuições efetivas desta tese para o jornalismo e para a pesquisa em comunicação. Em sede de jornalismo, preconiza-se a exploração das múltiplas possibilidades de informações disponibilizadas pela biblioteca do Fórum Económico Mundial, tanto em relatórios, como em eventos desenhados em sincronia com estudos de caso e as necessidades das populações. Uma vez que a cimeira mantém uma plataforma de informações de destaque, admite-se que estas possam ser alvo de pautas jornalísticas e de pensamento crítico por parte de representantes do poder político local ou de ativistas regionais. O próprio Fórum é, ainda, um elemento pouco explorado na pesquisa em comunicação, apesar de oferecer acesso a um banco de dados academicamente relevante e a um acervo multidisciplinar para as ciências.

Em face a tudo o exposto, sugerimos a futuras pesquisas a hipótese de explorarem as dimensões analíticas da Cimeira de Davos, agora, na intersecção com os novos *media* e as redes sociais. Tais pesquisas podem contribuir para dotar o grande público de dados, discussões e previsões, facilitadas pelo Fórum Económico Mundial, agregando informações úteis ao exercício, inclusivamente, da própria cidadania ativa.

Sugerimos, ainda, a exploração dos dados oferecidos, pela própria cimeira, como fonte de informações para a imprensa local, de forma a divulgar, ao nível territorial, os pontos geopolíticos e geoestratégicos discutidos em Davos e que são do interesse público em geral.

Referências Bibliográficas

- Acemoglu, D., & Robinson, J. A. (2013). *Porque falham as nações*. Círculo de Leitores.
- Ahern, K. (2020, August 1). How the World Economic Forum attracts one billion video views a year. *The Brilliant*. <https://thebrilliant.com/case-studies/the-world-economic-forum/>
- Alarcón, A. V. M. (2010). Media representation of the European Union: Comparing newspaper coverage in France, Spain and the United Kingdom. *International Journal of Communication*, 4, 398-415. <https://ijoc.org/index.php/ijoc/article/view/730/416>
- Alves, C. F. (2013, Janeiro 4). Entrevista a Francisco Pinto Balsemão, fundador do Expresso. *Expresso*. https://expresso.pt/site_expresso_40_anos/entrevista-a-francisco-pinto-balsemao-fundador-do-expresso=f776322
- Andrade, V. (2020, Novembro 18). Corrida à vacina agrava fosso entre ricos e pobres. Os primeiros já garantiram 9 mil milhões de doses, os restantes podem esperar anos. *Expresso*. <https://expresso.pt/economia/2020-11-18-Corrida-a-vacina-agrava-fosso-entre-ricos-e-pobres.-Os-primeiros-ja-garantiram-9-mil-milhoes-de-doses-os-restantes-podem-esperar-anos>
- Aníbal, S. (2008, Janeiro 24). Trichet recusa pressão dos EUA e continua focado na inflação sem cortar taxas de juro. *Público*.
- Aníbal, S. (2009, Janeiro 28). Com banqueiros e músicos desaparecidos, sobram os políticos. *Público*.
- Aníbal, S. (2011, Janeiro 28). Líderes mundiais alertam para riscos da crise alimentar. *Público*. <https://www.publico.pt/2011/01/28/jornal/lideres-mundiais-alertam-para-riscos-da-crise-alimentar-21151063>

Aníbal, S. (2017, Janeiro16). Com a sombra de Trump a dominar, Davos vira-se para a China. *Público*. <https://www.publico.pt/2017/01/16/economia/noticia/com-a-sombra-de-trump-a-dominar-davos-virase-para-a-china-1758506>

Araújo, A. (1995). *A Emancipação do Jornalismo Português: 1945-1995*. Editorial Notícias.

Atkinson, T., Luttrell, D., & Rosenblum, H. (2013). How bad was it? The costs and consequences of the 2007–09 financial crisis. *Staff Papers*. <https://ideas.repec.org/a/fip/feddst/y2013ijuln20.html>

Azevedo Júnior, C. (2007). *A Cobertura do JB e do globo da queda do muro de Berlim (1989) e do fim da URSS (1991)*. Célio Azevedo Produções. <https://philarchive.org/rec/DEAACD-5>

Bainbridge, S., & Murray, J. (2000). Las disposiciones políticas y legales que han desarrollado la política de formación en la Unión Europea. *Boletín Cinterfor*, 153, 177-212. https://www.oitcinterfor.org/sites/default/files/file_articulo/bai_mur.pdf

Banerjee, A., & Duflo, E. (2020). *A economia dos pobres: Repensar de modo radical a luta contra a pobreza global*. Actual Editora.

Bardin, L. (2009). *Análise de conteúdo* (3ª ed.). Edições 70.

Barkey, K. (1997). After Empire: Multiethnic societies and nation-building: The Soviet Union and the Russian, Ottoman, and Habsburg Empires. *Routledge*. <https://doi.org/10.4324/9780429494222>

Barnosky, A., Hadly, E., Bascompte, J. et al. (2012). Approaching a state shift in Earth's biosphere. *Nature*, 486, 52–58. <https://doi.org/10.1038/nature11018>

Bauer, M. W.; Gaskell, G.; Allum, N. C. (2008). Qualidade, quantidade e interesses do conhecimento. In Bauer, M. W.; Gaskell, G. (Orgs.), *Pesquisa Qualitativa com textos, imagem e som: um manual prático*, Vozes.

Bauer, T. A. (2011). O valor público da media literacy. *Revista Líbero*, 14(27), 9-22. <https://seer.casperlibero.edu.br/index.php/libero/article/view/356>

Baum, M. A., & Groeling, T. J. (2009). *War stories: The causes and consequences of public views of war*. Princeton University Press.

- Baumgartner, J. C., Mackay, J. B., Morris, J. S., Otenyo, E. E., Powell, L., Smith, M. M., & Waite, B. C. (2010). *Communicator-in-chief: How Barack Obama used new media technology to win the White House*. Lexington Books.
- Bainbridge, S., & Murray, J. (2000). Las disposiciones políticas y legales que han desarrollado la política de formación en la Unión Europea. Parte I-Desde el Tratado de Roma hasta el Tratado de Maastricht. *Revista Europea de Formación Profesional*, 20, 5-20. <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=131268>
- Baptista, C., Sousa, J. P., & Azevedo, C. (2021). *Para uma história do jornalismo em Portugal—II*. Livros ICNOVA.
- Bastos, H. (2011). Para uma história do ciberjornalismo em Portugal: das origens às múltiplas plataformas. *Repositório Aberto da Universidade do Porto*. <https://repositorio-aberto.up.pt/bitstream/10216/57427/2/ActasConfibercom000148482.pdf>
- Bearak, M. (2019, Abril 7). Recordação dos 25 anos do genocídio no Ruanda, uma minoria continua esquecida. *Público*. <https://www.publico.pt/2019/04/07/mundo/noticia/recordacao-25-anos-genocidio-ruanda-minoria-continua-esquecida-1868373>
- Bello, W. (2002). *Deglobalization: Ideas for a new world economy* (2004). Zed Books. [https://books.google.pt/books?hl=pt-PT&lr=&id=n31jDgAAQBAJ&oi=fnd&pg=PR1&dq=Bello,+W.+\(2002\).+Multilateral+organizations+and+the+architecture+of+global+governance.+Library+of+Alternatives,+World+Social+Forum.&ots=dRpf4ymiWL&sig=RBHW4cA-w62Z9SSSCC8WDTplb2I&redir_esc=y#v=onepage&q&f=false](https://books.google.pt/books?hl=pt-PT&lr=&id=n31jDgAAQBAJ&oi=fnd&pg=PR1&dq=Bello,+W.+(2002).+Multilateral+organizations+and+the+architecture+of+global+governance.+Library+of+Alternatives,+World+Social+Forum.&ots=dRpf4ymiWL&sig=RBHW4cA-w62Z9SSSCC8WDTplb2I&redir_esc=y#v=onepage&q&f=false)
- Bennett, W. L. (2012). The personalization of politics: Political identity, social media, and changing patterns of participation. *The Annals of the American Academy of Political and Social Science*, 644 (1), 20-39. <https://doi.org/10.1177/0002716212451428>
- Bergmann, Z., & Ossewaarde, R. (2020). Youth climate activists meet environmental governance: ageist depictions of the FFF movement and Greta Thunberg in German newspaper coverage. *Journal of Multicultural Discourses*, 15(3), 267–290. <https://doi.org/10.1080/17447143.2020.1745211>
- Bernstein, P. L. (2009, July–August). The moral hazard economy. *Harvard Business Review*. <https://hbr.org/2009/07/the-moral-hazard-economy>

Beyeler, M., & Hübscher, E. (2003). Public opinion, media and protest against the World Economic Forum. *Fondation Maison des sciences de l'homme*. <http://www.afsp.msh-paris.fr/activite/groupe/germm/collgermm03txt/germm03beyeler.pdf>

Blanco-Herrero, D., & Arcila-Calderón, C. (2019). Deontología y noticias falsas: estudio de las percepciones de periodistas españoles. *Profesional De La información*, 28(3). <https://doi.org/10.3145/epi.2019.may.08>

Bisciari, P. (2019). *A survey of the long-term impact of Brexit on the UK and the EU27 economies*. <https://www.nbb.be/doc/ts/publications/wp/wp366en.pdf>

Bisley, N. (2004). *The end of the Cold War and the causes of Soviet collapse*. Springer. <https://link.springer.com/book/10.1057/9780230000544>

Bordieu, P. (2011). *O poder do simbólico*. Edições 70.

Borja-Santos, R. (2013). Portugal volta a cair em *ranking* sobre igualdade de género. *Público*. <https://www.publico.pt/2013/10/25/sociedade/noticia/portugal-volta-a-cair-em-ranking-sobre-igualdade-de-genero-1610297>

Bram, J., Orr, J., & Rapaport, C. (2002). *Measuring the effects of the September 11 attack on New York City*. *FRBNY Economic Policy Review*, november. <https://www.newyorkfed.org/medialibrary/media/research/epr/02v08n2/0211rapapdf.pdf>

Breeme, K. (2016, May 13). *Q&A with Rwandan president Paul Kagame*. The World Economic Forum. <https://www.weforum.org/events/world-economic-forum-on-africa-2016/>

Brown, J. D, Bybee, C. R, Wearden, S. T, & Straughan, D. M. (1987). Poder invisível: fontes de notícias de jornais e os limites da diversidade. *Journalism Quarterly*, 64(1), 45-54. <https://doi.org/10.1177/107769908706400106>

Bruno, M., Ravallion, M. & Squire, L. (1996). Equity and growth in developing countries: old and new perspectives on the policy issues. *EconPapers*. <https://econpapers.repec.org/paper/wbkwbrwps/1563.htm>

Burgelin, O. (1974). *La comunicación de masas*. Editorial Planeta.

Cairo, Alberto (2008). *Infografía 2.0: Visualización interactiva de información en prensa*. Alamut.

Cardoso, M. R. G.; Oliveira, G. S.; Ghelli, K. G. M. (2021). Análise de Conteúdo: uma metodologia de pesquisa qualitativa. In *Cadernos da Fucamp* (pp. 98-111), Unifucamp.

Carroll, C. E. (2004). *How the mass media influence perceptions of corporate reputation: Exploring agenda-setting effects within business news coverage*. The University of Texas at Austin.

Carvalho, L. C. D., Di Serio, L. C., & Vasconcellos, M. A. D. (2012). Competitividade das nações: análise da métrica utilizada pelo World Economic Forum. *Revista de Administração de Empresas*, 52, 421-434. <https://doi.org/10.1590/S0034-75902012000400005>

Castanheira, J. P. (2009). *O que a censura cortou*. Expresso.

Castanheira, M. (2021, Abril 1). Pandemia agravou as desigualdades de género, alerta Fórum Económico Mundial. *Público*. <https://www.publico.pt/2021/04/01/impar/noticia/pandemia-agravou-desigualdades-genero-alerta-forum-economico-mundial-1956924>

Castanho, H. (2001, Dezembro 27). Faltam cinco dias para a circulação de 535 milhões de notas e 1296 milhões de moedas de euro. *Público*. <https://www.publico.pt/2001/12/27/economia/noticia/faltam-cinco-dias-para-circulacao-de-535-milhoes-de-notas-e-1296-milhoes-de-moedas-de-euro-56321>

Castells, M. (2002). *A sociedade em rede*. Paz e Terra.

Castells, M. (2004). *A galáxia internet: Reflexões sobre internet, negócios e sociedade*. Fundação Calouste Gulbenkian.

Cavaco, S. (2014). Oportunidades e constrangimentos: imprensa portuguesa nos últimos anos do regime autoritário (1968-1974). *História Crítica*, 53, 177-198. <https://journals.openedition.org/histcrit/9404>

Chaparro, M. C. (1994). *Pragmática do jornalismo – buscas práticas para uma teoria da ação jornalística*. Summus.

Chaparro, M. C. (2001). *Linguagem dos Conflitos*. Minerva

Chaparro, M. C. (2008). *Sotaques d'aquém e d'além mar: travessias para uma nova teoria de gêneros jornalísticos*. Summus.

Chrétien, J.-P. (1995). *Rwanda: Les médias du génocide*. Karthala.

O Fórum Económico Mundial de Davos na imprensa portuguesa de referência

Clube Português de Imprensa. (2018, Outubro 18). *Saiba quem são os donos dos grupos de media portuguesas*. <https://clubedeimprensa.pt/aconteceu/connosco/saiba-quem-sao-os-donos-dos-grupos-de-media-portugueses/>

Coca, C. (2016). Códigos éticos e deontológicos no jornalismo espanhol. *ZER: Revista de Estudios de Comunicación*, 2, 1-12. <https://doi.org/10.1387/zer.17349>

Collier, P. (2019). *O futuro do capitalismo*. Publicações Dom Quixote.

Cornelius, N., Wallace, J. & Tassabehji, R. (2007). An Analysis of corporate social responsibility, corporate identity and ethics teaching in business schools. *J Bus Ethics*, 76, 117–135. <https://doi.org/10.1007/s10551-006-9271-6>

Correia, A. (2020, Janeiro 23). Por que é que os leaks não são todos iguais? *Público*. <https://www.publico.pt/2020/01/23/mundo/editorial/leaks-nao-sao-iguais-1901514>

Costa, A., & Castro-Caldas, J. (2014). A União Europeia e Portugal entre os resgates bancários e a austeridade: Um mapa das políticas e das medidas. In: Reis, J. (Ed.), *A economia política do retrocesso. Crise, causas e objetivos* (pp. 87–126), Edições Almedina.

Costa, R. (2020, Janeiro 25). De Davos, com amor. *Expresso*. <https://expresso.pt/opiniao/2020-01-25-De-Davos-com-amor>

Coutinho, A. (2010, Fevereiro 1). Desilusão na cozinha de Davos. *Expresso*.

Coutinho, C. M. P. (2014). *Metodologia de investigação em ciências sociais e humanas; Teoria e prática*. Almedina.

Covas, A. (2020, Abril 16). Covid-19, o risco global e os seus efeitos sistémicos. *Público*. <https://www.publico.pt/2020/04/16/sociedade/opiniao/covid19-risco-global-efeitos-sistemicos-1912451>

Craig, G. (2002). The spectacle of the street: An analysis of media coverage of protests at the 2000 Melbourne World Economic Forum. *Australian Journal of Communication*, 29(1), 39-52. https://www.academia.edu/1143794/The_spectacle_of_the_street_An_analysis_of_media_coverage_of_protests_at_the_2000_Melbourne_World_Economic_Forum

Crisóstomo, P. (2013, Janeiro 22). Davos centrada na economia global e com Europa ainda envolta em incerteza. *Público*.

<https://www.publico.pt/2013/01/22/economia/noticia/davos-centrada-na-economia-global-e-com-europa-ainda-envolta-em-incerteza-1581709>

Crisóstomo, P. (2015, Setembro 30). Portugal desce dois lugares no *ranking* mundial da competitividade. *Público*.

<https://www.publico.pt/2015/09/30/economia/noticia/portugal-desce-dois-lugares-no-ranking-mundial-da-competitividade-1709560>

Cunha, I. F. (1997). Nós e os outros nos artigos de opinião da imprensa portuguesa. *Lusotopie*, 4(1), 435-465.

https://www.persee.fr/doc/luso_12570273_1997_num_4_1_1111

Da Costa, A. F. (2012). *Desigualdades sociais contemporâneas*. Editora Mundos Sociais.

Damstra, A., & Boukes, M. (2021). The economy, the news, and the public: A longitudinal study of the impact of economic news on economic evaluations and expectations. *Communication Research*, 48(1), 26-50.

<https://doi.org/10.1177/0093650217750971>

Davies, R. B., & Studnicka, Z. (2018). The heterogeneous impact of Brexit: Early indications from the FTSE.

https://www.wto.org/english/res_e/reser_e/gtdw_e/wkshop18_e/davies_e.pdf

De Lima, M. D. V., et al. (2017). Ênfases jornalísticas na cobertura da COP 21 (Paris, 2015) nas versões norte-americana, brasileira e francesa do site The Huffington Post. *Desenvolvimento e Meio Ambiente*, 40. <http://dx.doi.org/10.5380/dma.v40i0.49044>

De Los Ríos-Carmenado, I., Ortuño, M., & Rivera, M. (2016). Private-public partnership as a tool to promote entrepreneurship for sustainable development: WWP torrearte experience. *Sustainability* 2016, 8(3), 199. <https://doi.org/10.3390/su8030199>

Demo, P. (1995). *Metodologia científica em ciências sociais*. Editora Atlas.

Demo, P. (1998). Pesquisa qualitativa: busca de equilíbrio entre forma e conteúdo. *Revista Latino-americana de enfermagem*, 6(2), 89-104.

Deutschland, I. (2020). Berlin. *German: Bundeszentrale für politische Bildung*. Bpb

- DiSalvo, J. (2015). Occupy Wall Street: Creating a strategy for a spontaneous movement. *Science & Society*, 79(2), 264-287. <https://www.jstor.org/stable/24583900>
- De Ville, F., & Siles-Brügge, G. (2019). The impact of Brexit on EU trade policy. *Politics and governance*, 7(3), 7-18. <https://doi.org/10.17645/pag.v7i3.2102>
- Donaldson, T., & Preston, L. E. (1995). The Stakeholder Theory of the Corporation: Concepts, Evidence, and Implications. *The Academy of Management Review*, 20(1), 65–91. <https://doi.org/10.2307/258887>
- Donat M. G., Lowry A. L., Alexander L. V., O’Gorman P. A., Maher, N. (2016). More extreme precipitation in the world’s dry and wet regions. *Nature Climate Change*, 6, 508-513. <https://www.nature.com/articles/nclimate2941>
- D’oliveira Martins, G., Da Costa, J. B., Paes, J., Pinto do Amaral, F., Gonçalves, R. M., Listopad, J., Laginha, A., Ruivo, M., Agudo, F. D., Gonçalves, M. E., Vieira, J., Rocha-Trindade, M. B., & Vaz da Silva, H. (1998). *Portugal 45-95 nas artes, nas letras e nas ideias*. Centro Nacional de Cultura.
- Dos Santos, M. J., & Seabra, F. M. (2015). *Inovação social & desenvolvimento: Reflexões e estudos de caso*. Editora RH.
- Dutta, R. (2021). COVID-19 and the role of digital technology based on the ten global trends identified by the World Economic Forum. *Coordinates*. <https://mycoordinates.org/covid-19-and-the-role-of-digital-technology-based-on-the-ten-global-trends-identified-by-the-world-economic-forum/>
- Eberly, D. E. (2008). *The rise of global civil society: building communities and nations from the bottom up*. Encounter Books.
- Edenhofer, O., Pichs-Madruga, R., Sokona, Y., Kadner, S., Minx, JC, Brunner, S., Agrawala, S., Baiocchi, G., et al. (2014). *Resumo técnico. Em: Mudanças climáticas 2014: Mitigação das mudanças climáticas. Contribuição do grupo de Trabalho III do IPCC para o AR5*. Cambridge University Press. <https://www.ipcc.ch/report/ar5/wg2/>
- Entman, R. M. (1989). How the media affect what people think: An information processing approach. *The journal of Politics*, 51(2), 347-370. <https://www.journals.uchicago.edu/doi/abs/10.2307/2131346>

Entman, R. M. (1993). Toward clarification of a fractured paradigm. *Journal of Communication*, 43(4), 51-58. <https://doi.org/10.1111/j.1460-2466.1993.tb01304.x>

Esteves, A., Estevens, A., Amílcar, A., MC Garrigle, J., Malheiros, J., Moreno, L., Fonseca, M. L., & Pereira, S. (2017). *Condições de vida e inserção laboral de imigrantes em Portugal: efeitos da crise de 2007-2008* (Vol. 60). Alto Comissariado para as Migrações, I.P. <http://hdl.handle.net/10451/38415>

Erbolato, M. (1981). *Jornalismo gráfico: técnicas de produção*. Editora Loyola

Expresso. (2001, Janeiro 25). Enquanto em Taba se registam progressos negociais Barak e Arafat podem encontrar-se em Davos. *Expresso*. https://arquivo.pt/wayback/20010125153528/http://online.expresso.pt/noticia/default.asp?id_noticia=24719924

Expresso. (2005, Janeiro 29). Fórum de Davos discute a pobreza. *Expresso*. <https://arquivo.pt/wayback/20080318035813/http://clix.semanal.expresso.pt/2caderno/internacional/semana.asp?edition=1683&articleid=ES163000#menu>

Expresso. (2011, Janeiro 27). Vinte mais ricos preocupados com a fome, em Davos. *Expresso*. https://expresso.pt/economia/economia_agricultura/vinte-mais-ricos-preocupados-com-a-fome-em-davos=f628515

Expresso. (2011, Janeiro 27). Merkel e eu nunca vamos deixar cair o euro, diz Sarkozy. *Expresso*. <https://expresso.pt/economia/merkel-e-eu-nunca-vamos-deixar-cair-o-euro-diz-sarkozy=f628513>

Expresso. (2014, Janeiro 25). Fórum Económico de Davos termina com otimismo. *Expresso*. <https://expresso.pt/economia/forum-economico-de-davos-termina-com-otimismo=f852598>

Expresso. (2015, Janeiro 24). Pires de Lima garante a Davos acordos políticos. *Expresso*.

Expresso. (2018, Fevereiro 12). Trump: “Jerusalém está fora da mesa das negociações”. *Expresso*. <https://expresso.pt/internacional/2018-02-12-Trump-Jerusalem-esta-fora-da-mesa-das-negociacoes>

Expresso (2018, Setembro 11). Como as vítimas do 11 de setembro foram recordadas durante os últimos 17 anos. *Expresso*. <https://expresso.pt/internacional/2018-09-11-Fotogaleria.-Como-as-vitimas-do-11-de-Setembro-foram-recordadas-durante-os-ultimos-17-anos>

Expresso (2024, Abril 4) Macron reitera que França poderia ter impedido o genocídio ruandês de 1994. *Expresso*. <https://expresso.pt/internacional/2024-04-04-Macron-reitera-que-Franca-poderia-ter-impedido-o-genocidio-ruandes-de-1994-98fed3c3>

Faria, A. R. (2009, Janeiro 29). Davos reconhece que barreiras proteccionistas são ameaça real. *Público*. <https://www.publico.pt/2009/01/29/jornal/davos-reconhece-que-barreiras-proteccionistas-sao-ameaca-real-293305>

Faria, A. R. (2012, Janeiro 25). Os homens de Davos voltam hoje à montanha suíça para discutir as falhas do capitalismo. *Público*. <https://www.publico.pt/2012/01/25/economia/noticia/os-homens-de-davos-voltam-hoje-a-montanha-suica-para-discutir-as-falhas-do-capitalismo-em-plena-crise-europeia-1530621>

Faris, H. (2013). *The failure of the two-state solution: The prospects of one state in the Israel-Palestine conflict*. Bloomsbury Publishing.

Fawn, R. (2006). *The Iraq War: Causes and Consequences*. Lynne Rienner Publishers. https://www.rienner.com/title/The_Iraq_War_Causes_and_Consequences

FCCC. (1998). *Protocolo de Kyoto de convención marco de las naciones unidas sobre el cambio climático*. Naciones Unidas. <https://unfccc.int/resource/docs/convkp/kpspan.pdf>

Fernandes, J. M. (2011). *Liberdade e informação*. Fundação Francisco Manuel dos Santos.

Fernandes, D. R. V. (2017). As medidas de austeridade debaixo da Troika: Uma análise à cobertura noticiosa dos orçamentos de estado de JN e Público. *Eikon*, <https://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/48581/1/2017-eikon-Fernandes.pdf>

Fernandes, J. P. (2020, Março 15). O vírus que está a matar a globalização. *Público*. <https://www.publico.pt/2020/03/15/mundo/opiniaovirus-matar-globalizacao-1907890>

Ferreira, A. (2001, Setembro 9). Destaques da imprensa internacional de hoje. *Público*. <https://www.publico.pt/2001/09/12/mundo/noticia/destaques-da-imprensa-internacional-de-hoje-39578>

Ferreira, A. (2017, Abril 6). Turismo. Portugal é o 14.º mais competitivo do mundo. *Expresso*. <https://expresso.pt/economia/2017-04-06-Turismo.-Portugal-e-o-14.-mais-competitivo-do-mundo>

- Fidalgo, J. (2007). *O lugar da ética e da auto-regulação na identidade profissional dos jornalistas* [Tese de doutoramento não publicada, Universidade do Minho]. Repositório UM. <https://repositorium.sdum.uminho.pt/handle/1822/6011>
- Figueiras, R. (2003). O espaço opinião na imprensa de referência portuguesa: 1980-1991. *Centro de Investigação Media e Jornalismo*, 2, 89-112. https://fabricadesites.fcsh.unl.pt/polocicdigital/wp-content/uploads/sites/8/2017/02/mj_2.pdf
- Flick, U. (2009). *Introdução à Pesquisa Qualitativa* (3^a ed). Artmed.
- Fonseca, J. C. (2002). *A crise de 1997 do Sudeste Asiático no contexto da globalização económica*. Universidade Tecnica de Lisboa.
- Freaza, I. S. (2002, Fevereiro 2). Soares e Chomsky animam Porto Alegre. *Expresso*.
- Freeman, R. E. (1984). *Strategic management: A stakeholder approach*. Pitman.
- Freire, A. (1995, Fevereiro). O fim do Estado-Nação. *Executive Digest*.
- Freire, A. (1995, Fevereiro). Como competir na aldeia global. *Executive Digest*.
- Freire, E. N. (2009). O design no jornal impresso diário. Do tipográfico ao digital. *Galáxia*, (18), 291-310. <https://www.researchgate.net/publication/50361678>
- Fukuyama, F. (2018, August 1). What's wrong with public policy education. *The American Interest*. <https://www.the-american-interest.com/2018/08/01/whats-wrong-with-public-policy-education/>
- Galtung, J., & Ruge, M. H. (1965). The Structure of Foreign News. *Journal of Peace Research*, 2(1), 64–91. <http://www.jstor.org/stable/423011>
- Garcia, C. C. (2018). *Breve história do feminismo* (Vol. 1). Claridade.
- Garcia, J. L., Martinho, T. D., Alves, M. P., Correia, J. C., Da Cunha, D. S., Matos, J. N., Graça, S. M., Ramalho, J., & Rodrigues, C. (2018). *Os media em mudança em Portugal: Implicações da digitalização no jornalismo*. ERC – Entidade Reguladora para a Comunicação Social. <https://core.ac.uk/download/pdf/162046655.pdf>
- Garrido, A., Estanque, E., Antunes, M., Ramos, M. E., Lopes, M., Moura e Sá, P., Namorado, R., & Ferreira, S. (2019). *Economia social: Olhares cruzados*. Edições Almedina.

Garsten, C., & Sörbom, A. (2018). *Discreet power: How the World Economic Forum shapes market agendas*. Stanford University Press.

Garsten, C., & Sörbom, A. (2021). Discretionary governance: Selection, secrecy, and status within the World Economic Forum. *Global Governance: A Review of Multilateralism and International Organizations*, 27(4), 540-560. <https://doi.org/10.1163/19426720-02704006>

Gaspar, C. (2020). *O mundo de amanhã*. Fundação Francisco Manuel dos Santos.

Gibson, R., Bon, E., Darius, P., & Smyth, P. (2023). Are Online political influencers accelerating democratic deconsolidation? *Media and Communication*, 11(3), 175-186. <https://doi.org/10.17645/mac.v11i3.6813>

Giddens, A. (2017). *Capitalismo e moderna teoria social* (8ª edição). Editorial Presença.

Giffard, C. A., & Rivenburgh, N. K. (2000). News agencies, national images, and global media events. *Journalism and Mass Communication Quarterly*, 77 (1), 8-21. [10.1177/107769900007700102](https://doi.org/10.1177/107769900007700102)

Gil, A. C. (2002). *Como elaborar projetos de pesquisa*. Atlas.

Gil, A. C. (2008). *Métodos e técnicas de pesquisa social*. Atlas.

Glabau, L., & Schulte, S. (2015). Die Berliner Mauer 25 Jahre danach. beobachtungen und überlegungen. *Die Denkmalpflege*, 73(1-2), 5-14. <https://doi.org/10.1515/dkp-2015-731-205>

Goffman, E. (1956). *The presentation of self in everyday life*. University of Edinburgh, Social Sciences Research Centre.

Goffman, E. (1974). *Análise de quadros: Um ensaio sobre a organização da experiência*. Harvard University Press.

Golding, P., & Elliot, P. (1979). *Making the news*. Longman.

Gomes, H. (2018, Setembro 12). China diz que protecionismo é “risco muito sério” para crescimento e alerta “países individuais” contra isolacionismo. *Expresso*. <https://expresso.pt/internacional/2018-09-12-China-diz-que-protecionismo-e-risco-muito-serio-para-crescimento-e-alerta-paises-individuais-contr-isolacionismo>

Goodman, J. (2000). Capital's first international? The World Economic Forum is coming to town. *Arena Magazine*, (47), 45-47.

<https://search.informit.org/doi/epdf/10.3316/ielapa.200011209>

Gorbachov, M. (2021). *Que está em jogo: o futuro do mundo global*. Edições 70.

Gorjão, P., & Cabral, R. (2005). Mudança de regime e política externa: Portugal, a Indonésia e o destino de Timor Leste. *Análise social*, 7-35.

<https://revistas.rcaap.pt/analisesocial/article/download/34294/24044/151212>

Gradim, A. (2000). *Manual de jornalismo*. Universidade da Beira Interior, Livros Labcom.

https://www.labcom.ubi.pt/ficheiros/20110826-gradim_anabela_manual_jornalismo.pdf

Gradim, A. (2016). *Framing, o enquadramento das notícias*. Livros Horizonte.

Gradim, A. (2017). Para uma leitura semiótica das teorias de framing: reinterpretando o enquadramento com base na categoria peirceana de terceiridade. *Galáxia*, 35.

<https://doi.org/10.1590/1982-2554127832>

Graz, J. C. (2003). How powerful are transnational elite clubs? The social myth of the World Economic Forum. *New Political Economy*, 8(3), 321-340.

<https://doi.org/10.1080/1356346032000138041>

Großbölting, T., & Lorke, C. (2017). *Deutschland seit 1990*. Franz Steiner Verlag

<https://www.steiner-verlag.de/Deutschland-seit-1990/9783515116824>

Grupo de Lisboa. (1994). *Limites à Competição*. Publicações Europa-América.

Guedes, G. M. (2023, janeiro 6). O design do Expresso: O bom design, a par do bom jornalismo, pode marcar a diferença. *Expresso*.

<https://expresso.pt/revista/vicios/design/2023-01-06-O-design-do-Expresso-o-bom-design-a-par-do-bom-jornalismo-pode-marcar-a-diferenca-94c02e17>

Guillén, M. F. (2022). *2030: As grandes tendências globais. Um choque que mudará o futuro de todos*. Clube do Autor.

Gurwitt, S., Malkki, K., & Mitra, M. (2017). Global issue, developed country bias: the Paris climate conference as covered by daily print news organizations in 13 nations.

Climatic Change, 143, 281-296. <https://doi.org/10.1007/s10584-017-2004-2>

Hall, S. (1973), The narrative construction of reality: an interview with Stuart Hall. *Southern Review*, 17.

Hammond, J. L. (2013). The significance of space in occupy Wall Street. *Interface*, 5(2), 499-524. <https://www.interfacejournal.net/wordpress/wp-content/uploads/2013/11/Interface-5-2-Hammond.pdf>

Handy, C. (2015). *A segunda curva: Pensamentos para reinventar a sociedade*. Temas e Debates – Círculo de Leitores.

Hassan, T. A., Hollander, S., Lent, L. V., & Tahoun, A. (2024). The global impact of Brexit uncertainty. *The Journal of Finance*, 79(1), 413-458. <http://dx.doi.org/10.2139/ssrn.3840164>

Hansen, J., M. Sato, & R. Ruedy (2012). Perception of climate change. *PNAS*. <https://doi.org/10.1073/pnas.120527610>

Happer, C., & Philo, G. (2013). The role of the media in the construction of public belief and social change. *Journal of Social and Political Psychology*, 1(1), 321-336. <https://doi.org/10.5964/jspp.v1i1.96>

Harcup, T., & O'Neill, D. (2016). O que é notícia? Valores de notícias revisitados (novamente). *Journalism Studies*, 18(12), 1470–1488. <https://doi.org/10.1080/1461670X.2016.1150193>

Harries-Jones, P. (2016). *Deuses de cabeça para baixo: o mundo da diferença de Gregory Bateson*. Fordham Univ Press.

Hartley, J. (1999). What is journalism? The view from under a stubby cap. *Media International Australia*, 90 (1), 15-33. <https://doi.org/10.1177/1329878X9909000105>

Hauschildt, G. P. (2011). *O direito fundamental à saúde* [Dissertação de mestrado não publicada, Universidade Federal de Santa Catarina]. Repositório UFSC. <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/95994>

Hinkelammert, F. (2002). *El retorno del sujeto reprimido*. Universidad Nacional de Colombia, Facultad de Derecho, Ciencias Políticas y Sociales. <http://repositorio.uca.edu.sv/jspui/bitstream/11674/2094/1/El%20retorno%20del%20sujeto%20reprimido%202002.pdf>

- Hintz, A., & Hadl, G. (2004). Civil society media at the world summit on the information society (WSIS): The challenges of policy intervention. *Ritsumeikan Social Sciences Review*. https://www.ritsumei.ac.jp/ss/sansharonshu/assets/file/2005/41-3_02-04.pdf
- Hodor, S. (2021). *Frames of poverty, a qualitative content analysis of selected newspapers in Ghana* [Unpublished doctoral thesis, University of Education, Winneba]. UEWScholar Institutional Repository <http://41.74.91.244:8080/handle/123456789/1673>
- Houtart, F., & Polet, F. (2001). (Coord.). *El otro Davos: Globalización de resistencias y de luchas*. Editorial Popular.
- Huttel, L. M. (2019). Leaving the Paris climate agreement – historical setback or no impact? A comparative framing analysis of U.S. and German newspaper coverage. [Unpublished master's thesis, [Södertörn University](https://sh.diva-portal.org/smash/get/diva2:1328465/FULLTEXT01.pdf)]. SH DiVA. <https://sh.diva-portal.org/smash/get/diva2:1328465/FULLTEXT01.pdf>
- INE (2010). *Sobre a Pobreza, as desigualdades e a privação material em Portugal*. Instituto Nacional de Estatística.
- Inneraty, D. (2010). *O novo espaço público*. Editorial Teorema.
- Jacobson, GC (2010). George W. Bush, a Guerra do Iraque e a eleição de Barack Obama. *Presidential Studies Quarterly*, 40 (2), 207-224.
- Janning, J., & Möller, A. (2022). *Leading from the centre: Germany's new role in Europe*. European Council on Foreign Relations. <https://www.jstor.org/stable/pdf/resrep21585.pdf>
- Johnston, H., & Noakes, J. A. (2005). *Frames of protest: Social movements and the framing perspective*. Rowman & Littlefield Publishers.
- Jones, M. (2020). *Case Study: The World Economic Forum*. The Brilliant. <https://thebrilliant.com/case-studies/the-world-economic-forum/>
- Jorge, C. S. E. (2013). *A Agência Lusa como fonte na imprensa escrita generalista portuguesa*. [Dissertação de mestrado não publicada, Universidade Nova de Lisboa]. Repositório Universidade Nova. https://run.unl.pt/bitstream/10362/12082/1/tese_final_corrigida.pdf
- Kalamar, D. (2016). Convergence of media and transformation of audience. *Informatol*, 49, 190-202. <https://hrcak.srce.hr/file/256617>

Kalogeropoulos, A., Svensson, H. M., Van Dalen, A., De Vreese, C., & Albæk, E. (2015). Are watchdogs doing their business? Media coverage of economic news. *Journalism*, 16(8), 993-1009. <https://doi.org/10.1177/1464884914554167>

Katsenelinboigen, A. (2017). *The Soviet Union: empire, nation, and system*. Routledge. <https://doi.org/10.4324/9781351316927>

Khabaz, D. (2018). Framing Brexit: The role, and the impact, of the national newspapers on the EU Referendum. *Newspaper Research Journal*, 39(4), 496-508. <https://doi.org/10.1177/0739532918806871>

King, S. D. (2018). *Lamentável mundo novo*. Temas e Debates – Círculo de Leitores.

Kissinger, H. (2023). *Liderança: Seis estudos sobre estratégia mundial*. Publicações Dom Quixote.

Klikberg, B. (2001). *Falácias e mitos do desenvolvimento social*. Cortez Editora, Unesco. <https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000127133>

Kotelenets, EA (2013). A imagem da União Soviética no mundo: fatores e dinâmicas de percepção. *Boletim da Universidade da Amizade dos Povos da Rússia. Série: História da Rússia*, (3), 76-90.

Kuznets, S. (1955). Economic Growth and Income Inequality. *The American Economic Review*, 45(1), 1-28.

Levy, B. S., & Sidel, V. W. (2013). Adverse health consequences of the Iraq war. *The Lancet*, 381(9870), 949-958. [https://doi.org/10.1016/S0140-6736\(13\)60254-8](https://doi.org/10.1016/S0140-6736(13)60254-8)

Li, D. (2023). Critical discourse analysis based on different media reports about China. *Journal of Computing and Electronic Information Management*, 11(2), 8-13. <https://doi.org/10.54097/jceim.v11i2.11753>

Limina, M. (2001, Janeiro 27). Manifestantes conseguem chegar a Davos. *Público*. <https://www.publico.pt/2001/01/27/economia/noticia/manifestantes-conseguem-chegar-a-davos-8775>

Lioudis, N. (2019, Novembro 26). The collapse of Lehman Brothers: A case study. *Investopedia*. https://www.vbsoexpertise.com.br/wp-content/uploads/2020/09/AULA-03-The-Collapse-of-Lehman-Brothers_-A-Case-Study.pdf

Lipovetsky, J. S. (2014). *O capitalismo estético na era da globalização*. Edições 70.

- Lippmann, W. (1998). *Public Opinion*. Transaction Publishers.
- Lockwood, D. (2015). *The destruction of the Soviet Union: a study in globalization*. Springer. <https://link.springer.com/book/10.1057/9780333981566>
- Lopes, F. (2005). O discurso noticioso sobre o protesto: As greves dos professores no DN e JN (1989-2000). *Revista de Comunicação e Linguagens*, 37.
- Lopes, F. (2016). Uma proposta de um modelo taxonómico para a classificação de fontes de informação. *Observatorio (OBS*) Journal*, 10(4), 180-191.
- Lopes, F., & Santo, P. E. (2016). Os 100 primeiros dias do XXI Governo Constitucional através da imprensa generalista: quando as finanças travam uma mudança de ciclo político. *Estudos em Comunicação*, 23.
- López, M. (1995). *Cómo se fabrican las noticias: fuentes, selección y planificación*. Paidós.
- López-Petit, S. (2010). *A mobilização global seguido de o Estado-Guerra e outros textos*. Deriva Editores.
- Lousada, P. M. T. (2016). O impacto da crise económica e financeira nas principais medidas de proteção social em Portugal. *RIPS. Revista de Investigaciones Políticas Y Sociológicas*, 15(2), 131-148. <https://doi.org/10.15304/rips.15.2.3490>
- Lusa. (2007, Janeiro 25). Lula defende em Davos relançamento de Doha. *Público*.
- Lusa. (2012, Janeiro 25). Merkle desafia a que haja mais Europa no futuro. *Expresso*.
- Lusa. (2018, Janeiro 25). “Há uma nova energia” para se avançar, diz Costa. *Público*. <https://www.publico.pt/2018/01/25/politica/noticia/costa-ha-uma-nova-energia-para-se-avancar-1800850>
- Lusa. (2019, Janeiro 25). Ministro da Economia reúne-se com empresas em Davos e faz balanço "muito positivo". *Público*. <https://www.publico.pt/2019/01/25/economia/noticia/ministro-economia-reunese-empresas-davos-faz-balanco-positivo-1859370>
- Lusa. (2020, Janeiro 15). Crise climática e turbulência política são principais riscos em 2020, alerta relatório do Fórum Económico Mundial. *Expresso*. <https://expresso.pt/internacional/2020-01-15-Crise-climatica-e-turbulencia-politica-sao-principais-riscos-em-2020-alerta-relatorio-do-Forum-Economico-Mundial>

Lusa. (2020, Agosto 26). Fórum de Davos adiado para o verão em 2021. *Expresso*. <https://expresso.pt/economia/2020-08-26-Forum-de-Davos-adiado-para-o-verao-em-2021>

Lower, M., Hauschildt, T. (2014, May 9). The media as a tool of war: Propaganda in the Rwandan genocide. *Human Security Centre*. <http://www.hscentre.org/wp-content/uploads/2014/05/HRCR-2014-Issue-2-No.-1.-Lower-and-Hauschildt-The-Media-as-a-Tool-of-War.pdf>

Machado Filho, A. V. L. (2003), & Marcuschi, L. A. (2001) Da fala para a escrita: atividades de retextualização. *Revista Da Anpoll*, 1(15). <https://doi.org/10.18309/anp.v1i15.431>

Madrick, J. (2002). The influence of the financial media over international economic policy. *International capital markets: Systems in transition*, 231-251.

Mancini, L., & Vasconcellos, F. (2016). Jornalismo de dados: conceito e categorias. *Revista Fronteiras*, 18, 1. <https://doi.org/10.4013/fem.2016.181.07>

Marchi, R. (2016). O movimento antiglobalização: História, estratégias, táticas. *Sociologias*, 18, 41.

Marcuschi, L. A. (2001). *Da fala para a escrita: Atividades de retextualização* (2ª ed.). Cortez.

Markovitz, G. (2024, January 17). *Davos 2024 day 3: some of the key moments*. The World Economic Forum. <https://www.weforum.org/agenda/2024/01/davos-2024-day-3-highlights/>

Marques de Melo, J. (2003). *Jornalismo opinativo: gêneros opinativos no jornalismo brasileiro*. Mantiqueira

Marques de Melo, J. (2008). *Mídia e cultura popular: história, taxionomia e metodologia da folkcomunicação*. Paulus.

Marques de Melo, J. (2010). Gêneros jornalísticos: conhecimento brasileiro. *Gêneros jornalísticos no Brasil*, 23-41.

Martins, R. P. (1997, Janeiro 30). Encontro de Davos começa hoje. *Público*.

Martins, R. (2001, Janeiro 12). Suíça proíbe manifestações. *Expresso*. <https://arquivo.pt/wayback/20050621185545/http://primeirasedicoes.expresso.pt/ed1472/e202.asp?ls>

Martins, A. (2018, Janeiro 25). Trump leva a Davos uma América em primeiro lugar, mas não sozinha. *Público*. <https://www.publico.pt/2018/01/25/mundo/noticia/trump-chega-a-davos-para-vender-uma-america-em-primeiro-mas-nao-sozinha-1800831>

Martins, A. (2019, Janeiro 22). Davos arranca sem estrelas e num ambiente cada vez mais frio. *Público*. <https://www.publico.pt/2019/01/22/mundo/noticia/davos-arranca-estrelas-ambiente-frio-1858766>

Matemilola, S., Fadeyi, O., & Sijuade, T. (2020). Paris Agreement. In Idowu, S., Schmidpeter, R., Capaldi, N., Zu, L., Del Baldo, M., Abreu, R. (Eds.) *Encyclopedia of Sustainable Management*. Springer. https://doi.org/10.1007/978-3-030-02006-4_516-1

Mateus, M. H. M. (2003). Dialectos e variedades do português. In Mateus, M. H. M., Brito, A. M., Duarte, I., Faria, I. H. et al. (2003). *Gramática da Língua Portuguesa* (pp. 45-51), Caminho.

Mateus, C. (2019, Fevereiro 9). Onde ficam os direitos laborais na era do digital? *Expresso*. <https://expresso.pt/economia/2019-02-09-Where-are-labor-rights-in-the-digital-age>

Matos, S. (2013, Agosto 13). Um novo site, um novo Público [Vídeo]. Público. <https://www.publico.pt/2013/08/13/video/um-novo-site-um-novo-publico-design-20130813-174254?reloaded&rnd=0.21159328027189228>

Mayer, J. D., Salovey, P., Caruso, D. R., & Cherkasskiy, L. (2011). *Emotional intelligence*. Cambridge University Press.

McQuail, D. (1977). *Analysis of newspaper content: Royal Commission on the Press*. HMSO.

McQuail, D. (2003). *Teoria da comunicação de massas*. Fundação Calouste Gulbenkian.

McVey, M. J. (1993). *The public persona of Nelson R. Mandela: A study of U.S. print media narratives* [Unpublished master's thesis, Portland State University]. PDXScholar. <https://doi.org/10.15760/etd.6576>

Medina, J. L. B. (2001). Gêneros jornalísticos: Repensando a questão. *Revista Simposim*, 1.

Meegan, A., Corbet, S., & Larkin, C. (2018). Financial market spillovers during the quantitative easing programmes of the global financial crisis (2007–2009) and the European debt crisis. *Journal of International Financial Markets, Institutions and Money*, 56, 128-148. <https://doi.org/10.1016/j.intfin.2018.02.010>

Melo, J. M. (2008). *O campo da comunicação no Brasil*. Editora Vozes.

Melo, J. M. (2009). *Jornalismo, forma e conteúdo*. Difusão Editora.

Melo, J. M., & Assis, F. D. (2016). Gêneros e formatos jornalísticos: um modelo classificatório. *Intercom-RBCC*, 39(1), 39-56. <https://www.scielo.br/j/interc/a/YYXs6KPXhp8d7pRvJvnRjDR/?format=pdf>

Melo, A. C. (2021). *A (in) definição e emergência do Jornalismo Humanitário: A cobertura mediática do conflito de Cabo Delgado no jornal Público*. [Dissertação de mestrado não publicada, Universidade Fernando Pessoa]. Repositório Institucional da Universidade Fernando Pessoa. https://bdigital.ufp.pt/bitstream/10284/10434/1/DM_16576.pdf

Milan, S. (2015). Quando o jornalismo encontra as redes sociais: a influência das redes sociais na prática jornalística contemporânea. *Media&Jornalismo*, 15(28), 85-101.

Milanovic, B. (2017). *A desigualdade no mundo: Uma nova abordagem para a era da globalização*. Actual Editora.

Milanovic, B. (2022). *Capitalismo, apenas*. Actual Editora.

Minayo, M. C. S., & Sanches, O. (1993). Quantitativo-qualitativo: Oposição ou complementaridade? *Cad. Saúde Pública*, Rio de Janeiro, 9(3): 239-262. <https://doi.org/10.1590/S0102-311X1993000300002>

Minayo, M. C. S. (2001). O desafio da pesquisa social. In Minayo, M. C. S. (Org.). *Pesquisa Social. Teoria, método e criatividade* (pp. 9-29), Vozes.

Minayo, M. C. S. (2012). Análise qualitativa: teoria, passos e fidedignidade. *Ciência & Saúde Coletiva*, 17(3), 621- 26.

Miranda, J. (1996). O Tratado de Maastricht e a Constituição portuguesa. *Revista do Tribunal Regional Federal 1ª Região*, 8(3), 17-30.

- Moreno, A. P. (2011). La primavera árabe ¿una cuarta ola de democratización? *Revista UNISCI*, 26, 75-94. https://www.ucm.es/data/cont/media/www/pag-72499/UNISCI_DP_26_PRIEGO.pdf
- Mont'Alverne, C., & Marques, F. P. J. A. (2015). A opinião da empresa no jornalismo brasileiro: Um estudo sobre a função e a influência política dos editoriais. *Estudos em Jornalismo e Mídia*, 12(1), 121-137.
- Monteiro, C. A. (2010, Janeiro 28). Crise actual é resultado de uma "super bolha", diz George Soros. *Expresso*. <https://expresso.pt/economia/crise-actual-e-resultado-de-uma-super-bolha-diz-george-soros=f560645>
- Mota, M. (2007, Janeiro 27). Fórum de Davos rendido ao espírito de Porto Alegre. *Expresso*.
- Motyl, A. J. (1991). Empire or Stability? The Case for Soviet Dissolution. *World Policy Journal*, 8(3), 499-524.
- Mouro, A. (2008). *A unificação alemã na imprensa periódica portuguesa de referência*. [Dissertação de mestrado não publicada, Universidade de Aveiro]. Repositório Institucional da Universidade de Aveiro. <https://ria.ua.pt/bitstream/10773/2790/1/2009000492.pdf>
- Muñiz, C. (2011). Encuadres noticiosos sobre migración en la prensa digital mexicana. Un análisis de contenido exploratório desde la teoría del framing. *Convergencia*, 213-239.
- Negreiros, M. (2002, Fevereiro 6). A Argentina mostrou a necessidade de mudanças na política económica mundial. *Público*.
- Neveu, E. (2005). *Sociologie du journalisme*. La Découverte.
- Norris, P. (2000). Global governance and cosmopolitan citizens. In J. S. Nye & J. D. Donahue (Eds.), *Governance in a globalizing world*, Brookings Institution Press.
- Neves, A. (2003, Janeiro 23). População mundial descrente das suas instituições. *Público*.
- Nunes, L. (2010). O papel da imprensa na democracia portuguesa: A influência do 25 de Abril no jornalismo em Portugal. *Media&Jornalismo*, 7(13), 13-26.
- OECD (2008). *Growing Unequal? Income Distribution and Poverty in OECD Countries*. OECD Multilingual Summaries.

O Fórum Económico Mundial de Davos na imprensa portuguesa de referência

O'Connor, S. D. (2007). The rule of law. *Judicature*, 91(2), 77-78.

Ohmae, K. (2001). *O continente invisível: Quatro estratégias definitivas para atuar na era das empresas sem fronteiras*. Campus.

Oliveira, C. C. (2008). Educação: Pesquisa, Complexidade e Contemporaneidade. *Reflexão e Acção*, 16(2), 19-37. Unisc.

Oliveira, P. (2015, Janeiro 2016). O mundo no espanto fácil. *Expresso*.

Oliveira, D. (2016, Fevereiro 2). 1% que vive à custa de 99%. *Expresso*.
https://expresso.pt/blogues/opiniaio_daniel_oliveira_antes_pelo_contrario/2016-02-02-1-que-vive-a-custa-de-99

Oliveira, D. (2020, Janeiro 25). Indignação segura. *Expresso*.
<https://expresso.pt/opiniaio/2020-01-25-Indignacao-segura>

Oliveira, M., Tavares, A., & Pacheco, A. (2022). *Sustainability and resilience in the portuguese health system*. The World Economic Forum.
https://www3.weforum.org/docs/WEF_PHSSR_Portugal_2022.pdf

Orozco, H. (2008). El Genocidio de Ruanda, una introducción al conflicto. *Revista huellas de la historia*, 3(1).

Paiva, F. (2016, Fevereiro 15). Temos de falar sobre a Internet das Coisas. *Público*.
<https://www.publico.pt/2016/02/15/tecnologia/opiniaio/temos-de-falar-sobre-a-internet-das-coisas-1723277>

Papacharissi, Z., & de Oliveira, M. F. (2008). News frames terrorism: A comparative analysis of frames employed in terrorism coverage in US and UK newspapers. *The international journal of press/politics*, 13(1), 52-74.
<https://doi.org/10.1177/1940161207312676>

Paulo, I. (2013, Dezembro 12). Exposição 40 anos do Expresso chega ao Porto. *Expresso*.
https://expresso.pt/site_expresso_40_anos/exposicao-dos-40-anos-do-expresso-chega-ao-porto=f844397

Pavlik, J., & Moreira, S. V. (2000). O impacto das novas tecnologias da informação na prática do jornalismo. *Intercom: Revista Brasileira de Ciências da Comunicação*, 23(1).

Pedro, J. (1989, Janeiro 29). *Cavaco Silva no Fórum Económico Mundial* [Vídeo]. RTP Arquivos. <https://arquivos.rtp.pt/conteudos/cavaco-silva-no-forum-economico-mundial/>

- Pereira, S., & Esteves, A. (2017). Os efeitos da crise económica na situação laboral dos imigrantes: o caso dos brasileiros em Portugal. *Remhu: Revista Interdisciplinar da Mobilidade Humana*, 25(49), 135-152.
- Peri, Y. (2007). Intractable conflict and the media. *Israel studies*, 79-102.
- Pigman, G. A. (2002). A multifunctional case study for teaching international political economy: The World Economic Forum as shar-pei or wolf in sheep's clothing? *International Studies Perspectives*, 3(3), 291-309. <https://doi.org/10.1111/1528-3577.00097>
- Pigman, G. A. (2007). *The World Economic Forum: A multi-stakeholder approach to global governance*. Routledge. <https://doi.org/10.4324/9780203962756>
- Piketty, T. (2014). *O capital no século XXI*. Circulo de Leitores.
- Pintado, M. C., & Lima, S. L. (2011). A luta pela definição dos sentidos da globalização nas greves gerais do 1º de Maio de 2006 e 2007 em Portugal. *Media e Jornalismo*, 8(15), 123-139.
- Pinto, M. (2000). Fontes jornalísticas-contributos para o mapeamento do campo. *Comunicação e Sociedade*, 2, 277-294.
- Pinto, L. (2005, Janeiro 30). Vozes portuguesas no fórum antiglobalização. *Público*.
- Pinto, P. C. (2016, Janeiro 28). A importância da paridade nas empresas privadas. *Expresso*. https://expresso.pt/blogues/bloguet_lifestyle/Avidadesaltosaltos/2016-01-28-A-importancia-da-paridade-nas-empresas-privadas
- Portes, J., & Springford, J. (2023). The impact of the post-Brexit migration system on the UK labour market. *Contemporary Social Science*, 18(2), 132-149.
- Potthoff, M. (2012). *Medien-Frames und ihre Entstehung*. Springer VS.
- Póvoa, J. L. (2017). Os padrões de formatação jornalística: a produção de sentido na imprensa escrita em Portugal. *Media e Jornalismo*, 16 (29), 23-45.
- Público (1999, Fevereiro 3). Ideias discordantes em Davos. *Público*.
- Público. (2006, Janeiro 29). Do que falou a elite em Davos. *Público*. <https://www.publico.pt/2006/01/29/jornal/do-que-falou-a-elite-em-davos-60764>
- Público. (2008, Janeiro 24). Rice diz que economia americana é resistente. *Público*.

Público. (2013, Fevereiro 21). As dez tecnologias mais promissoras em 2013. *Público*. <https://www.publico.pt/2013/02/21/tecnologia/noticia/dez-tecnologias-emergentes-para-2013-1585260>

Público. (2016, Janeiro 16). Oito homens são tão ricos como a metade mais pobre da população mundial. *Público*. <https://www.publico.pt/2017/01/16/economia/noticia/oito-homens-concentram-a-fortuna-equivalente-a-da-metade-mais-pobre-da-populacao-mundial-1758425>

Público. (2017, Janeiro 19). Aliança global para criar novas vacinas lançada em Davos. *Público*. <https://www.publico.pt/2017/01/19/ciencia/noticia/lancada-em-davos-uma-alianca-global-para-criar-novas-vacinas-1758989>

Público, & Lusa. (2018, Janeiro 23). Encontro com Presidente de Angola foi extremamente positivo. *Público*. <https://www.publico.pt/2018/01/23/politica/noticia/encontro-com-presidente-de-angola-foi-extremamente-positivo-1800535>

Powell, C. (2003). *Remarks at the World Economic Forum*. <https://2001-2009.state.gov/secretary/former/powell/remarks/2003/16869.htm>

Priest, S. H. (2010). Public discourse and scientific controversy: A spiral of trust/ distrust. *Public Understanding of Science*, 19(2), 173-186.

Prunier, G. (1997). *The Rwanda crisis: History of a genocide*. Columbia University Press.

Ramos, M. R. (2001). Portugal e a guerra do Golfo: A cobertura jornalística de um conflito internacional. *Revista Media & Jornalismo*, 1(1), 23-47.

Reis, T. A., & Gadini, S. L. (2016). Aproximações conceituais entre o framing e o jornalismo cultural. *Leituras do Jornalismo*, 1(6). <https://www3.faac.unesp.br/leiturasdojornalismo/index.php/leiturasdojornalismo/article/view/110/80>

Reuter/ AFP. (1991, Fevereiro 4). Guerra do Golfo poupa economia mundial. *Público*.

Ribeiro, P. (2002, Fevereiro 1). Reunião do Fórum Económico Mundial começa rodeada de forte de apertada segurança. *Público*.

Ribeiro, P. (2005, Janeiro 26). Balir e Chirac pedem em Davos dinheiro para os mais pobres. *Público*.

- Ribeiro, P. (2006, Janeiro 26). Merkle promete em Davos soluções criativas para combater desemprego. *Público*.
- Ribeiro, P. (2006, Janeiro 27). Davos aponta terror, petróleo e gripe como os riscos de 2006. *Público*.
- Ribeiro, N. M. (2009). *Jornalismo de Proximidade: o caso do Jornal de Notícias*. Edições Afrontamento.
- Ribeiro, J. R. (2015, Janeiro 22). Trocas de acusações limitam sucesso de conversações sobre a Ucrânia. *Público*.
- Ribeiro, N. M., & Figueira, J. (2016). A influência das redes sociais na prática jornalística: Um estudo de caso do jornal Público. *Media & Jornalismo*, 16(29), 47-68.
- Richardson, R. J. (2011). *Pesquisa social: Métodos e técnicas* (3.ª ed.). Atlas.
- Rizzotto, C. C., Antonelli, D., & Ferracioli, P. (2017). A política nas páginas dos jornais: Uma discussão metodológica sobre o enquadramento noticioso. *Revista Latinoamericana de Ciencias de la Comunicación*, 13(24).
<https://revista.pubalaic.org/index.php/alaic/article/view/241>
- Robinson, A. (2013). *Un reportero en la montaña mágica: Cómo la élite económica de Davos hundió el mundo*. Editorial Ariel
- Rocha, F. (2009). A imprensa em Portugal: Da ditadura à democracia. *Media e Jornalismo*, 7(14), 11-28.
- Rocha, J. M. (2014, Janeiro 21). Desigualdades, retoma económica e Síria estão na agenda de Davos. *Público*. <https://www.publico.pt/2014/01/21/economia/noticia/desigualdades-retoma-economica-e-siria-estao-na-agenda-de-davos-1620541>
- Rockström, J., & Coauthors. (2009). Planetary boundaries: A safe operating space for humanity. *Nature*, 461, 472–475. <https://www.nature.com/articles/461472a>
- Rodrigues, P. C. (2004, Janeiro 24). Liderança política e militar turca apela ao recomeço das conversações sobre Chipre. *Público*.
- Rodrigues, E. (2008). *Teorias da comunicação*. Lisboa: Editorial Presença.
- Rodrigues, J. N. (2013, Janeiro 25). Merkel "amacia" austeridade em Davos. *Expresso*.
https://expresso.pt/arquivo/economia/economia_divida/merkel-amacia-austeridade-em-davos=f782132

O Fórum Económico Mundial de Davos na imprensa portuguesa de referência

Rodrigues, A. A. (2015). Jornalismo e censura em Portugal: Um estudo de caso do Diário de Notícias. *Media & Jornalismo*, 15(28), 61-83.

Rodrigues, J. N. (2020, Janeiro 20). Fórum de Davos entre o apocalipse climático e um crescimento mundial medíocre. *Expresso*. <https://expresso.pt/dossies/diario/2020-01-20-Forum-de-Davos-entre-o-apocalipse-climatico-e-um-crescimento-mundial-mediocre-1>

Rosa, J. (2014). *Expresso: Um projeto de renovação no fim do Marcelismo* [Dissertação de mestrado não publicada, Escola Superior de Comunicação Social]. Repositório do Instituto Politécnico de Lisboa. https://repositorio.ipl.pt/bitstream/10400.21/4402/1/Tese_JoanaRosa.pdf

Rossetto, G. P. N., & Silva, A. M. (2012). Agenda-setting e framing: detalhes de uma mesma teoria? *Intexto*, 26, 98-114. <https://seer.ufrgs.br/index.php/intexto/article/view/22933>

Rousiley, C. M. A. (2003). O fórum social mundial e a cobertura da imprensa internacional. *Eptic Online*, 5(2).

Rowley, D. (2001). Interpretações do fim da União Soviética: Três paradigmas. *Kritika: Explorations in Russian and Eurasian History*, 2(2), 395-426.

Rowley, J. (2001). Remodeling marketing communications in an Internet environment. *Internet Research*, 11(3), 203-212. <https://doi.org/10.1108/10662240110397017>

Rozin, P., & Royzman, E. B. (2001). Negativity bias, negativity dominance, and contagion. *Personality and Social Psychology Review*, 5(4), 296-320. https://doi.org/10.1207/S15327957PSPR0504_2

Sabucedo, J. M., Fernández, S. M., & Rodríguez, J. P. (2006). Eventos de protesto e estrutura das crenças políticas. *Revista de Psicologia Social*, 21(3), 263-274.

Sachs, J. D. (2017). *A era do desenvolvimento sustentável*. Actual Editora.

Santos, V. (1997). *Será a Globalização um Fenómeno Sustentável*. Gabinete de Estudos e Prospectiva Económica do Ministério da Economia.

Santos, B. S. S. (2004). *O Fórum Social Mundial: Manual de uso*. CES. <https://www.boaventuradesousasantos.pt/documentos/fsm.pdf>

Santos, B. S. S. (2005). *Discurso sobre as ciências*. Cortez.

- Santos, S. J. (2012). Primavera Árabe. *Centro de Estudos Sociais*, Dicionário das crises e das alternativas – Estudo Geral, 168. <https://estudogeral.uc.pt/bitstream/10316/90997/1/Primavera%20Arabe.pdf>
- Santos, L. S. (2013). Análise crítica das representações da pobreza no jornalismo português: o caso do Jornal de Notícias. *Media & Jornalismo*, 13(23), 57-81.
- Santos, B. P., Silva, L. A., Celes, C. S. F. S., Borges, J. B., Neto, B. S. P., Vieira, M. A. M., ... & Loureiro, A. (2016). Internet das coisas: da teoria à prática. *Minicursos SBRC-Simpósio Brasileiro de Redes de Computadores e Sistemas Distribuídos*, 31, 16.
- Sastre-Merino, S., & De Los Ríos Carmenado, I. (2012). Capacity building in development projects. *Procedia-Social and Behavioral Sciences*, 46, 960-967. <https://doi.org/10.1016/j.sbspro.2012.05.231>
- Schimmel, N. (2010). An invisible genocide: how the Western media failed to report the 1994 Rwandan genocide of the Tutsi and why. *The International Journal of Human Rights*, 15(7), 1125–1135. <https://doi.org/10.1080/13642987.2010.499728>
- Scholte, J. A. (2001). Civil society and democracy in global governance. *Centre for the Study of Globalisation and Regionalisation*. https://wrap.warwick.ac.uk/id/eprint/2060/1/WRAP_Scholte_wp6501.pdf
- Schönherr, N., Findler, F., & Martinuzzi, A. (2017). Exploring the interface of CSR and the sustainable development goals. *Transnational Corporations*, 24(3), 33–47. https://www.researchgate.net/profile/Norma-Schoenherr/publication/323241769_Exploring_the_interface_of_CSR_and_the_Sustainable_Development_Goals/links/5b24e2c80f7e9b0e374b7f7be/Exploring-the-interface-of-CSR-and-the-Sustainable-Development-Goals.pdf
- Schudson, M. (1995). *The power of news*. Harvard University Press.
- Schudson, M. (2019). Approaches to the sociology of news. *Media and Society*, 6, 139-166.
- Schultz, J. (1998). *Reviving the fourth estate: Democracy, accountability and the media*. Cambridge University Press.
- Schwab, K. (Ed.). (1995). *Overcoming Indifference: 10 Key Challenges in Today's Changing World*. NYU Press.

O Fórum Económico Mundial de Davos na imprensa portuguesa de referência

Schwab, K. (2014, April 4). Business leaders want Middle East peace, *USA Today*. <https://eu.usatoday.com/story/opinion/2014/04/04/world-peace-schwab-wef-column/7301583/>

Schwab, K. (2015). *World Economic Forum: The global competitiveness report 2014-2015*. The World Economic Forum.

Schwab, K. (2017). *A quarta revolução industrial*. Levoir.

Schwab, K. (2019). *The global competitiveness report 2019*. The World Economic Forum.

https://www3.weforum.org/docs/WEF_TheGlobalCompetitivenessReport2019.pdf

Seabra, J. (1994, Janeiro 29). Sob o signo da cooperação. *Público*.

Secaf, B. S. (2016). O acordo de paris. *Agro Analysis*, 36(1), 34-35. <https://periodicos.fgv.br/agroanalysis/article/download/62949/61053/132888>

Seib, P. (2005). The news media and the clash of civilizations. In *Media and conflict in the twenty-first century*, (pp. 217-234), Palgrave Macmillan US.

Seixas, L. (2009). *Redefinindo os gêneros jornalísticos: Proposta de novos critérios de classificação*. Livros LabCom.

Sen, A. (2000). *Desenvolvimento como Liberdade*. Companhia das Letras.

Sen, A. (2018). *Escolha coletiva e bem-estar social*. Edições Almedina.

Sener, H. E. (2010). The libertarian ilusion: Ideology, public policy, and the assault on the common good. *Political Studies Review*, 8(2), 224-225. <https://avesis.metu.edu.tr/yayin/25c8e5f6-e9a6-4d86-8e80-f227d99e80d4/the-libertarian-illusion-ideology-public-policy-and-the-assault-on-the-common-good>

Serrano, E. (1999). *Jornalismo e elites do poder*. Biblioteca BOCC da UFP. <http://bocc.ufp.pt/pag/serrano-estrela-jornalismo-elites-poder.pdf>

Serrano, M. M., & Urze, P. (2015). *Inovação, organizações e trabalho: Estudos de caso*. Edições Sílabo.

Shaw, D. (2015). The rise of global civil society: Building communities and nations from the bottom up. In *The Handbook of Development Communication and Social Change*, 67-85. Wiley-Blackwell.

- Shoemaker, P., & Reese, S. (1996). *Mediating the message: Theories of influences on mass media content*. Longman.
- Sigal, L. (1973). *Repórteres e oficiais – A organização e a política da produção de Notícias*. Lexington
- Silva, A. S. D. (2013). O que sabemos sobre a crise económica, pela metáfora. Conceptualizações metafóricas da crise na imprensa portuguesa. *Media & Jornalismo*, 22(1), 11-34. https://fabricadesites.fcsh.unl.pt/polocicdigital/wp-content/uploads/sites/8/2017/03/mj22_augusto-silva.pdf
- Silva, A. R. (2015, Janeiro 19). Metade da riqueza mundial nas mãos de apenas 1% da população em 2016. *Público*. <https://www.publico.pt/2015/01/19/economia/noticia/metade-da-riqueza-mundial-vai-pertencer-aos-1-mais-ricos-em-2016-1682655>
- Silva, M. P. (Ed.) (2019). *Comunicação, redes sociais e a produção jornalística*. Atena Editora.
- Silveirinha, M. J. (2004). O euro e a construção europeia: representações na imprensa portuguesa. *Media e Jornalismo*, (6) 2005, 61-82. <https://fabricadesites.fcsh.unl.pt/polocicdigital/wp-content/uploads/sites/8/2017/02/n6-04-M-Joao-Silveirinha.pdf>
- Singh, S. (2019). Fatores socioculturais e sociopolíticos na transformação das relações entre a mídia e o Estado (usando o exemplo do espaço midiático russo no período de 1991 a 2019). *Fator A: Pesquisa e Desenvolvimento (humanidades)*, 3, 9.
- Sintes-Olivella, M., Franch, P., Yeste-Piquer, E., & Zilles, K. (2022). Europe Abhors Donald Trump: The Opinion on the 2020 U.S. Presidential Elections and Their Candidates in the European Newspapers. *American Behavioral Scientist*, 66(1), 61-85. <https://doi.org/10.1177/00027642211005534>
- Sloterdijk, P. (2008). *Palácio de Cristal: Para uma teoria filosófica da globalização*. Relógio D'Água Editores.
- Smith, J., & Wiest, D. (2012). *Social movements in the world-system: The politics of crisis and transformation*. Russell Sage Foundation.

O Fórum Económico Mundial de Davos na imprensa portuguesa de referência

Smulders, J. A. & Withagen, C. A. M. (2012, October 1). Green Growth - Lessons from Growth Theory. *World Bank Policy Research Working Paper*.
<https://ssrn.com/abstract=2162798>

Soares, M. (1985, Junho 12). Discurso do ex-primeiro ministro de Portugal. *CVCE*.
https://www.cvce.eu/obj/discurso_de_mario_soares_por_ocasiao_da_assinatura_do_tratado_de_adexao_de_portugal_as_comunidades_europeias_lisboa_12_junho_1985-pt-0681895a-4ad6-4444-94fc-63304c0f6f4a.html

Soares, A. G. (2011). A União Europeia como potência global? As alterações do Tratado de Lisboa na política externa e de defesa. *Revista Brasileira de Política Internacional*, 54, 87-104. <https://doi.org/10.1590/S0034-73292011000100006>

Soares, R. (2011, Janeiro 27). Crise da dívida contagia juros das obrigações alemãs e mantém pressão sobre Portugal. *Público*.
<https://www.publico.pt/2011/01/27/jornal/crise-da-divida-contagia-juros-das-obrigacoes-alemaes-e-mantem-pressao-sobre-portugal-21141221>

Sousa, H. (2010). *Media e Poder*. Porto Editora.

Sousa, J. P. (1997). *Fotojornalismo Performativo - O Serviço de Fotonotícia da Agência Lusa de Informação*. [Tese de doutoramento não publicada, Universidade de Santiago de Compostela]. Biblioteca Online de Ciências da Comunicação da Universidade da Beira Interior. <https://arquivo.bocc.ubi.pt/pag/sousa-jorge-pedro-fotojornalismo-tese.html>

Sousa, J. P. (1998). Diários portugueses: que espaço para o cidadão comum. *Biblioteca Online de Ciências da Comunicação da Universidade da Beira Interior*.
<https://arquivo.bocc.ubi.pt/pag/sousa-jorge-pedro-diarios-portugueses1.html>

Sousa, J. P. (1999). A guerra do Golfo na imprensa portuguesa de grande expansão. *Caderno de Estudos Mediáticos, II*.

Sousa, J. P. (2000). *As notícias e seus efeitos*. Minerva.

Sousa, J. P. (2001). *Elementos de jornalismo impresso*. Biblioteca Online de Ciências da Comunicação da Universidade da Beira Interior. <https://arquivo.bocc.ubi.pt/pag/sousa-jorge-pedro-elementos-de-jornalismo-impresso.pdf>

Sousa, J. P. (2002a). Construindo uma teoria do jornalismo. *Biblioteca Online de Ciências da Comunicação da Universidade da Beira Interior*. <https://arquivo.bocc.ubi.pt/pag/sousa-jorge-pedro-construindo-teoria-jornalismo.pdf>

Sousa, J. P. (2002b). Por que as notícias são como são? Construindo uma teoria da notícia. *Biblioteca Online de Ciências da Comunicação da Universidade da Beira Interior*. <https://arquivo.bocc.ubi.pt/pag/sousa-jorge-pedro-construindo-teoria-da-noticia.html>

Sousa, J. P. (2002c). *Teorias da Notícia e do jornalismo*. Argos.

Sousa, J. P. (2003). O dia depois: a reação da imprensa portuguesa ao atentado de 11 de Março de 2004 em Madrid. *Biblioteca Online de Ciências da Comunicação da Universidade Fernando Pessoa*. <http://bocc.ufp.pt/pag/sousa-jorge-pedro-dia-depois.pdf>

Sousa, J. P. (2004a). *Fotojornalismo. Uma introdução à história, às técnicas e à linguagem da fotografia na imprensa*. Letras Contemporâneas.

Sousa, J. P. (2004b). *Introdução à análise do discurso jornalístico impresso: um guia para estudantes de graduação*. Letras Contemporâneas.

Sousa, J. P. (2006). A teoria do agendamento e as responsabilidades do jornalista ambiental: uma perspectiva ibérica. *Biblioteca Online de Ciências da Comunicação da Universidade da Beira Interior*. <https://arquivo.bocc.ubi.pt/pag/sousa-jorge-pedro-teoria-do-agendamento.pdf>

Sousa, J. P. (2008). *Uma história breve do jornalismo no Ocidente*. Biblioteca Online de Ciências da Comunicação da Universidade da Beira Interior. <https://www.bocc.ubi.pt/texts/sousa-jorge-pedro-uma-historia-breve-do-jornalismo-no-ocidente.pdf>

Sousa, J. P. (2011). Estatuto e expressividade da fotografia jornalística: um ensaio. *Biblioteca Online de Ciências da Comunicação da Universidade da Beira Interior*. <https://arquivo.bocc.ubi.pt/pag/sousa-jorge-estatuto-e-expressividade-da-fotografia.pdf>

Sousa, J. P. (2021): *2021: Portugal - Pequena história de um grande jornalismo I. Da manufatura à indústria*. Livros ICNOVA. <https://doi.org/10.34619/hyc1-qblv>

Sousa, J. P. (2022): *Portugal - Pequena história de um grande jornalismo II: da segmentação mediática à digitalização*. Livros ICNOVA. <https://doi.org/10.34619/p27e-5jla>

Sousa, J. P. (2023). *Elementos de Teoria e Pesquisa da Comunicação e dos Media*. Edições Universidade Fernando Pessoa.

Souza, M. (2011). *Jornalismo e Cultura da Convergência: a narrativa transmídia na cobertura do Cablegate nos sites El País e Guardian* [Dissertação de mestrado não publicada, Universidade Federal de Santa Maria]. Biblioteca Brasileira de Teses e Dissertações. <http://repositorio.ufsm.br/handle/1/6329>

Stiglitz, J. E. (2018). *O fim da desigualdade: Sociedades desiguais e como as mudar*. Bertrand Editora.

Suny, R. G. (2017). The empire that dared not speak its name: Making nations in the soviet state. *Current History*, 116(792), 251–257. <https://www.jstor.org/stable/48614278>

Tavares, J. P. (2009, Janeiro 30). Erdogan e Peres protagonizam violento debate em Davos. *Expresso*. <https://expresso.pt/actualidade/erdogan-e-peres-protagonizam-violento-debate-em-davos=f495143>

Tavares, A. A., & Sousa, M. A. (2017). A história da comunicação em Portugal: os casos da Rádio Renascença e da Televisão Independente. *Media & Jornalismo*, (30).

Teivainen, T. (2002). The World Social Forum and Global Democratisation: Learning from Porto Alegre. *Third World Quarterly*, 23(4), 621–632. <http://www.jstor.org/stable/3993479>

Teivainen, T. (2003). World Social Forum: What Should It Be When It Grows Up? *OpenDemocracy*. <http://www.opendemocracy.net/debates/article-6-91-1342.jsp#>

Teivainen, T. (2010). The World Social Forum and global democratisation: Learning from Porto Alegre. *Third World Quarterly*, 23, 621–632. <https://doi.org/10.1080/0143659022000005300>

Teixeira, T. (2010). *Infografia e jornalismo: conceitos, análises e perspectivas*. EDUFBA. <https://repositorio.ufba.br/bitstream/ri/20642/3/Infografia%20e%20Jornalismo.pdf>

Tengarrinha, J. (1989). *História da imprensa periódica portuguesa*. Editorial Caminho.

Tengarrinha, J. (2006). *Imprensa e opinião pública em Portugal*. Minerva.

Tengarrinha, J. (2013). *Nova História da Imprensa Portuguesa Das Origens a 1865*. Círculo de Leitores.

Tibério, L. (2001, Abril 20). Cimeira de Davos descobre a crise da globalização. *Expresso*.

Thakor, A. V. (2015). The financial crisis of 2007–2009: Why did it happen and what did we learn? *The Review of Corporate Finance Studies*, 4(2), 155-205.
https://apps.olin.wustl.edu/faculty/Thakor/Website%20Papers/FinancialCrisis2007-2009_adv-view.pdf

The World Economic Forum. (s.d.). 1971 – *The Beginning*.
<https://widgets.weforum.org/history/1971.html>

The World Economic Forum. (s.d.). 1977 – *The Davos Club*.
<https://widgets.weforum.org/history/1977.html>

The World Economic Forum. (s.d.). 1987 - *Now, the World Economic Forum*.
<https://widgets.weforum.org/history/1987.html>

The World Economic Forum. (s.d.). 1989 - *Entrepreneurship in the global public interest*.
<https://widgets.weforum.org/history/1989.html>

The World Economic Forum. (s.d.). 1990 - *German reunification and the new europe*.
<https://widgets.weforum.org/history/1990.html>

The World Economic Forum. (s.d.). 1991 - *Despite war and a coup*.
<https://widgets.weforum.org/history/1991.html>

The World Economic Forum. (s.d.). 1992 - *Mandela in Davos*.
<https://widgets.weforum.org/history/1992.html>

The World Economic Forum. (s.d.). 1993 - *Keeping the spirit of Davos alive*.
<https://widgets.weforum.org/history/1993.html>

The World Economic Forum. (s.d.). 1994 - *One thousand members*.
<https://widgets.weforum.org/history/1994.html>

The World Economic Forum. (s.d.). 1995 - *Overcoming indifference with the “Davos Secret”*. <https://widgets.weforum.org/history/1995.html>

The World Economic Forum. (s.d.). 1996 - *Mounting backlash*.
<https://widgets.weforum.org/history/1996.html>

The World Economic Forum. (s.d.). 1997 - *Committed to improving the state of the world*.
<https://widgets.weforum.org/history/1997.html>

The World Economic Forum. (s.d.). 1998: *New home*.
<https://widgets.weforum.org/history/1998.html>

The World Economic Forum. (s.d.). 1999 - *The UN global compact*.
<https://widgets.weforum.org/history/1999.html>

The World Economic Forum. (s.d.). 2000 - *New Millennium*.
<https://widgets.weforum.org/history/2000.html>

The World Economic Forum. (s.d.). 2001 - *Missed opportunity*.
<https://widgets.weforum.org/history/2001.html>

The World Economic Forum. (s.d.). 2002 - *Davos in New York*.
<https://widgets.weforum.org/history/2002.html>

The World Economic Forum. (s.d.). 2003 - *Global Tensions, open forum*.
<https://widgets.weforum.org/history/2003.html>

The World Economic Forum. (s.d.). 2004 - *Young leaders and industry partners*.
<https://widgets.weforum.org/history/2004.html>

The World Economic Forum. (s.d.). 2005 - *Building the centre for global industries*.
<https://widgets.weforum.org/history/2005.html>

The World Economic Forum. (s.d.). 2006 - *The new drivers of growth*.
<https://widgets.weforum.org/history/2006.html>

The World Economic Forum. (s.d.). 2007 - *Summer Davos*.
<https://widgets.weforum.org/history/2007.html>

The World Economic Forum. (s.d.). 2008 - *A global brains trust and the crisis*.
<https://widgets.weforum.org/history/2008.html>

The World Economic Forum. (s.d.). 2009 - *Shaping the post-crisis world*.
<https://widgets.weforum.org/history/2009.html>

The World Economic Forum. (s.d.). 2010 - *Strengthening cooperation is everybody's business*. <https://widgets.weforum.org/history/2010.html>

The World Economic Forum. (s.d.). 2011 - *Global Shapers*.
<https://widgets.weforum.org/history/2011.html>

The World Economic Forum. (s.d.). 2012 - *The Great Transformation*.
<https://widgets.weforum.org/history/2012.html>

The World Economic Forum. (s.d.). 2013 - *In search of resilient dynamism*.
<https://widgets.weforum.org/history/2013.html>

The World Economic Forum. (s.d.). 2014 - *Preparing for the future*.
<https://widgets.weforum.org/history/2014.html>

The World Economic Forum. (s.d.). 2015 - *Recognized as an international organization*.
<https://widgets.weforum.org/history/2015.html>

The World Economic Forum (2015b). *Annual report 2014-2015*.
https://www3.weforum.org/docs/WEF_Annual_Report_2014_15.pdf

The World Economic Forum (2016a). *Annual report 2015-2016*.
https://www3.weforum.org/docs/WEF_Annual_Report_2015-2016.pdf

The World Economic Forum. (2016b). *World Economic Forum annual meeting 2016 report. Mastering the fourth industrial revolution*.
https://www3.weforum.org/docs/WEF_AM16_Report.pdf

The World Economic Forum. (2019). *The World Economic Forum – A partner in shaping history (1971-2020)*.
https://www3.weforum.org/docs/WEF_A_Partner_in_Shaping_History.pdf

The World Economic Forum (2024, Janeiro 17). *Davos 2024: Discurso especial de António Guterres, secretário-geral das Nações Unidas*.
<https://www.weforum.org/agenda/2024/01/davos-2024-special-address-by-antonio-guterres-secretary-general-of-the-united-nations/>

Toffler, A. (1991). *Os novos poderes*. Livros do Brasil.

Tomaselli, K., & Tomaselli, R. (2003). The media and Mandela. *Safundi: the Journal of South African and American Comparative Studies*, 4(2), 1-10.

Torres, S. (2017). A guerra colonial na imprensa portuguesa da Guiné. A cobertura jornalística do conflito feita pelos jornais O Arauto, Notícias da Guiné e Voz da Guiné, entre 1961 e 1974. *Prisma*, 33, 33-46.
<https://ojs.letras.up.pt/index.php/prisma.com/article/download/2851/2603>

Traquina, N. (Org.). (1999). *Jornalismo: Questões, teorias e “estórias”*. Vega.

O Fórum Económico Mundial de Davos na imprensa portuguesa de referência

Traquina, N. (2001). *O estudo do jornalismo no século XX*. Unisinos.

Traquina, N. (2004). *Teorias do jornalismo Volume I – porque as notícias são como são*. Insular.

Traquina, N. (2007). *O que é Jornalismo*. Quimera Editores.

Traquina, N. (2008). *Teorias do jornalismo Volume II: a tribo jornalística – uma comunidade interpretativa transnacional*. Insular.

Triches, D. (1999). A nova ordem internacional e a crise asiática. *Política Externas*, 7(4), 3-18.

Triviños, A. N. S. (1987). Pesquisa Qualitativa. In Triviños, A. N. S., *Introdução à pesquisa em ciências sociais* (pp. 116-170), Atlas.

Tuchman, G. (1978). *Making news: A study in the construction of reality*. Free Press.

Tudoroiu, T. (2014). Social media and revolutionary waves: The case of the Arab spring. *New Political Science*, 36(3), 346-365.

Tumber, H., & Webster, F. (2006). *Journalists under fire: Information war and journalistic practices*. Sage Publications.

Tyson, L. (2004, Novembro 30). Incerteza arrefece economia global. *Expresso*.

União Europeia. (s.d.). 2000-09: *História da União Europeia 2000-9*. https://european-union.europa.eu/principles-countries-history/history-eu/2000-09_pt

Uscinski, J. E., & Parent, J. M. (2014). *American conspiracy theories*. Oxford University Press.

Van Dijk, T. A. (2008). *Discurso e poder*. Contexto.

Vasterman, P. (2015, September 23). *Media hypes A framework for the analysis of publicity waves*. Blog van mediasocioloog Peter Vasterman. <https://vasterman.blogspot.com/1995/09/media-hypes-framework-for-analysis-of.html?m=1>

Vieira, A. (2004). O poder dos media. *Revista de Comunicação e Linguagens*, 34, 59-79.

Vieira, P. F. (2008). A informação jornalística e a construção da realidade: um estudo de caso. *Revista Media & Jornalismo*, 8(15), 85-103.

- Vieira, A. L. (2019). O Primeiro de Janeiro (1868-1880): jornalismo e informação. *Revista da Faculdade de Letras: Ciências da Comunicação e Informação*, (1), 267-286.
- Vieira, M. G. (2021). *Cobertura jornalística dos movimentos independentistas no Reino Unido após o Brexit* [Tese de doutoramento não publicada, Instituto Politécnico de Lisboa, Escola Superior de Comunicação Social]. Repositório IPL. https://repositorio.ipl.pt/bitstream/10400.21/14189/1/Tese_Mafalda_Vieira_2021.pdf
- Villalobos, L. (2010, Janeiro 28). Sarkozy quer novas regras para bancos feitas pelo G20. *Público*. <https://www.publico.pt/2010/01/28/jornal/sarkozy-quer--novas-regras-para-bancos--feitas-pelo-g20-18680575>
- Wadsworth, J., Dhingra, S., Ottaviano, G., & Van Reenen, J. (2016). Brexit and the Impact of Immigration on the UK. *CEP Brexit Analysis*, 5(1), 34-53.
- Wänke, M., Schwarz, N., & Noelle-Neumann, E. (1995). Fazendo perguntas comparativas: O impacto da direção da comparação. *Opinião Pública Trimestral*, 59(3), 347-372.
- Waterman, P. (2003). 2nd Thoughts on the WSF: place, space and the reinvention of social emancipation on a global scale. *Library of Alternatives, World Social Forum*. http://www.forumsocialmundial.org.br/dinamic.asp?pagina=bal_waterman2_ing
- Webb, S. P. (2004). Reimaginando o jornalismo: Novas práticas no contexto da convergência. *Jornalismo e Sociedade*, 5(1), 47-69.
- Weber, E. (2003). The World Economic Forum and global processes: A network approach to global politics. *International Journal of Public Administration*, 26(3), 385-404.
- Weidenfeld, W. (1997). *Europa: Eine Strategie für die Zukunft*. München: Verlag C.H. Beck.
- Weisman, A. (2007). *O mundo sem nós*. Estrela Polar.
- Whitaker, C. (2002). Lessons from Porto Alegre. In L. Nisula & K. Sehm-Patomäki (Eds.), *We the peoples of the World Social Forum* (pp. 13-16), Network Institute for Global Democratization.
- Whitaker, C. (2003). Notas para o debate sobre o Fórum Social Mundial. *Preliminary version*.

Whitaker, C. (2004). Notas para un debate sobre el Foro Social Mundial. *Revista de Fomento Social*.

https://www.researchgate.net/publication/265626016_Notas_para_un_debate_sobre_el_Foro_Social_Mundial

Winkler, H. A. (2000). *Der lange Weg nach Westen: Deutsche Geschichte vom Ende des Alten Reiches bis zum Untergang der Weimarer Republik*. Verlag C.H. Beck.

Wise, B. (2001, October 1). The Internet bubble: The inside story on why it burst and what you can do to profit now. *Library Journal*, 126(16), 117. <https://link.gale.com/apps/doc/A79340208/LitRC?u=anon~ef61ca6c&sid=googleScholar&xid=1a68c403>

Williams, B. A., & Carpini, M. X. D. (2011). *After broadcast news: Media regimes, democracy, and the new information environment*. Cambridge University Press.

Wimmer, J., & Quandt, T. (2006). Living in the risk society: An interview with Ulrich Beck. *Journalism Studies*, 7(2), 336-346. <https://doi.org/10.1080/14616700600645461>

Wojcieszak, M. E., & Azrout, R. (2016). Perceptions of common political ground: Rhetoric about the European Union and public opinion. *Communication Research*, 43(6), 795-821.

Wolf, M. (2005). *Teorias das comunicações de massa*. Martins Fontes.

Wolf, M. (2008). *Teorias da Comunicação*. Editorial Presença.

Xu, G., & Ren, M. (2018). Comparando a autoimagem da China e a imagem projetada pela mídia ocidental: da perspectiva do Fórum de Davos. In *KDIR* (pp. 396-404), SCITEPRESS. <https://www.scitepress.org/Papers/2018/72320/72320.pdf>

Yin, R. (1984). *Case study research: design and methods*. Sage.

Zafri, N. M., Afroj, S., Nafi, I. M., & Hasan, M. M. U. (2021). A content analysis of newspaper coverage of COVID-19 pandemic for developing a pandemic management framework. *Heliyon*, 7(3). <https://doi.org/10.1016/j.heliyon.2021.e06544>

Zaslavsky, V. (2018). The Soviet Union. In *After empire*, pp. 73-96, Routledge.

Zorrinho, C. (1991). *Gestão da informação*. Editorial Presença.

Anexos

Anexo A- Exemplos de peças utilizadas na análise ao jornal *Expresso*

Expresso

11/72

Lisboa, 6 de Novembro de 1972

Sua Excelência
O Ministro da Economia e Finanças
Dr. Manuel Cotta Dias

Manuel Cotta Dias

Como talvez já saiba, aparecerá, a partir de 6 de Janeiro, um semanário, o EXPRESSO, de que serei o Director.

Para um dos primeiros números, gostaria - mos de publicar notícias relativas à actividade dos seus dois Ministérios. Presumo que a proposta da Lei de Meios contenha os princípios fundamentais por que essa actividade se norteará, mas tratar-se-á forçosamente de conceitos genéricos. Sobre a utilização concreta dos meios que a Assembleia Nacional concederá ao Governo em Novembro / Dezembro pouco se saberá na altura.

Ora, é precisamente a concretização do programa apresentado na Lei de Meios que interessa ao EXPRESSO. Entre as medidas que desejaríamos revelar contam-se, por exemplo, as que respeitem à luta contra o aumento do custo de vida, às correcções às disparidades do desenvolvimento regional, à canalização para fins produtivos das remessas dos emigrantes, à regulamentação da Bolsa, etc.

Se do seu lado houver interesse, poderíamos estudar várias hipóteses de tratamento jornalístico

Finanças

MINISTERIO DA ECONOMIA GABINETE DO MINISTRO
Processo N.º 113 / 72
Data - 3.11.1972
Ass.º

.../ 702599

SOJORNAL — SOCIEDADE JORNALÍSTICA E EDITORIAL, S.A.R.L.
Rua Duque de Palmela, 37, 2.º-dt.º — Telef. 52569 — LISBOA

Greta Thunberg começou a sua greve à escola, sozinha, sentada em frente ao Parlamento sueco, a 20 de agosto de 2018. Tinha 15 anos. Durante três semanas ali se sentou a exigir ação urgente para prevenir a catástrofe anunciada pelos cientistas em consequência das alterações climáticas. "Se os adultos se estão a borrfirar para o meu futuro, porque hei de ir à escola?" Depois passou a ser só às sextas-feiras, e nasceram as "Fridays for Future". O grupo de protesto alastrou a nível global, inspirando 4 milhões de pessoas a manifestarem-se em mais de 150 cidades do mundo, a 20 de setembro de 2019. Foi o maior movimento pela ação climática da História. Milhões de crianças e jovens de todo o mundo seguem-lhe o exemplo. Quando aportou em Lisboa, no dia 3 de dezembro, Violeta e Olívia, duas meninas de 8 anos, faltaram à escola e aguardaram-na com expectativa: "Ela é a nossa heroína e é muito importante para o mundo."

Os que são agressivos com Greta temem nela a "eficácia contagiante da sua esclarecida denúncia da tragédia climática"

A jovem ativista sueca de 16 anos tornou-se o ícone de uma geração que defende a justiça climática. Com uma maturidade precoce, apesar do seu corpo franzino, distinguindo o essencial do acessório, tem discursado perante os líderes mundiais nas Conferências do Clima, no Parlamento Europeu, no Fórum de Davos ou no Senado dos EUA. Foi nomeada para Prémio Nobel da Paz e recebida com palavras de incentivo pelo Papa Francisco, no Vaticano.

Para ela, "não há áreas cinzentas" quando se trata de sobreviver. "Ou continuamos a ser uma civilização ou não continuamos", sublinhou no seu primeiro discurso numa conferência TedX. Em Davos, alertou: "A nossa casa está a arder. E eu quero que entrem em pânico e que sintam o medo que eu sinto todos os dias. E depois quero que atuem." O CEO do Fórum Económico Mundial, Klaus Schwab, já apelou aos líderes empresariais para adotarem um capitalismo mais responsável.

UMA CRUZADA MEDIÁTICA

Os holofotes viraram-se para ela, e Greta percebeu que tinha uma plataforma mediática para fazer ecoar a mensagem que desde há décadas cientistas e ativistas ambientais tentam passar. Os oceanos estão a acidificar, o nível médio do mar a subir, eventos extremos como secas e inundações vão intensificar-se, milhões de pessoas irão sofrer. A propalada ambição de cumprir o Acordo de Paris não está a ser cumprida. E, mesmo que estivesse, sublinha Greta, é preciso mais. "A ideia de cortar para metade as emissões nos próximos 10 anos apenas nos dá uma hipótese de 50% de ficarmos abaixo dos 1,5 graus Celsius", que os cientistas projetam como a fronteira aceitável.

Convicta, perseverante, por vezes zangada, como na Cimeira da Ação Climática da ONU, atirou: "Estamos no início da sexta extinção em massa e só sabem falar de dinheiro e de contos de fadas de eterno crescimento económico. Como se atrevem!" Já no plenário da Conferência do Clima de Madrid, lembrou que "as grandes mudanças da História vieram sempre do povo" e que é no povo que ela tem visto esperança e não nos governos, muitos dos quais, segundo ela, continuam a olhar para o lado perante a emergência evidente.

Há quem a olhe como uma espécie de Joana d'Arc do século XXI, mas ela apenas se vê como uma adolescente focada numa causa e capaz de falar a verdade perante seja quem for. Longe de refletir a imagem de pop star ou messias, diz ser somente "uma ínfima parte de um enorme movimento". E sempre que possível tenta passar a voz a outros jovens ativistas, como aconteceu em Madrid. "Não me oiçam a mim, oiçam os cientistas."

uma depressão profunda provocada pelo pânico de perceber que perante a crise climática ninguém agia — tornou-se aquilo que ela hoje chama de "superpoder". O remédio para a depressão foi ela própria agir e aproveitar as

Expresso
🔍

Essa característica, e o facto de as suas palavras terem o eco que têm, levaram a que figuras como Donald Trump ou Jair Bolsonaro a atacassem, com o primeiro a insultá-la com frequência no Twitter e o segundo a chamar-lhe "pirralha", por ter condenado o assassinio de dois índios da Amazônia. Já a Organização dos Países Exportadores de Petróleo (OPEP) classificou-a, e aos grevistas climáticos, como "a maior ameaça" à indústria do petróleo. Greta disse tratar-se "do melhor cumprimento [recebido] até agora".

"O que pode levar tanta gente, cientificamente analfabeta sobre a crise climática, a pronunciar-se, com agressividade paternalista ou virulenta, contra alguém que se transformou no símbolo de uma juventude mundial, que, afinal de contas, não se limita a viver na fantasia virtual?", questionou o filósofo Viriato Soromenho Marques. A resposta reside, diz, "na eficácia contagiante da sua esclarecida denúncia da tragédia climática em que a Humanidade inteira já mergulhou".

COMEÇAR A MUDAR COMPORTAMENTOS

Certo é que o assunto que move Greta Thunberg é já incontornável e o seu protagonismo também. A revista "Time" coloca-a entre as 100 personalidades mais influentes do mundo. E esse prestígio é cada vez mais visível. O aumento de deputados verdes no Parlamento Europeu ou a promessa de um Pacto Ecológico Europeu (Green Deal) mostram como os movimentos sociais em defesa da ação climática estão a pressionar os decisores políticos. Mas, ao nível individual, a mudança de comportamento também já se faz sentir; basta ver as referências à quebra de 8% na procura de voos domésticos na Suécia ou o número recorde de passageiros registado no primeiro semestre de 2019 nos comboios alemães. Também as grandes empresas sentem cada vez mais pressão para 'esverdearem' as suas atividades.

Dentro de três semanas, Greta Thunberg fará 17 anos. Desde que começou esta aventura, conseguiu fazer mudanças na forma como a irmã, Beata, e os pais, o ator Svante Thunberg e a cantora lírica Malena Ernman, se alimentam, vestem e deslocam. E espera que muitas mais famílias no mundo mudem a forma como gastam os recursos do planeta de forma insustentável. Muitos esperam que Greta continue a demonstrar os seus dons de retórica e a ter efeito. Como a própria diz, "só se resolve uma crise tratando-a como tal". O planeta agradece.

<p style="font-size: 10px;">Clássico Ouro 9K Amarelo Redondo Zircónia 0.3 Quilate Anel de Casamento Classic Choice 3 mm</p> <p style="font-weight: bold; font-size: 14px; margin-top: 10px;">589 €</p>	<p style="font-size: 10px;">Pedra Grande Ouro 14K Amarelo Oval Esmeralda 4.5 Quilate Anel Jeyllanis</p> <p style="font-weight: bold; font-size: 14px; margin-top: 10px;">3 993 €</p>
<p style="font-size: 10px;">Clássico Ouro 9K Amarelo Redondo Zircónia 0.015 Quilate Anel de Casamento Immortal Luck</p> <p style="font-weight: bold; font-size: 14px; margin-top: 10px;">633 €</p>	<p style="font-size: 10px;">Twist Ouro 9K Amarelo Redondo Diamante 0.07 Quilate Anel de Casais Infinite Anticipation</p> <p style="font-weight: bold; font-size: 14px; margin-top: 10px;">812 €</p>

Tribuna
Tempo
de
debate
TUTELA
11. 2004 200 11. 2004 200 11. 2004 200

Expresso

E.S. CONTACT
Centro de Call Centers
www.escontact.pt
Tel: 21 400 20 00

UI TV AS
Formate pode
ector morto

Soares e Chomsky animam Porto Alegre

Um dos grandes nomes do Fórum Económico Mundial de Davos, o economista português José Soares, participou na abertura do Fórum Económico Mundial de Porto Alegre, no Brasil, em 11 de Janeiro. Soares, que esteve acompanhado pelo seu colega, o filósofo norte-americano Noam Chomsky, participou na abertura do Fórum Económico Mundial de Porto Alegre, no Brasil, em 11 de Janeiro. Soares, que esteve acompanhado pelo seu colega, o filósofo norte-americano Noam Chomsky, participou na abertura do Fórum Económico Mundial de Porto Alegre, no Brasil, em 11 de Janeiro.

Soares e Chomsky participaram na abertura do Fórum Económico Mundial de Porto Alegre, no Brasil, em 11 de Janeiro. Soares, que esteve acompanhado pelo seu colega, o filósofo norte-americano Noam Chomsky, participou na abertura do Fórum Económico Mundial de Porto Alegre, no Brasil, em 11 de Janeiro.

Soares e Chomsky participaram na abertura do Fórum Económico Mundial de Porto Alegre, no Brasil, em 11 de Janeiro. Soares, que esteve acompanhado pelo seu colega, o filósofo norte-americano Noam Chomsky, participou na abertura do Fórum Económico Mundial de Porto Alegre, no Brasil, em 11 de Janeiro.



José Soares e Noam Chomsky na abertura do Fórum Económico Mundial de Porto Alegre, no Brasil, em 11 de Janeiro.

China condena portugueses

A China condenou os portugueses que participaram no Fórum Económico Mundial de Porto Alegre, no Brasil, em 11 de Janeiro. Soares, que esteve acompanhado pelo seu colega, o filósofo norte-americano Noam Chomsky, participou na abertura do Fórum Económico Mundial de Porto Alegre, no Brasil, em 11 de Janeiro.

Sousa Mendes tem busto no Brasil

Sousa Mendes tem um busto no Brasil, em homenagem ao seu trabalho. Soares, que esteve acompanhado pelo seu colega, o filósofo norte-americano Noam Chomsky, participou na abertura do Fórum Económico Mundial de Porto Alegre, no Brasil, em 11 de Janeiro.

Durão propõe dois debates a Ferro

Durão propõe dois debates a Ferro, em referência ao seu trabalho. Soares, que esteve acompanhado pelo seu colega, o filósofo norte-americano Noam Chomsky, participou na abertura do Fórum Económico Mundial de Porto Alegre, no Brasil, em 11 de Janeiro.

Guiné-Bissau Tentativa para calar activistas políticos

Tentativa para calar activistas políticos em Guiné-Bissau. Soares, que esteve acompanhado pelo seu colega, o filósofo norte-americano Noam Chomsky, participou na abertura do Fórum Económico Mundial de Porto Alegre, no Brasil, em 11 de Janeiro.

Choque fiscal divide

Choque fiscal divide os portugueses. Soares, que esteve acompanhado pelo seu colega, o filósofo norte-americano Noam Chomsky, participou na abertura do Fórum Económico Mundial de Porto Alegre, no Brasil, em 11 de Janeiro.

O QUE ELLES DIZEM

O que eles dizem sobre o Fórum Económico Mundial de Porto Alegre. Soares, que esteve acompanhado pelo seu colega, o filósofo norte-americano Noam Chomsky, participou na abertura do Fórum Económico Mundial de Porto Alegre, no Brasil, em 11 de Janeiro.

O seu fim-de-semana



PARA A SEMANA

- A última entrevista de Noel Rogo
- Frank Lloyd Wright: uma vida mostrada em Belém
- Que é feita a nossa geração fantástica?
- Larmuciosa mostra O Celar de Sophia do Mello Breyner

MITSUBISHI ELECTRIC
Serviço de Apoio ao Cliente PT
1 5 2 0 0
PT Comunicações. Cada vez mais ligada a si.



Empresas do PSI-20 rompem Código de Bom Governo

Seis empresas que integram o principal índice da Bolsa de Lisboa recusaram proposta de auto-regulação

BP, BIC, Mota-Engil, Portugal Telecom, SBC e a TAP recusaram a proposta de auto-regulação do Código de Bom Governo (CBG), por considerarem a proposta de auto-regulação do índice de Lisboa uma tentativa de manipulação do mercado.

O Conselho de Administração do CBG, liderado por Rui Vitor, aceita a proposta de auto-regulação do índice de Lisboa, por considerar que a medida é necessária para garantir a credibilidade do índice.

Entretanto, seis empresas do índice recusaram a proposta de auto-regulação. São elas: BIC, BIC, Mota-Engil, Portugal Telecom, SBC e a TAP.

As empresas recusaram a proposta de auto-regulação do índice de Lisboa, por considerarem a medida uma tentativa de manipulação do mercado.

As empresas recusaram a proposta de auto-regulação do índice de Lisboa, por considerarem a medida uma tentativa de manipulação do mercado.

As empresas recusaram a proposta de auto-regulação do índice de Lisboa, por considerarem a medida uma tentativa de manipulação do mercado.

Seis mil milhões de euros de vítimas para os atuais países



POBREZA EM DAVOS
 O Fórum Económico Mundial de Davos...
 O Fórum Económico Mundial de Davos...
 O Fórum Económico Mundial de Davos...

António Oliveira com 5% do Finibanco

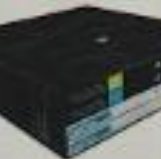
O presidente do Conselho de Administração do Finibanco...
 António Oliveira...
 O Conselho de Administração do Finibanco...

Expresso edita "Alice" de Lewis Carroll

O Expresso edita a primeira edição de "Alice no País das Maravilhas"...



O livro de Lewis Carroll...
 O Expresso edita a primeira edição de "Alice no País das Maravilhas"...



Cópia de luxo com comentários de Miguel Salinas Cardoso...

Expresso

Últimas

Cientes do BPP mantêm-se
 O Conselho de Administração do BPP...
 O Conselho de Administração do BPP...

Licença do BPP sobre MGS
 O Conselho de Administração do BPP...
 O Conselho de Administração do BPP...

Quatro mil vagas para magistrados
 O Conselho de Administração do BPP...
 O Conselho de Administração do BPP...

Vítimas para o BPP e GSA
 O Conselho de Administração do BPP...
 O Conselho de Administração do BPP...

Como adotar o novo modelo
 O Conselho de Administração do BPP...
 O Conselho de Administração do BPP...

TEMPO FINANCEIRO



Mercado de Valores de Lisboa...
 Mercado de Valores de Lisboa...



Desilusão na 'cozinha' de Davos

1 FEVEREIRO 2010 10:53

Alexandre Coutinho
(www.expresso.pt)

O **Mundo** está melhor do que há 12 meses, no entanto, não houve consenso sobre a **recuperação económica na Cimeira de Davos**.

Confundidos com os primeiros sinais de recuperação económica, a par de níveis recorde de desemprego nas principais economias ocidentais, os empresários e líderes políticos dos países do G20 reunidos em Davos, não foram capazes de encontrar uma receita para o crescimento sustentado ou para a criação de novos postos de trabalho. O Mundo está melhor do que há 12 meses, mas não houve consenso sobre a recuperação económica ou se a economia mundial podia ainda ser vítima de uma recaída.

O Fundo Monetário Internacional (FMI) prevê um crescimento em 2010, mas avisa que não será suficiente para prevenir mais desemprego. O director-geral do FMI, Dominique Strauss-Kahn sublinhou que se assiste a um regresso do crescimento económico "mais rápido do que esperava, mas mais frágil".

Larry Summers, director do Conselho Económico dos Estados Unidos e conselheiro do presidente dos Estados Unidos, Barack Obama, disse que o Mundo estava a viver "uma recuperação económica nas estatísticas, mas há uma recessão humana". A criação de postos de trabalho e o comércio livre são essenciais para a recuperação económica. Patricia Woertz, presidente executiva do grupo industrial Archer Daniels Midland, sublinhou que "reter empregos é tão importante como criar novos postos de trabalho".

SUSTENTABILIDADE É PALAVRA DE ORDEM

Na conclusão dos trabalhos deste 40º Fórum Económico Mundial, os participantes concordaram em repensar, reconstruir e redesenhar a economia global assente em princípios de sustentabilidade. Para Azim H. Premji, presidente da multinacional indiana Wipro, a recessão demonstrou que é necessário ouvir as vozes que emanam dos países fora do G8. "A auto-confiança dos países emergentes é completamente diferente", sustentou.



ÚLTIMAS



Henrique Raposo
■ A teoria geral do guarda redes



Fausto (1948-2024)
em entrevista de 2011, ano do seu último álbum: "Privilegiei os sonhadores"



Rosas, vinha e barro:
neste novo hotel boutique em Barcelos a natureza abraça a história



Tudo sobre o mundo à sua

ARQUIVO DÍVIA

Merkel "amacia" austeridade em Davos

25 JANEIRO 2013 11:03

Jorge Nascimento Rodrigues
Jornalista

Alguns analistas veem nas palavras de Merkel o reconhecimento de que a atual abordagem baseada nas reformas estruturais tem riscos. [Ler mais: http://expresso.sapo.pt/merkel-amacia-austeridade-em-davos#f762132#ixzz2lz88g0k1](http://expresso.sapo.pt/merkel-amacia-austeridade-em-davos#f762132#ixzz2lz88g0k1) Laurent Gillieron/Epa

A chanceler alemã quer "medidas transitórias" de apoio até que as reformas estruturais inseridas nos planos de austeridade surtam efeito. Há risco político, admitiu no World Economic Forum. Ainda que mantenha que austeridade e crescimento são duas faces da mesma moeda.

O fator tempo tem a sua importância. Os resultados das reformas estruturais levarão dois, três ou quatro anos a ver-se. A nossa tarefa, entretanto, é oferecer medidas transitórias até que as reformas surtam efeito", disse, quinta-feira, a chanceler alemã Ângela Merkel, no seu discurso de abertura no World Economic Forum de 2013, que se reúne em Davos, na Suíça. A chanceler - que segundo os jornais chineses que fazem a cobertura do evento - falou mais como líder da Europa do que como líder da Alemanha - admitiu que a situação nos países da Europa enfrentando planos de resgate ou processos de ajustamento poderá provocar instabilidade política.

Alguns analistas veem nas palavras de Merkel o reconhecimento de que a atual abordagem "estruturalista" - como lhe chamou o Nobel Paul Krugman - baseada nas reformas estruturais tem riscos. Pelo que, medidas transitórias são indispensáveis para amaciar os efeitos da austeridade. Essa linha de medidas poderá ser discutida na próxima cimeira europeia de junho.

RENEGOCIAÇÃO "SUAVE"

A nível do Eurogrupo e do Ecofin já estão em discussão medidas de "envolvimento do sector oficial" europeu (a parte da *troika* formada pela Comissão Europeia e o Banco Central Europeu) em relação a Portugal e Irlanda, como a discussão da mudança de



ÚLTIMAS



Henrique Raposo
A teoria geral do guarda redes



Fausto (1948-2024) em entrevista de 2011, ano do seu último álbum: "Privilegiados sonhadores"



Rosas, vinha e barro: neste novo hotel boutique em Barcelos a

Expresso

"Grã-Bretanha quer continuar na União Europeia", diz Merkel

26 JANEIRO 2013 19:10

A chanceler alemã garantiu que a Grã-Bretanha quer permanecer na União Europeia, mas que é preciso alterar alguns pontos.

A chanceler alemã, Angela Merkel, assegurou hoje, em Santiago do Chile, que o primeiro-ministro britânico, David Cameron, lhe disse que a "Grã-Bretanha quer continuar a fazer parte da União Europeia".

Numa conferência de imprensa realizada em conjunto com o presidente chileno, Sebastián Piñera, a chanceler indicou que, quando esteve no Fórum Económico Mundial, realizado esta semana em Davos, na Suíça, falou com David Cameron.

"Ele explicou-me que a sua linha de trabalho é a seguinte: a Grã-Bretanha quer continuar a ser membro da União Europeia. Mas indicou que é preciso modificar alguns pontos", disse a governante alemã.

Cameron viajou para Davos depois de anunciar, na quarta-feira, que irá tentar renegociar a relação do Reino Unido com a União Europeia e que, se ganhar as eleições de 2015, convocará uma consulta para perguntar aos cidadãos se querem permanecer no bloco comunitário.

LONDRES TEM DE ESTAR "ABERTA A COMPROMISSOS"

"Temos que debater isto com a Grã-Bretanha. Vamos fazê-lo num plano de amizade, tal como sempre o fazemos na União Europeia", disse a chanceler alemã, acrescentando, no entanto, que Londres também tem de estar aberta a fazer compromissos, mas não especificou quais.

Merkel chegou hoje ao Chile para participar, durante o fim de semana, na cimeira da Comunidade dos Estados Latino-Americanos, das Caraíbas e da União Europeia (Celac-UE), onde não estará Cameron, mas o seu ministro da justiça, Kenneth Clarke.



ÚLTIMAS



Henrique Raposo
A teoria geral do guarda redes



Fausto (1948-2024)
em entrevista de 2011, ano do seu último álbum: "Privilegiei os sonhadores"



Rosas, vinha e barro:
neste novo hotel boutique em Barcelos a natureza abraça a história

PREMIKA

Encontro em Davos, o primeiro sinal de desbloqueamento

12 JANEIRO 2019 10:01



Carlos Matos - Reuters

Os dirigentes português e angolano procurarão de novo, numa reunião a dois, encontrar vias para desbloquear o relacionamento entre os dois países. Encontro será entre 22 e 24 de janeiro

Será entre 22 e 24 de janeiro que o primeiro-ministro português se encontrará com João Lourenço, no Fórum Internacional de Davos, onde ambos participarão. Será a segunda vez que os dois dirigentes se reunirão, no espaço de dois meses, com o mesmo assunto à mesa das conversações: o desbloqueamento das relações entre Portugal e Angola.

Por sua vez, será a primeira vez que um Presidente angolano se desloca a aquele Fórum, com a missão específica de explicar a situação no seu país, depois do turbilhão de mudanças que o próprio promoveu desde a sua chegada ao poder, em setembro passado.


João Lourenço estará durante esses dois dias naquele tradicional encontro anual sobre a situação económica do mundo, que se desenrola entre 23 e 26 de janeiro e que terá como tema "Criar um futuro partilhado num mundo fraturado". Depois regressará a Luanda e partirá passado alguns dias para a cimeira da União Africana, em Adis-Abeba.

O encontro entre António Costa e João Lourenço confirma a apreensão já expressa pelo Governo português, cujo ministro dos Negócios Estrangeiros [declarou ao Expresso](#) estar "muito preocupado" com a situação relacionada com o processo judicial em que o ex-vice-presidente angolano Manuel Vicente é acusado de corrupção.

Em declarações prestadas na edição deste fim de semana do jornal, Santos Silva classifica o problema como um "irritante" no relacionamento bilateral, mas afirma também que o poder político está a trabalhar em todos os passos que possam desbloquear a situação. O encontro hoje anunciado é um desses passos.

No início da semana, logo após as declarações do Presidente angolano, que classificou como "ofensiva" a sugestão de que em Angola não haveria uma boa administração da justiça, uma fonte governamental tinha considerado que a afirmação de João

ULTIMAS

 Filipe Raposo
A teoria geral do guarda-redes

 Ernesto (1948-2024) em entrevista de 2011, ano do seu último álbum: "Privilegie os sonhadores"

 Rosas, vinha e barro: neste novo hotel boutique em Barcelos a natureza abraça a história

 Este português é um protegido de Bismarck e o personagem da direita radical de que ninguém ouvia falar até àquele dia

INTERNACIONAL

Macron não vai ao Fórum Económico Mundial de Davos

11 JANEIRO 2019 11:30



Sean Gallup/Getty

Em alternativa, o Presidente francês irá reunir-se com 150 patrões franceses e estrangeiros na cimeira "Escolha França"

O Presidente francês, Emmanuel Macron, não vai participar no Fórum Económico Mundial de Davos, na Suíça, e em alternativa irá reunir-se com 150 patrões franceses e estrangeiros na cimeira "Escolha França", anunciou esta sexta-feira o Elyseeu.

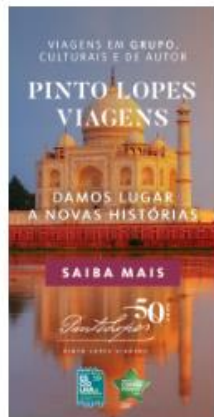
O chefe de Estado francês que discorreu na última edição do Fórum de Davos, optou este ano por um encontro com 150 líderes empresariais franceses e estrangeiros, em Versalhes, na nova edição da cimeira sobre a atratividade francesa.

Emmanuel Macron não vai ao Fórum de Davos que decorre de 21 a 28 de janeiro "por causa de uma agenda ocupada", indicou o Elyseeu.

Segundo a mesma fonte, a reunião com 150 patrões representa "o desejo de destacar as oportunidades nos territórios, tornando conhecidas as diferentes regiões e seu know-how [conhecimento]".

RELACIONADOS

• Autoridades suíças autorizam protesto contra Trump durante Fórum Económico Mundial



ULTIMAS



Henrique Raposo
A teoria geral do guarda redes



Fânisto (1948-2024) em entrevista de 2011, ano do seu último álbum: "Privilegiar os sonhos"



Rosas, vinha e barro: neste novo hotel boutique em Barcelos a natureza abraça a história



Este português é um protegido de Bolsonaro e o personagem da direita radical de que ninguém ouvia falar - até aquele dia

+ Exclusivos

Henrique Raposo

A teoria geral do guarda redes



Anexo B - Exemplos de peças utilizadas na análise ao jornal *Público*



Audácia de moda no PS

O Portugal político passou pela fase da "audácia de moda recente", de acordo com o jornalista. Nessa altura, a audácia tornou-se uma moda de vanguarda e de vanguarda se tornou a audácia política, que se tornou a política de vanguarda da Assembleia da República. O seu momento é o momento da audácia de vanguarda da Assembleia da República. O seu momento é o momento da audácia de vanguarda da Assembleia da República. O seu momento é o momento da audácia de vanguarda da Assembleia da República.



Pete Doherty preso por posse de heroína

Herói de banda britânica The Libertines, Pete Doherty, está detido acusado de posse de heroína e de tráfico de drogas. O seu momento é o momento da audácia de vanguarda da Assembleia da República. O seu momento é o momento da audácia de vanguarda da Assembleia da República. O seu momento é o momento da audácia de vanguarda da Assembleia da República.

Angelina Jolie "decepcionada" com o seu país

A atriz internacional Angelina Jolie, esposa do ator Brad Pitt, afirmou estar "decepcionada" com o seu país, os Estados Unidos, devido à sua política externa. O seu momento é o momento da audácia de vanguarda da Assembleia da República. O seu momento é o momento da audácia de vanguarda da Assembleia da República. O seu momento é o momento da audácia de vanguarda da Assembleia da República.



O insólito

CONDEMADOS POR APOIAR CABRAS NA MÍDIA

Um grupo de jogadores de futebol foi condenado por apoiar cabras na mídia. O seu momento é o momento da audácia de vanguarda da Assembleia da República. O seu momento é o momento da audácia de vanguarda da Assembleia da República. O seu momento é o momento da audácia de vanguarda da Assembleia da República.

SOLUNA DE IDENTITAS A PROCURA DE BANGFOOT

Uma soluna de identidades está a procura de Bangfoot. O seu momento é o momento da audácia de vanguarda da Assembleia da República. O seu momento é o momento da audácia de vanguarda da Assembleia da República. O seu momento é o momento da audácia de vanguarda da Assembleia da República.

CONTRAIR UM EMPREENDEDOR PARA MANTER O FILHO

Um pai precisa contratar um empreendedor para manter o filho. O seu momento é o momento da audácia de vanguarda da Assembleia da República. O seu momento é o momento da audácia de vanguarda da Assembleia da República. O seu momento é o momento da audácia de vanguarda da Assembleia da República.

A fotogenia



Distorção do real

Fotografar uma paisagem, mas não o mundo da que está a fotografar é a essência da distorção do real. O seu momento é o momento da audácia de vanguarda da Assembleia da República. O seu momento é o momento da audácia de vanguarda da Assembleia da República. O seu momento é o momento da audácia de vanguarda da Assembleia da República.

HOJE FAZEM ANOS

- António Amalal, 70
- António Francisco Baptista de Sousa, 70
- Genésio de Almeida, 70
- Francisco Sá Carneiro, 70
- Francisco Sá Carneiro, 70
- Francisco Sá Carneiro, 70
- Francisco Sá Carneiro, 70
- Francisco Sá Carneiro, 70
- Francisco Sá Carneiro, 70
- Francisco Sá Carneiro, 70

Economia

UE é dura com Minsk, mas suave com Baku <http://blogs.publico.pt/darussia/>

Líderes mundiais alertam para riscos da crise alimentar

Sergio Arshak

Com a instabilidade social a ressurgir no Golfo, políticos e empresários discutem em Davos como evitar a subida de preços dos alimentos



Mervin Kharbory

Com a confiança dos empresários em alta e os mercados económicos da planície a dar um sinal de retoma, as perspetivas dos líderes políticos e económicos mundiais virão já a centrar-se no regresso da crise do mercado dos alimentos primários.

Com a confiança dos empresários em alta e os mercados económicos da planície a dar um sinal de retoma, as perspetivas dos líderes políticos e económicos mundiais virão já a centrar-se no regresso da crise do mercado dos alimentos primários.

Uma que foi apresentada no âmbito da semana, apelando a uma regulação mais forte que evite a especulação e a volatilidade nos mercados de matérias-primas. "Devemos ter que nos preocupar com grandes quantidades de matérias-primas que possam ser retiradas depois de parte do lítio no estado nos próximos meses", sugeriu o Presidente francês, que até à hora se manteve no G20 durante estes dias.

No entanto, algumas vozes em silêncio, especialmente do lado europeu, defendem que não são os movimentos especulativos que explicam a totalidade da subida de preços e pedem para que não haja mais regras de regulação. O presidente do maior grupo alimentar do mundo, o Nestlé, disse que grande parte da responsabilidade pela actual crise está no incentivo à utilização dos biocombustíveis. "Entre uma subida muito simples da taxa de alimentos por

combustíveis", disse Peter Brabeck.

Do lado de Baku Mundial, Agostinho Costa também fez um apelo ao lado da abertura económica na regulação, pedindo que se faça uma intervenção forte na agricultura em África. E Pascal Lamy, da Organização Mundial do Comércio, defendeu que uma abertura dos mercados dos países desenvolvidos aos produtos dos países mais pobres também poderia ajudar.

Josep Claudi Trichet, do BCE, também pediu pouco de dinheiro, não para suportar uma subida para o problema, mas para evitar que o banco central se torne demasiado propositivamente com o lado de taxa) para evitar que o aumento dos preços dos alimentos crie uma espiral inflacionista no futuro.

Uma promessa de defesa do euro, porém, não foi feita: os riscos de uma crise alimentar que se funda. O maior problema dos países periféricos em matéria de matérias-primas é a dependência de importação, a todo o momento ultrapassar os problemas. "A UE tem de se preparar melhor para a volatilidade dos preços das commodities", afirmou o ministro francês da Agricultura, Jean-François Le Gall, que também pediu uma intervenção mais forte do lado europeu.

Além disso, vários economistas presentes em Davos, antes e depois da reunião de Sarkozy, argumentaram que a volatilidade dos preços de commodities é um resultado da globalização e da liberalização dos mercados. O presidente da Comissão Europeia, José Manuel Barroso, afirmou que uma intervenção da União Europeia para evitar a volatilidade dos preços de commodities é uma intervenção que pode ser feita, com a ajuda de

European Leaders

	Dólar (bilhões)				Euro (bilhões)	
	2010	2009	2008	2007	2010	2009
UE	100,000	100,000	100,000	100,000	100,000	100,000
Estados Unidos	100,000	100,000	100,000	100,000	100,000	100,000
China	100,000	100,000	100,000	100,000	100,000	100,000
Brasil	100,000	100,000	100,000	100,000	100,000	100,000
Índia	100,000	100,000	100,000	100,000	100,000	100,000
Rússia	100,000	100,000	100,000	100,000	100,000	100,000
Países Baixos	100,000	100,000	100,000	100,000	100,000	100,000
Reino Unido	100,000	100,000	100,000	100,000	100,000	100,000
Coreia do Sul	100,000	100,000	100,000	100,000	100,000	100,000
Canadá	100,000	100,000	100,000	100,000	100,000	100,000
Argentina	100,000	100,000	100,000	100,000	100,000	100,000
Chile	100,000	100,000	100,000	100,000	100,000	100,000
Colômbia	100,000	100,000	100,000	100,000	100,000	100,000
Costa Rica	100,000	100,000	100,000	100,000	100,000	100,000
Equador	100,000	100,000	100,000	100,000	100,000	100,000
El Salvador	100,000	100,000	100,000	100,000	100,000	100,000
Estados Unidos	100,000	100,000	100,000	100,000	100,000	100,000
Guatemala	100,000	100,000	100,000	100,000	100,000	100,000
Honduras	100,000	100,000	100,000	100,000	100,000	100,000
Índia	100,000	100,000	100,000	100,000	100,000	100,000
Indonésia	100,000	100,000	100,000	100,000	100,000	100,000
Itália	100,000	100,000	100,000	100,000	100,000	100,000
Japão	100,000	100,000	100,000	100,000	100,000	100,000
Malásia	100,000	100,000	100,000	100,000	100,000	100,000
México	100,000	100,000	100,000	100,000	100,000	100,000
Noruega	100,000	100,000	100,000	100,000	100,000	100,000
Países Baixos	100,000	100,000	100,000	100,000	100,000	100,000
Peru	100,000	100,000	100,000	100,000	100,000	100,000
Polónia	100,000	100,000	100,000	100,000	100,000	100,000
Portugal	100,000	100,000	100,000	100,000	100,000	100,000
Rússia	100,000	100,000	100,000	100,000	100,000	100,000
Suécia	100,000	100,000	100,000	100,000	100,000	100,000
Suíça	100,000	100,000	100,000	100,000	100,000	100,000
Taiwan	100,000	100,000	100,000	100,000	100,000	100,000
Thailândia	100,000	100,000	100,000	100,000	100,000	100,000
Trinidade e Tobago	100,000	100,000	100,000	100,000	100,000	100,000
Urugué	100,000	100,000	100,000	100,000	100,000	100,000
Estados Unidos	100,000	100,000	100,000	100,000	100,000	100,000
Vietnam	100,000	100,000	100,000	100,000	100,000	100,000
Yemen	100,000	100,000	100,000	100,000	100,000	100,000
Zâmbia	100,000	100,000	100,000	100,000	100,000	100,000
Zimbabwe	100,000	100,000	100,000	100,000	100,000	100,000

Bush e Greenspan acusados de terem falhado na prevenção da crise financeira

Se mais de 300 páginas de documentos e cartas... A Comissão de Inquérito da Crise Financeira divulgou um relatório de 300 páginas que acusa Bush e Greenspan de terem falhado na prevenção da crise financeira.

o novo, passou a ponto final milhões de documentos, entre outros mais de 700 páginas e mais de 10 milhões de palavras... A Comissão de Inquérito da Crise Financeira divulgou um relatório de 300 páginas que acusa Bush e Greenspan de terem falhado na prevenção da crise financeira.

A Comissão de Inquérito da Crise Financeira divulgou um relatório de 300 páginas que acusa Bush e Greenspan de terem falhado na prevenção da crise financeira.

para dizer que a Lehman Brothers, a falência que precipitou toda a crise que se seguiu.

A análise de documentação divulgada por uma comissão de inquérito da Reserva Federal, Alan Greenspan, faz com a acusação de actual presidente, Don Deming.

Mercado Monetário Cambial

	2010	2009	2008	2007
Estados Unidos	100,000	100,000	100,000	100,000
China	100,000	100,000	100,000	100,000
Índia	100,000	100,000	100,000	100,000
Rússia	100,000	100,000	100,000	100,000
Brasil	100,000	100,000	100,000	100,000
Países Baixos	100,000	100,000	100,000	100,000
Reino Unido	100,000	100,000	100,000	100,000
Coreia do Sul	100,000	100,000	100,000	100,000
Canadá	100,000	100,000	100,000	100,000
Argentina	100,000	100,000	100,000	100,000
Chile	100,000	100,000	100,000	100,000
Colômbia	100,000	100,000	100,000	100,000
Costa Rica	100,000	100,000	100,000	100,000
Equador	100,000	100,000	100,000	100,000
El Salvador	100,000	100,000	100,000	100,000
Estados Unidos	100,000	100,000	100,000	100,000
Guatemala	100,000	100,000	100,000	100,000
Honduras	100,000	100,000	100,000	100,000
Índia	100,000	100,000	100,000	100,000
Indonésia	100,000	100,000	100,000	100,000
Itália	100,000	100,000	100,000	100,000
Japão	100,000	100,000	100,000	100,000
Malásia	100,000	100,000	100,000	100,000
México	100,000	100,000	100,000	100,000
Noruega	100,000	100,000	100,000	100,000
Países Baixos	100,000	100,000	100,000	100,000
Peru	100,000	100,000	100,000	100,000
Polónia	100,000	100,000	100,000	100,000
Portugal	100,000	100,000	100,000	100,000
Rússia	100,000	100,000	100,000	100,000
Suécia	100,000	100,000	100,000	100,000
Suíça	100,000	100,000	100,000	100,000
Taiwan	100,000	100,000	100,000	100,000
Thailândia	100,000	100,000	100,000	100,000
Trinidade e Tobago	100,000	100,000	100,000	100,000
Urugué	100,000	100,000	100,000	100,000
Estados Unidos	100,000	100,000	100,000	100,000
Vietnam	100,000	100,000	100,000	100,000
Yemen	100,000	100,000	100,000	100,000
Zâmbia	100,000	100,000	100,000	100,000
Zimbabwe	100,000	100,000	100,000	100,000

Redução nas despesas militares obriga a seleção

Bush aposta na Guerra das Estrelas

O PRESIDENTE dos EUA, George Bush, apresentou ontem ao Congresso um projeto de orçamento de 1.65 bilhões de dólares para o ano fiscal que se inicia a 1 de Outubro próximo. O plano orçamental para o próximo ano está avaliado em 282,5 mil milhões de dólares.

As grandes linhas do Orçamento prevêem um crescimento modesto das despesas com defesa da Liga Militar, da segurança e da saúde. O orçamento confirma a previsão de défice orçamental para o corrente ano fiscal, que deverá atingir a máxima histórica de 315,1 mil milhões de dólares, o que corresponde a um endividamento da ordem de cerca de 10 mil milhões de dólares por dia.

No domínio militar, o

presidente Bush propôs ao Congresso um orçamento de 285 mil milhões de dólares, que constitui uma quebra de 2,5 mil milhões em relação ao presidente. No entanto, para o programa espacial Bush fez uma excepção.

O projeto de orçamento para o espaço foi aprovado em Outubro de 1992, com um aumento de 1,65 mil milhões de dólares, passando o crescimento programado a representar gastos anuais de 4,5 mil milhões de dólares.

O projeto de orçamento prevê um aumento de 1,65 mil milhões de dólares, passando o crescimento programado a representar gastos anuais de 4,5 mil milhões de dólares.

O projeto de orçamento prevê um aumento de 1,65 mil milhões de dólares, passando o crescimento programado a representar gastos anuais de 4,5 mil milhões de dólares.

Bush propôs planos de pesquisa familiar, um projeto para investigar a propriedade privada a nível das instituições e ainda a expansão do rede de auto-estradas de país. Está também prevista um aumento de 80,4 mil milhões de dólares para as despesas federais em investimento e desenvolvimento, que passarão a elevar-se a 76 mil milhões, a maior despesa do programa atual.

O orçamento prevê uma reforma ampla do sistema bancário e de serviços financeiros, inclui um aumento de 105,5 mil milhões para a taxa fiscal corrente destinada a subsidiar instituições de poupança que possam vir a desenvolver-se a juno limitadas de falência do sector.

Rui AFP

Pirelli quer Continental

A INQUETINA empresarial alemã vai crescer em dois anos (previsto), na peça Continental, armando por uma tentativa de controlo do italiano Pirelli. Um porta-voz da Deutscher Bank, afirmou em 24 de Janeiro último, informou que o seu grupo tinha adquirido o grupo Continental, uma operação a ser concluída a 1 de Fevereiro. A Volkswagen também tem planos igualmente de adquirir a Continental de uma tentativa de fusão por parte da Pirelli, uma operação concluída em 1993. A Pirelli tem 174,8 milhões de ações, a Continental a e quatro milhões de ações de reserva e um fundo a 100 milhões de dólares contra uma proposta de compra de 100 milhões de ações da Continental. O capital da Continental passou de 100 milhões para 40 mil milhões residentes em 27 países. Os maiores acionistas são a Deutscher Bank e a americana Alcoa, com uma participação de cerca de 10 por cento cada. A Pirelli afirma possuir uma participação de capital e beneficiar do apoio do governo da Alemanha.

Reconstruir o Kuwait

EMPRESAS de engenharia britânica já começam a entrar a preparar planos para a reconstrução de Kuwait, quando a guerra acabar. O Ministério Britânico da Construção e Infra-estruturas que o governo de Kuwait actual decidiu aceitar, inclui o plano de gastar mais de 100 mil milhões de dólares na reconstrução de infra-estruturas, incluindo a rede de transportes, finanças, água e energia. Para o efeito, o plano prevê a criação de uma autoridade de planeamento e de infra-estruturas. A autoridade de planeamento e de infra-estruturas irá estabelecer um comité conjunto para desenvolver a nível governamental os planos de reconstrução de infra-estruturas e de planeamento de infra-estruturas. A autoridade de planeamento e de infra-estruturas irá estabelecer um comité conjunto para desenvolver a nível governamental os planos de reconstrução de infra-estruturas e de planeamento de infra-estruturas.

"Leasing" no Japão

OS CONTRATOS de leasing financeiro na Ásia ultrapassaram pela primeira vez em 1990 a quantidade de 10 mil milhões de dólares. Impulsionados por fortes disposições de capital tanto por parte de Japão como de outros países, os contratos de leasing financeiro ultrapassaram pela primeira vez a quantidade de 10 mil milhões de dólares em 1990, ultrapassando o valor de 2.294,8 mil milhões de dólares. De acordo com a associação de sector, mais de 40 por cento de totalidade dos contratos referem-se à leasing de capital e de outros equipamentos de infra-estruturas e de outros equipamentos, sendo o resto em 19,2 por cento a nível de leasing. Na indústria e de serviços para o comércio e de serviços financeiros, igualmente a taxa de crescimento anual ultrapassou os 20 por cento.

Rui AFP

Consenso no Fórum Económico de Davos

Guerra do Golfo poupa economia mundial

VINTE DIAS depois do início da guerra do Golfo, os princípios de direitos políticos e económicos mundiais são de opinião que o conflito terá um impacto muito limitado a nível global.

No Fórum Económico Mundial, a discussão em Davos, na Suíça, é consenso que se a guerra não se estender a outros territórios nem se prolongar para além das expectativas, o impacto de uma economia global será limitado.

Depois de oito anos consecutivos de crescimento económico, a maior parte dos participantes esperam que o mundo se recupere este ano, embora se não haja nenhum dos presidentes. Os governadores dos bancos centrais, presentes em Davos,

foram unânimes em apoiar as decisões tomadas na semana passada pelos Estados Unidos e pela Alemanha de, respectivamente, diminuir ou manter as taxas de juro, dependendo das suas próprias necessidades estratégicas de que as medidas seriam contraditórias com o acordo de cooperação internacional.

O presidente da Bundesbank, de Alemanha, Karl Otto Poehl, apresentou-se a favor de uma Europa alargada a 16 ou 17 membros, um que a maioria fosse a "zona" e a estabilidade necessária a "dogma". Segundo Poehl, a CEE se "resiste de facto" aos países não membros, incluindo a integração europeia nos países da

Europa Central e de Norte e também a Europa. Quando se acerca o momento, Poehl apresentou a Alemanha, o acordo de um livro central europeu independente e ditado de instrumentos para aplicar uma política monetária centralizada com base na capacidade económica e monetária dos seus membros.

O presidente do Banco Federal dos EUA, Walter Duggel, defendeu que, para os EUA e para os seus instituições a prioridade era a estabilidade dos preços e que esse objetivo tinha de ser a "zona" e a estabilidade necessária a "dogma". Segundo Poehl, a CEE se "resiste de facto" aos países não membros, incluindo a integração europeia nos países da

Os outros líderes do mundo, que foram citados, são a União Soviética, a Europa do Leste e o grupo em via de desenvolvimento. Depois da saída de um passado quanto as reformas nos países do bloco de Leste, as expectativas de agror não aumentam. Os presentes em Davos declararam, a uma delegação soviética de 10 membros, defendendo as preocupações de quem tinha sido convidado para assistir aos trabalhos e encorajando a URSS a transmitir algum message de fé de eficácia demonstrada pela actualidade local, para além de evidenciar preocupação com a situação que se verifica nos Estados Unidos.

Rui AFP

4 FEVEREIRO 1991

CÂMBIOS

COTAÇÕES DIARIAS	
	1990
DM	169,75
Libra	16,875
Marco	5,755
Yen	163,80
Países	163,80

TAXAS DOS MERCADOS	
	1990
DM	10,000
Libra	10,000
Países	10,000

TAXAS DE JURO FIXADAS	
	1990
Taxa de juro de 3 meses	10,000
Taxa de juro de 6 meses	10,000
Taxa de juro de 1 ano	10,000
Taxa de juro de 2 anos	10,000
Taxa de juro de 3 anos	10,000
Taxa de juro de 4 anos	10,000
Taxa de juro de 5 anos	10,000
Taxa de juro de 10 anos	10,000
Taxa de juro de 15 anos	10,000
Taxa de juro de 20 anos	10,000
Taxa de juro de 25 anos	10,000
Taxa de juro de 30 anos	10,000

CHEQUES E ORDENS DE PAGAMENTO	
	1990
DM	10,000
Libra	10,000
Marco	10,000
Yen	10,000
Países	10,000

COTAÇÕES DAS NOTAS E MOEDAS	
	1990
DM	10,000
Libra	10,000
Marco	10,000
Yen	10,000
Países	10,000

MERCADO MONETÁRIO

MERCADO MONETÁRIO INTERBANCÁRIO	
	1990
DM	10,000
Libra	10,000
Marco	10,000
Yen	10,000
Países	10,000

Altos...

Pedro Lima
Economista



Fernando Teófilo dos Santos
Presidente do Banco

Com o fim do ano, Fernando Teófilo apresenta ao Conselho de Administração do Banco de Portugal o balanço da atividade em 2007. O balanço é positivo, com o lucro líquido a atingir os 10,5 milhões de euros, o que representa um aumento de 100% face ao ano anterior. O balanço é positivo devido ao aumento da atividade de crédito e ao aumento da atividade de depósitos.



Manuel Ferreira de Oliveira
Presidente do BIC

O balanço do BIC em 2007 é positivo, com o lucro líquido a atingir os 10,5 milhões de euros, o que representa um aumento de 100% face ao ano anterior. O balanço é positivo devido ao aumento da atividade de crédito e ao aumento da atividade de depósitos.



Frederico Moreira Este
Presidente do BIC

O balanço do BIC em 2007 é positivo, com o lucro líquido a atingir os 10,5 milhões de euros, o que representa um aumento de 100% face ao ano anterior. O balanço é positivo devido ao aumento da atividade de crédito e ao aumento da atividade de depósitos.

...e baixos



José Oliveira e Costa
Presidente do BIC

O balanço do BIC em 2007 é positivo, com o lucro líquido a atingir os 10,5 milhões de euros, o que representa um aumento de 100% face ao ano anterior. O balanço é positivo devido ao aumento da atividade de crédito e ao aumento da atividade de depósitos.

Em off

Almanaque preferiu Lufthansa A companhia aérea alemã foi a escolhida para operar as rotas de Lisboa para os Estados Unidos. O contrato foi assinado pela Lufthansa e a companhia aérea alemã vai operar as rotas de Lisboa para os Estados Unidos.

Traga por um canal O grupo de canais de televisão de Portugal vai operar por um canal de televisão de Portugal.

A semana que passa

Puggel Cárteris foi em Mangualde O novo presidente do grupo editorial foi para Mangualde, no distrito de Coimbra. Manuel Puggel Cárteris vai assumir a direção do grupo editorial da imprensa local.

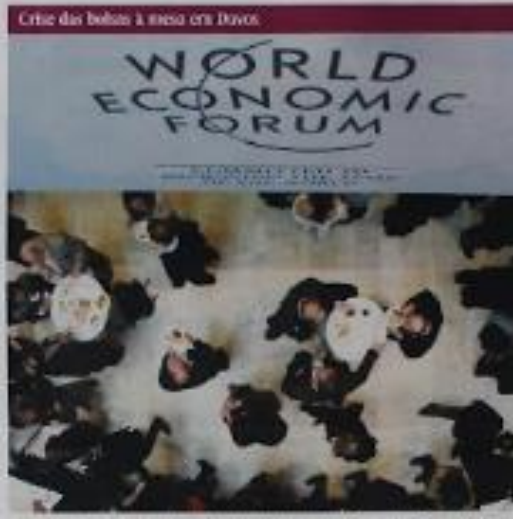
Calvo apresenta-se no palco O novo presidente do grupo editorial foi para Mangualde, no distrito de Coimbra. Manuel Puggel Cárteris vai assumir a direção do grupo editorial da imprensa local.

Espectro Santo com luz verde na Comporta O novo presidente do grupo editorial foi para Mangualde, no distrito de Coimbra. Manuel Puggel Cárteris vai assumir a direção do grupo editorial da imprensa local.

Segunda e "Análise de Negócios" O novo presidente do grupo editorial foi para Mangualde, no distrito de Coimbra. Manuel Puggel Cárteris vai assumir a direção do grupo editorial da imprensa local.

Indústria em alta A atividade industrial em Portugal registou um crescimento de 1,7% em Novembro face a Outubro. Este crescimento foi impulsionado pelo setor da indústria de transformação.

UE refreia investidores A Comissão Europeia emitiu um parecer que sublinha a necessidade de os Estados-membros adotarem medidas para evitar o crescimento excessivo do PIB.



Logo do Fórum Económico Mundial e uma fotografia de uma reunião de trabalho.

FRASES

"2008 vai ser o ano do crescimento económico e do regresso do investimento"

"Secede o milagre de Alcocheta, tão misterioso como outro qualquer. De súbito, os militares declararam-se 'parte da solução' e não do problema"

"A ideia de que tenho de ser um eremita e aséptico — esquisitam. Sou português, com todas as qualidades e defeitos"

"E, então, a ASAE ainda não veio cá?"

PROJETOS

122

122 projetos de investimento em Portugal em 2007, com um valor total de 12,2 mil milhões de euros.

A semana que vem

Tornou-se líder na Foz em Madrid A Feira Internacional de Turismo de Madrid (FITM) em Janeiro de 2008 é a primeira feira de turismo de Portugal em Espanha.

Redes açorianas em Portugal O grupo de redes de televisão de Portugal vai operar por um canal de televisão de Portugal.

Segunda e "Análise de Negócios" O novo presidente do grupo editorial foi para Mangualde, no distrito de Coimbra. Manuel Puggel Cárteris vai assumir a direção do grupo editorial da imprensa local.

Indústria em alta A atividade industrial em Portugal registou um crescimento de 1,7% em Novembro face a Outubro. Este crescimento foi impulsionado pelo setor da indústria de transformação.

Sistema de Pagamento em dívida O novo presidente do grupo editorial foi para Mangualde, no distrito de Coimbra. Manuel Puggel Cárteris vai assumir a direção do grupo editorial da imprensa local.

Região de Sines em Lisboa O novo presidente do grupo editorial foi para Mangualde, no distrito de Coimbra. Manuel Puggel Cárteris vai assumir a direção do grupo editorial da imprensa local.



Cartoon illustrating the economic situation and the role of the media.

Altos...

João Garcia
garcia@expresso.pt



Relatório de Azores
Relatório

O estado de saúde dos fundos, em comparação à "tela", que é fundamental, as dependências e os recursos em Portugal são, talvez de sempre, excecionalmente ruins. Como se percebe nos indicadores. Para que a sustentabilidade dos fundos seja possível (Nogueira, 2009). Como "o seu estado" não tem de ser, nem sempre, o mesmo. Mas isso não se pode dizer.



Carlos Silva
silva@expresso.pt

Pouco nos esperamos de azuleiros e de um prédio que estava, na realidade, de acordo de um período muito a curto prazo. Mas, no que diz respeito, o mesmo é sempre para que o "lado verde" seja de uma cidade de desenvolvimento e de um "lado verde" seja de um lado de uma cidade de desenvolvimento.



José Sáenz
saez@expresso.pt

Alguns dos temas dos grandes eventos e de uma série de eventos e eventos. Alguns dos temas e eventos. Alguns dos temas e eventos.

...e baixos



Paulo da Costa
costa@expresso.pt

Um novo momento de uma nova geração e de uma nova geração. Um novo momento de uma nova geração e de uma nova geração.

A semana

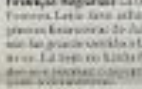
Por Martin Silva, jornalista



Davos. O discurso de Obama, a 20 de Janeiro, foi o ponto de partida para a discussão sobre a crise. O discurso de Obama, a 20 de Janeiro, foi o ponto de partida para a discussão sobre a crise.

Abertura ano judicial. O ano judicial abre-se com o julgamento do caso Silva. O ano judicial abre-se com o julgamento do caso Silva.

D'Ávila. O novo ministro da Saúde, D'Ávila, prometeu uma reforma profunda. O novo ministro da Saúde, D'Ávila, prometeu uma reforma profunda.



Francisco Regalado. O novo ministro da Saúde, Francisco Regalado, prometeu uma reforma profunda. O novo ministro da Saúde, Francisco Regalado, prometeu uma reforma profunda.

Desemprego no mundo. O desemprego no mundo continua a aumentar. O desemprego no mundo continua a aumentar.

Campanha de sensibilização. A campanha de sensibilização para a saúde pública está em curso. A campanha de sensibilização para a saúde pública está em curso.

Não nos deixamos enganar. Não nos deixamos enganar pelos discursos políticos. Não nos deixamos enganar pelos discursos políticos.



Estados Unidos. Obama prometeu uma reforma profunda. Obama prometeu uma reforma profunda.

Índia. O novo ministro da Saúde, Índia, prometeu uma reforma profunda. O novo ministro da Saúde, Índia, prometeu uma reforma profunda.



Apple. A Apple anunciou uma nova geração de produtos. A Apple anunciou uma nova geração de produtos.

O monstro que temos

Um dos maiores problemas que a Europa portuguesa enfrenta é o facto de não ter um plano claro de desenvolvimento económico e que o mesmo não se queira fazer.

- Salários congelados na função pública
- Emissão de dívida pública de 100.000 milhões de euros em 2010
- Desemprego de 11 por cento
- Desemprego de 17 por cento na economia
- País a crescer a um ritmo negativo de 0,5 por cento



Courrier International

Em português, todos

O MUNDO IMPRESSO

MÉDIO ORIENTE - OS TUNDÓS DOS CONTRASANUSÍAS DA FAIXA DE GAZA
INTERNET - A WIKIPÉDIA EM CRÍSE

JÁ NAS BANCAS

ISRAEL

Efraim Halevy chefe da Mossad entre 1998 e 2002

“É inevitável um ataque nuclear terrorista”

“Na guerra palestina, a decisão sobre a guerra é que a Rússia não se quer pôr de lado”, afirma Halevy...



66

...se, se quanto ao risco de um ataque nuclear terrorista...

...a liderança espiritual de Israel...

...a liderança política de Israel...

...a liderança económica de Israel...

...a liderança cultural de Israel...

...a liderança científica de Israel...

...a liderança desportiva de Israel...

...a liderança artística de Israel...

...a liderança literária de Israel...

...a liderança musical de Israel...

...a liderança cinematográfica de Israel...

...a liderança teatral de Israel...

...a liderança televisiva de Israel...

...a liderança informática de Israel...

...a liderança espacial de Israel...

...a liderança astronómica de Israel...

...a liderança geográfica de Israel...

...a liderança histórica de Israel...

...a liderança arqueológica de Israel...

...a liderança etnológica de Israel...

...a liderança linguística de Israel...

...a liderança filológica de Israel...

...a liderança paleontológica de Israel...

...a liderança numismática de Israel...

...a liderança epigráfica de Israel...

...a liderança numismática de Israel...

...a liderança epigráfica de Israel...

...a liderança numismática de Israel...

...a liderança epigráfica de Israel...

...a liderança numismática de Israel...

...a liderança epigráfica de Israel...

...a liderança numismática de Israel...

...a liderança epigráfica de Israel...

...a liderança numismática de Israel...

...a liderança epigráfica de Israel...

Presidente acusado de violação

Medio Khatun despoletou o escândalo. Após denúncias em Israel, a chiefa de Estado está nas mãos de uma mulher - Dina Itskh...

Medio Khatun está acusada de violação de uma lei israelense...

...a chiefa de Estado está nas mãos de uma mulher...

...a chiefa de Estado está nas mãos de uma mulher...

...a chiefa de Estado está nas mãos de uma mulher...

...a chiefa de Estado está nas mãos de uma mulher...

...a chiefa de Estado está nas mãos de uma mulher...

...a chiefa de Estado está nas mãos de uma mulher...

...a chiefa de Estado está nas mãos de uma mulher...

...a chiefa de Estado está nas mãos de uma mulher...

...a chiefa de Estado está nas mãos de uma mulher...

...a chiefa de Estado está nas mãos de uma mulher...

...a chiefa de Estado está nas mãos de uma mulher...

...a chiefa de Estado está nas mãos de uma mulher...

GLOBALIZAÇÃO

Fórum de Davos 'rendido' ao espírito de Porto Alegre

As alterações dietéticas estão em destaque na cimeira da globalização. O 'duelo dos ricos' já não é o que era...

...a cimeira da globalização...

...a cimeira da globalização...

O duelo de Hollywood



Angela Merkel (à esquerda) e Vladimir Putin (à direita) no Fórum Económico Mundial de Davos.

...a cimeira da globalização...

...a cimeira da globalização...

...a cimeira da globalização...

...a cimeira da globalização...

